

**INSTITUTO
FEDERAL**

Rio Grande do Sul

REVISTA PLURAL 2020



GARANTIR E AVANÇAR:
AFIRMAÇÃO DA INCLUSÃO E
DAS DIVERSIDADES NO IFRS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS
Pró-Reitoria de Ensino - PROEN
Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade - AAAID
Assessoria de Relações Étnico-Raciais- ARER

Revista Plural

ISBN 978-65-991712-0-8

©Todos os direitos reservados

Edição n.1 - Garantir e Avançar:
Afirmação da Inclusão e das diversidades no IFRS

Organizadores

Andréa Poletto Sonza
Alba Cristina Couto dos Santos Salatino

Comitê Editorial

Alba Cristina Couto dos Santos Salatino
Andréa Poletto Sonza
Jade de Oliveira Monteiro
Larisaa Brandelli Bucco
Neudy Alexandro Demichei
Priscila de Lima Verdum

Recurso Emenda Parlamentar da
Deputada Federal Fernanda Melchionna
Impressão e Diagramação: Graffoluz
Tiragem 1000 unidades

Bento Gonçalves - RS
Agosto 2020

APRESENTAÇÃO

A Revista Plural foi criada para ser totalmente dedicada às questões de diversidades, ações afirmativas e inclusivas na educação. É com muita alegria que apresentamos a sua primeira edição, a qual reúne dezoito textos organizados pelos Núcleos de Ações Afirmativas de todas as unidades (campi e reitoria) do IFRS, dispostos em ordem alfabética. Seus autores relatam experiências de ensino, extensão e compartilham resultados parciais de pesquisas realizadas em suas comunidades acadêmicas com e por meio dos núcleos de ações afirmativas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Nestas páginas o leitor vai encontrar reflexão, discussão e ampla divulgação de boas práticas pedagógicas referentes aos temas concernentes aos núcleos, a saber: Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGSs); Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABIs); Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEs) e Núcleos de Ações de Afirmativas (NAAFs). Esses últimos, presentes na maioria dos campi em fase de implantação do IFRS e também na reitoria, congregam as temáticas dos três núcleos anteriormente mencionados.

Nossa primeira edição, “Garantir e Avançar: afirmação da Inclusão e das diversidades no IFRS”, traz a riqueza e os desafios de uma educação inclusiva, antirracista e contra todas as formas de discriminação, em defesa das ações afirmativas para o acesso, permanência e êxito de nossos estudantes.

Agradecemos a todas e todos que, por meio de uma escrita conjunta em cada unidade da instituição, compartilharam seus saberes e práticas que certamente dialogam com o propósito desta revista, cujo nome não poderia ser outro: PLURAL. O nosso muito obrigada aos autores e autoras - professores/as, acadêmicos/as, pesquisadores/as, colaboradores/as externos/as, que nos brindaram com suas belas produções - ações de vulto concretizadas nessas linhas; linhas que evidenciam um fazer pedagógico que respeita, valoriza e sobretudo exercita as diversidades! Um agradecimento também pela viabilização de impressão da Revista com a utilização de recursos de Emenda Parlamentar.

Com os melhores cumprimentos e o desejo de boa leitura,
As Organizadoras.

REVISTA PLURAL



ÍNDICE

AÇÕES, DE RESISTÊNCIA – CONTINUIDADE – LUTA, AFIRMATIVAS PARA SEMPRE DO NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS, IFRS CAMPUS ALVORADA	09
AÇÕES AFIRMATIVAS EM DESTAQUE - CAMPUS BENTO GONÇALVES	16
NAPNE, NEABI E NEPGS DO CAMPUS CANOAS: MODOS DE EFETIVAR A POLÍTICA INSTITUCIONAL	22
TUTORIA DE PARES E APRENDIZAGEM COLABORATIVA: PILARES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	29
FORTELECENDO A CULTURA DA INCLUSÃO: WORKSHOP DE AÇÕES AFIRMATIVAS, INCLUSIVAS E DA DIVERSIDADE	36
AÇÕES DOS NÚCLEOS DO IFRS - CAMPUS FARROUPILHA	43
RELATO DE CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA FEMINISTA E EMANCIPATÓRIA NO IFRS CAMPUS FELIZ	50
O QUE É SER HOMEM?: CONVERSANDO COM ESTUDANTES SOBRE MASCULINIDADE	55
UM PANORAMA DOS NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO IFRS CAMPUS OSÓRIO	62
OS NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES E PRÁTICAS INCLUSIVAS NO IFRS - CAMPUS PORTO ALEGRE	69
NAAF REITORIA DO IFRS: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO	76
AÇÕES AFIRMATIVAS NO CAMPUS RESTINGA: INCLUSÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA NA PERIFERIA DE UMA GRANDE CIDADE	82
TRAJETÓRIA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS E DA DIVERSIDADE NO CAMPUS RIO GRANDE	89
O NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS NO CAMPUS ROLANTE: REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE UMA TRAJETÓRIA	96
(REL)ATOS: EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELOS NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO IFRS - CAMPUS SERTÃO	104
ESTRATÉGIA DO NAAF VACARIA EM TEMPOS DE PANDEMIA	113
NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO CAMPUS VERANÓPOLIS DO IFRS: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS	118
NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO IFRS-CAMPUS VIAMÃO: INTERCULTURALIDADE E O ESTABELECIMENTO DE EXPERIÊNCIAS DE INCLUSÃO E COMBATE À DISCRIMINAÇÃO	125

AÇÕES, DE RESISTÊNCIA – CONTINUIDADE – LUTA, AFIRMATIVAS PARA SEMPRE DO NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS, IFRS CAMPUS ALVORADA

Maluza Gonçalves dos Santos¹
Janaína De Nardin²
Viktória Costa Alves Mariano³

O Núcleo de Ações Afirmativas (NAAF) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Alvorada foi constituído em 2015, com a responsabilidade de desenvolver, de forma articulada com as ações do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, a política de inclusão, aprovada pela Resolução Nº 22/2014, do Conselho Superior do IFRS. O NAAF tem como objetivo geral, amparado pela Política de Ações Afirmativas do IFRS, promover o respeito à diversidade socioeconômica, cultural, étnico-racial, de gênero e de pessoas com deficiência - PcD, assim como, da defesa dos direitos humanos, conforme consta no Projeto Pedagógico do Curso – PPC, Técnico em Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio do IFRS, Campus Alvorada (IFRS, 2016, p. 49):

O Núcleo de Ações Afirmativas tem importantes desafios a enfrentar, nesse contexto: o exercício de apoiar e promover ações de ampliação do acesso, permanência e êxito em todos os níveis e modalidades de ensino, compreendendo e valorizando as particularidades da história de vida e de formação do(a) estudante; o incentivo e assistência a projetos de ensino, pesquisa e extensão comprometidos com a temática da educação inclusiva, diversidade e direitos humanos; a elaboração, desenvolvimento e avaliação da política de ações afirmativas, construindo a educação para as relações na diversidade.

Neste sentido, cabe destacar um dos princípios norteadores, a serem observados na atuação do IFRS, Campus Alvorada: “combate a todos os tipos de opressão, reforçando o compromisso com a inclusão de pessoas com deficiência e com a promoção de uma educação antimachista, antirracista e anti-homofóbica” conforme Regimento Complementar (2018, p. 5), em que o NAAF vem trabalhando para o fortalecimento deste princípio, mediando ações de resistência, continuidade e luta pela, e para, manutenção das ações afirmativas nas instituições, unificando as temáticas de inclusão e diversidade no campus.

O IFRS Campus Alvorada localiza-se no município de Alvorada que integra a Região Metropolitana de Porto Alegre e passou a funcionar em 2013, provisoriamente, por dois anos no Centro de Educação Profissional Professor Florestan Fernandes, após a expansão das instituições federais da educação profissional e tecnológica, em 2008, sendo um, dos 17 *campi* do IFRS. No segundo semestre de 2016, mudou-se para sede própria, ampliando a oferta de cursos, a partir dos eixos de ambiente e saúde; segurança; gestão e negócios; informação e comunicação; e produção cultural e design; atualmente, conta com sete cursos, dados constantes do histórico do campus, no portal da instituição.

A população, que constituiu grande parte das moradias da região, era considerada como excedente dos municípios mais desenvolvidos, a que atribuiu, desde sua origem, uma característica de maior vulnerabilidade dos cidadãos, conforme caracterização do campus nos PPCs (IFRS, 2016), percebendo, assim, a importância das ações do NAAF no Campus Alvorada,

O NAAF do IFRS Campus Alvorada, atualmente, regido pela Portaria 197 de 23 de dezembro de 2019, é composto por servidores, discentes e familiares, estagiários e comunidade externa que, reúnem-se, ordinariamente, uma vez ao mês para o planejamento, organização e execução de atividades a serem desenvolvidas durante o ano letivo, fazendo o acompanhamento de estudantes e conscientizando todos os segmentos da instituição sobre a relevância das ações afirmativas. Na sequência, o presente relatório apresenta uma síntese das ações do NAAF, no ano de 2019.

¹ Técnica em Assuntos Educacionais, Coordenadora de Ensino e do Núcleo de Ações Afirmativas do IFRS Campus Alvorada, maluza.santos@alvorada.ifrs.edu.br.

² Professora de Biologia, Coordenadora do curso Integrado ao Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente do IFRS Campus Alvorada, janaina.nardin@alvorada.ifrs.edu.br.

³ Estudante do curso Integrado ao Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente do IFRS Campus Alvorada, Bolsista e integrante do NAAF, victoria.mariano.aluno@alvorada.ifrs.edu.br.

Atividades do NAAF Campus Alvorada em 2019

O NAAF, abraçando todas as temáticas referentes às ações afirmativas, primando pela utilização dos espaços e projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, em andamento no campus, apresenta os melhores momentos construídos e executados, contemplando questões afro-brasileiras e indígenas, gênero e sexualidade e pessoas com deficiência.

A programação no ano letivo de 2019, iniciou com uma série de atividades alusivas ao *Mês das Lutas das Mulheres*, mobilizando a comunidade acadêmica, bem como a comunidade e grupos externos ao campus. Dentre as atividades, destacam-se a participação no ato *Março Feminista! Justiça para Marielle: 1 ano sem respostas*, na cidade de Porto Alegre, palestras, rodas de conversa sobre a *Humanização do Nascimento*, *Autoconhecimento da Mulher*, em parceria com projetos que acontecem no Campus Alvorada, como o Coletivo Marielle Franco⁴, Sarau do Sol e da Lua⁵. Na figura 1, o registro da atividade, dentro do mês de março, o evento intitulado - *Carnaval das Minas* - em parceria com as crianças musicistas da Ong Onedes da Silva⁶, juntamente, com o grupo do Nação Tambores da Vila⁷, ao som do maracatu, movimentando as ruas no entorno do campus.

Figura 1: Carnaval das Minas – Tambores da Vila



Fonte: NAAf IFRS - Campus Alvorada

Dentro do *Mês de Luta dos Povos Indígenas*, estudantes e servidores do Campus Alvorada tiveram a oportunidade de conhecer a aldeia dos Mbya Guarani, na localidade Estiva em Viamão, no dia 24 de abril. O grupo foi recebido por parte da tribo, incluindo o vice-cacique Laércio (25 anos – discente de História na UFRGS). Um grupo de crianças fez uma apresentação musical, uma expressão importante para a etnia, e foram oferecidos alimentos produzidos por eles; na tribo existe uma escola bilingue interna Guarani/Português, onde as crianças aprendem Português, visto que até os 4 anos só falam Guarani. Entre as explicações, uma delas foi que é ao redor do fogo, como mostra a figura 2, que a tribo se reúne para planejar e compartilhar o dia, que o tempo para eles tem uma dimensão diferente de outras etnias. A filosofia da educação local é guiada pela religião, pensando no coletivo, no (com)partilhar. A tribo tem cerca de 160 integrantes, 34 famílias e sete hectares de terra. Cinco membros do grupo fazem curso superior, entre eles mulheres.

⁴ Criado em março de 2018, um desdobramento das atividades do Dia Internacional das Mulheres, em homenagem à Marielle Franco, constituindo-se num grupo de estudos sobre gênero e diversidade sexual; um coletivo plural e autônomo, dados extraídos do portal do IFRS Campus Alvorada. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/alvorada/coletivo-marielle-franco-se-reune-na-proxima-quarta-feira/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

⁵ Ação de extensão do Campus Alvorada, com a proposta de dar espaço para que comunidade interna e externa possa cantar, dançar, recitar poesias, apresentar peças teatrais e outras iniciativas culturais, dados do portal do IFRS Campus Alvorada. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/alvorada/sarau-sol-e-lua-tem-novo-momento-no-dia-29-8/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

⁶ A Ong Onedes da Silva, com sede nas proximidades no Campus Alvorada, é um coletivo de mulheres, fundado em maio de 2015, atua nas áreas da ação social, cultural, educativa e de promoção da igualdade racial, de gênero e da cidadania; tendo como missão, promover a igualdade em todos os aspectos de humanização. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivodemulheresonedesdasilva/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

⁷ Grupo de maracatu e percussão, aberto a dispor experiência educativa e das diversas culturas brasileiras, musicais, a crianças e adolescentes. Disponível em: <https://www.facebook.com/Tamboresdavila/>. Acesso em: 06 jun. 2020

Figura 2: Grupo de estudantes e servidores, participantes da vivência na Aldeia da Estiva



Fonte: NAAf IFRS - Campus Alvorada

O Campus Alvorada do IFRS sediou, no mês de Maio, a etapa sul do projeto *Combinação: Ativismo em Rede + Prevenção Combinada*, realizado com a Ong Somos – *Comunicação, Saúde e Sexualidade*, em parceria com o programa de extensão *Pelas Margens: Arte + Ativismo e/em suas intersecções*, coordenado pelo docente Sandro Cardoso, como mostra a figura 3, com objetivo de promover atividades formativas e engajadas de enfrentamento à epidemia de IST/HIV/AIDS e hepatites virais entre discentes e público externo, por meio de ações inovadoras e criativas, discutindo sobre Gênero, Sexualidade, Direitos Humanos e Saúde Sexual.

Figura 3: Apresentação artística do projeto “Pelas Margens: Arte + Ativismo e/em suas intersecções”



Fonte: Estudantes do Curso Técnico em Processos Fotográficos do Campus Alvorada

A próxima ação, pensada para o momento, de autoria da servidora Adriana Martins, integrante do NAAF com intuito de contemplar as datas: 25 de julho, celebração do *Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha* e 18 julho, data de comemoração do *aniversário do IFRS - Campus Alvorada*, em sede própria, o primeiro sábado letivo, do segundo semestre de 2019, foi marcado pela união desses dois momentos, de luta e celebração. O NAAF Campus Alvorada, juntamente, com a Assessoria de Assuntos Étnicos- Raciais do IFRS, convidou toda comunidade a refletir e celebrar a temática da mulher negra e a festejar os três anos de vivências do Campus Alvorada. Inspirado no desafiador samba enredo da Mangueira (2019): *Chegou a vez de ouvir as Marias, Mahis, Marielles e Malês*, sendo o Campus Alvorada: espaço e resistência; contando a história que a história não conta, na forma de roda de conversa, poesia, literatura, fotografia, música, *slam*, na oficina de grafite, evento protagonizado, por quinze mulheres. O evento ocorreu na manhã do dia 10 de agosto, sábado letivo. A maior parte das atividades foi aberta a toda a comunidade, exceto a oficina de grafite, exclusiva para alunos do Campus, com a customização do espaço de convivência, ao lado da Biblioteca.

Figura 4: Participantes do evento: *Chegou a vez de ouvir Marias, Mahins, Marielles, Malês*



Fonte: NAAf IFRS - Campus Alvorada

Evento que teve como objetivo geral, suscitar o debate acadêmico e político para a luta da mulher negra, com foco em temas contemporâneos. Fomentar a compreensão da comunidade escolar com relação à sua capacidade interventiva, transformadora e criativa a partir de sua realidade social, política e cultural, em particular, com o viés na luta negra feminista.

Figura 5: Divulgação do evento



Fonte: Martins, 2019⁸

Nos dias 20, 22 e 27 de agosto, o NAAF Campus Alvorada realizou a *Semana da Pessoa com Deficiência (PcD)*. O evento foi aberto a todos interessados, não sendo necessária a inscrição prévia, cada dia com uma temática, contemplando a semana. Na figura 6, os convidados do primeiro dia, temática: Mundo do Trabalho.

⁸ Imagem de divulgação produzida por Adriana Martins para redes sociais, em julho de 2019.

Figura 6: Integrantes do NAAF Campus Alvorada – servidoras Liliane Birnfeld e Maria Cristina Laguna com os convidados Carlos Martins, representando a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS e Rafael Giger da Superintendência Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul – SRTb



Fonte: NAAF IFRS - Campus Alvorada

Outra ação, a fim de celebrar o *Dia Nacional* (26 de setembro) e *Dia Internacional dos Surdos* (30 de setembro), aconteceu no Campus Alvorada, com apoio do NAAF o *Setembro Azul*. As atividades foram realizadas nos dias 26 e 28 de setembro de 2019. Ocorreram discussões com as temáticas: *A Libras nas Mídias: Pensando as tecnologias*, com as professoras Quetlin Ribeiro e Maria Cristina Laguna Laguna; *A importância da literatura surda*, com a professora Renata Heinzemann e *Os heróis da comunidade surda*, com a professora Gisele Rangel; *Dinâmicas em Libras*, com as professoras Renata Heinzemann, Gisele Rangel e Flávia Britto.

No ano de 2019, o NAAF teve a colaboração de uma bolsista, auxiliando em todas atividades do Núcleo. Durante o desenvolvimento de seu trabalho como bolsista, Victória Costa Alves Mariano, estudante do 1º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio, elaborou um projeto com a finalidade de dar visibilidade e divulgar as ações do Núcleo na instituição, a qual submeteu seu estudo na 4ª Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão do Campus Alvorada – 4ª MEPEX, realizada nos dias 2 e 3 de outubro, com o tema *Ciência além dos muros*, apresentando o estudo, através do projeto, com o título: *Ações Afirmativas e o NAAF no Campus Alvorada*. O evento, que teve o objetivo de ser um espaço de troca de experiências, exposição e discussão de projetos, contou com a apresentação de setenta e oito trabalhos oriundos de servidores e estudantes do IFRS e de outras instituições de cultura, educação e saúde. Além disso, teve oito oficinas; quinze bancas de artesanatos e oito bancas de alimentação; três performances artísticas; duas exposições artísticas.

Figura 7: Momento da apresentação

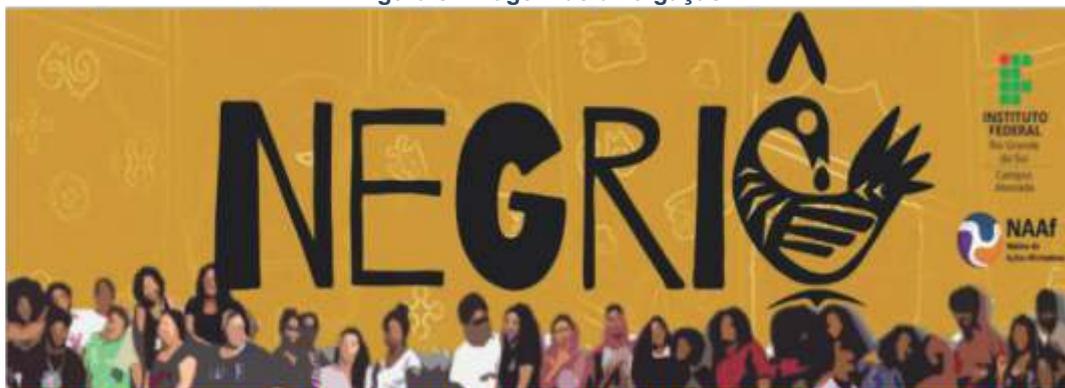


Fonte: Mariano (2019)⁹

⁹ Imagem de autoria de Victória Costa Alves Mariano, no dia da apresentação de seu estudo, em outubro de 2019.

Finalizando o relatório das ações do NAAF Campus Alvorada, no ano 2019, o mês de novembro, contou com a ação de ressignificação das heranças da diáspora africana na cultura brasileira, buscando a compreensão e troca de saberes entre o passado e o presente, embalada pelo repertório artístico e cultural de matriz africana e pelo debate das questões étnico raciais, na construção de estratégias de combate ao racismo. O evento *Novembro NeGriô* desenvolveu-se através de oficinas, palestras, aulas abertas, desfile da Grife Estilo Afro, exposições, debates, filmes, visitas a dois Quilombos e a trajetória *(Re)conhecendo os territórios negros de Porto Alegre*. A programação na íntegra pode ser conferida no site do IFRS Campus Alvorada e pela página do Facebook. Na imagem de divulgação, como mostra a figura 8, o símbolo *Sankofa*¹⁰ e a palavra *Griô*, utilizada em licença poética como *NeGriô*, representam o passado e o presente das matrizes africanas e da luta do povo negro.

Figura 8: Imagem de divulgação



Fonte: NAAF IFRS - Campus Alvorada

Na mesma programação de novembro 2019, os corredores do Campus Alvorada, lembraram nomes de heróis desconhecidos de uma história que a História não conta e a interação entre Ensino, Pesquisa e Extensão se deu no fazer diário da sala de aula, dos projetos e dos parceiros, provocando, emocionando, dando voz e vez as origens do povo brasileiro, saudando os grandes heróis, do ontem e hoje, do movimento negro, saudando o dia 20 de novembro e lembrando que consciência negra se constrói todos os dias.

Figura 9: Desfile com roupas da Grife Estilo Afro



Fonte: NAAF IFRS - Campus Alvorada

O NAAF do IFRS Campus Alvorada, está, e estará, atento no sentido de combater ao racismo, ao preconceito e a todas as formas de exclusão através do incentivo e apoio a projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, com fortalecimento das ações de acolhimento, inclusão, permanência e êxito dos estudantes.

¹⁰ De acordo com o portal do SESC/SP (2014), o artigo *Sankofa, memórias de mão dupla*, traz o significado do símbolo africano (ideograma), representando um pássaro que voa para frente com a cabeça virada para trás. É um adinkra, da arte tradicional do povo Ashanti (Guiné-África), que se associa a ideias de retorno, olhar para trás, buscar, ir ao passado: San = voltar, retornar; Ko = ir; Fa = olhar, buscar, pegar. Adinkra, conjunto de mais de 80 símbolos do complexo cultural Akan, do qual o povo Ashanti faz parte, que constituem um sistema de comunicação gráfica que expressa postulados filosóficos, aspectos cosmológicos e valores tradicionais das sociedades da região do Golfo da Guiné (atual Gana, entre outros).

Referências

BRASIL. **Lei nº 11892 de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 30 maio 2020.

DE NARDIN, Janaína. **Relatório do Programa de Ações Afirmativas**. NAAf -IFRS, Campus Alvorada. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1bWBIPKmjUjwn19XghcKk3j_V7x3BTgvFo2oZUuiblDE/edit# Acesso em: 23 jun. 2020.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, FEE. **Perfil Socioeconômico dos municípios**. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Alvorada>. Acesso em: 05 de jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Política de Ações Afirmativas do IFRS**. Aprovado pela Resolução do Conselho Superior do IFRS, nº 22 de 25 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/documentos/resolucao-no-022-de-25-de-fevereiro-de-2014-aprova-politica-de-acoes-afirmativas-do-ifrs/>. Acesso em: 13 jun. 2020.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio do IFRS, Campus Alvorada**. Autorizado pela Resolução do Conselho Superior do IFRS, nº 07 de novembro de 2016. Disponível em: <https://expansao.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/20181198295136ppcmeioambiente.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

_____. **Regimento Complementar do IFRS Campus Alvorada**. Aprovado pela Resolução do Conselho de Campus do IFRS – Campus Alvorada, nº 015 de 04 de julho de 2018. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/alvorada/wp-content/uploads/sites/17/2019/03/Regimento-Complementar-do-Campus-Alvorada.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. **Regulamento do Núcleo de Ações Afirmativas do IFRS**. Aprovado pela Resolução do Conselho Superior do IFRS, nº 038 de 20 de junho de 2017. Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/2017523133111737resolucao_038_17_completa.pdf. Acesso em: 01 jun. 2020.

_____. **Histórico do IFRS Campus Alvorada**. Portal do IFRS. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/alvorada/institucional/historico/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, SESC. **Sankofa, memórias de mão dupla**. Portal SESC/SP, 2014. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/8451_SANKOFA+MEMORIAS+DE+MAO+DUPLA. Acesso em: 10 nov. 2019.

AÇÕES AFIRMATIVAS EM DESTAQUE CAMPUS BENTO GONÇALVES

Sirlei Bortolini¹
Eduarda Kremer Schindvein²
Taiana Valencio da Silva³
Everaldo Carniel⁴
Graziela Guimarães⁵
Leticia Schneider Ferreira⁶

O *Campus* Bento Gonçalves do IFRS possui em sua estrutura três Núcleos de Ações Afirmativas: o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS).

Estes Núcleos estão vinculados à Diretoria de Extensão e são responsáveis pelo desenvolvimento de atividades envolvendo servidores e estudantes na conscientização e discussão de temas afins com o seu público-alvo, na busca de soluções em acessibilidade, na criação de grupos de estudos e pesquisas, no apoio e mobilização aos movimentos sociais relativos ao seu escopo de ação junto à comunidade externa e comunidade acadêmica. Abaixo, cada Núcleo do *Campus* Bento Gonçalves apresentará um breve relato de experiência e atuação.

Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas: Ações de Inclusão da Diversidade

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), está vinculado à Diretoria de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves e tem como objetivo levar para as comunidades interna e externa o conhecimento referente a real história dos negros, desde sua saída da África até a chegada ao Brasil, e todo o histórico de lutas contra a discriminação e o preconceito que eles enfrentaram. Esse núcleo também visa mostrar como a cultura indígena foi importante para a formação dos costumes do povo brasileiro.

Esse núcleo zela pelo cumprimento da legislação, buscando evidenciar as diretrizes das Leis 10.639/03 e 11.645/08 fazendo com que o racismo, o preconceito e a xenofobia não fiquem no esquecimento e seja dado a eles a devida seriedade nas ações de ensino, pesquisa e extensão. Sabemos que a implantação dessas Leis propiciou avanços em termos de promoção da igualdade racial e da diversidade como um todo.

Por isso, esse núcleo promove debates e desenvolve ações inclusivas buscando propostas, que visem eliminar as práticas institucionais discriminatórias e amplia suas ações buscando novos caminhos que visem a inserção efetiva do indígena e do afro-brasileiro em todas as esferas da sociedade.

Os fatos históricos iniciam desde quando os negros são separados de suas famílias e embarcados em navios negreiros, chegando ao nosso país sem saber onde estavam, como era esse lugar e o que fariam aqui.

Os registros relatam que a vinda dos primeiros escravos para o Brasil datam de 1533, quando em 3 de março Pero Góis solicita 17 deles. Seis anos mais tarde Duarte Coelho solicitou a mesma quantidade. E em 1559, o rei D. Sebastião liberou a captura de escravos para trabalhar nos engenhos brasileiros, iniciando-se assim o tráfico de escravos em larga escala. (BUENO, 2003, p. 115). Traziam consigo somente a coragem e a vontade de lutar por sua vida, para que pudessem um dia retornar a suas terras e aos seus familiares que haviam ficado no seu país de origem.

¹ Técnica em Assuntos Educacionais IFRS e Coordenadora do NEABI, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves. sirlei.bortolini@bento.ifrs.edu.br

² Acadêmica em Pedagogia no IFRS - *Campus* Bento Gonçalves e Estagiária no NAPNE, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves. eduarda_kremer@hotmail.com.

³ Professora Substituta no IFRS e Colaboradora no NAPNE, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves. taiana.silva@bento.ifrs.edu.br.

⁴ Técnico em Administração no IFRS e Coordenador do NAPNE, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves. everaldo.carniel@bento.ifrs.edu.br.

⁵ Técnica em Assuntos Educacionais IFRS e Pedagoga do NAPNE, IFRS/*Campus* Bento Gonçalves. graziela.guimaraes@bento.ifrs.edu.br.

⁶ Docente de História do *Campus* Bento Gonçalves do IFRS, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do *Campus* Bento Gonçalves, e-mail: leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br

Desprendidos de seus lares e de seus entes queridos, traziam consigo uma cultura rica de conhecimentos adquiridos na vivência de seus dias de labuta e de quando lutavam para superar a fome e a pobreza. Já não possuíam mais nome e nem referência, eram somente seres desconhecidos e mesmo assim eram impedidos de sentir saudades de suas raízes e nem poderiam ser donos das lembranças que os acompanhavam. Esse povo não poderia ter vontade própria e nem religião, eles não poderiam ser detentores de conhecimentos e nem possuir cultura, sendo dessa forma totalmente dependentes de seus coronéis.

Suas identidades foram esquecidas, seu passado perdido, famílias e amores não existiam mais. Tudo foi deixado para trás, e, apesar da tristeza, começavam uma nova vida.

Unidos a um povo que aqui habitava, que também possuía uma cultura própria e seus hábitos de vida, formou-se a população brasileira, oriunda de múltiplas ideias, crenças, cores e costumes.

De acordo com Alencar, Capri e Ribeiro (1985, p. 23) “Nascia um novo Brasil, diverso daquele de quem esse nome tinha. Nascia uma nova sociedade, de senhores brancos e muitos trabalhadores, a grande maioria escravos negros”.

Podemos dizer que, depois de muitos séculos, a discriminação e o preconceito ainda existem e que o papel relevante dos Neabis é fazer com que seja posto em prática, de maneira significativa, o respeito e a dignidade pela identidade desses povos.

Esses ensinamentos é que deveriam ser ensinados para as crianças e jovens, em todos os espaços de sociabilidade, o que percebemos é que, até agora persiste a ideia do negro que veio da África somente para servir como escravo e que os indígenas era um povo rebelde. Para evidenciar essa verdadeira história e a valorização da cultura dessas etnias é que foram criados os Neabis.

Para promover esses conhecimentos, o Neabi do IFRS *Campus* BG proporciona atividades que buscam levar para as pessoas que participam das ações propostas os verdadeiros fatos e toda a vivência dessas etnias.

Assim, com o intuito de apresentar algumas produções artesanais do povo indígena, o Neabi articulou oficinas de cestarias, *Filtro de Sonhos*. Os indígenas que foram convidados para palestrar falaram sobre seu modo de vida, a produção de seus artesanatos e ainda, realizou-se a *Semana de Alimentação Típica Indígena*, que foi ofertada no refeitório do *Campus*.

Figuras 1 e 2: Momentos de vivência da cultura indígena



Fonte: NEABI IFRS - *Campus* Bento Gonçalves

Da mesma forma, os hábitos e costumes da cultura africana foram evidenciados em oficinas de Capoeira, Percussão, Hip Hop, produção das bonecas negras de feltro e a boneca Abayomi, no Curso de pintura em estatuetas africanas, palestras e contação de histórias para as crianças de diversas escolas do município.

Figuras 3,4,5 e 6: Momentos de vivência das ações da cultura afro-brasileira



Fonte: Neabi IFRS - *Campus* Bento Gonçalves

Também participamos da efetivação das ações afirmativas no *Campus* junto à Comissão de Heteroidentificação na qual estreitou-se o contato direto com os migrantes haitianos e senegaleses, que tiveram a oportunidade de ingressar no *Campus* para dar continuidade aos seus estudos.

As ações afirmativas possibilitam que mais pessoas tenham acesso a determinados patamares, o que antes tornava-se impossível de alcançar. Segundo Gomes, as ações afirmativas são

um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego (GOMES, 2003, p. 9, 10).

Essa é uma solução apresentada para amenizar o problema da desigualdade de acesso ao ensino superior dos negros e indígenas e uma medida que busca eliminar um distanciamento social histórico que precisa ser corrigido, com medidas concretas.

Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas: ações de Inclusão no *Campus* Bento Gonçalves

O Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), está vinculado à Diretoria de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves, e visa promover estratégias de inclusão, permanência e saída exitosa para o mundo do trabalho de seus estudantes com Necessidades Educacionais Específicas (NEE).

A inclusão escolar consiste na ideia de todas as pessoas terem acesso igualitário à educação com o objetivo de incluir alunos com necessidades educacionais específicas em classes de aula regulares, compartilhando as mesmas experiências com os estudantes que não apresentam nenhuma necessidade específica. Para Prieto (2006, p. 40), o objetivo da inclusão escolar “é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem”.

O NAPNE, espaço onde as ações de inclusão são desenvolvidas, está localizado no *Campus* junto aos núcleos de Ações Afirmativas. O setor conta com o apoio de um técnico administrativo compondo a coordenação do núcleo, uma técnica em assuntos educacionais com formação na área pedagógica, estagiárias, monitoras, bolsistas e colaboração de uma pedagoga para atendimento educacional especializado. Além do apoio da Coordenadoria de Assuntos Estudantis (CAE) e Coordenadoria de Ensino.

As finalidades do NAPNE estão dispostas na Resolução nº 020, de 25 de fevereiro de 2014, e seus objetivos são incentivar, mediar e facilitar a inclusão social e educacional de Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (PNEEs); auxiliar na aprendizagem por meio das tecnologias, adaptações pedagógicas e curriculares no ambiente escolar, viabilizando, assim, uma melhor associação do mundo com a teoria proposta em sala de aula (IFRS, 2014, p. 2).

As atividades desenvolvidas diferenciam-se das realizadas em sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização, mas com foco pedagógico. Cabe salientar que não devem ser confundidas como sala de reforço, e sim como um ensino complementar. Os atendimentos ocorrem no turno inverso, a fim de que o estudante não deixe de ter acesso aos conteúdos curriculares e conviver com seus pares.

A inclusão de PNEEs no âmbito escolar além de um debate atual, demanda organização de várias propostas de trabalho, pelas especificidades inerentes aos estudantes e pelas diversas barreiras existentes no contexto escolar. A escola como instituição que legitima a prática pedagógica e a formação de seus educandos, precisa adotar estratégias para assegurar os direitos de aprendizagem de todos. Assim, torna-se necessário conhecer o estudante, suas especificidades e experiências.

A primeira abordagem, após a matrícula ou em outro momento que seja identificada sua condição específica na instituição, é a entrevista. A partir dela ocorre a primeira aproximação com o estudante e sua família, buscando conhecer sua trajetória e estabelecer vínculos, agindo como um facilitador para sua chegada na instituição. Através desse primeiro contato e do trabalho coletivo é que se inicia a elaboração do Plano Educacional Individualizado (PEI).

O PEI, de acordo com a Instrução Normativa do IFRS, nº 12, de 21 de dezembro de 2018, é uma proposta pedagógica com foco individual no estudante, construído de forma compartilhada, a fim de “otimizar o processo de ensino e aprendizagem”. Para isso, no documento são feitos registros de estratégias de ensino, adaptações individualizadas dos conteúdos programáticos e acompanhamento da evolução do estudante em

direção aos objetivos, nele aponta propósitos já alcançados e o que ainda necessita alcançar. Dentro desse plano devem ser previstos horários de atendimento individualizado para os estudantes com os docentes das disciplinas que frequentam. Nesse processo, o NAPNE auxilia os professores a partir de observações dos atendimentos realizados com os estudantes, sugerindo estratégias pedagógicas e adaptações necessárias para a participação efetiva em sala de aula. Outro fator significativo dentro desse processo são as reuniões regulares que acontecem com os professores e equipes do NAPNE e CAE.

Entre as ações regulares do Núcleo, destaca-se o atendimento individual dos estudantes. Os encontros ocorrem semanalmente, são agendados e contam com a participação de um membro da equipe. Essa ação tem a finalidade de auxiliar a organização da rotina de estudos, na realização dos trabalhos acadêmicos e desenvolver atividades complementares com foco em aprendizagens específicas.

Além disso, a equipe do NAPNE elabora materiais acessíveis para os estudantes, como ampliação de alfabetos e demais símbolos para uso em atendimento em sala de aula, conta também, com as Tecnologias Assistivas (TA) que são produzidas pelo IFRS, no Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA) ou compradas a partir de recursos de programas, são elas: lupas, lápis adaptados com engrossador, *mouses* diversificados, teclados adaptados, bengalas dobráveis, livros traduzidos em Braille, entre outros. Os materiais elaborados e/ou adquiridos são emprestados para os estudantes, buscando possibilitar sua autonomia escolar e social.

Vinculado ao ensino, pesquisa e extensão, o NAPNE, além das ações já descritas, desenvolve atividades de extensão para a comunidade acadêmica e público externo, como visitas técnicas, oficinas de jogos e materiais adaptados. Entre essas ações, destaca-se no ano de 2019, o curso “O uso de *smartphones* por pessoas com deficiência visual” com o objetivo de proporcionar às pessoas com deficiência visual conhecimentos complementares de informática e navegação na internet através de telas *touch*, e uso de recursos de Tecnologia Assistiva buscando ampliar seus conhecimentos e oportunidades para o mercado de trabalho, prepará-los melhor para a vida cotidiana, aumentar sua autoestima, independência e melhorar a interação com a comunidade em geral. Os encontros foram ministrados pelo coordenador do NAPNE com o auxílio de bolsistas do projeto de extensão, para o público acima citado.

Outras ações realizadas pelo NAPNE nos últimos anos, são oficinas de Libras e Braille para servidores e alunos; atividades físicas para deficientes visuais; parcerias com instituições de atendimento a PNEs; auxílio na implementação de novos NAPNEs e articulação para a criação do quadro de Professor Especializado. Os materiais desenvolvidos, o espaço e as práticas do NAPNE são compartilhados também com os outros NAPNEs do IFRS e em eventos proporcionados pela Instituição, buscando envolver toda a rede. Por fim, compreende-se que as ações desenvolvidas pelo Núcleo, vem fortalecendo as práticas de inclusão no *Campus* Bento Gonçalves.

O NEPGS BG: Espaço de Autonomia Estudantil

O espaço escolar é o espaço da vivência da diversidade por excelência: neste ambiente, mais que a aprendizagem de conteúdos diversos, as e os estudantes devem confrontar as diferenças, conhecer novos olhares e exercitar o respeito pelas mais variadas visões de mundo existentes. O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade, constituído pela demanda estudantil no intuito de debater temas vinculados a estas questões e, principalmente, articular ações para combater os preconceitos e o desrespeito às minorias existentes no ambiente escolar e na sociedade, tem um papel fundamental para desconstruir a realidade de violência de gênero estabelecida atualmente.

A trajetória do NEPGS BG desde sua institucionalização em 2015, mostra-se muito rica na proposição de diferentes atividades que atendem as diferentes esferas do conhecimento: ensino, pesquisa e extensão. Deste modo, atendendo a comunidade escolar, o NEPGS BG realiza reuniões periódicas, ações de intervenção artística promovida por estudantes, como apresentações musicais em datas de relevância para o tema, durante as quais são relatados dados sobre a situação de violência contra as mulheres e os grupos LGBTQIA+ e exposições fotográficas. Palestras e oficinas de formação são outras ações oferecidas pelo Núcleo, procurando atender as demandas das e dos discentes do ensino médio e superior. A extensão é outra área a qual o NEPGS BG se dedica ao longo de seus anos de atuação, uma vez que o atendimento às necessidades da comunidade externa é fundamental, em especial em um momento no qual uma série de discursos que marginalizam e inferiorizam grupos LGBTQIA+ e as mulheres se dissemina no espaço público. Deste modo, rodas de conversas, *ciné debates* nas escolas estaduais e municipais bem como um sarau poético foram ações que aproximaram o NEPGS BG da comunidade externa, ampliando seu raio de atuação.

Entretanto, no presente artigo, serão ressaltadas as ações vinculadas à área da pesquisa, a qual é deveras relevante diante de um momento histórico no qual uma mentalidade obscurantista, anticientífica e anti-intelectual se propaga na sociedade. O conhecimento do método científico, o estímulo à curiosidade e à autonomia é, sem dúvida, um dos principais compromissos do NEPGS BG, constituindo-se em uma atividade permanente entre os membros deste espaço. Assim, os estudantes são estimulados a escolher os temas de seu interesse para empreenderem o estudo, podendo praticar habilidades essenciais como a leitura de diferentes autores, a crítica aos textos consultados, a capacidade argumentativa e a comunicação das conclusões obtidas. No ano de 2019, esta prática que se colocava de forma pontual passou a ser disseminada entre grande parte dos estudantes que participavam do NEPGS BG e em parceria com disciplinas curriculares relativas ao ensino de Metodologia Científica, foi possível ampliar os temas abordados, bem como o número de estudantes interessados em pesquisar os temas referentes ao Gênero e à Sexualidade.

Deste modo, foi possível verificar que os estudantes possuem diversos interesses sobre esta temática, possibilitando que estes jovens possam problematizar sua própria realidade e inserção no espaço estudantil e em sua comunidade. Diferentes assuntos foram contemplados, sendo interessante salientar os temas que interessaram os estudantes: uma das estudantes apresentou uma pesquisa realizada com colegas dos diversos cursos de ensino médio sobre a prática do futebol, avaliando os desafios enfrentados pelas meninas que desejam praticar este esporte, o qual é associado ao universo masculino, enquanto outra aluna abordou a questão dos relacionamentos abusivos, buscando, por meio de questionários, averiguar a percepção de mulheres que vivenciaram tal tipo de experiência sobre os obstáculos presentes no enfrentamento desta forma de relação violenta.

Outro ponto abordado foi a perspectiva da denominada “masculinidade tóxica”, ou seja, o conjunto de discursos que exigem que no comportamento dos meninos estejam presentes elementos de violência e competição, entre outros fatores que no imaginário social comporiam o que se entende como atitudes de meninos. A pesquisa realizada pelo estudante pôde revelar o quão prejudicial tais estereótipos podem ser para os homens em sua socialização, bem como a necessidade que estas questões sejam debatidas. Por fim, outro tema que se mostrou presente foi o olhar sobre a maternidade compulsória, refletindo sobre os discursos que idealizam a maternidade e que a apresentam como um ideal compartilhado por todas as mulheres. A aplicação de questionários junto a mulheres de diferentes faixas etárias demonstrou à estudante o quanto essa compreensão sobre a maternidade é apresentada às mulheres como discurso único, oprimindo-as e podendo causar transtornos naquelas que não aderem a esta narrativa.

O exercício da pesquisa sobre estas questões, empreendido pelos estudantes, mostrou-se extremamente válido para que estes pudessem aprofundar a temática de gênero e sexualidade, se apropriando de conceitos importantes para o debate sobre gênero e sexualidade. Contudo, é fundamental que os estudantes também possam comunicar os resultados de seu debate, incitando a discussão sobre essas questões e como elas atravessam a vida de todos e todas. Deste modo, no ano de 2019, além de um incentivo mais amplo em relação à realização de pesquisas sobre Gênero e Sexualidade, foram marcadas reuniões específicas para a apresentação dos resultados que foram debatidos com os demais membros, que puderam compartilhar suas próprias experiências e percepções sobre tais questões. Além disso, muitos estudantes foram estimulados a se inscreverem em eventos científicos e apresentarem seus trabalhos, propiciando uma experiência diversificada a estes jovens.

A guisa de conclusão, é possível salientar que a escola, mais que um espaço de apresentação de conteúdos presentes nas diferentes disciplinas, é um território de inovação e formação humana. O NEPGS BG, ao longo de seus 5 anos de existência vem atuando para ser um local de propagação de uma cultura humanística, voltada para os direitos humanos e para a prática de uma postura crítica e transformadora da realidade. Atuando nas três esferas do conhecimento, o NEPGS BG constitui-se como um espaço de acolhimento, entendendo que a educação só se faz de forma plena em liberdade e por meio do incentivo à autonomia. Assim, a defesa deste espaço é fundamental, devido ao seu caráter de pluralidade e de experiência democrática, e a possibilidade que oferece às e aos estudantes de se constituírem como cidadãos ativos em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Juntos, os três Núcleos de Ações Afirmativas desempenham um papel muito importante no *Campus* Bento Gonçalves. Além das ações citadas, também existe o trabalho articulado na conscientização e combate à discriminação étnica, racial, de gênero ou relacionada às deficiências. Conclui-se esse relato demonstrando o quanto essas ações afirmativas impactam no aprendizado dos alunos e vivência dos servidores e comunidade externa.

Referências:

ALENCAR, Francisco; CAPRI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. **História da Sociedade Brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985. p.20-30.

BUENO, Eduardo. **Brasil: Uma História**. 2.ed. São Paulo, Ática, 2003. P.112-121.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. O debate constitucional sobre ações afirmativas. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima (Orgs). **Ação Afirmativa – políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 15-57.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Instrução Normativa nº 12, de 21 de dezembro de 2018**. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/IN-12-2018-PEI-publicacao.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Resolução nº 020, de 25 de fevereiro de 2014**. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Resolucao-20-14.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

LORO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**. Belo Horizonte, v.03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PEREIRA, Maria do Mar. Fazendo gênero na escola: uma análise performativa da negociação do gênero entre jovens. **Ex aequo**. Vila Franca de Xira, n. 20, p. 113-127, 2009. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2020.

PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo, Summus, 2006. p. 31-73.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. A escola pública brasileira e seu compromisso com a diversidade de gênero e sexualidade. In: MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa [organizadores] **Educação para a sexualidade**.: Rio Grande, RS: Editora da FURG. p. 67-82, 2014.

NAPNE, NEABI E NEPGS DO CAMPUS CANOAS: MODOS DE EFETIVAR A POLÍTICA INSTITUCIONAL

Aline da Silveira Muniz¹
Aline Viero Kowalski²
Andréia Maria Pruinelli³
Juliana da Cruz Mülling⁴
Marcio Bigolin⁵
Naiara Greice Soares⁶
Olívia Pereira Tavares⁷
Sabrina Clavé Eufrásio⁸

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) tem buscado pautar, como princípios institucionais, a preocupação com a justiça social, a equidade e a cidadania, e isto pode ser vislumbrado desde o seu Estatuto, que no Art. 3º, Inc. I, pauta “o compromisso com a justiça social, equidade, cidadania, ética, preservação do meio ambiente, transparência e gestão democrática” (IFRS, 2017, p. 2). Na esteira do pensamento fomentado pela instituição e articulado às políticas sociais e a leis específicas – como a aprovação das reservas de vagas dispostas pela Lei Nº 12.711, de 2012 – o IFRS instituiu a Política de Ações Afirmativas no ano de 2014, com o objetivo de promover, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão, o respeito à diversidade socioeconômica, cultural, étnico-racial, de gênero e de necessidades específicas, bem como a defesa dos direitos humanos (IFRS, 2014). No contexto de criação desta política constituem-se, nos *campi* do IFRS, os núcleos que visam atender a demandas relacionadas às ações afirmativas, quais sejam: os Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEs), os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABIs), os Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGSs) e, ainda, os Núcleos de Ações Afirmativas (NAAFs).

Com o intuito de implementar e efetivar a política institucional, o *Campus Canoas* vem promovendo ações desde o início de suas atividades, em 2010, por meio da constituição dos primeiros núcleos de ações afirmativas – NAPNE e NEABI – e, posteriormente, o NEPGS. Nestes dez anos de funcionamento, diversas ações de formação, extensão e produção de estudos e pesquisas têm sido feitas pelos referidos núcleos, compostos por servidores, discentes e parceiros externos. Nos textos que seguem, abordaremos brevemente algumas ações realizadas pelos três núcleos, como forma de apresentar o trabalho que tem sido desenvolvido e que não se esgota nessas linhas, demonstrando os desafios enfrentados e os avanços alcançados na construção de práticas mais inclusivas, equânimes, antirracistas e que promovam igualdade sexual e de gênero.

NAPNE: inclusão e proatividade

Abordar a temática das Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (PNEEs) nos faz refletir a respeito dos parâmetros utilizados no percurso da inclusão, sendo este entendido como uma medida de controle social, a qual busca integrar administração pública e sociedade, objetivando dirimir conflitos e deficiências com um acentuado nível de efetividade. Espera-se, portanto, o estabelecimento de ações equânimes, que trabalhem com o imperativo de reduzir as desigualdades entre os indivíduos. O intuito, a partir desta premissa, é ressaltar que cada sujeito possui características únicas e que o processo inclusivo precisa respeitar as limitações, ao mesmo tempo em que necessita trabalhar as potencialidades de cada ser.

O *Campus Canoas* do IFRS, considerando esta realidade, está constantemente atualizando suas metodologias e promovendo adequações em sua política de ingresso discente, especialmente no que se refere

¹ Assistente em Administração, presidenta do NEPGS, integrante do NAPNE e NEABI, aline.muniz@canoas.ifrs.edu.br

² Assistente Social, integrante do NAPNE e NEPGS, aline.kowalski@canoas.ifrs.edu.br

³ Jornalista, integrante do NAPNE, NEABI e NEPGS, andrea.pruinelli@canoas.ifrs.edu.br

⁴ Professora de Artes, integrante do NEABI e NEPGS, juliana.mulling@canoas.ifrs.edu.br

⁵ Professor de Informática, integrante do NAPNE, marcio.bigolin@canoas.ifrs.edu.br

⁶ Professora de Libras, presidenta do NAPNE, naiara.soares@canoas.ifrs.edu.br

⁷ Assistente de Alunos, Presidenta do NEABI e Integrante do NEPGS, olivia.tavares@canoas.ifrs.edu.br

⁸ Bibliotecária, Integrante do NEABI, sabrina.eufrasio@canoas.ifrs.edu.br

às PNEEs, definição esta que engloba sujeitos que apresentem diferentes tipos de deficiências. A partir da inscrição no processo seletivo do Instituto Federal, os candidatos podem requerer adaptações de diferentes âmbitos, objetivando atender às suas especificidades e aprimorar as suas condições de acesso. Assim que a demanda é identificada, a Comissão Permanente de Processo de Ingresso Discente (COPPID) busca atender às solicitações, com a finalidade de que este público consiga ter efetivo acesso ao local das provas e possa, igualmente, realizar a avaliação de forma adaptada às suas necessidades. Caso o candidato com deficiência seja aprovado, no momento da matrícula é requerido o atestado médico contendo a descrição de seu estado de saúde, identificado de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID).

Com base nesses dados, o discente passa a ser acompanhado por profissionais específicos, a saber: assistente social, psicólogo, pedagogo, entre outros; os quais atuam de maneira interdisciplinar, tendo como propósito estabelecer uma rede que entrelaça a família e a instituição de ensino. Setores como Assistência Estudantil, Pedagógico e Registros Escolares, juntamente às coordenações de curso e ao NAPNE, dispõem-se a oferecer suporte para que o estudante se sinta acolhido e consiga desenvolver suas potencialidades ao longo de sua permanência no *campus*. O NAPNE atua, em face disso, de maneira propositiva e consultiva, fazendo-se presente em todos os *campi* do Instituto Federal, propondo ações que trabalham a temática inclusiva no âmbito da educação pública.

No contexto do *Campus* Canoas, atividades protagonizadas pelo núcleo são desenvolvidas desde 2015. Uma de suas primeiras ações se deu por meio de participação em pregão eletrônico coletivo proposto pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Na ocasião, foram adquiridos diversos equipamentos de tecnologia assistiva. Dentre estes, é possível citar: máquina de escrever em *braille*; máquina fusora para impressão tátil; *scanner* com voz; impressora *braille*; mesa tátil; leitor de livros digitais. O NAPNE também dispõe de outros materiais de uso geral, como *notebook*, *tablet*, computador *all-in-one* e teclado-colmeia. Assim que os equipamentos foram recebidos pelo *campus*, foi preciso tornar os manuais acessíveis ao uso, visto que eles não apresentavam as instruções em Língua Portuguesa. A partir de uma força-tarefa, servidores e estudantes tornaram os manuais adaptados e, por essa ação conjunta, possibilitaram que mais pessoas se integrassem à causa do NAPNE.

Em 2017, percebeu-se a necessidade de disponibilizar a maior parte dos equipamentos do núcleo em um espaço único e, em virtude disso, escolheu-se a biblioteca do *campus* como sendo o local mais propício, considerando, especialmente, o acesso facilitado para uso, conhecimento e exploração das funcionalidades de cada um dos materiais de tecnologia assistiva. Por meio dessa atitude, foi possível atender às demandas de uma estudante do Curso Superior de Licenciatura em Matemática, que apresentava limitações visuais e tinha um diagnóstico crônico e degenerativo de doença ocular. Por intermédio do projeto extensionista denominado *Offboard*, tornou-se exequível a montagem de um *notebook* adaptado, o qual funciona apenas com *softwares* livres. Este se mostrou bastante útil para a discente, pois ela podia utilizá-lo tanto em sala de aula quanto em casa.

O NAPNE já organizou diferentes atividades que primaram pelo debate e pela conscientização acerca de temáticas inclusivas e de acessibilidade. Podemos destacar, dentre essas, o *Canoas em Pauta*, ocorrido nos anos de 2016 e 2017. Palestras, sensibilizações, exibição de filmes e conversas interativas foram a tônica dessa iniciativa, que versou sobre inclusão/exclusão no ambiente escolar e nas diferentes áreas da vida, assim como trabalhou questões relativas às especificidades dos estudantes surdos e das Pessoas com Deficiência (PcDs). Esse evento, em suas duas edições, contou com a parceria da APAE de Canoas, organização com a qual o *campus* formalizou parceria. Ofereceu-se também à comunidade, neste período, um curso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em trabalho conjunto realizado com a Casa Lilás, de Canoas.

Em 2017 e 2018, o NAPNE implementou formas de possibilitar a acessibilidade dentro das dependências do *campus*, considerando, naquele momento, dois grupos específicos, quais sejam: as PcD visual/cegas e as PcD auditiva/surdas usuárias de LIBRAS. Para tanto, foram disponibilizadas identificações em *braille* e em LIBRAS nas salas do *campus* e nos setores mais acessados pelos discentes, além de avisos afixados nos murais, direcionados ao público surdo. Ainda em 2018, o núcleo elaborou, junto à comissão organizadora da Feira de Ciências e Inovação Tecnológica do *Campus* Canoas (IFCITEC), duas categorias específicas, com o intuito de estimular a participação de estudantes com deficiência.

Neste ano de 2020, o NAPNE, paralelamente às ações desenvolvidas junto às PNEEs, está com projetos internos que visam à capacitação de seus integrantes. Devido à pandemia ocasionada pela Covid-19, o núcleo permanece atuante, promovendo acessibilidade aos discentes sempre quando é necessário, como, por

exemplo, em eventos *on-line*; assim como integra, igualmente, grupos de trabalho que buscam garantir o retorno seguro e adequado das PNEEs às atividades presenciais. Marcou sua presença, também, no planejamento de uma das etapas da atividade intitulada *Jornada de Humanidades em Quarentena*, a qual teve como temática norteadora populações invisibilizadas pela disseminação do novo coronavírus. Na oportunidade, uma das palestrantes trouxe a perspectiva das pessoas com deficiência durante o período de isolamento social. O olhar diferenciado do NAPNE neste momento é vital, assim como nas diversas situações do dia a dia institucional, justamente para assegurar as diferentes adaptações necessárias às PNEEs, em especial no que tange às questões relativas à acessibilidade e à inclusão.

NEABI e a tessitura da interculturalidade

O NEABI do *Campus Canoas* iniciou sua caminhada em 2012 e, à época, contava com três membros, sendo um docente e dois técnicos administrativos. Atualmente, a equipe é composta por dezesseis integrantes, sendo quatro técnicos administrativos, três docentes, seis discentes e três participantes externos. O núcleo atua segundo o que preconiza a Constituição Federal de 1988 e demais legislações complementares, sendo um agente institucional para a superação das desigualdades étnico-raciais, além de combater o racismo e a discriminação. Por intermédio de projetos e ações de reconhecimento e de valorização das identidades e do patrimônio cultural, material e imaterial de matrizes afro-brasileiras e indígenas, bem como da necessidade de reflexão acerca das diretrizes curriculares e não curriculares presentes na formação dos estudantes do *Campus Canoas*, o NEABI tem realizado diferentes tipos de ações, as quais envolvem as comunidades interna e externa. O intuito do núcleo é problematizar as tramas de poder e tecer, a partir de sua atuação, o pensamento intercultural e descolonial. Todas as atividades desenvolvidas apresentam um grande público e debates enriquecedores, sendo o reflexo do desempenho e da sensibilização dos docentes do *campus* que, por sua vez, as incluem como parte integrante de seus planos de ensino.

Como constituinte da esfera extensionista, o núcleo colabora com a integração dialógica estabelecida entre o *campus* e a comunidade, desmistificando preconceitos mediante parcerias para a realização de projetos de pesquisa e aplicação de oficinas, tais como capoeira e dança afro. A finalidade é contribuir com as formações inicial e continuada, concentrando-se nas temáticas étnico-raciais e tendo como públicos os estudantes e servidores do *Campus Canoas* e as escolas públicas locais. Os projetos são conduzidos pelos integrantes do núcleo, de modo a incentivar a autonomia e a experimentação dos orientandos, instrumentalizando-os às metodologias acadêmicas. Podemos destacar, entre as ações realizadas pelo NEABI, as seguintes: *Fórum do Dia da Mulher Negra* (julho); *Diálogos com os Povos Indígenas* (agosto) e *Semana da Consciência Negra* (novembro).

Por meio do evento denominado *Diálogos com os Povos Indígenas*, busca-se trabalhar uma aproximação com diferentes territórios indigenistas da Região Metropolitana de Porto Alegre. Em 2014, o nome da atividade era *Terra Indígena* e contou com a presença da comunidade Kaingang que habita o Morro do Osso, em Porto Alegre; além do antropólogo e professor José Catafesto de Souza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de representantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da professora e pesquisadora da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) Iara Tatiana Bonin. Além das palestras, houve apresentações de dança e de pintura corporal Kaingang e, na oportunidade, os docentes do *campus* mediarão mostras de artefatos étnicos e artesanais, bem como foram apresentados cine-debates, baseados em produções filmicas de coletivos indígenas da região.

A ação passou a ser realizada anualmente, a partir de 2015, com data prevista no calendário acadêmico, buscando espriar suas interseções no cotidiano pedagógico. Em face disso, decidiu-se desvinculá-la da data específica e controversa, especialmente para os grupos indígenas, de 19 de abril (Dia do Índio, no Brasil), aproximando-a do dia 09 de agosto (Dia Internacional dos Povos Indígenas). Em todas as suas edições, a atividade buscou aproximar-se, por meio do diálogo, das comunidades indígenas situadas nas cidades do entorno, visto que não há registros de território de assentamento ou demarcação em Canoas. Desde então, o *campus* já contou com a presença de lideranças e representantes das culturas Pataxó, Guarani e Kaingang, provenientes das comunidades de Porto Alegre, Viamão, Mato Preto, Charrua e São Leopoldo, assim como de diversos pesquisadores, sempre de forma voluntária e colaborativa. No ano de 2016, o evento passou a se chamar *Semana dos Povos Indígenas* e desde 2018 denomina-se *Diálogos com os Povos Indígenas* e adota a interculturalidade como premissa constitutiva. Sempre que é possível, acontecem encontros na comunidade Kaingang *Por Fi Gã*, localizada no município de São Leopoldo. Este, atualmente, é o território indigenista mais

próximo do *Campus* Canoas.

No ano de 2019, a organização da atividade se norteou pela aprovação da Política de Ingresso Especial e Permanência do Estudante Indígena, a qual oferta duas vagas suplementares para cada curso em cada *campi* do IFRS (exceto pós-graduação). Estiveram presentes o Pró-Reitor de Ensino do IFRS, Lucas Coradini, e o Diretor de Assuntos Estudantis, Neudy Alexandro Demichei, que explicaram aos discentes as concepções que guiam a construção e a aplicação da política, bem como seu funcionamento prático. Estudantes Kaingang e Guarani dos *Campi* Sertão e Viamão, respectivamente, assim como as mulheres indígenas mães e universitárias que cursam graduação na UFRGS e são moradoras da casa do estudante, participaram com relatos de experiências de suas trajetórias pessoais, comunitárias e acadêmicas. Essas exposições se configuram em apontamentos importantes, em âmbito institucional, para que se possa considerar os caminhos necessários ao acolhimento dos futuros discentes do IFRS. Para a continuidade do evento e de ações desdobradas a partir dele, o NEABI seguirá, conforme a perspectiva descolonial, oportunizando e firmando os espaços de diálogo intercientífico e intercultural com as comunidades tradicionais e historicamente alijadas dos arranjos produtivos locais.

O Fórum Alusivo ao Dia da Mulher Negra teve sua primeira edição no *Campus* Canoas, em 2019, nos dias 29, 30 e 31 de julho, sob a temática intitulada *A conquista por direitos, espaço e voz*. O objetivo deste evento é apresentar questões que envolvem a mulher negra na sociedade. A programação contou com a parceria de outros projetos de extensão, tais como o *Roda leitura*, que dedicou a edição do mês de julho às obras de escritoras negras, sendo estas lidas entre os participantes que trouxeram, entre outras, as histórias contadas pelas autoras Carolina Maria de Jesus, Djamilia Ribeiro, Lilian Rocha, Bianca Santana, Maria Firmina dos Reis, Bell Hooks, Angela Davis e Alice Walker. Ainda sobre a programação, ocorreram duas palestras: *A invisibilidade da mulher negra*, na qual tratou-se a respeito da mulher negra no ambiente acadêmico. A atividade foi conduzida por Tereza Cristina Barbosa Duarte, docente do *Campus* Pelotas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) e por Marlise Paz dos Santos, Assessora de Relações Étnico-raciais do IFRS.

A segunda palestra do evento versou sobre a mulher no hip-hop e a estética feminina negra, com o título *Empoderamento feminino negro*, sendo proferida por Sanny Black e Lisy, duas cantoras de hip-hop, e por Débora Otunolá, organizadora da Marcha do Orgulho Crespo. Ocorreram, ainda, oficinas de turbantes e de cabelos crespos, em que mulheres e homens compartilharam suas dúvidas, experiências, percepções e puderam aprender mais sobre a cultura afro-brasileira. Para finalizar, aconteceu a exibição do documentário *What happened, Miss Simone?*, que antecedeu o debate sobre pontos do filme, integrando, também, a aula de Artes do Curso Técnico em Comércio Integrado ao Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). As atividades relacionadas ao Fórum Alusivo ao Dia da Mulher Negra se fizeram presentes ao longo dos três turnos e contaram com a participação das comunidades acadêmica e externa, resultado da ampla divulgação do evento nas redes sociais e no site institucional. Além disso, durante os três dias ocorreu a exposição de produtos e artesanatos afro no saguão de entrada do *campus*. Para este ano de 2020 já está prevista uma parceria com o NEPGS, pensando na integração entre os núcleos que fazem parte do *Campus* Canoas.

Em relação à Semana da Consciência Negra, sua primeira edição aconteceu em 20 de novembro de 2012, sendo esta, também, a primeira atividade do núcleo junto à comunidade, na qual foram apresentados seus objetivos e expectativas, abrindo espaço para que interessados em participar do NEABI pudessem ser integrados. Essa ação pioneira teve a palestra de Maria Aparecida Mendes, militante do movimento negro e ex-titular da Coordenadoria Municipal de Políticas para Igualdade Racial de Canoas (Copir), que versou a respeito da importância, no passado e no presente, dos clubes sociais negros canoenses, da Sociedade Rui Barbosa e da Sociedade Castro Alves. As edições seguintes contaram com a participação de inúmeros pesquisadores e atuantes do movimento negro. No ano de 2019, a semana integrou outro projeto de extensão do *campus*, denominado *Feira das cidades*, aproveitando que os dois ocorreram no mesmo período e puderam apresentar ao público diversas possibilidades de participação, por meio de ações como exposição de artesanato afro e oficina de turbantes. Além disso, foi possível se agregar à Marcha Zumbi Dandara dos Palmares, ocorrida em Porto Alegre no dia 20 de novembro.

Com o intuito de dar maior visibilidade ao negro e às suas questões acontece desde 2017 a já tradicional foto com os negros que integram o *Campus* Canoas, sendo esta entendida como uma forma de fortalecer e ressaltar os valores que constituem esta comunidade. A visibilização dos grupos étnicos e o aporte histórico e sociológico para a contextualização da situação dos povos indígenas e afro-brasileiros é fundante para as

proposições do NEABI do *Campus* Canoas, especialmente em suas lutas pelo combate e superação do racismo, pelo reconhecimento e pela valorização das diferenças e pela redistribuição das tramas de poder e de direitos dos sujeitos diretamente envolvidos.

NEPGS e a constituição do Encontro de Diversidades

Desde 2015, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do *Campus* Canoas tem buscado propor ações que contemplem o público interno da instituição, de estudantes e de servidores, bem como atividades que objetivam estabelecer uma maior articulação com a comunidade de seu entorno. Contudo, os processos para a efetivação de uma política institucional dos núcleos de ações afirmativas, que inclui o NEPGS, necessitam ter o envolvimento da comunidade acadêmica, assim como se prima pela formação dos envolvidos, com o intuito de conseguir, de maneira efetiva, realizar uma sólida articulação com a comunidade externa. Pensando nisso, em 2017, gestamos uma atividade intitulada *Encontro de Diversidade Sexual e de Gênero*. Assim, nas linhas a seguir, pretendemos descrever esta(s) atividade(s) e abordar suas múltiplas edições e adaptações ao longo de suas quatro edições e, ainda, o quanto ações como esta podem ter sido propulsoras de produções com temática de gênero e sexualidade elaboradas pelos estudantes de nível médio dos cursos técnicos integrados.

De maneira a buscar construir pontes entre os conhecimentos produzidos em âmbito acadêmico e uma formação integral dos estudantes, os *Encontros de Diversidade Sexual e de Gênero* foram pensados para que pesquisadoras e pesquisadores pudessem promover espaços de discussão com discentes de nível médio e da educação superior, além da comunidade externa. Foi, e ainda é, uma tentativa de diminuir distâncias entre os estudos sobre gênero e sexualidade produzidos no âmbito acadêmico e a sociedade. Dessa forma, o evento contou com três edições presenciais realizadas no *Campus* Canoas, anualmente, desde 2017. Na quarta edição, prevista para o ano de 2020, a pretensão era partilhar a atividade com a escola municipal Erna Würth, localizada no bairro Guajuviras, em Canoas. Entretanto, o contexto de pandemia, ocasionado pela Covid-19 e a consequente necessidade de distanciamento social, exigiram reinventar formas para a realização do evento. Para compreender esta trajetória e as modificações sofridas entre as edições, passaremos a apresentar as ações propostas em cada um desses encontros.

O primeiro, realizado nos dias 10 e 11 de maio de 2017, contou com nove palestras, além da participação de um dos projetos de extensão do *campus*, denominado *Roda Leitura*, que abordou as Relações de Gênero e a Literatura. As demais atividades foram as seguintes palestras: *Via(da)gens no Vale dos Homossexuais: entre o Queer e Pop*, proferida pelo pesquisador da área de comunicação Christian Gonzatti; *Notas sobre sexualidade na adolescência brasileira*, ministrada pelo professor de sociologia Caio Cerqueira; *Conversa sobre transfobia*, mediada pelo psicólogo José Stona e pelo estudante de psicologia Vicent Goulart; *(In)visibilidade Lésbica: Identidade e micro(Resistência)*, proferida por Pâmela Canciani; *Feminicídios: uma abordagem dos dados, das leis e das políticas públicas*, ministrada pela pesquisadora Suelen Aires Gonçalves; *Políticas Públicas e gênero: a transversalidade de gênero em questão*, mediada por Carlos Eduardo Barzotto; *Gênero e Sexualidade: o que a biologia tem a dizer?*, proferida por Caroline Tavares Passos e Filipe Ferreira e a palestra *Gênero, sexualidades e formação docente: debatendo ações e caminhos possíveis*, ministrada pela professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Joanalira Corpes Magalhães. É importante destacar que muitos desses palestrantes seguem presentes nas construções de atividades propostas pelo núcleo até o presente momento. O NEPGS entende que a composição dessa rede interlocutora com pesquisadores de diversas instituições de ensino, grupos de pesquisa e coletivos contribui de forma significativa para a ampliação no que se refere ao alcance de suas ações.

No ano de 2018, o segundo *Encontro de Diversidade Sexual e de Gênero* teve apenas um dia de atividades, concentradas nos turnos da manhã e da tarde. Embora tenha sido muito aguardado por estudantes e servidores, o evento teve uma programação mais sucinta, devido às possibilidades de organização do grupo, considerando que o número de membros naquele período estava reduzido. Essa edição contou com a participação de novas pesquisadoras, como Rita Portella, que tratou sobre *Escola sem partido gênero e sexualidade: recorrências discursivas* e teve como público-alvo os estudantes do Curso Superior de Licenciatura em Matemática. A doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) Lynna Gabriela Unger abriu a fala para discentes dos cursos integrados com a palestra *A anatomia é o destino? Outros olhares para o corpo a partir da biologia*. O evento contou, também, com a presença de Christian Gonzatti, que trouxe uma fala sobre o tema *Sentidos Queer nas redes digitais do jornalismo pop*. No encerramento, tivemos a

mesa *Relatos de vivências de pessoas trans*, com a participação de Luiza Eduarda dos Santos, Maximiliano Kunrath e Vicent Goulart.

Cabe salientar que a participação de palestrantes ocorre sempre de maneira voluntária, portanto temos que considerar a disponibilidade dessas pessoas na organização dos eventos e levar em consideração que imprevistos ocorrem e, por vezes, programações precisam ser alteradas intempestivamente. Ao final de cada uma das explanações, disponibiliza-se espaço para perguntas aos ouvintes, oportunidade aproveitada por estudantes que, além de estarem implicados com as temáticas, por essas dizerem respeito às suas formas de existência, também demonstram interesse pelas áreas de pesquisa em questão, entendendo-se este como um potente espaço de representatividade, produtor de conhecimento e enfrentamento ao preconceito e à discriminação.

A terceira edição do *Encontro de Diversidade Sexual e de Gênero* voltou a contar com dois dias de atividades, fazendo uso da temática *Em tempos de ideologia de gênero: os estudos de gênero como resistência a conservadorismos e retrocessos*. O evento buscou reafirmar o posicionamento do núcleo perante a crescentes movimentos opressores mascarados de neutralidade, os quais têm repercutido no atual contexto educacional, social e político. O primeiro dia de ações contou com pesquisadores/as parceiros, como Carlos Eduardo Barzotto, apresentando sua pesquisa *Ventos de tormenta: a emergência do movimento anti-gênero*; e Suelen Aires Gonçalves, mostrando seus estudos sob o título *Morte de mulheres negras: interseção de gênero, raça e classe*. Estiveram presentes, ainda, a pesquisadora Vanessa Amaral Prestes, com a palestra *Migração e trabalho: gênero e sexualidade em debate* e o Coletivo Mães pela Diversidade. O segundo dia teve o trabalho de Rosilene Mazzarotto, denominado *O Programa Bolsa Família: gênero e desdobramentos de uma pesquisa*; além de uma mesa sobre *Cultura Pop e Gênero*, com Justina Robaski e o parceiro de outros eventos Christian Gonzatti. O evento finalizou com a presença de estudantes egressas do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio apresentando suas experiências enquanto bolsistas do núcleo, por meio da palestra *Diálogos e relatos sobre as vivências do NEPGS Canoas*.

Neste ano, devido à pandemia de Covid-19, necessitamos adaptar a atividade, a qual ainda está em construção. Optamos, em parceria com o NEABI do *campus*, por realizar a atividade em formato de vídeos em um canal no *YouTube*, nomeado *Encontro de DiversidadeS*. Nosso objetivo é ampliar as discussões e atentar para as articulações e atravessamentos entre as temáticas dos dois núcleos. Após a publicação de um novo vídeo, disponibilizamos um link de reunião via *Google Meet*, de maneira a propiciar a discussão sobre os temas propostos.

A partir das discussões promovidas nestes espaços de articulação com a academia, alguns/algumas estudantes de cursos de nível médio integrado passam a produzir suas próprias pesquisas, com recortes atravessados pelas temáticas propostas pelo núcleo. Na busca por divulgar o conhecimento que produzimos na instituição por essas/esses discentes e oportunizar a discussão sobre a temática de gênero e sexualidade, procuramos incentivar a participação estudantil em eventos realizados tanto no âmbito do IFRS quanto externos à instituição. Em virtude disso, tivemos a participação de discentes vinculadas/os ao NEPGS com apresentações de trabalho em formatos de pôster e comunicação em diversos eventos, a saber: Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do *Campus Osório* do IFRS (MOEXP); Seminário de Extensão do IFRS (SEMEX); Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão do *Campus Porto Alegre* do IFRS (MostraPoa), além do IFCITEC e do Salão de Ensino, Pesquisa e Extensão (ENPEX), ambos realizados pelo *Campus Canoas*. No que se refere à participação em eventos fora do âmbito institucional, destacamos os artigos produzidos pelas estudantes e publicados nos Anais do IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU); a participação no evento com apresentação de comunicação e publicação do artigo nos anais do V CONEDU e, ainda, a participação no evento com apresentação de pôster e publicação de resumo expandido da pesquisa, realizada no VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Em tempo, vale ressaltar a aprovação de resumos no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, que teve a edição deste ano transferida para 2021.

A partir da exposição desses relatos, não tivemos a pretensão de abordar de maneira mais aprofundada cada um dos recortes das atividades que compuseram os *Encontros de Diversidade Sexual e de Gênero* ao longo desses quatro anos; tampouco tivemos a intenção de apontar todas as pesquisas realizadas pelos estudantes envolvidos. O objetivo, por outro lado, foi expor essas ações como espaços de discussão e articulação com a academia, denotando o seu potencial para refletir como os conhecimentos e saberes acadêmicos podem produzir/formar sujeitos pesquisadores interessados em abordar, em seus trabalhos, os estudos de gênero e sexualidade desde a educação básica.

Em face do exposto até o momento, no que tange às atuações do NAPNE, NEABI e NEPGS do *Campus*

Canoas do IFRS, foi possível ter acesso às diferentes formas de se trabalhar a inclusão, levando sempre em conta as peculiaridades de cada um dos núcleos. É imprescindível, portanto, lembrarmos da relevância que possuem as Políticas de Ações Afirmativas, especialmente quando se trata de uma instituição de ensino. Mediante atividades e ações que buscam ressaltar diferentes aspectos e ângulos de uma mesma temática, o *campus* institui, por esse movimento, a possibilidade de se estabelecer o diálogo no seio de sua comunidade e, a partir da troca de informações e da exposição de pontos de vista diversificados, torna-se exequível aproximar e, com isso, dar voz a públicos que historicamente se encontram à margem das principais questões que permeiam nossa sociedade.

O IFRS por intermédio de inúmeras iniciativas, mostra-se partícipe quando o assunto é inclusão, sendo esta vislumbrada em diferentes esferas: seja no atendimento das pessoas que apresentam algum tipo de necessidade educacional específica, ou por meio do estudo de temáticas que englobam as comunidades negras e indígenas ou, ainda, a partir do debate a respeito das questões relativas a gênero e sexualidade. As Políticas de Ações Afirmativas, que perpassam os três núcleos, têm como finalidade promover discussões de âmbito acadêmico e político trabalhando diretamente no acolhimento das demandas que demarcam a diversidade dos sujeitos implicados nos processos e em tramas de poder, conforme nos apontam, por exemplo, os estudos descoloniais.

A efetivação dessa caminhada, no dia a dia do *campus*, foi possível pois contou, ao longo de sua trajetória, com diversos colaboradores, entre eles técnicos, professores e discentes, em seu percurso de uma década de existência. O relato feito nessas poucas páginas é reflexo de uma urdidura composta por múltiplas memórias, guardadas e organizadas por alguns desses agentes que demonstram, mesmo que de forma sintética, um extrato da práxis de cada um dos núcleos que atuam no *Campus* Canoas. Os paradigmas envolvidos nas diferentes práticas empregadas têm orientado os planejamentos do NAPNE, NEABI e NEPGS para ações conjuntas, considerando, cada vez mais, as dimensões integradas do ser humano e o trabalho em coletividade. A inter-relação torna-se viável a partir do amadurecimento dos núcleos e do aprofundamento acerca das temáticas correlatas por parte de seus integrantes. O trajeto inclusivo se fortalece no cotidiano, por meio de desafios diversos, os quais delineiam caminhos de aprendizado e superação, seja por parte dos públicos atendidos pelos núcleos, seja por seus componentes, que superam barreiras e instituem dia após dia e ação após ação suas fundamentais presenças no ambiente acadêmico.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://bityli.com/6OgYI>. Acesso em: 26 jun. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://bityli.com/8BxjE>. Acesso em: 26 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Estatuto do IFRS**. Aprovado pela Resolução do Conselho Superior do IFRS nº 07, de 20 de agosto de 2009. Alterado pelas Resoluções do Conselho Superior do IFRS nº 044, de 27 de maio de 2014, nº 027, de 29 de março de 2016, nº 037, de 19 de abril de 2016 e nº 027, de 20 de junho de 2017. Disponível em: <https://bityli.com/4yj4B>. Acesso em: 26 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Políticas de ações afirmativas do IFRS**. Aprovado pela Resolução nº 022, de 25 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://bityli.com/RdJVZ>. Acesso em: 26 jun. 2020.

TUTORIA DE PARES E APRENDIZAGEM COLABORATIVA: PILARES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Clarissa Haas¹

Em Foco

No presente artigo aborda-se a atuação do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) como agente mediador da inclusão escolar no *Campus* Caxias do Sul - IFRS.

A criação institucional do NAPNE surge em atenção a um conjunto de dispositivos da política nacional de educação especial que, por sua vez, apontavam a necessidade de criação dos núcleos de acessibilidade nas instituições de ensino superior. Cita-se como documentos normativos que referendam esta questão: o Documento Orientador da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SECADI, 2008) e o Decreto Federal nº 7.611/2011 (BRASIL, 2011), que em seu artigo 5º traz a previsão da estruturação de núcleos de acessibilidade nas instituições federais de educação.

Assim, no ano de 2014 o IFRS estabelece, por meio da Resolução N. 20/2014 (IFRS, 2014) a criação do NAPNE como núcleo inicialmente vinculado ao Departamento de Extensão em cada *campus* e à Reitoria por meio da Assessoria das Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade. A função primordial do núcleo é atuar na mediação da política de educação inclusiva nos *campi*. Em Coradini e Santos (2020) é possível constatar que a trajetória histórica oficial do IFRS na construção de uma política de educação inclusiva soma uma década (desde 2010), sendo a criação do NAPNE um dos eixos centrais de sua política institucional.

Portanto, apresenta-se como foco temático desta investigação duas (02) iniciativas do NAPNE – *Campus* Caxias do Sul no âmbito do ensino, realizadas durante o ano de 2019, com vistas à promoção da acessibilidade ao conhecimento acadêmico dos estudantes com necessidades educacionais específicas² matriculados nos cursos da instituição.

Em geral, os estudantes ingressantes no ensino médio no *Campus* Caxias do Sul mediante reserva de vagas como pessoas com deficiência trazem uma defasagem de conhecimentos do ensino fundamental que requer a adoção de medidas de adequação curricular por parte dos docentes. Esse processo torna-se bastante complexo, pois exige o investimento em uma didática que resgate os conhecimentos prévios necessários e, simultaneamente, aproxime o estudante dos conhecimentos acadêmicos referentes ao ano escolar que está matriculado. Define-se acessibilidade curricular, a partir de Haas e Baptista (2015) como uma dinâmica que se constrói na relação pedagógica e na permanente aposta na capacidade de aprendizagem do estudante; os mesmos estudiosos criticam as práticas pedagógicas reducionistas que baseadas na ideia de “adaptação ao currículo” antecipam o empobrecimento do currículo aos estudantes com necessidades educacionais específicas:

(...) não podemos *a priori* atestar a incapacidade do estudante em aprender determinado conteúdo, dinâmica comumente associada às práticas de adaptação curricular. Parece faltar à proposta que categoriza as “adaptações” os indícios de movimento que contemplam o sujeito alvo da ação pedagógica. Que características? Quais as suas singularidades? (HAAS e BAPTISTA, 2015, p. 07).

Portanto, na forma de relato de experiência aborda-se o projeto de ensino intitulado “Tutoria de Pares”, o qual tratou-se de uma iniciativa do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) - *Campus* Caxias do Sul vinculado ao projeto de ensino “guarda-chuva” intitulado

¹ Docente da área da Pedagogia e Coordenadora do NAPNE no *Campus* Caxias do Sul – IFRS. clarissa.haas@caxias.ifrs.edu.br.

² Adota-se o termo necessidades educacionais específicas por tratar-se da nomenclatura utilizada pelo IFRS nos seus documentos normativos e orientadores. O IFRS caracteriza necessidades educacionais específicas como deficiências, altas habilidades/superdotação, transtornos globais de desenvolvimento e outros transtornos de aprendizagem. Portanto, o termo necessidades educacionais específicas incorpora um público-alvo mais amplo do que o estabelecido na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

Monitoria Acadêmica – Ampliando vínculos, sob a gestão geral da Coordenação de Ensino do *campus* citado. E, na sequência, analisa-se a ação de tutoria acadêmica com foco na informática acessível realizado na forma de atendimento individualizado, no contraturno, a um estudante com deficiência do ensino médio integrado. A organização das oficinas foi pautada em suas necessidades individuais, a fim de minimizar as barreiras que o impediam de acessar o currículo escolar.

Em Análise

A tutoria de pares foi criada e desenvolvida no período letivo de 2019 com o objetivo de estimular as práticas pedagógicas colaborativas entre os próprios pares nas salas de aula do ensino médio integrado onde havia a matrícula de estudantes com necessidades educacionais específicas que demandavam apoios e intervenções de apoio ou complementares à ação docente.

A criação do presente projeto baseou-se na premissa de Maset (2011) de que as escolas que norteiam sua pedagogia na colaboração entre os estudantes atingem os meios mais eficazes para promover a educação integral de todos. O modelo da aprendizagem colaborativa ou cooperativa instiga que os membros do grupo confiem uns nos outros e se ajudem mutuamente buscando atingir um objetivo em comum. Logo, a aprendizagem colaborativa caracteriza-se simultaneamente como método ou recurso para organização do ensino e como conteúdo curricular que ensina os estudantes a serem mais solidários e a trabalharem em equipes.

Conforme Maset (2011):

Os estudantes que têm mais dificuldades na aprendizagem têm mais oportunidades de obterem respostas mais adequadas numa turma organizada de forma colaborativa. Por isso, uma turma organizada de forma colaborativa é mais inclusiva que aquela que é organizada de forma individual ou competitiva. (MASET, 2011, p. 53).

Os tutores eram bolsistas de ensino médio, preferencialmente, em etapa superior do mesmo curso cuja turma acompanhavam. Portanto, o trabalho do bolsista era desenvolvido, prioritariamente, em sala de aula, na forma de tutor de seus pares, auxiliando individualmente na realização das atividades propostas pelo professor durante as aulas selecionadas para sua atuação, apoiando o estudante com necessidades educacionais específicas e também os demais colegas.

Aos professores era facultado repassar ao bolsista monitor os conteúdos e atividades principais de seu planejamento para a semana seguinte, a fim de que o estudante bolsista pudesse revisar esses conteúdos e apoiar de modo efetivo seus colegas durante as aulas. Entendia-se que esse movimento de revisão dos conteúdos trazia aprendizados mútuos, tanto para os estudantes que recebiam o apoio, como para o monitor que na condição de quem ensina, também estava aprendendo e revisando aprendizados já construídos no curso.

Considerando que a tutoria de pares em sala de aula deva ser, do ponto de vista pedagógico, um apoio colaborativo e, ao mesmo tempo, desafiador, cabia aos professores que tivessem o bolsista em sala de aula orientá-lo para sua atuação de modo alternado apoiando colegas diferentes e não centrando seu apoio exclusivamente no estudante com necessidade educacional específica. A articulação entre os docentes e os estudantes bolsistas também era fundamental para o entendimento e desenvolvimento do papel do bolsista, alicerçado em uma atuação problematizadora, interrogando os colegas a respeito de suas dúvidas e, não somente, favorecendo a resposta ou realizando o exercício pelos mesmos; ou seja, para que a ação do tutor/a junto com a atuação docente pudesse auxiliar na construção da progressiva autonomia dos estudantes.

Baseado no conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky, entende-se que a mediação social é fator determinante na aprendizagem de qualquer indivíduo. A zona de desenvolvimento proximal pode ser definida como aquela área de funcionamento psicológico em que é possível ao sujeito realizar algo, desde que conte com auxílio de outra pessoa ou apoio externo que age como forma de sustentar e ativar as funções que ainda não operam sozinhas (PONTECORVO, AJELLO e ZUCCHERMAGLIO, 2005). Portanto, cabia ao docente auxiliar o bolsista, orientando-o a respeito do que os colegas podiam fazer sozinhos no seu funcionamento independente e no que necessitam de apoio.

Em outras palavras, para que um estudante possa atingir uma zona de desenvolvimento mais elevada em relação a um conteúdo ou habilidade a ser construída, ele precisa ser regulado em relação à relativa dependência e progressiva autonomia do apoio externo. Isso significa compreender a tutoria de pares como tempo pedagógico de proximidade e distanciamento em relação ao colega com necessidade educacional específica e aos demais colegas que manifestaram dificuldade em aula.

A construção e articulação desses tempos foi objeto de orientação vigilante e permanente do professor responsável pelo apoio e supervisão dos bolsistas, no caso a coordenação do NAPNE, e dos demais professores que tiveram sua presença em sala de aula durante o ano de 2019.

O horário dos bolsistas era estabelecido mensalmente, em sistema de alternância e mediante as disciplinas identificadas como prioridade, sendo disponibilizado aos professores por meio de formulário digital. O bolsista foi orientado a manter um diário de anotações das aulas, com intuito de registrar as facilidades e dificuldades encontradas para apoiar os colegas. Esses registros serviram como base de reflexão para as reuniões quinzenais entre os bolsistas e coordenação do NAPNE. O bolsista monitor também foi incentivado a participar das ações de formação continuada, oportunizadas pelo NAPNE - Caxias do Sul ao longo do ano, na forma de projetos de extensão e nas reuniões mensais ordinárias do núcleo.

Conforme o projeto de ensino da Monitoria Acadêmica - Tutoria de Pares (IFRS, 2019), as atribuições principais dos bolsistas/tutores consistiam em:

- Atuar como tutor de seus pares (de mesmo itinerário formativo profissional) em uma turma de ensino médio integrado em que houvesse a presença de estudantes com necessidades educacionais específicas.
- Auxiliar, individualmente e/ou em pequenos grupos de trabalho, os estudantes da turma na realização das atividades propostas pelo professor durante as aulas selecionadas para sua atuação, apoiando, prioritariamente, os estudantes identificados com necessidades educacionais específicas.
- Sistematizar e revisar conteúdos ou aprendizados construídos ao longo do seu itinerário formativo no curso, podendo colaborar na produção de materiais didáticos.
- Participar das ações de formação continuada promovidas pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), a fim de qualificar a sua ação como tutor de seus pares. (IFRS, 2019, p. 03).

A tutoria esteve atuante em três turmas de primeiro ano do ensino médio integrado em Química, Fabricação Mecânica e Plásticos. A primeira turma citada era composta por 29 alunos e havia a presença de um estudante diagnosticado com a síndrome Martin-Bell, a qual se manifesta no estudante na forma de traços comportamentais peculiares, como dificuldade de concentração e ansiedade e como limitações de caráter intelectual, envolvendo a compreensão de sentenças e raciocínios da ordem do pensamento formal ou abstrato. A segunda turma era composta por 32 alunos com um estudante que possui paralisia cerebral com limitações motoras que comprometem o uso dos materiais escolares convencionais, sendo necessário o uso de um computador associado ao teclado virtual e ao mouse adaptado (ALVES, MADRUGA, HAAS, 2019). A terceira turma era composta por 37 estudantes e havia a presença de dois estudantes com necessidades educacionais específicas: uma estudante surda que contava com apoio de tradutor-intérprete e um estudante com hipótese diagnóstica (em investigação) de transtorno espectro autista. (CONSORTE, SPEROTTO, HAAS, 2019). A estudante surda necessitava auxílio apenas em algumas disciplinas pontuais que envolviam muitas simbologias específicas, tais como, Física. O estudante com hipótese de TEA era o que se mostrava com mais necessidade de apoio da tutoria acadêmica para organizar-se nas atividades curriculares.

Os bolsistas tutores, juntamente com os professores, preparavam materiais didáticos acessíveis e, também, materiais de apoio para estudo domiciliar. Os tutores auxiliavam em aula a turma com resumos, esquemas, esclarecimento de dúvidas, explicações e revisões de conteúdos. Foi possível observar o rendimento de estudantes com necessidades educacionais específicas em disciplinas consideradas de maior complexidade, tais como, química e matemática.

Por se tratar de um projeto relativamente novo à instituição, enfrentaram-se alguns desafios na compreensão por parte dos estudantes e dos próprios docentes quanto ao papel do tutor em sala de aula. Muitas vezes, o tutor atuou diretamente com o aluno com necessidade educacional específica e não foi possível estender a tutoria aos demais colegas da turma, comprometendo a construção do paradigma da aprendizagem colaborativa ou cooperativa.

O projeto tutoria de pares também enfrentou dificuldades operacionais, uma vez que com o contingenciamento pelo governo federal dos recursos financeiros destinados às instituições federais de ensino, o número de bolsistas e a carga horária dos mesmos teve que ser reduzida. Mesmo com algumas fragilidades e desafios encontrados para sua realização, o projeto foi bem acolhido e avaliou-se o investimento no seu aprimoramento e continuidade no ano seguinte³ (2020).

³ Para conhecer um pouco mais do projeto "Tutoria de Pares" indica-se o vídeo disponível no site do NAPNE- *Campus Caxias do Sul*, na aba Materiais didáticos, sob o título "Tutoria de pares: um ambiente de aprendizagem colaborativa". Disponível em: <http://napne.caxias.ifrs.edu.br/materiais-publicaveis/> Acesso em: 30.06.2020.

Outra ação de natureza semelhante desenvolvida pelo NAPNE foi a tutoria acadêmica na forma de oficinas de informática acessível no turno oposto à escolarização para estudante com deficiência matriculado no ensino médio integrado. Essa tutoria tratou-se de uma ação realizada por dois bolsistas de pesquisa matriculados em cursos de ensino superior da instituição (licenciatura em matemática e tecnologia em processos gerenciais). A execução da atividade foi prevista como integrante do Projeto de Pesquisa de caráter indissociável intitulado “Ajudas técnicas e recursos de acessibilidade à inclusão escolar no *campus* Caxias do Sul – IFRS”, sob coordenação da professora coordenadora do NAPNE. A motivação para criação do presente projeto foi articular ações de ensino, pesquisa⁴ e extensão com intuito de fortalecer e dar mais visibilidade ao NAPNE – *Campus* Caxias do Sul dentro e fora da instituição como agente mediador das ações de educação inclusiva.

O objetivo da presente tutoria acadêmica foi instrumentalizar um estudante com paralisia cerebral da instituição no uso de tecnologia assistiva em sala de aula, com foco na informática acessível, proporcionando-lhe ampliar suas habilidades funcionais, desenvolvendo independência e inclusão (SILVA, PIRES, HAAS, MORO, 2019).

O estudante em questão matriculado, em 2019, no 1º ano do Ensino Médio integrado à Fabricação Mecânica possui comprometimentos motores que o impedem de escrever com os materiais escolares clássicos (lápiz, caderno, etc) e limitações na linguagem oral. Possui um histórico de repetência no 1º ano do Ensino Médio.

No ano anterior (2018), frequentou o ano escolar com a presença de uma monitora que fazia a cópia de todas as lições para o caderno do aluno. Em 2019, buscou-se com apoio das atividades de tutoria acadêmica realizadas pelos dois (02) bolsistas oportunizar ao estudante maior autonomia, de modo que ele mesmo pudesse realizar os registros e desenvolver os conteúdos com apoio de recursos adequados. As oficinas de informática acessível ocorreram semanalmente, de maio a novembro de 2019, no turno oposto de escolarização do estudante.

O planejamento das oficinas era realizado pelos bolsistas com apoio da coordenação do projeto de pesquisa. Assim, na tutoria todas as atividades desenvolvidas envolveram temas de interesse do aluno e foram realizadas em um *notebook* com ferramentas adaptadas às necessidades do mesmo. Foram utilizados o teclado virtual do Windows, mouse adaptado e uma prancha do alfabeto para soletração das palavras que o estudante tinha dificuldade de pronunciar oralmente. Como temática de interesse do estudante foi elaborado um projeto em torno da temática esportes paraolímpicos. Buscou-se trabalhar com diferentes editores, tais, como, *power point*, *word*. Trabalhou-se com a digitação e produção de tabelas e outros suportes linguísticos; atividades digitais como cruzadinhas, questionários, etc. Além da digitação buscou-se explorar o teclado virtual ensinando o estudante os atalhos de recorte e colagem. Trabalhou-se com vídeos do *youtube*, pesquisas no *google*; uso do drive do *email* como repositório; uso do *Moodle* e do *email*. As ações também colaboraram para o aprimoramento das competências linguísticas do estudante, tais como: leitura e escrita ortográfica.

Portanto, para a sistematização e desenvolvimento do planejamento das oficinas de informática acessível levou-se em consideração as potencialidades do estudante já desenvolvidas, seus interesses e necessidades e os recursos digitais acessíveis disponíveis. Conforme (MELO, PUPO, 2010, p. 21):

Para possibilitar que cada criança ou jovem de uma turma possa participar das atividades mediadas por recursos computacionais, o professor precisa, em contato e em diálogo com o aluno, identificar as habilidades, as necessidades e os interesses deste. Também deve estar atento aos recursos oferecidos pelos programas de computador, às alternativas de interação oferecidas pelos dispositivos convencionais de entrada (ex.: teclado, mouse, microfone) e saída (ex.: monitor, áudio) do computador, à possibilidade de adoção de recursos de Tecnologia Assistiva (TA) sob demanda e aos recursos de acessibilidade oferecidos pelos sistemas operacionais disponíveis (ex.: Linux, Windows, etc.).

Cabe registrar que nem todos os aplicativos trabalhados com o estudante foram funcionais. Um exemplo foi um aplicativo online para jogo de xadrez que mostrou-se inacessível para o estudante. O mesmo enfrentou muitas barreiras para acessar o jogo com uso do teclado virtual desmotivando-se com a proposta. A “falha” na previsão de um recurso didático que não obteve um resultado esperado junto ao estudante faz parte de um processo de compreensão de que cada caso requer um olhar individualizado e que nem sempre a estratégia que mostrou-se eficiente com um estudante construirá o mesmo lastro de aprendizagem com o outro. Logo, a formação para a docência nos processos escolares inclusivos passa por compor um amplo repertório

⁴ Algumas pesquisas realizadas no âmbito do projeto mencionado podem ser consultadas no site do NAPNE: <http://napne.caxias.ifrs.edu.br/>.

“móvel” de estratégias com olhar particular a cada caso.

Como resultados, observou-se que o aluno passou a utilizar o computador em sala de aula com regularidade mantendo um “caderno digital” e dispensando a cópia das atividades pela cuidadora/monitora, o que permitiu um avanço significativo no seu aproveitamento escolar; o aluno mostrou-se mais motivado e independente em aula, elaborando e assimilando conhecimentos o que resultou em sua aprovação para o ano escolar seguinte.

As dificuldades iniciais encontradas foram algumas ausências do aluno nas tutorias no turno oposto e o acompanhamento de familiar (irmã mais nova) durante a oficina. A familiar interferia na realização das atividades com o estudante, uma vez que baseada no vínculo afetivo com o irmão buscava auxiliá-lo “falando” pelo estudante. Essas dificuldades foram superadas com o diálogo com o estudante e sua família.

Evidentemente que, a escrita do estudante no computador quando comparada a um estudante sem deficiência, ainda é bastante lenta, de modo que os professores precisam ajustar um tempo adequado para que o estudante consiga realizar as tarefas em aula considerando o seu tempo de digitação. Contudo, quando comparado como parâmetro de si mesmo o estudante evoluiu bastante ao longo do ano letivo a partir do momento que pode ser protagonista de sua aprendizagem fazendo uso da tecnologia. Conforme Christofari (2014) avaliar um estudante como parâmetro de si mesmo implica em o professor desprender-se dos padrões de aluno que vigoram em seu imaginário. Além disso, “pensar e olhar para as aprendizagens dos alunos sem tomar como referência nenhum parâmetro prévio requer um trabalho árduo de conhecimento sobre as possibilidades de cada um diariamente, um acompanhamento constante e atento” (CHRISTOFARI, 2012, p. 07).

Cabe registrar ainda, que a adaptação do mouse junto à cadeira de rodas do estudante foi desenvolvida pelo Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA) do IFRS, a partir do estudo do caso do estudante. Além disso, é interessante observar os aprendizados que a ação de tutoria de pares em sala de aula e no modo de atendimento individualizado no turno oposto à escolarização proporcionou aos estudantes que estiveram engajados como bolsistas dos projetos de ensino e pesquisa.

Os estudantes no projeto de tutoria de pares conforme mencionado eram estudantes do ensino médio integrado em etapa de escolarização superior a turma que desenvolveram a tutoria. Tiveram oportunidade de revisar e consolidar conteúdos de seu itinerário formativo, desenvolver habilidades de trabalho em grupo, iniciativa e empatia à diferença e alteridade do outro. Por sua vez, os estudantes vinculados aos cursos de ensino superior que estiveram realizando a ação de tutoria acadêmica de informática acessível na forma de atendimento individualizado a um estudante com deficiência tiveram que subsidiar sua ação na pesquisa e no aprendizado prévio de conhecimentos na área da informática acessível. Considerando o perfil acadêmico dos estudantes, o estudante de licenciatura foi o responsável pela organização didática do planejamento, enquanto que a estudante do curso em tecnologia dos processos gerenciais auxiliou na pesquisa e na sistematização de conhecimentos para elaboração dos objetos educacionais que seriam explorados em aula na forma de atividades. Ambos os estudantes atuaram de modo conjunto como ministrantes das oficinas de informática acessível. As oficinas eram antecedidas por reuniões de planejamento e avaliação junto à coordenação do projeto sendo possível observar o crescimento gradual das habilidades necessárias para construir-se como um docente por parte do estudante em licenciatura, tais como a sua capacidade de flexibilização e reorganização do planejamento didático a partir da escuta das necessidades do estudante. A estudante do curso de tecnologia em processos gerenciais também mostrou-se muito interessada sempre pontuando e trazendo relatos de sua preocupação futura com a convivência com pessoas com deficiência nas equipes de trabalho no ambiente profissional. Ela tinha formação em curso normal de nível médio tendo uma experiência prévia como professora do ensino fundamental e pode ressignificar essa etapa formativa anterior a partir da colaboração na ação de tutoria acadêmica.

Em ambos os projetos, os bolsistas puderam compreender e vivenciar o direito à educação pelo viés da igualdade e da equidade, formando-se para uma cidadania que respeita os direitos humanos de todos e todas.

Em Síntese

A construção de pilares para a educação inclusiva é um processo exigente. Requer o engajamento continuado de toda a comunidade acadêmica na ressignificação dos saberes, práticas e atitudes. Nesse sentido, entende-se como um aspecto positivo a existência de um núcleo voltado a mediar a educação inclusiva na instituição articulado por membros de todos os segmentos (estudantes, docentes e profissionais do quadro técnico-administrativo). Por outro lado, a existência do núcleo e o engajamento de membros voluntários não

anula a necessidade de profissionais especializados na área da educação especial. Atualmente, o *Campus Caxias do Sul* conta com profissionais de contratação temporária como tradutores/intérpretes de Libras, cuidador/monitor de estudante com deficiência para as necessidades de higiene e locomoção; profissional de ensino superior especializado no atendimento de estudante com deficiência.

Dentre as dificuldades para a implementação dos processos escolares inclusivos, compreende-se que a acessibilidade ao conhecimento por parte dos estudantes com necessidades educacionais específicas é um dos grandes desafios a ser superado. Portanto, entende-se que a tutoria de pares coloca-se como uma alternativa – ainda que modesta – em busca da efetiva aprendizagem dos estudantes com necessidades educacionais específicas e da reflexão necessária e urgente em torno de premissas para a concepção de uma proposta pedagógica de acessibilidade curricular.

Assim, frente aos desafios que a perspectiva da educação inclusiva suscita e as limitações encontradas na gestão do cotidiano, o NAPNE – *Campus Caxias do Sul* busca o fortalecimento de suas atribuições por meio dos projetos de ensino, pesquisa e extensão. As ações de tutoria acadêmica vinculadas aos projetos em análise neste artigo são ilustrativos da compreensão da necessidade de tornar as ações do núcleo disparadoras de uma cultura de formação permanente, embasada na reflexão e no comprometimento de todos e todas no fomento aos pilares da educação inclusiva além dos limites institucionais da escola/universidade.

Referências

ALVES, Emanuel Eliabe; MADRUGA, Maurício Moll; HAAS, Clarissa. Tutoria de Pares como estratégia de Inclusão Escolar. **[Anais]** IV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS – Campus Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: IFRS, v. 2, p. 12, dez. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IFRS). . **Resolução nº 020, de 25 de fevereiro de 2014** – Regulamento dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEs) do IFRS. Bento Gonçalves, RS: IFRS, 2014a. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Resolucao-20-14.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IFRS)- Campus Caxias do Sul. Projeto de Ensino Monitoria Acadêmica – Ampliando vínculos. Coordenação de Ensino. **Modalidade Tutoria de Pares**. IFRS. NAPNE. Caxias do Sul, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

_____. Diário Oficial da União. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto Federal n. 7611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a Educação Especial, o Atendimento Educacional Especializado e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 16 jun. 2020.

CHRISTOFARI, Ana Carolina. Avaliação da aprendizagem e inclusão escolar.. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. **[Anais]** IX Anped Sul. Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/780/645>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CORADINI, Lucas; SANTOS, Marlise Paz dos. Panorama das ações afirmativas no IFRS: avanços e desafios. In: SONZA, Andréa Poletto et al (Orgs.) **Afirmar: a inclusão e as diversidades no IFRS: ações e reflexões**. IFRS, Bento Gonçalves, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1eTHcEJm7oykouKkg5-GFBKATAIEUWXp1/view>. Acesso em 16 jun. 2020.

CONSORTE, Lauren Guerra; SPEROTTO, Amanda; HAAS, Clarissa. A Monitoria acadêmica no Ensino Médio Integrado e Ensino Superior com foco na Educação Inclusiva. **[Anais]**IV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS – Campus Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: IFRS, v. 2, p. 15, dez. 2019.

HAAS, Clarissa; BAPTISTA, Claudio Roberto. Currículo e Educação Especial: uma relação de (re) invenção necessária a partir das imagens-narrativas dos cotidianos escolares. In: Reunião Anual da Anped, 37, 2015, Florianópolis. **[Anais]** 37ª Reunião Anual Anped, Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt15-4199.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.

MASET, Péres Pujolàs. Aulas inclusivas e aprendizagem cooperativa. In: RODRIGUES, David. **Educação Inclusiva dos conceitos às práticas de formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.

MELO, Amanda Meincke Melo; PUPO, Deise Tallarico. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Livro acessível e Informática Acessível. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, Brasília: MEC. UFC, 2010.

PONTECORVO, Clotilde; AJELLO, Anna Maria; ZUCCHERMAGLIO, Cristina. **Discutindo se aprende**. Interação social, conhecimento e escola. Porto Alegre; Artmed, 2005.

SILVA, Luan Rosa; PIRES, Thaís dos Santos; HAAS, Clarissa; MORO, Tatiele Bolson. Acessibilidade e Inclusão escolar no IFRS — Campus Caxias do Sul. **[Anais]** IV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS – Campus Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: IFRS, v. 2, p. 42, dez. 2019.

FORTALECENDO A CULTURA DA INCLUSÃO: WORKSHOP DE AÇÕES AFIRMATIVAS, INCLUSIVAS E DA DIVERSIDADE

Claudia Turik de Oliveira¹
Denise Olkoski²
Fernanda Zatti³
Giovane Rodrigues Jardim⁴
Juliana Carla Giroto⁵
Marcia Klein Zahner⁶
Marlova Elizabete Balke⁷
Miguelangelo Corteze⁸
Natalie Pacheco Oliveira⁹
Priscilla Pereira dos Santos¹⁰

Resumo

O primeiro Workshop de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade, foi realizado em setembro de 2019, visando integrar os três núcleos, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades (NEPGS) e Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do *Campus* Erechim do IFRS, em torno da temática das ações afirmativas, inclusivas e da diversidade. Dessa forma, oportunizou tempo e espaço para a comunidade discutir sobre essas questões centrais para a sociedade contemporânea, bem como, para o público-alvo desses núcleos assumirem o papel protagonista na construção da história. Assim, tanto a comunidade interna como externa teve oportunidade para a partilha de atividades desenvolvidas, as quais envolveram reflexão sobre a pluralidade humana e seus desdobramentos na atual conjuntura. Essa ação ainda possibilitou visibilidade aos núcleos no que tange a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de impulsionar e fortalecer suas ações, convergindo com o compromisso institucional e missão do IFRS.

Introdução

O I Workshop de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade se constituiu como um espaço de diálogo de temas que contemplam a atuação dos núcleos de ações afirmativas: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades (NEPGS) e Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do *Campus* Erechim do IFRS (Figura 1), possibilitando o diálogo e a interação com diferentes atores da sociedade, abrindo caminhos para o fortalecimento da identidade dos sujeitos envolvidos e, por sua vez, contribuindo para o protagonismo histórico.

As atividades dos núcleos no cotidiano do *Campus* Erechim demonstram a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, o evento ao integrar os três núcleos possibilitou pensar o ensino a partir da diversidade humana, bem como refletir sobre ações afirmativas, inclusivas e da diversidade, estando assim em diálogo com os movimentos sociais, os grupos de trabalho, a comunidade interna e externa através da extensão, proporcionando assim, um importante momento de troca de experiências e produções científicas.

Para tanto, dentre as ações inclusivas realizadas no *Campus* Erechim, os respectivos núcleos organizaram um espaço de relato reflexivo, o qual é apresentado neste texto, visando compartilhar as atividades

¹ Docente do IFRS - *Campus* Erechim, Coordenadora do NEPGS, claudia.oliveira@erechim.ifrs.edu.br.

² Docente do IFRS - *Campus* Erechim, denise.olkoski@erechim.ifrs.edu.br.

³ Psicóloga do IFRS - *Campus* Erechim, fernanda.zatti@erechim.ifrs.edu.br.

⁴ Docente do IFRS - *Campus* Erechim, giovane.jardim@erechim.ifrs.edu.br.

⁵ Técnica em Assuntos Educacionais do IFRS - *Campus* Erechim, Coordenadora do NAPNE, juliana.giroto@erechim.ifrs.edu.br.

⁶ Pedagoga do IFRS - *Campus* Erechim, marcia.klein@erechim.ifrs.edu.br.

⁷ Técnica em Assuntos Educacionais, Coordenadora de Extensão do IFRS- *Campus* Erechim, marlova.balke@erechim.ifrs.edu.br.

⁸ Docente do IFRS - *Campus* Erechim, miguelangelo.corteze@erechim.ifrs.edu.br.

⁹ Docente do IFRS - *Campus* Erechim, natalie.oliveira@erechim.ifrs.edu.br.

¹⁰ Docente do IFRS - *Campus* Erechim, priscilla.santos@erechim.ifrs.edu.br.

desenvolvidas. Neste sentido é importante ressaltar que as atividades desenvolvidas proporcionaram a discussão, a troca de experiências e informações existentes sobre ações afirmativas, não somente no próprio *Campus*, como também na comunidade local.

Figura 1: A - Representantes dos Núcleos (NEABI, NEPGS e NAPNE) na abertura do evento; B - Apresentação do Grupo de Danças Afroara; C - Exposição “O que faz de você mulher” com interpretação em Libras do áudio contido na exposição; D - Palestra CTA - Tecnologias Assistivas, com a exposição de quadros da Aquarela Pró autista, ao fundo



Fonte: NEABI - *Campus Erechim*, NEPGS - *Campus Erechim* e NAPNE *Campus Erechim*, 2019

NEABI compartilhando cultura e conhecimento: valorização dos povos indígenas e afro-brasileiros

Dentre as atividades propostas pelo NEABI, estudantes do 9º ano e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Paiol Grande de Erechim/RS vieram conhecer o *Campus Erechim* e participar da Partilha de Trabalhos entre escolas públicas da região. Essa partilha foi coordenada por grupos de alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo, também de Erechim/RS, que apresentaram o painel “Religiões de Matriz Afro-Brasileiras”, através da pesquisa realizada, durante o segundo trimestre letivo de 2019, pelo 9º ano. A professora de Ensino Religioso e Geografia desses alunos, Danuza Cardoso de Aguiar, acompanhou e incentivou a pesquisa proposta pelo projeto de extensão “Diferentes Religiões”, desenvolvido pela professora de História Elisa Pilotto e coordenado pelo professor Miguelângelo Corteze.

Os estudantes aceitaram o desafio de pesquisar sobre as religiosidades de Matriz Afro-Brasileiras no município de Erechim e compartilhar esta pesquisa com outras escolas públicas, abrindo espaço para reflexão e diálogo sobre as políticas que legitimaram a negação de várias culturas, marginalizando o que não fosse o “padrão branco europeu”. Nesse espaço de protagonismo estudantil ficou demonstrado que as culturas negras e, conseqüentemente, as religiões de Matriz Afro-Brasileiras foram alvos de perseguições e destruição de seus símbolos e identidades. Segundo Tadvald (2016):

As religiões afro-brasileiras são o resultado de um longo processo envolvendo a conservação e a transformação da memória coletiva africana no Brasil. Num contexto marcado pela realidade escravocrata, populações negras traficadas como mão de obra trouxeram consigo crenças, rituais, práticas e visões de mundo que foram adaptadas e rearticuladas de acordo com as demandas desta nova realidade social e geográfica imposta (TADVALD, 2016, p. 148).

Os estudantes, além de vivenciarem a interdisciplinaridade, demonstraram como é importante combater a intolerância e comprovaram que a iniciação à pesquisa na Educação Básica pode ser utilizada, inclusive para promover o respeito diante da diversidade cultural brasileira.

A atividade aqui apresentada abriu um espaço importante de diálogo e reflexão entre escolas públicas de Ensino Fundamental de Erechim articuladas pelos projetos de extensão do IFRS. O ensino da Cultura Afro-Brasileira, através da religiosidade, permitiu um debate monitorado pelos professores, mas coordenado pelos

estudantes. Esse estudo, com outras fontes históricas, contribuiu não apenas para a emancipação, mas também para a melhoria da qualidade da educação pública. Além disso, a pesquisa permitiu que os estudantes compreendessem melhor a importância da História Afro-Brasileira, pois, assim como ocorreu no Brasil, também no município de Erechim a marginalização das religiões Afro-Brasileiras é evidenciada, como pode ser observado na escolha da localização desses espaços sagrados ou na ausência de estudos pertinentes à história dessas religiões, bem como no silenciamento da história do negro (PEREIRA, 2008; SANTOS, 2014).

A partilha também foi coordenada pela Escola Estadual de Ensino Fundamental Bandeirantes de Sertão/RS, junto com a professora Tais Nodari e a turma do 9º ano, que apresentaram um importante painel sobre “Diferenças Pessoais e Igualdades”. A pesquisa, desenvolvida com diversas mulheres, trouxe a temática aos presentes tanto dos anos finais do Ensino Fundamental e do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Professor Mantovani, como de acadêmicos do IFRS *Campus* Erechim. Foram, apresentados resultados, gráficos, imagens e depoimentos dos estudantes de como esse trabalho foi fundamental para enxergar na vida real todas as pessoas como seres humanos diferentes, mas iguais, ou seja, ninguém é mais ou menos importante que ninguém.

Como atividade cultural, foi realizada uma apresentação de capoeira por jovens do município de Entre Rios do Sul/RS e Cruzaltense/RS, conduzida pelo professor Maurício Antunes de Oliveira. O objetivo principal da apresentação foi trazer para dentro do campus elementos culturais que representam a cultura negra no Brasil, fortalecendo assim a participação do movimento negro na formação do conhecimento.

Segundo Santos (1994), o movimento negro pode ser definido como um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos, de qualquer tempo, fundadas e promovidas pelos negros no Brasil como forma de libertação e de enfrentamento do racismo. Portanto, depois da apresentação cultural, foi tratado o tema “O movimento negro em Erechim” pelos ministrantes André Fabrício Ribeiro, Fabiana Faria Vaz, Monique Milkiewicz Rosset e Maurício Antunes de Oliveira. O painel contou com a presença de estudantes do Colégio Estadual Professor Mantovani e acadêmicos do IFRS *Campus* Erechim, proporcionando um espaço importante de diálogo e redescoberta dessas questões na vida, na identidade e na luta do movimento negro. Na sequência o grupo de Dança Afro de Aratiba (Figura 1B), coordenado pela professora Fabiana Faria Vaz, apresentou a beleza e o ritmo de duas músicas contagiando com alegria os presentes.

O NEABI também promoveu o CineNEABI, com os acadêmicos do curso de Design de Moda que puderam prestigiar o documentário “Corumbiara” (2009) dirigido pelo antropólogo Vicent Carelli. A atividade foi promovida para incluir a temática indígena, debatendo e refletindo essa questão registrada no sul de Rondônia, no ano de 1985, importante na formação humana integral. O NEABI, através dessas ações, conseguiu desenvolver questões importantes nas ações afirmativas, inclusivas e da diversidade para um público grande de estudantes, docentes e servidores do IFRS, além de pais e estudantes da educação básica da rede pública do município de Erechim e da região. Essas ações contaram com o apoio e a integração do Movimento Negro de Erechim (MENE) e de professores comprometidos com uma educação pública que representa mais sentido e significado na vida de todos e todas.

NEPGS - Intervenções para a reflexão sobre papéis de gênero

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do IFRS *Campus* Erechim atua pela valorização e visibilidade da mulher e da população LGBTQI+ no cotidiano da instituição e da comunidade que a cerca. Para tanto, uma das pautas trabalhadas é a desconstrução do discurso sexista, que reforça uma visão estereotipada do papel apropriado para mulheres e homens na sociedade. Com o intuito de promover a reflexão sobre esta temática, foram propostas para o evento duas intervenções, que se encontram abaixo descritas.

Ação “O que faz de você mulher?”

Dentro do feminismo é contemporâneo o debate sobre o papel da mulher e do seu corpo na sociedade. O processo de constituição do corpo e da subjetividade da mulher, ou seja, a maneira como ela organiza seu modo de existir no mundo e as relações com os outros, é influenciado pelas transformações econômicas, políticas, históricas e socioculturais da época. Nas últimas décadas, a mulher ampliou sua emancipação com relação ao homem por meio de uma maior inserção no mercado de trabalho e do uso da pílula anticoncepcional, aumentando a valorização da estética do corpo e da independência feminina (BORIS; CESÍDIO, 2007). A mídia, contudo, reforçou tal valorização expondo e banalizando o corpo de mulheres em programas e propagandas de forma a estabelecer um padrão ideal de corpo feminino.

De acordo com Malysse (2002, p.92):

contudo, reforçou tal valorização expondo e banalizando o corpo de mulheres em programas e propagandas de forma a estabelecer um padrão ideal de corpo feminino.

De acordo com Malysse (2002, p.92):

O corpo “virtual” apresentado pela mídia é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens (...) os indivíduos insatisfeitos com sua aparência (particularmente as mulheres) são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso.

Um corpo de mentira veiculado para mulheres de verdade, repetidamente. Como consequências pode-se observar um estado de insatisfação crônica, submissão a dietas restritivas, exercícios exaustivos (ANDRADE; BOSI, 2003), distúrbios alimentares, depressão, ansiedade e outros sintomas psicopatológicos (KELLNER, 2001). Além disso, a busca pelo padrão leva à despersonalização da mulher, que abre mão de sua subjetividade para se adequar a um modelo de corpo induzido, vivenciando um vazio existencial (FERREIRA, 2010), perdendo a consciência da originalidade das suas características particulares (BORIS; CESÍDIO, 2007) e perdendo sua auto-imagem (VEIGA, 2006).

É neste contexto que a artista Bruna Todeschini propõe a reflexão sobre o papel da mulher e do corpo feminino na sociedade atual em uma exposição audiovisual questionadora intitulada “O que faz de você mulher?”. O projeto apresenta fotografias de diversas partes de corpos de mulheres que se deixaram fotografar e uma peça de áudio composta pelas respostas das modelos para a pergunta tema, em uma proposta de rever o corpo feminino.

A montagem da exposição nas dependências do IFRS Erechim foi feita na manhã do dia 26 de setembro de 2019 e oportunizou o contato das bolsistas do projeto com a autora da obra. As fotografias foram dispostas em uma parede, suspensas por fios e um aparelho de mp3 foi disponibilizado para a reprodução do áudio. O espaço escolhido foi próximo ao auditório onde aconteceram as palestras do evento, propiciando a interação dos alunos e demais participantes com a obra. Quando necessário, pôde-se contar com a tradução de uma intérprete de libras, tornando o áudio com os relatos femininos acessível para todos os presentes (Figura 1C).

Ação “Desconstruindo o Machismo”

O machismo é uma estrutura complexa de estereotipificação de comportamento e atitude que domina as relações entre todos os gêneros e sexualidades e que vem afetando a humanidade desde muito antigamente, mais diretamente as mulheres, embora esteja muito ligado a outras intolerâncias como o racismo e a homofobia, por exemplo (FEDERICI, 2018). Embora pareça nato, o comportamento machista é aprendido e exercido nas sociedades como um padrão de viver, produzir e reproduzir, perpetuando os papéis sociais do homem e da mulher e influenciando os demais gêneros. No contexto de afetar diretamente mais as mulheres:

O machismo como subproduto da construção social da masculinidade subjuga as mulheres de acordo com os pressupostos antiquados de superioridade masculina. É graças a ele que as mulheres têm salários inferiores, seus corpos, vestimentas comportamentos e sexualidade censurados. (...) Além disso, o índice de mulheres que sofrem violência doméstica é alarmante (NIGRO; BARACAT, 2018, p. 13-14).

Com o intuito de contribuir para o debate e rompimento com esta estrutura, o NEPGS propôs uma atividade sob o título “Desconstruindo o Machismo”, que consistia em intervenções nos banheiros masculinos de todo o *Campus* Erechim com cartazes que apresentavam frases críticas expondo o quanto o machismo afeta também a existência masculina. Retiradas do Relatório de Pesquisa Quantitativa “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”, as imagens refletiam como o machismo tóxico é um problema na vida do homem afirmando, por exemplo, que “56,5% dos homens gostariam de ter uma relação mais próxima com seus amigos, expressando mais afeto e podendo falar sobre dúvidas e sentimentos” (ONU Mulheres, 2016, p. 44).

Os cartazes foram colocados no dia anterior ao workshop, contudo, na manhã seguinte, a maioria foi retirada ou rasgada e jogada no lixo, expressando que alguma pessoa ou pessoas ficaram incomodadas com a ação. Para dar continuidade à atividade, o núcleo decidiu colocar os cartazes nas paredes do *Campus* onde havia maior circulação, ainda assim, alguns foram danificados. Desta forma, a retirada dos cartazes mostra o quanto é necessária a intervenção crítica do Núcleo de Estudos em Gênero e Sexualidade no *Campus* Erechim, gerando debate (e incômodo) sobre temas que afetam a todos e todas.

Pensando a inclusão a partir da socialização de experiências, produções científicas e tecnológicas: diálogo entre o Centro Tecnológico de Acessibilidade, NAPNE e comunidade externa

A busca por uma educação para a diversidade exige o entrelaçamento entre as diferenças humanas, o contato e o compartilhamento das singularidades. A complexidade desse desafio esbarra na necessidade de reforma do pensamento e da escola (MANTOAN, 2004). Nesse sentido, a inclusão implica no reconhecimento das responsabilidades com cada estudante, eliminando as discriminações e fornecendo ao professor melhores condições para atuarem, o que envolve “capacitação, conscientização da comunidade escolar sobre deficiências e deficientes, material pedagógico, adaptação curricular, apoio técnico, entre outros” (SOUZA, 2005, p. 98).

Nessa perspectiva, a atuação do NAPNE do *Campus* Erechim tem acontecido basicamente em duas grandes frentes, uma interna e outra externa. A primeira delas refere-se às ações que são desenvolvidas na própria instituição, seja no acompanhamento das questões de acessibilidade, nas questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem e implementação do Plano Educacional Individualizado (PEI), seja nos processos de elaboração de projetos pedagógico dos cursos, nos projetos de ensino, na implementação do calendário inclusivo do campus, na realização de atividades de capacitação, dentre outros.

Desta forma, o NAPNE é responsável por mediar e facilitar os processos de inclusão de pessoas com necessidades educacionais específicas e também visa buscar a quebra de barreiras arquitetônicas, educacionais, comunicacionais e atitudinais na instituição, dialogando com a comunidade. Nesta perspectiva, conforme o regulamento do núcleo, consideram-se pessoas com necessidades educacionais específicas todas aquelas cujas necessidades educacionais se originam de deficiências, altas habilidades/superdotação, transtornos globais de desenvolvimento, e outros transtornos de aprendizagem (IFRS, 2014).

Por sua vez, nos últimos anos, o núcleo tem cada vez mais fortalecido a parceria com entidades que realizam seu trabalho voltado às pessoas com necessidades específicas, dentre as quais citamos: Associação dos Deficientes Visuais de Erechim - ADEVE, Aquarela Pró Autista e Associação dos Deficientes do Alto Uruguai - ADAU. Partindo desse contexto, consideramos importante estreitar ainda mais os vínculos entre a instituição e a comunidade, considerando o compromisso extensionista do *Campus*.

Assim, abrir espaço para diálogos e reflexões, bem como a troca de experiências e conhecimentos foram os nossos objetivos no evento. Em parceria com a entidade Aquarela Pró Autista, possibilitamos a visibilidade dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas de artes pelas crianças, jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista – TEA (Figura 1D). A vista disso, o apreço à arte, a valorização das produções, a sensibilidade do olhar, foram alguns dos pontos que agregaram sentido ao evento. Outrossim, no que tange a visibilidade dos trabalhos já realizados no *Campus* através de projetos de ensino e extensão, organizou-se uma exposição de banners dos trabalhos já realizados, bem como dos jogos adaptados produzidos pelo NAPNE.

Cabe destacar que a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) prevê o direito à educação em todos os níveis para todas as pessoas com deficiência, garantindo as “condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena” (BRASIL, 2015, p. 07), por parte das instituições de ensino. Figura 1D). Tais tecnologias podem ser consideradas como o

conjunto de ferramentas, equipamentos, serviços, produtos de hardware ou software que tem por finalidade facilitar atividades cotidianas para pessoas com deficiência, pessoas idosas ou com alguma limitação, potencializando suas capacidades funcionais, conferindo assim autonomia, independência e igualdade na execução de atividades e manipulação de equipamentos (SONZA et al., 2015, p. 108).

A mudança para um sistema educacional que se comprometa efetivamente a responder, com qualidade e eficiência, às necessidades educacionais de todos, exige um processo complexo de transformação, tanto do pensar como da prática cotidiana do ensino (SILVA; ARANHA, 2005). Nesse sentido, Oliveira e Dias (2016, p. 92) destacam desafios e implicações das novas realidades educacionais inclusivas, com a proposição de diferentes frentes de intervenção:

Sendo assim, afirmamos que as ações desenvolvidas no evento reforçaram a importância da articulação da instituição com as entidades e os sujeitos que as frequentam, pois somando nosso trabalho ao

(i) potencializar a discussão teórica sobre o tema, que deve traduzir-se em práticas pedagógicas cotidianas alinhadas com as necessidades dos sujeitos e da escola inclusiva; (ii) desenvolver novas metodologias de intervenção institucional, com professores, coordenadores e estudantes, metodologias que visem à permanência e ao sucesso acadêmico das pessoas com deficiências e previnam a discriminação e o preconceito. Da mesma forma, (iii) antevemos novas oportunidades de atuação, em termos de orientação profissional inclusiva, ao estabelecer a ponte entre a escola e a vida dos sujeitos, após a conclusão do ensino médio.

delas podemos desenvolver mais ações em benefício das pessoas com necessidades específicas, contribuindo também, com o estabelecimento da cultura do respeito, da diversidade e da inclusão.

Considerações Finais

Em meio ao contexto social marcado pela individualidade, competitividade e produtividade, voltar o olhar para a diversidade, para o respeito e para a inclusão nos torna pessoas melhores, pois resgata valores essenciais da humanidade o que promove o estabelecimento de uma cultura emancipatória e abrangente. Desta forma, a realização do evento vem ao encontro dos princípios previstos na Constituição Federal, no que tange a educação inclusiva, visando a promoção do bem estar de todos, especialmente considerando tratar-se de um contexto educacional, onde o reconhecimento, respeito, diálogo e convívio com a diversidade constituem premissas fundamentais.

Como protagonistas dessa história, assumimos o compromisso com a construção de um mundo melhor, estando em consonância com os princípios da ação inclusiva do IFRS, previsto no Projeto Pedagógico Institucional (IFRS, 2011, p. 29): “respeito à diferença; igualdade de oportunidades e de condições de acesso, inclusão e permanência; garantia da educação pública, gratuita e de qualidade para todos; defesa da interculturalidade; e a integração com a comunidade”.

Sendo assim, a partir das avaliações dos participantes, dos grupos envolvidos e da equipe de organização, concluiu-se que os objetivos propostos para o evento foram alcançados. Além disso, evidenciou-se a importância de dialogar sobre temas comuns e promover a interação entre os três núcleos de ações afirmativas do *Campus*, articulados com a coordenação de extensão, sinalizando perspectivas para ações futuras.

Referências

ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 117-125, Jan. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732003000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 jun. 2020.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.
BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 jun.2020.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 27 jun. 2020.

CORUMBIARA. Produção e Roteiro de Vicent Carelli. Rondônia: Vídeos nas Aldeias, 2009. 1 vídeo (117 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xlg59jVB7DQ>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Vanessa Nolasco. **O envelhecimento feminino na Sociedade do Espetáculo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/labesc/files/2010/06/O-envelhecimento-feminino-na-sociedade-do-espet%c3%a1culo.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.354p.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Resolução nº 020, de 25 de fevereiro de 2014**. Regulamento dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEs) do IFRS. Bento Gonçalves, 25 fev. 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. O direito à diferença nas escolas – questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiência. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, n. 23, p. 1-5, 2004.

MALYSSE, Stéphanie. Em busca dos (H) alteres-ego: **Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca**. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.) Nu e Vestido - Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

NIGRO, Isabella Silva; BARACAT, Juliana. **Masculinidade: preciosa como diamante, frágil como cristal**. Publicação científica do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. Edição 30, v. 30, n. 01. Garça-SP: FAEF, 2018.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes; DIAS, Sueli de Souza. Inclusão como contexto de transição de desenvolvimento: Um olhar da Psicologia Escolar. In: FRANSCHINI, Rosangela; VIANA, Meire Nunes. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2016, p. 83-97.

ONU MULHERES. **Precisamos falar com os homens?** Uma jornada pela igualdade de gênero. Report de Pesquisa qualitativa. Disponível em:

https://issuu.com/onumulheresbrasil/docs/relat_rio_onu_eles_por_elas_pesqui. Acesso em: 30 jun. 2020.

SANTOS, Joel Rufino. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Atrás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Brasília, DF: Ministério da Cultura; Fundação Cultural Palmares, 1994. p. 157.

SILVA, Simone Cerqueira; ARANHA, Maria Salete Fábio. Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de Educação Inclusiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 11, n. 3, p. 373-394, 2005.

SONZA, Andrea Poletto; SALTON, Bruna Poletto; STRAPAZZON, Jair Adriano. (Org) **O uso pedagógico dos recursos de tecnologia assistiva**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2015.

SOUZA, Cleide da Câmara. **Concepção do professor sobre o aluno com seqüela de paralisia cerebral e sua inclusão no ensino regular**. 2005. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VEIGA, Ana. A institucionalização da beleza no universo feminino. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 3.5, 29 08 2006. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=16>. Acesso em: 24 jun. 2020.

PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio**. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, 2008.

TADVALD, Marcelo. O batuque gaúcho: Notas sobre a história das religiões afro-brasileiras no extremo sul do Brasil. In: DILLMANN, Mauro (org.). **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul: Matriz afro-brasileira**. São Paulo: ANPUH, 2016.

AÇÕES DOS NÚCLEOS DO IFRS CAMPUS FARROUPILHA

Alexandre José Buhler¹
Delma Tânia Bertholdo²
Elisângela Muncinelli Caldas Barbosa³
Fabieli De Conti⁴
Ivan Jorge Gabe⁵
Pâmela Perini⁶
Denise Vergara de Souza Bork⁷
Marcos Antônio Peccin Júnior⁸
Mônica de Souza Chissini⁹
Murillo Pereira Azevedo¹⁰
Luciara Carrilho Brum¹¹

O *Campus* Farroupilha está instalado na cidade de Farroupilha/RS e foi criado a partir da federalização da Escola Técnica de Farroupilha (ETFAR) em agosto de 2010. Atualmente, possui dezesseis cursos entre integrados, subsequentes, superiores e pós-graduação. Dentre os discentes, há o registro de aproximadamente mil alunos regularmente matriculados, com oferta anual de trezentas e quarenta novas vagas. O presente artigo reúne relatos de experiências acerca de ações e projetos executados por quatro núcleos do IFRS - *Campus* Farroupilha. A primeira seção do artigo é composta por um relato sobre “Projeto e implementação de estações meteorológicas em escolas públicas de Farroupilha como forma de promover o acesso multidisciplinar de ciências exatas e tecnologias para meninas”, que se insere nas temáticas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS). Na segunda seção, o Núcleo de Estudos-afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) apresenta um relato de experiências, no qual compartilha alguns itinerários percorridos com vistas à consolidação de políticas de acesso e inclusão de estudantes indígenas e negros e à valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena. Assim, reafirma seu compromisso no combate à discriminação e em defesa do acolhimento das diversidades, avaliando avanços e desafios na conjuntura local. Na terceira seção, o Núcleo de Educação a Distância (NEAD) apresenta relato de experiência sobre o projeto Moodle Incluir, o qual se propõe a desenvolver ferramentas educacionais para atender às necessidades de pessoas surdas ou cegas. Na quarta seção, o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) apresenta um relato das ações de sensibilização sobre a inclusão, sobre a condução do Plano Educacional Individualizado e sobre o projeto Moodle Incluir.

NEPGS – Meninas nas Ciências

Muitos são os desafios na educação, mas uma pergunta ressoa em nossa mente: por que as meninas não frequentam ou são minoria nas Engenharias e em cursos técnicos voltados às ciências exatas do IFRS? E ainda: em que momento podemos oferecer às meninas atividades voltadas às ciências de modo a estimulá-las crítica e cientificamente? Pensando nesse desafio, nosso grupo participou do Edital CNPq/MCTIC nº 31/2018 – Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação – com um projeto que se propunha a envolver somente meninas, de forma contínua, e que permitisse uma ampla visão de como se estuda, como se pensa e como se executa o conhecimento científico. Assim, o *Campus* Farroupilha foi contemplado com o “Projeto e implementação de estações meteorológicas em escolas públicas de Farroupilha como forma de promover o acesso multidisciplinar de ciências exatas e tecnologias para meninas”.

O projeto tem como objetivo principal despertar o interesse e aumentar significativamente o conhecimento de meninas do ensino básico com relação às ciências exatas, engenharias e computação, bem como suas aplicações tecnológicas, por meio de atividades multidisciplinares e contribuindo para o

¹ Professor de Física, colaborador do projeto, alexandre.buhler@farroupilha.ifrs.edu.br.

² Professora de Matemática, coordenadora do projeto, tania.bertholdo@farroupilha.ifrs.edu.br.

³ Professora de Química, colaboradora do projeto, elisangela.caldas@farroupilha.ifrs.edu.br.

⁴ Professora de Informática, colaboradora do projeto, fabieli.conti@farroupilha.ifrs.edu.br.

⁵ Professor de Engenharia, colaborador do projeto, ivan.gabe@farroupilha.ifrs.edu.br.

⁶ Professora de Biologia, colaboradora do projeto, pamela.perini@farroupilha.ifrs.edu.br.

⁷ Professora, membra do NEABI *Campus* Farroupilha, denise.bork@farroupilha.ifrs.edu.br.

⁸ Assistente em Administração, secretário do NEABI *Campus* Farroupilha, marcos.peccin@farroupilha.ifrs.edu.br.

⁹ Professora, coordenadora do NEABI *Campus* Farroupilha, monica.chissini@farroupilha.ifrs.edu.br.

¹⁰ Professor, coordenador do Núcleo de educação a Distância, murillo.azevedo@farroupilha.ifrs.edu.br.

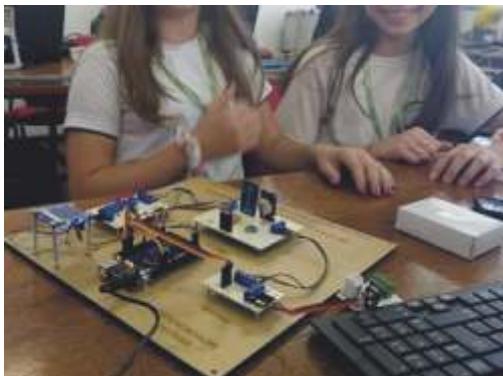
¹¹ Professora, coordenadora do NAPNE *Campus* Farroupilha, luciara.brum@farroupilha.ifrs.edu.br.

enfrentamento da desigualdade de gênero. Essa atividade, com duração prevista de um ano, consiste em projetar, construir, instalar e monitorar uma estação meteorológica automatizada. O projeto envolveu cinco escolas de Farroupilha, sendo quatro de nível fundamental da rede municipal de ensino e uma de nível médio da rede estadual. Cada uma destas cinco escolas, mediante a participação de um(a) professor(a) e três alunas bolsistas, teve acesso a diversos cursos de formação e treinamento envolvendo a ciência por trás de uma estação meteorológica, seus sensores e sistema de automatização de medida. Também revelou-se uma forma de incentivo para mulheres estudantes do ensino superior do IFRS, que participaram como bolsistas nas áreas de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Engenharia Mecânica e Engenharia de Controle e Automação.

As atividades foram desenvolvidas em encontros semanais de quatro horas nas dependências do IFRS *Campus* Farroupilha durante o ano letivo de 2019. As meninas e seus professores responsáveis acompanharam oficinas e tarefas nas diversas áreas do conhecimento necessárias para a construção da estação meteorológica: climatologia, lógica de programação com plataforma Arduino, desenho técnico, física, química e matemática. Também foram oportunizadas visitas técnicas, palestras com pesquisadores, atividade com lego proporcionada por membros da Sociedade das Mulheres Engenheiras (SWE, do inglês *Society of Women Engineers*), filmes com temática científica para discussão e compreensão do mundo, apresentação no PEnsE (Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS *Campus* Farroupilha) de trabalhos científicos elaborados pelas estudantes e doação de um notebook para cada escola, a fim de permitir o registro e elaboração de planilhas climatológicas da sua própria estação meteorológica. Estas foram instaladas nas escolas no final de 2019 e o próximo passo é o ajuste dos sensores para efetivamente iniciarem das tomadas de dados e suas análises. Como as meninas participantes ainda estudam nas mesmas escolas, é possível a continuidade do projeto em 2020.

Acreditamos que as atividades desenvolvidas pelo grupo das meninas participantes fizeram diferença em suas vidas e nas suas futuras escolhas profissionais. A Figura 1 apresenta uma placa com sensores meteorológicos construída pelas estudantes do projeto. A Figura 2, uma estação meteorológica montada numa das escolas participantes.

Figura 1: placa com sensores meteorológicos construída pelas estudantes do projeto



Fonte: os autores, 2019

Figura 2: estação meteorológica montada numa das escolas participantes



Fonte: os autores, 2019

As ações, aprendizados e materiais de apoio do projeto são continuamente registrados e compartilhados nas redes sociais em dois ambientes: um grupo no Facebook (<https://bitly.com/1C2He>). Além disso, o projeto recebeu o reconhecimento da comunidade e teve ampla divulgação nas mídias locais, destacando-se reportagens no Jornal do Almoço da RBS TV e no Jornal Zero Hora, esta vencedora do Prêmio CONIF de Jornalismo 2019.

NEABI - *Campus* Farroupilha: avanços e desafios

O Núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas do *Campus* Farroupilha, existente desde 2014 como política institucional do IFRS, vivencia em 2020 um momento frutífero de atuação no cumprimento de suas missões de consolidar as políticas de acesso e inclusão a estudantes indígenas e negros, de combater o racismo e de promover a igualdade através da valorização da história e culturas desses povos, permanecendo

vigilante diante das injustiças e acolhedor com as diversidades. Tal perspectiva do NEABI nos leva a fazer essa breve reflexão sobre a sua trajetória até o presente momento, com seus obstáculos e superações, e sobre os diversos desafios que deverão ser enfrentados no caminho adiante.

Como parte do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, o *Campus* Farroupilha atua na educação básica e na educação superior, com uma ampla diversidade de alunos, que, no entanto, demonstrava-se com uma maioria de alunos brancos, fato que não poderia ser explicado somente pela demografia do município, já que o IFRS oferta a reserva de vagas para estudantes negros e indígenas em cumprimento à Lei 12.711/12, e contava com a participação de estudantes de toda a parte em seus processos seletivos. Atentando a esses aspectos da comunidade escolar, o NEABI do *Campus* Farroupilha buscou frequentemente promover o debate das relações étnico-raciais no ambiente escolar em que se encontrava. A exemplo, em 2016, mesmo com um número pequeno de membros, realizou conferências sobre a situação de imigrantes negros de países caribenhos e africanos, como Haiti e Senegal, ouvindo suas histórias e seu relatos de adaptação à nova realidade no Rio Grande do Sul.

A atuação do NEABI apoiou o trabalho de afirmação de aspectos da cultura e história das populações afro-brasileiras e indígenas, especialmente através da Arte, desmistificando preconceitos e mobilizando as identidades culturais representativas para essas coletividades. As ações ocorreram nos anos de 2017, 2018 e 2019, dentro do projeto intitulado *Neabi com Arte*, coordenado pela Professora Denise Vergara de Souza Bork, desenvolvido em forma de oficinas, confecção de cerâmicas indígenas, produção e pintura de estatuetas e panos africanos. Além disso, em abril de 2019, realizou-se um mês de ações voltadas para a visibilidade da cultura e saberes indígenas. Dentre as ações, destaca-se a oficina de chás e ervas, realizada por alguns indígenas da comunidade Kaingang do Balneário Santa Rita, registrada na Figura 3 a seguir.

Figura 3: Oficina de Ervas e Chás - Saberes kaingang no Abril Indígena *Campus* Farroupilha (2019)



Fonte: NEABI IFRS - *Campus* Farroupilha (2010)

A implementação pelo IFRS, em 2017, da política de verificação da autodeclaração dos candidatos ingressantes pelas vagas reservadas a negros e indígenas promoveu uma mudança no cenário do ambiente escolar do *Campus* Farroupilha. Ao assegurar o direito de que os estudantes que ingressavam através dessas vagas eram realmente sujeitos de direito dela, as populações negras e indígenas puderam efetivamente ter representatividade como alunos desta instituição, permitindo que mais de 50 vagas fossem ocupadas por pretos, pardos e indígenas nos 12 cursos em 2020. Para além da representatividade, que é importante, mas não suficiente, essas políticas promovem a igualdade ao combater os efeitos, de ordem social e econômica, do racismo na sociedade com o acesso dos diferentes grupos étnico-raciais à educação e formação profissional. Ainda, em 2019, a aproximação com a comunidade indígena Kaingang do Balneário Santa Rita, chamada em sua língua de *Pó Nãnh Mág*, e a implementação da Política de Ingresso Especial de Estudante Indígena pelo IFRS permitiu que 7 estudantes indígenas pudessem ingressar em cursos de nível médio e superior do *Campus* Farroupilha.

No entanto, apesar das conquistas, são vários os desafios que se avizinham para a atuação dos NEABI. Além da possibilidade de ingresso, é necessário atuar constantemente com o objetivo de modificar as estruturas de discriminação e desigualdade que ainda prevalecem nas práticas cotidianas, inclusive pedagógicas, para que elas não reproduzam preconceitos e, ao contrário, possam proporcionar uma mudança na formação de cidadãos responsáveis, tanto de estudantes, como de professores, técnicos administrativos e a comunidade

escolar. Nesse sentido, o NEABI se propõe a fomentar os debates sobre as relações étnico-raciais, ampliar a oferta de espaços e ações para uma educação antirracista, de modo a combater manifestações de discriminação racial e de gênero, e contribuir com a capacitação de servidores, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade e com a Diretoria de Ensino do *Campus* Farroupilha, para que avancemos também na permanência e acolhimento desses estudantes.

Inseridos em uma instituição de ensino público e imbuídos de uma visão como a de Anísio Teixeira - o qual, aliás, inspirou o nome do Grêmio Estudantil do *Campus* Farroupilha - de que a educação nos prepara para a democracia, nos fazendo livres pelo conhecimento e iguais pela capacidade de desenvolver ao máximo nossas aptidões, sem jamais comprometer a sua identidade própria, os membros do NEABI - *Campus* Farroupilha acreditam que o reconhecimento da realidade pluriétnica e multicultural brasileira é uma contribuição a favor de uma sociedade mais justa e para o enriquecimento da humanidade em geral.

NEAD - Moodle Inlui

No contexto de educação inclusiva, o grande desafio passa pela qualidade educativa, sendo necessária uma adaptação do ensino às características pessoais dos alunos(as) num ambiente menos restritivo possível. As dificuldades comunicativas das pessoas se refletem na interação com os outros e conseqüentemente, no processo educacional. Sendo assim, torna-se necessário proporcionar, tão cedo quanto possível, um sistema alternativo ou aumentativo de comunicação, a fim de ultrapassar tais dificuldades e de forma a não privar as pessoas desta capacidade, já que estes sistemas podem ser o único meio de expressão (GÂNDARA, 2013).

Conforme o censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, há 9,8 milhões de brasileiros com deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Deste total, 2,6 milhões são surdos e 7,2 milhões apresentam grande dificuldade para ouvir” (IBGE, 2010). É também relevante a constatação da Febrabam (2006), 68,2% dos deficientes auditivos possuem acesso a um computador. Também, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015, é instituída para assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

[...] a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015).

Assim, a inclusão de estudantes com deficiência é uma realidade em todas as instituições educacionais em todos os níveis de ensino. Considera-se que, para a inclusão ser bem sucedida, a formação, inicial e continuada, dos professores(as) é fundamental. Dessa forma, a partir do Decreto Nº 5.626/2005, a Libras “deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores(as) para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas”.

Pensando nisso, o projeto *Moodle Inlui* buscou integrar estudantes e servidores na criação e manutenção de ferramentas educacionais para atender as necessidades das pessoas surdas ou cegas. A equipe envolvida desenvolveu cinco ferramentas educacionais para pessoas com deficiência, sendo um curso, duas ferramentas que podem ser usadas na educação a distância e duas máquinas de interação tátil.

Foi produzido um curso de capacitação para profissionais da educação sobre *Educação inclusiva*, já que a inclusão passa pelo atendimento especializado do corpo pedagógico. O Curso¹² tem como objetivo possibilitar a reflexão sobre os conceitos e a inserção de práticas inclusivas no ambiente educacional, contribuindo para a formação inicial e continuada de professores, possibilitando que os mesmos sejam capazes de construir práticas educativas inclusivas, que qualifiquem os espaços, as experiências e as práticas escolares, compartilhando estratégias e as ferramentas de acessibilidade em situações de aprendizagem.

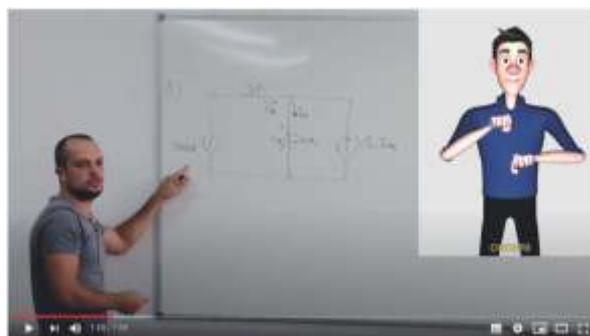
¹² O Curso pode ser acessado pelo link <http://moodle.ifrs.edu.br/course/view.php?id=1303>, caso seja sua primeira vez no site será necessário cadastrar uma conta.

Figura 4: Glossário de Libras Moodle Includi



Fonte: NEaD IFRS *Campus* Farroupilha (2019)

Figura 5: Glossário de Libras Moodle Includi



Fonte: NEaD IFRS *Campus* Farroupilha (2019)

Foi criado o *Glossário de Libras Moodle Includi*. O site colaborativo dá ao usuário acesso a sinais de libras de áreas técnicas de matemática, física, engenharia e agronomia (ilustrado na Figura 4). O site deverá ser permanentemente abastecido com novos sinais para que atenda o maior número de surdos e pessoas interessadas.

No Youtube, o *NEaD IFRS Farroupilha* possui um canal que hospeda vídeo aulas, vídeos didáticos e transmite eventos do *Campus*. O projeto lança uma proposta inovadora para a tradução em Libras do conteúdo postado. As gravações são feitas durante as aulas presenciais e depois de passar por um processo complexo de edição e tradução a vídeo aula é disponibilizada no canal para que os alunos, surdos e ouvintes, das disciplinas técnicas, possam estudar e acompanhar os eventos do *Campus* (ilustrado na figura 5). O processo de edição é necessário para simular uma tradução simultânea, quando na verdade foi feita uma tradução consecutiva, realizada por um avatar. A tradução para Libras na transmissão dos eventos (live) é feita simultaneamente por uma intérprete humana.

Os dispositivos mecânicos ganharam especial atenção no que diz respeito à interação tátil para cegos com a criação da *Sensor Glove*. Essa luva identifica o sinal feito pelo usuário e transmite a informação para um microcontrolador que exibe o sinal em um *display*. Paralelamente, foi criada a *Mão Prostética*, uma mão robotizada que simula uma mão direita humana e é capaz de reproduzir alguns sinais da Libras pré-programados. A mão auxiliará o professores e alunos cegos ou com baixa visão no processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais.

NAPNE– *Campus* Farroupilha: ações para incluir

De acordo com dados do IBGE, o Censo de 2010 aponta que do total da população brasileira, 24% dos brasileiros (cerca de 45 milhões) têm algum tipo de deficiência. Sendo assim, conforme premissa dos Institutos Federais Brasileiros de proporcionar educação gratuita de qualidade, que contemple as diferenças do corpo discente, o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNE atua veementemente através de ações para promover a acessibilidade e minimizar os impactos da inclusão.

O Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, desde a Resolução nº 20 de 2014, que instituiu a criação do NAPNE, vem promovendo ações que fomentam temáticas acerca da inclusão. O Núcleo está vinculado à Extensão, sendo composto por membros voluntários dos mais diversos segmentos, incluindo a comunidade externa.

No *Campus* Farroupilha, do IFRS, entre as ações realizadas até o momento, o NAPNE, vem promovendo ações de sensibilização para a comunidade interna e externa. Em algumas das ações, lideranças com deficiência e pesquisadores na área da inclusão são convidados para explicar para os participantes das atividades, acerca das questões inerentes à deficiência e esclarecer dúvidas daqueles que desconhecem as especificidades a respeito dos aspectos inclusivos. Uma das ações realizadas, em 2017, envolveu a Associação Farroupilhense de Deficientes Visuais – AFADEV, com atividades práticas relacionadas às peculiaridades no modo de agir e nos recursos utilizados pelas pessoas com deficiência visual, conforme Figuras 6 e 7:

¹³ A página pode ser acessada através do link <http://bityli.com/1GVlc>.

¹⁴ O canal pode ser acessado através do endereço <http://www.youtube.com/c/NEADIFRSFarroupilha>.

Figura 6: exercício com recurso utilizado para a assinatura de documentos



Fonte: NAPNE IFRS – *Campus Farroupilha* (2017)

Figura 7: participantes realizando exercício de orientação e mobilidade



Fonte: NAPNE IFRS – *Campus Farroupilha* (2017)

Para além das ações de sensibilização, o NAPNE realiza a identificação dos alunos com Necessidades Educacionais Específicas – NEE e, de acordo com o aparato material destinado pelo Ministério da Educação – MEC ao Núcleo, oferece suporte aos alunos no decorrer de sua permanência na instituição e orientação aos professores que atuam com esses alunos.

Vale ressaltar que alguns alunos não são identificados no ato da matrícula, mediante apresentação de laudo, sendo percebida a necessidade educacional específica no decorrer de sua trajetória escolar. Quando há identificação, via relato do docente ou do contato do próprio discente, o Núcleo realiza a intervenção o mais precocemente para minimizar os danos no progresso escolar do estudante. Para conhecer mais sobre os alunos com NEE, o NAPNE busca informações junto às famílias e escolas anteriores, para melhor compreendê-los e, assim, poder melhor auxiliá-los.

A partir da Instrução Normativa nº 12, de 21 de dezembro de 2018, que regulamenta a identificação, acompanhamento e realização do Plano Educacional Individualizado - PEI para os discentes com NEE, do IFRS, o NAPNE passa a assumir várias atribuições acerca da execução do PEI, a fim de garantir que o recurso pedagógico individualizado, com fins de que adaptações curriculares sejam realizadas, possa ser oportunizado aos estudantes que o necessitem. Os alunos serão contemplados com PEI, conforme classificação constante na instrução normativa referida. Para melhor desenvolver as ações relacionadas ao PEI, o *Campus Farroupilha* está desenvolvendo uma instrução normativa própria, levando em consideração a realidade do *Campus*, com o intuito de organizar os fluxos do Plano Educacional Individualizado.

O NAPNE, em parceria com o Núcleo de Educação a Distância - NEAD, atuou no desenvolvimento do projeto *Moodle Includi*, com o intuito de promover a acessibilidade através das tecnologias. O resultado obtido no projeto foi apresentado por membros do NAPNE e NEAD no II Workshop de Inovação da CAPES, em 2019.

As ações e projetos com fins de promover a acessibilidade das pessoas com deficiência são inesgotáveis e desafiadoras, pois cada vez mais fica evidente a necessidade de propiciar espaços cada vez mais inclusivos, que respeitem as diferenças. Sendo assim, diante do número cada vez mais expressivo de alunos com NEE, ingressantes no *Campus Farroupilha*, percebe-se a necessidade de fomentar as discussões e ações relacionadas à inclusão, de forma recorrente, para possibilitar condições de igualdade no ambiente escolar e na trajetória acadêmica dos estudantes com NEE.

Novos desafios

Diante das ações e projetos apresentados, por meio dos relatos de experiência, os quatro núcleos do IFRS se apresentam alinhados no que tange ao fortalecimento de uma política de acolhimento, permanência e êxito das diferenças. As práticas realizadas pelos núcleos, caracterizadas pela aproximação da comunidade interna e externa, permanecerão sendo realizadas, cada vez mais integradas, para que o *Campus* esteja efetivamente promovendo a inclusão daqueles que compõem as minorias e estão à margem de uma educação igualitária, nos moldes tradicionais. Novos desafios tendem a surgir, e os núcleos, devidamente articulados, estão dispostos a criar estratégias para superar as barreiras e minimizar os impactos dos processos excludentes, através das ações afirmativas.

Referências:

BRASIL. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL, **Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União. Brasília.

GÂNDARA, Rita Isabel Vieira. **A utilização das TIC como meio de aprendizagem na Educação Especial.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/4568>. Acesso em: 22 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Resolução nº 020, de 25 de fevereiro de 2014.** Aprova o Regulamento dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEs) do IFRS.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Instrução normativa nº 12, de 21 de dezembro de 2018.** Regulamenta os fluxos e procedimentos de identificação, acompanhamento e realização do Plano Educacional Individualizado (PEI) dos estudantes com necessidades educacionais específicas do IFRS.

SCHWARZ, A.; HABER, J. **População com deficiência no Brasil—fatos e percepções,** São Paulo: Febraban, 2006. (Coleção FEBRABAN de inclusão social).

RELATO DE CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA FEMINISTA E EMANCIPATÓRIA NO IFRS CAMPUS FELIZ

Camila de Azevedo Moura¹
Vanessa Petró²

Precisamos falar sobre machismo!... Assim começa a trajetória das mulheres envolvidas no projeto de extensão A nossa VOZ: precisamos falar sobre feminismo. O encetamento foi em 2016, a partir de uma demanda levada a servidoras da Assistência Estudantil do Campus Feliz do IFRS por alunas do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio. Considerando o sentimento de inconformismo gerado por casos de estupro e outras tantas violências contra meninas e mulheres em todo o país, percebeu-se a necessidade de trazer à tona as temáticas feministas. Assim, acreditando na possibilidade de mudança e de um impacto social positivo, um pequeno grupo de adolescentes e servidores promoveu duas ações de grande importância para a comunidade local. A primeira delas foi o encontro intitulado “Precisamos falar sobre a cultura do machismo”, realizado no Centro da cidade de Feliz no primeiro semestre de 2016. Já no segundo semestre, após a visibilidade sobre o assunto e o impacto criado pela primeira ação, surgiu, junto com a oportunidade da 5ª Mostra Técnica do IFES Campus Feliz, a ideia de promover uma oficina com o objetivo de discutir a questão da Cultura do Machismo que, a partir do debate realizado no momento, os participantes da oficina poderiam assumir um papel fundamental: o de multiplicadores das discussões da pauta feminista, equidade de gênero e, acima de tudo, respeito e empatia com o outro. Ali cumpriu-se o papel da ação de extensão indissociável do ensino e com um papel social fundamentalmente aos objetivos que se propõe, uma vez que a demanda surge na sala de aula, na relação entre ensino e aprendizagem, e chega ao âmbito da comunidade onde o espaço escolar se insere, promovendo um movimento de reflexão e busca por mudanças de paradigmas sociais. A partir de então, ao verificar a importância e impacto na comunidade das ações desenvolvidas, um grupo de servidoras se comprometeu a alargar os espaços de diálogo, propondo o projeto de extensão “A Nossa VOZ: precisamos falar sobre feminismo”, desenvolvido no decorrer de 2017, para o qual foi dado prosseguimento em 2018.

As normativas do IFRS, como a Política de Assistência Estudantil e Política de Ações Afirmativas, priorizam o fomento de temas que trabalhem o pluralismo de ideias, o respeito à liberdade, a garantia dos valores éticos e humanísticos, o convívio e respeito às diversidades étnica, cultural, social, sexual, de gênero, de crença, de necessidades específicas ou outras características individuais, coletivas e sociais, e a promoção da autonomia, participação política e emancipação das juventudes. Enquanto instituição pública de educação, temos o dever de trazer para o debate com a comunidade estudantil, temas como direitos humanos e gênero, fomentando o protagonismo juvenil como estratégia de empoderamento e construção coletiva. Dessa forma, ao oportunizar o debate/diálogo, estamos buscando uma sociedade mais justa, mais igualitária, inclusiva e não sexista.

Assim, a proposta deste projeto surgiu como uma forma de atender uma demanda que cresce a cada dia dentro de nossa instituição. Tratamos aqui de promover uma oportunidade de educação mobilizadora, promovendo discussão, reflexão e propagando uma cultura de combate ao machismo, de respeito às diferenças, de valorização da mulher, de resistência à hierarquização social, posicionamentos que são de extrema relevância para o processo educativo de jovens.

Ao se pensar na construção do projeto, estabeleceram-se alguns conceitos teóricos e ideológicos que seriam pontos de partida para as ações desenvolvidas, são eles educação emancipatória, feminismo e protagonismo juvenil de mulheres.

Para conceituar a ideia de educação emancipatória, nos valem de Paulo Freire, que nas seguintes palavras refere que a educação emancipatória se dá em “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (FREIRE, 1985, p. 125). Assim, a intenção em trazer a ideia de educação emancipatória veio da crença política de que a educação pode ser realizada dentro de uma prática libertadora, sendo uma forma de resistência a práticas pedagógicas que reforçam opressões.

¹ Assistente em Administração, coordenadora do NEPGS IFRS Campus Feliz, camila.moura@feliz.ifrs.edu.br.

² Professora de Sociologia, integrante do NEPGS IFRS Campus Feliz, vanessa.petro@feliz.ifrs.edu.br.

É neste sentido que, amparada em Paulo Freire, Bell Hooks acredita que a construção de uma educação antirracista, antissexista, anti-homofóbica e etc., que reconheça as peculiaridades do indivíduo e que dê oportunidade de manifestação a estudantes, é capaz de estimular o senso crítico desses, avançando para uma prática que liberte as minorias das opressões. Entretanto, segundo Hooks, “é evidente que um dos muitos usos da teoria no ambiente acadêmico é a produção de uma hierarquia de classes intelectuais onde as únicas obras consideradas realmente teorias são as altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler e com referências obscuras” (HOOKS, 1994, p. 89). Assim, se faz necessário combater os métodos pedagógicos arcaicos, descentralizar o conhecimento teórico e reconhecer a necessidade do meio acadêmico de aproximar a teoria da prática. A teoria como prática libertadora, pressupõe uma educação que não reproduz o status quo, que traz o pensamento crítico, reflexivo e desconstrutivo para a sala de aula.

No que concerne à prática feminista dentro da presente, intencionou-se trazer a ideia de um feminismo autônomo, considerando que agregamos ao projeto estudantes bolsistas, de forma que desejamos não determinar e delimitar a ideia de feminismo e apenas apresentá-las, mas sim construir uma prática feminista junto das mesmas. Dessa maneira, aqui não será encontrada nenhuma definição do dicionário e nem mesmo nenhuma conceituação de alguma teórica de grande notoriedade, apenas a ideia do feminismo enquanto prática de estratégia de combate às opressões da sociedade patriarcal.

Para a construção da trajetória proposta, foi dada abertura para o protagonismo juvenil de mulheres, conceito este que eclode entre fins do século passado e o início deste século, fomentado pela ideia de que há um cenário social e que cabe aos jovens, atuarem de forma crítica, posicionando-se diante das questões existenciais, cotidianas, políticas e culturais. De acordo com Gomes da Costa (1996, p. 90), o termo protagonismo juvenil é “a participação do adolescente em atividade que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária, (...) a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio comunitário”.

Acreditando que “só se aprende a caminhar caminhando”, é que se consolidou nosso posicionamento quanto à importância do *Protagonismo Juvenil de Mulheres*, uma vez que não só tivemos a oportunidade de fomentar a instrumentalização e auxiliar o preparo de jovens para uma prática social afirmativa, como também, valorizamos as conquistas, os direitos, os espaços e ação de meninas/mulheres com voz e atitude para promover algum tipo de transformação social. Na construção desse projeto também surgiu a ideia de incluir a temática das representações das mulheres nas ciências, desenvolvendo atividades que atraiam meninas para a carreira científica.

Com relação à ciência e à tecnologia, estudos têm apontado a sub-representação das mulheres nos espaços de poder e decisão, nesse sentido, pesquisas apontam que em grandes decisões de órgãos de pesquisa e colegiados científicos não se encontra a representatividade das mulheres. Uma das causas para essa sub-representação se dá pelo fato de que em muitos espaços o ápice da carreira coincide com o período fértil feminino, e muitas optam por abandonar ou protelar planos de carreiras científicas e escolhem ser mães, já que na sociedade patriarcal a responsabilidade pela criação e educação dos filhos é delas quase que exclusivamente. Saffioti (1987) em seu livro “O Poder do Macho” aponta que a sociedade investe historicamente nessa naturalização de que a mulher se dedique apenas aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos dificultando, assim, a sua inserção e permanência em outras esferas.

No decorrer do projeto, discutir a temática da representação das mulheres nas ciências e atrair meninas para esse campo vai ao encontro da proposta de visibilizar e dar protagonismo para as meninas e mulheres de nossa comunidade, através do desenvolvimento de oficinas ligadas a temática ciência-mulher-feminismo, sensibilizando, assim, sobre o papel da mulher na sociedade, contribuindo para a eliminação de estereótipos de gênero nestas áreas.

É baseando-nos nestes princípios que fundamenta-se o projeto, tendo em vista a já mencionada demanda das estudantes para que se trata-se da temática de gênero e que fosse incitado o desenvolvimento de uma atuação ativista, multidisciplinar, focando na formação de jovens capazes de multiplicar conhecimento, de refletir de forma crítica sobre um sistema de opressão e hierarquização de gênero e desconstruir este estereótipo sexista e, portanto, segregador que está enraizado nas mais variadas esferas da sociedade.

Como trabalhar questões de gênero, diversidade, educação e direitos humanos, a partir da fomentação do protagonismo juvenil feminista, com o intuito de desconstruir os estereótipos sexistas que há muito estão enraizados em nossa cultura era o objetivo geral do projeto, tomamos como objetivos específicos: i) capacitar estudantes do IFRS para atuarem como protagonistas nas ações do programa, visando enaltecer a importância da atuação jovem ao apropriar-se das questões sociais e frente a elas intervir e mobilizar outras jovens,

multiplicando o conhecimento debatido e construído em grupo; ii) oferecer oficinas em escolas da rede pública da região, propiciando um espaço inclusivo e de construção coletiva, para a troca de experiências, para a discussão e o fortalecimento de uma postura de combate às desigualdades e luta por equidade de direitos; iii) oferecer oficinas em escolas da rede pública da região, propiciando um espaço inclusivo de construção coletiva para trocas de experiências, discussão e fortalecimento de uma postura de combate às desigualdades e luta por igualdade de direitos; iv) fomentar discussões acerca da representatividade da mulher na ciência e tecnologia através da realização de oficinas ligadas a temática, atraindo, assim, as estudantes para os cursos da área científica do Campus.

Objetivou-se desenvolver um trabalho interdisciplinar contemplando as temáticas ligadas ao projeto e que perpassam os espaços de ensino e aprendizagem. Para tanto, a formação e planejamento com as estudantes e a equipe de execução foi a primeira atividade do projeto. A partir de seleção de bibliografia e materiais audiovisuais que tratavam sobre gênero, diversidade, educação e direitos humanos pretendeu-se criar um vocabulário comum a todas a respeito das categorias a serem trabalhadas ao longo do projeto e assim realizar um trabalho conciso nas oficinas realizadas nas escolas públicas do município e nas demais ações.

Atender à necessidade de unir os eixos Ensino, Pesquisa e Extensão é consequência inevitável das práticas propostas através deste projeto. Isto porque propomos, através de construções democráticas de conhecimento, uma reflexão sobre valores sociais e ideológicos que marcam comportamentos, cultura, leitura de mundo e que, conseqüentemente, impactam o fazer pedagógico como um todo.

A avaliação feita pelas mulheres que coordenaram e atuaram no projeto foi muito positiva. além de se instrumentalizar no que diz respeito a estas questões, com sua própria atuação e diálogos ao longo das atividades desenvolvidas, puderam apresentar relatórios, relatos de casos, participar de eventos e, até mesmo, desenvolver pesquisas sob diferentes prismas, contribuindo assim para o meio acadêmico mediante as experiências vivenciadas. Também, destacamos o impacto social transformador dentro do pequeno grupo de estudantes e comunidade (tanto bolsistas quando o público-alvo das ações) que tende a alastrar-se, multiplicando, conscientizando e mobilizando diferentes grupos de diversas instituições educacionais e, assim, beneficiando toda a comunidade. Esta correlação se caracteriza pelo enriquecimento na formação acadêmica das estudantes envolvidas neste trabalho, bem como influência nas histórias de vidas, visto que a participação no projeto foi capaz de motivar a permanência no espaço escolar.

Neste sentido, entendemos que a experiência aqui relatada consistiu em um espaço de construção colaborativa de conhecimento e práticas educacionais e ativistas, bem como um espaço de resistência dentro de uma comunidade marcadamente machista, homofóbica, racista. Pode-se afirmar que a intenção de protagonismo se efetivou na dimensão prática e política da equipe de servidoras, proponentes do projeto, e das estudantes envolvidas, uma vez que pode ser percebida pelo grupo: a) uma evolução no conhecimento teórico; b) o aprimoramento das estratégias de abordagem em sala de aula, com crianças e adolescentes; c) o impacto social percebido na comunidade quando esta reconhece e apoia as ações do projeto. Além disso, essas ações e resultados tornaram premente a instituição do Nepgs no Campus. Então, a partir do ano de 2018 foi criado oficialmente o Núcleo para dar continuidade às ações já desenvolvidas por meio do referido projeto.

Cine-debate: Mulheres, Ciência, Tecnologia e Trabalho

A invisibilidade das diferenças, das desigualdades e das formas de discriminação, baseadas em argumentos sobre supostas “essências” do que seria o papel social do homem e da mulher permanecem na representação das profissões e de determinados ambientes de trabalho. Apesar dos ganhos notáveis que as mulheres conquistaram na educação e no trabalho nas últimas décadas, o progresso foi desigual. Apenas 28% das pesquisadoras do mundo são mulheres (UNESCO, 2016).

As mulheres continuam sub-representadas nos campos da ciência, tecnologia, engenharia e matemáticas (STEM), tanto no âmbito da graduação quanto no âmbito das pesquisas. Nos campos científicos onde as mulheres estão presentes, elas são sub-representadas nas decisões políticas tomadas nos mais altos níveis da pesquisa científica.

Ao pensar a desigualdade de gênero no âmbito da escolarização precisamos considerar que as mulheres têm apresentado desempenho escolar superior ao dos homens. Trata-se do reflexo da reversão do hiato de gênero que vem ocorrendo desde meados do século XX no Brasil (ROSEMBERG, 2001). Portanto, não estamos tratando aqui de uma desvantagem das mulheres e meninas no acesso à escola ou no sucesso escolar, mas na forma como isso se reflete ou não em outras esferas como a do trabalho e da ciência.

No que se refere ao mundo do trabalho, não podemos ignorar que há, claramente, ainda uma

configuração de profissões nas quais podemos perceber uma presença maior de mulheres ou homens. No que tange à “economia do cuidado” (nesse domínio, encontramos as formas de trabalho mercantil, mas também as não-mercantis), temos a maior parcela ocupada por mulheres (GUIMARÃES, 2016).

A temática da participação das mulheres na ciência e na tecnologia é um dos eixos de atuação do Nepps *Campus Feliz*. A discussão desse tema iniciou nas aulas de Sociologia ao ser abordada a desigualdade de gênero nos cursos de nível médio integrado e em cursos superiores.

Em sala de aula o debate foi iniciado pela percepção sobre o reduzido número de meninas e mulheres em cursos como os da área de Informática e pela desigualdade e discriminação que atinge as mulheres no mundo do trabalho. Esse último aspecto foi mais presente nas discussões nos cursos da área de química e engenharia.

Um aspecto que chama atenção quando se aborda tal assunto com estudantes é que eles e elas são capazes de reconhecer a existência de desigualdades e formas de discriminação em uma realidade distante da que estão inseridos e inseridas. Ao se tratar da realidade do Campus, por exemplo, em um primeiro momento não há identificação dessa problemática. Em geral, a presença maior ou menor de meninas em determinados cursos é compreendida como uma questão de preferência individual. Essa análise inicial feita pelas turmas se sustenta em uma compreensão que naturaliza as desigualdade e que tem como consequência o não enfrentamento das desigualdades, porque elas não se constituem enquanto um problema social efetivo. Esse tipo de análise sobre o tema nos remete à importância de espaços para promover ações que auxiliem na compreensão dessas questões pela juventude em formação e no combate às formas de discriminação e de desigualdade. Portanto, reside aqui um espaço fértil para a atuação do Nepps.

Na direção dessas questões que emergiram em sala de aula, o Nepps passou a desenvolver ações, dentre as quais, destacamos a realização de um evento denominado “Cine-debate: Mulheres, ciência, tecnologia e trabalho”, que promoveu a exibição do filme “Estrelas além do tempo”, o debate do mesmo com mulheres de diferentes áreas do conhecimento. O objetivo da ação foi refletir sobre o espaço ocupado pelas mulheres na academia e no mundo do trabalho, fomentando a discussão acerca da representatividade da mulher nesses espaços.

Essa ação considerou que a aprendizagem sobre o tema e a mobilização para discutir temáticas como a dos direitos das mulheres não ocorre somente nos espaços formais destinados a ela. Portanto, foi proposta desta ação a aproximação entre o cinema, a escola e a discussão dessa questão ligada aos direitos humanos. A referida ação contou com a participação de servidores, servidoras e estudantes de diferentes níveis do Campus, bem como da comunidade externa, por meio da participação de outras escolas. Em cada sessão foi possível assistir ao filme, escutar os relatos e análises das convidadas e partilhar reflexões e experiências, contribuindo para a discussão. Nas figuras 1, 2, 3 e 4 podemos ver o registro de algumas sessões do Cine-debate.

Figuras 1,2,3,4 : Registro das sessões do Cine-debate: Mulheres, ciência, tecnologia e trabalho





Fonte: Neps Campus Feliz

Com o objetivo de dar continuidade às ações que tratam sobre a participação das mulheres na ciência e na tecnologia está sendo desenvolvido no *Campus* o projeto *Meninas digitais: combate à desigualdade de gênero na área de tecnologia da informação e comunicação (TIC)*, cujo enfoque está na promoção de reflexões e ações junto a escolas públicas sobre a participação feminina na ciência e na tecnologia, buscando incentivar a atuação das meninas nessa área. Esse projeto está pautado no protagonismo juvenil na medida em que são estudantes que passaram a se mobilizar para desenvolver as atividades a partir do momento que compreenderam o fenômeno da desigualdade de gênero.

Referências

BRITO, Carolina, PAVANI, Daniela, JR LIMA, Paulo. Meninas na Ciência: atraindo jovens mulheres para carreiras de ciência e tecnologia. **Gênero**, v.16, n.1, p. 33-50, 2º sem. 2015.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht. 2006.

FREIRE, Paulo. **The politics of education: culture, power, and liberation**. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. A igualdade substantiva e os novos desafios nas relações de gênero no trabalho. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 24, maio-ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000200639&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 15 jan. 2020.

HOOKS, Bell. **A teoria como prática libertadora**. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIMA, Betina S., BRAGA, Maria Lúcia S, TAVARES, Isabel. Participação das Mulheres nas Ciências e Tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas. **Gênero**, v.16, n.1, p. 11-32, 2º sem. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 515-540, jul.-dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8638.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

UNESCO. UNESCO: Mulheres são apenas 28% das pesquisadoras em todo o mundo. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unesco-mulheres-sao-apenas-28-das-pesquisadoras-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

O QUE É SER HOMEM?: CONVERSANDO COM ESTUDANTES SOBRE MASCULINIDADE

Vanessa Soares de Castro¹
Maurício Lopes Lima²

Contextualizando a intervenção: de onde falamos?

No IFRS campus Ibirubá, desde o ano de 2016, tem sido realizado um momento de recepção aos calouros e às calouras dos cursos de Ensino Médio Integrado, promovido pelo Coletivo Movimento Ovelhas Negras, coletivo feminista atuante no campus, em conjunto com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS). Esse momento busca acolher e mostrar aos/às jovens ingressantes que o campus é um espaço no qual se debatem pautas como feminismo, gênero, diversidade sexual, direitos humanos, assédio, entre outras. Esta ação de recepção, desde seu início, tem sido realizada com meninos e meninas separadamente, com atividades diferentes voltadas para cada público. No geral, a intervenção junto às estudantes mulheres tem sido avaliada como bem sucedida em criar um espaço de apoio e troca de experiências, no qual a discussão flui com certa naturalidade, com um retorno positivo das participantes. A abordagem com os estudantes do sexo masculino, entretanto, têm se mostrado mais desafiadora.

Entendemos que existem alguns motivos para que seja mais difícil discutir estas temáticas com os meninos. Primeiramente porque, para criar um ambiente escolar em que as relações de gênero sejam mais equânimes, é necessário questionar os estereótipos de masculinidade e de feminilidade hegemônicos, que carregam consigo relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. No entanto, as relações de gênero funcionam de tal modo que, como explica Joan Scott (1995), as concepções sobre o que é ser homem e o que é ser mulher se apresentam como binárias, fixas e excludentes entre si, como se fossem resultado do consenso social ou mesmo da natureza das coisas. Todos os sistemas sociais existentes (familiar, escolar, religioso, midiático, jurídico, etc) reforçam estas concepções, o que torna difícil começar a debater sobre elas.

Além disso, dentro das hierarquias de gênero socialmente estabelecidas (que, é importante dizer, se entrecruzam com outras hierarquias sociais, como raça e classe), a dominação masculina e a subordinação feminina são mantidos por uma série de táticas que policiam os homens e excluem as mulheres, como afirmam Connell e Messerschmidt (2013). Esse trabalho de socialização cria uma diferenciação ativa entre homens e mulheres, além de uma disposição, nos primeiros, a dominar, e nas últimas, a se submeter, como nos diz Pierre Bourdieu (2015). Assim, é mais fácil propor às mulheres a desconstrução da hierarquia de gênero estabelecida, já que elas são mais prejudicadas por essa hierarquia, sendo mais desafiador mostrar aos homens os motivos pelos quais eles deveriam se engajar nessa desconstrução.

Outro ponto importante a ser considerado é que esta atividade de recepção aos/às ingressantes tem sido proposta em período letivo. Todos/as os/as estudantes de primeiro ano do Ensino Médio Integrado são orientados/as a participar, acompanhados/as pelos/as docentes. Nesse sentido, o público participante não necessariamente está disposto ou interessado a discutir os temas propostos, o que torna o desafio ainda maior. Compreendemos que a discussão destas mesmas questões apresentam outras dinâmicas quando o público participa por iniciativa própria, o que observamos em ações propostas pelo NEPGS e pelo coletivo cuja participação é voluntária. Tendo dito isso, buscaremos a seguir descrever e discutir a experiência do campus Ibirubá na discussão sobre masculinidade, esperando que esta ajude a dar subsídios para a construção de atividades análogas em outros espaços, com outros sujeitos.

Dinâmicas da intervenção: os caminhos percorridos

A partir do momento em que iniciamos nossas tentativas de dialogar com os estudantes ingressantes a respeito de gênero, diversidade sexual e feminismo, diferentes abordagens foram utilizadas. A proposta inicial, realizada nos anos de 2016, 2017 e 2018, consistiu na exibição de um documentário chamado "The Mask You

¹ Psicóloga do IFRS campus Ibirubá. vanessa.castro@ibiruba.ifrs.edu.br.

² Técnico em Assuntos Educacionais do IFRS campus Ibirubá. mauricio.lima@ibiruba.ifrs.edu.br.

Live In” (“A máscara na qual você vive”, em tradução livre), que aborda a questão da masculinidade hegemônica nos Estados Unidos e os prejuízos que ela trás para a vida de homens e mulheres. Esta atividade, entretanto, teve pouco sucesso em atingir os estudantes, o que pôde ser observado pelo seu baixo engajamento no debate que sucedia a exibição do filme, nos comentários discordando do que foi apresentado, bem como na atitude geral durante a exibição, sendo em sua maior parte de desinteresse e desatenção.

Já em 2019 optamos por fazer uma roda de conversa com os participantes, que teve início com uma explicação sobre o que é o Coletivo Ovelhas Negras, o que é o NEPGS, o que é feminismo e qual sua necessidade, e exibidos vídeos sobre masculinidade e feminilidade. Pedimos que os estudantes participantes dessem suas opiniões e fizessem questionamentos livremente. Entretanto, as intervenções foram escassas, e muitas vezes feitas de forma contida. A atividade se assemelhou muito mais a uma exposição sobre o tema, gerando pouco diálogo efetivamente, o que torna difícil avaliar o quanto do exposto foi significativo para os participantes.

Nossa mais recente abordagem das relações de gênero com os estudantes ingressantes, ocorrida em 2020, foi a mais bem sucedida até o momento, e é esta que iremos descrever e discutir em mais detalhes. Ela se deu da seguinte forma: inicialmente, os participantes assistiram a um vídeo chamado “Boys don’t cry” (Garotos não choram, em tradução livre), lançado pelo grupo canadense White Ribbon³, um movimento de homens e garotos contra a violência de gênero. Após a exibição do vídeo, os participantes foram convidados a responder a seguinte pergunta: o que é ser homem? A resposta deveria ser escrita em um pequeno papel e colocada em uma caixa. Após todos terem escrito suas respostas, foram convidados individualmente a pegar um papel da caixa aleatoriamente, ler e comentar. Cada resposta foi sendo debatida pela equipe mediadora, formada por uma servidora, um servidor e cinco estudantes, quatro meninas e um menino. Devido ao grande número de participantes e ao foco qualitativo da proposta, de debater com calma e atenção cada resposta sorteada, não houve tempo para ler e analisar todos os papéis durante a execução da atividade, o que era esperado e não foi considerado um problema.

Após cerca de uma hora e meia de debate aprofundado sobre as respostas sorteadas, com cada uma sendo atentamente observada e trazendo diferentes aspectos das relações de gênero, a atividade foi finalizada com os estudantes sendo convidados a retirar papéis de uma outra caixa. Tratavam-se de respostas das estudantes mulheres à pergunta “o que você já sofreu por ser mulher?”. As respostas foram obtidas ao longo dos anos anteriores, durante a atividade de recepção feita com as meninas simultaneamente à atividade com os meninos. Além disso, as respostas passaram por um “filtro”, sendo escolhidas as que tivessem maior potencial de causar impacto e de provocar discussão. Cada frase sorteada foi sendo discutida à luz do debate sobre masculinidade e relações de gênero realizado anteriormente, aproximando a discussão do contexto dos jovens e possibilitando a eles um vislumbre da ponto de vista das meninas e mulheres nesse debate.

Ainda em termos de procedimentos, dois pontos precisam ser salientados: o primeiro, é que foi necessária certa firmeza no início da atividade de modo a mostrar aos participantes a seriedade do trabalho que estava sendo desenvolvido. Logo nos primeiros minutos da dinâmica, ao percebermos muitas conversas sobre assuntos paralelos, piadinhas, desdém para com a atividade e uma clara recusa em colaborar, foi necessário chamar a atenção dos estudantes para a seriedade da proposta enquanto espaço de aprendizagem tão válido qualquer outra aula, o quanto essa pauta é princípio educativo fundamental do IFRS e que, nesta instituição, eles irão se deparar com o tema muitas vezes. Após essa chamada de atenção em prol da concentração do grupo para a fluidez da atividade, o debate foi bastante produtivo. Percebemos que, a cada resposta lida eles foram compreendendo a seriedade e complexidade do debate. Assim, a depender da disposição que público venha a demonstrar, uma fala nesse sentido pode se mostrar imprescindível.

O segundo ponto importante foi a presença de um mediador homem na atividade. Entendemos que é importante ter professores homens discutindo este tema, pois o objetivo da atividade é justamente conquistar os estudantes para a discussão da pauta de gênero e da sexualidade, como estratégia para afetiva transformação da estrutura patriarcal e heteronormativa socialmente consolidadas. Neste sentido, seria incoerente que não houvesse homens propondo e se engajando ativamente no debate destas questões. Percebemos também que ter a presença efetiva de homens nesta atividade tem um efeito positivo sobre os participantes, facilitando sua abertura para o debate.

Por último, antes de realizar uma atividade como a proposta aqui, é importante levar em conta que as respostas obtidas com diferentes grupos de participantes serão diferentes. Não é possível estar plenamente preparado/a para todas as respostas possíveis. As respostas dos participantes à pergunta inicial ajudarão a dar

³ Mais informações sobre o grupo podem ser obtidas no site www.whiteribbon.ca/.

uma visão geral sobre o que o grupo em questão compreende sobre masculinidade, que modelos de masculinidade acreditam que exista e o que pensam sobre esses modelos. É importante que ao menos um/a integrante da equipe mediadora tenha um domínio e uma visão ampla sobre o tema das relações de gênero e da masculinidade para realizar uma mediação que consiga observar o potencial para discussão mesmo nas frases que talvez não pareçam tão fomentadoras de debate. Além disso, é importante ter em mente que a falta de conhecimento sobre o tema pode acabar causando o efeito contrário, de modo a influenciar o reforço da masculinidade hegemônica. Uma condução inadequada também pode causar o efeito de não conquistar o público, afastando o mesmo do tema do feminismo e do debate de gênero.

Dialogando sobre masculinidades

Figura 1: Foto do momento de realização da atividade



Fonte: Maurício Lopes Lima

Aqui vamos abordar as diferentes respostas sorteadas para a pergunta “o que é ser homem?”, e como elas serviram como guias para a discussão. Realizamos o diálogo a partir de uma perspectiva feminista sobre masculinidade, que critica a dominação masculina, mas reconhece que “o patriarcado tirou certos direitos dos homens, impondo neles uma identidade masculina sexista” (HOOKS, 2019, p. 104). No início das atividade percebemos que os estudantes participantes demonstraram dificuldade para expressar uma concepção própria sobre “o que é ser homem”. Ficaram um tempo com os papezinhos logo que os receberam, se entreolharam, fizeram comentários baixinhos entre si. Então, sugerimos que eles poderiam, também, escrever algo que não necessariamente fosse sua concepção, mas que expressasse a representação social típica do que é ser homem. Percebemos que esta estratégia fez fluir melhor a dinâmica, ajudando aqueles que estavam “bloqueados” a também escreverem suas respostas. Após encerrarmos a coleta das respostas, passamos a sorteá-las e discuti-las. Todas as respostas foram postas numa caixa e foram sendo retiradas aleatoriamente pelos participantes. Ao ler a resposta, os participantes foram convidados a tecer algum comentário a respeito do que lera, sendo em seguida feito o debate com o grupo.

A primeira resposta lida foi “ser homem é ser homem” e causou graça na sala. Uma das alunas que participava da mediação sugeriu que passássemos essa frase, por não considerá-la “séria” e frutífera para o debate. Porém, imediatamente, intervimos e começamos a conversar sobre como a frase remete à naturalização da condição de masculinidade como algo que não exige reflexão, pois é o padrão estabelecido, de modo que são os “outros” (mulheres, homens fora dos padrões de masculinidade, pessoas trans, etc.), que devem refletir sobre sua sexualidade e seu papel de gênero. Várias outras respostas traziam o mesmo sentido desta primeira, ou seja, apresentavam a condição masculina como o que Bourdieu (2015) chama de “evidente por si mesma”, ou seja, que é um padrão estabelecido sobre o qual não há sentido discutir.

A partir da frase sorteada fizemos uma longa discussão a respeito dessa naturalização da condição masculina, por herança de um sistema patriarcal de dominância, sendo o homem considerado o padrão e a mulher o desviante. Buscamos mostrar que a frase sorteada, por si só, ao mesmo tempo em que não diz nada sobre o que significa ser homem, trás a mente de quem a escuta determinadas ideias, se remetendo especificamente a masculinidade hegemônica, e naturaliza e cristaliza essas ideias, não deixando espaço para que sejam questionadas. Para tentar tornar esta reflexão mais clara, buscamos citar exemplos, como o uso de pronomes na língua portuguesa, que sempre tem por padrão a forma masculina de tratamento.

Outra resposta que gerou bastante debate foi a de que ser homem é “ser forte emocionalmente, ocultar as coisas que te fazem parecer fraco”. Diversas outras frases também traziam a mesma conotação, sendo outro exemplo “[ser homem é] fingir estar bem, não falar o que sente”. Tivemos também várias respostas que traziam a imagem do homem provedor, protetor da mulher e da família ou enquanto macho alfa, com responsabilidades moral e sexual dominantes. Pudemos perceber o quanto essa concepção segue forte no imaginário de alguns estudantes. Entre as propostas debatidas, verificamos algumas como essas: “ser homem é ser forte, corajoso, persistente e que não pega outros homens”, “ter coragem”, “ser forte”, “ser responsável, cumprir obrigações, tomar atitudes e ser forte.”

Estas ideias apontadas pelos estudantes nos remetem ao que Connell e Messerschmidt (2013) descrevem como masculinidade hegemônica, uma forma de ser homem que não corresponde de fato à vida de nenhum homem real, mas assim mesmo expressa “ideais, fantasias e desejos muito difundidos”, oferecendo “modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero” (p. 253). Ou seja, a masculinidade hegemônica se coloca como resposta certa para os questionamentos de meninos e homens quando se deparam com a complexidade da vida social. Entretanto, a dureza desse padrão de masculinidade, que propõe que não se deve demonstrar sentimentos ou fraquezas, mas sempre demonstrar força e coragem, se mostra tóxica para as necessidades humanas. Como afirmam Wang, Jablonski e Magalhães (2006), esse modelo de virilidade “deu origem a um processo de socialização opressivo e estereotipado, através do qual o menino aprende a ignorar suas necessidades afetivas, desvalorizando aquilo que sente e ignorando seus desejos mais íntimos” (p. 56).

Para dar conta de atender aos ideais de masculinidade, muitos homens sofrem distúrbios emocionais e até mesmo físicos, pois a masculinidade hegemônica os faz negligenciar seus sentimentos e sofrimentos, dificultam a busca por ajuda (seja de pessoas próximas, seja de profissionais de saúde), e faz com que se coloquem em situações de risco. Abordamos esses pontos junto aos participantes, mostrando como as estatísticas que mostram o maior envolvimento dos homens em situações de violência e de risco à saúde estão relacionadas a forma como a masculinidade é socialmente construída. Alguns participantes contribuíram com o debate lembrando da realidade do suicídio entre homens “chefes de família”, especialmente no contexto de endividamento no meio rural. Muitos deles conheciam casos em que isso aconteceu. Durante o debate foi lembrado também que essa forma de exercer a masculinidade faz com que homens deixem de usufruir de uma experiência humana mais profunda e tenham dificuldade em expressar amor e afeto sem tabus sociais. Corroborando com essa ideia, no decorrer do bate papo alguns meninos relataram ter dificuldade de dizer “eu te amo” ao seu pai, salientando o quanto isso limita suas relações afetivas.

Dessa forma é que, segundo Bourdieu (2015), a “bravura” presente na masculinidade hegemônica encontra seu princípio justamente “no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de 'quebrar a cara' diante dos 'companheiros' e de ser remetido à categoria, tipicamente feminina, dos 'fracos', dos 'delicados', dos 'mulherzinhas', dos 'veados'” (p. 66). Essa dureza, então, não apenas acaba sendo usada contra outros, pois frequentemente se exige que os homens se provem másculos pelo exercício da violência e subjugação de outras pessoas, como se volta para si mesmos, criando homens que “são por vezes chamados de 'duros' porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros” (ibidem). Procuramos então problematizar essas concepções que trazem uma conotação considerada positiva para a identidade masculina (coragem, força, responsabilidade), mas que claramente colocam o homem (cisgênero e heterossexual, sempre é bom lembrar) como figura dominante frente às mulheres e aos homens que, por diversos motivos, não se adequam ao padrão socialmente esperado de masculinidade. Essas características percebidas como positivas acabam por funcionar como uma estratégia de consenso que perpetua a hegemonia dos homens e de determinada forma de masculinidade na sociedade. Buscamos dar exemplos de como essa hierarquia age na esfera individual, mas também na construção da sociedade de forma mais geral: no âmbito do trabalho, mantendo as funções ligados ao cuidado da casa, de menor prestígio, como exclusivamente femininas, e as profissões de mais prestígio social como quase exclusivamente masculinas; no âmbito da política, com poucas mulheres em cargos públicos e tendo o poder de influenciar na criação de leis; no âmbito das mídias, com as mulheres sendo apresentadas como objetos a serem consumidos.

Além disso, abordamos também o fato dos problemas que emergem quando homens não conseguem atingir determinadas expectativas, tornando a masculinidade um “privilégio” mas também um fardo, pois os homens “enfrentam, cotidianamente, a impossibilidade/obrigação de responder ao modelo hegemônico de masculinidade.” (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 826). Como dizem Wang Jablonski e Magalhães (2006), a redução das referências de felicidade e realização masculinos ao aprimoramento profissional, a demonstração de intelecto, ao acúmulo de dinheiro e ao desempenho sexual, faz com que falhar em qualquer um desses pontos seja considerado um fracasso difícil de ser elaborado. Como afirmam os autores, “a conjunção desses fatores pode levar o homem a fazer da violência a principal alternativa de defesa contra o sentimento de frustração e menos-valia. Uma vez aprendida a lição, o menino já não chora, mas bate” (p. 57).

Além das frases sorteadas que traziam uma certa “exaltação” da masculinidade hegemônica, houve também respostas que iam na contramão dessa ideia, criticando de forma incisiva esse modelo. É o caso de frases como “Ser homem é ser forte, machista, não respeitar ninguém além deles mesmos, ser idiota e se achar a todo momento”. Essa frase causou certa comoção entre os presentes. Os meninos ficaram inicialmente indignados e chocados que algum deles tenha escrito isso, surgindo a hipótese de que esse estudante estaria muito bravo, enfurecido com os outros homens. Questionamos então porque eles achavam que um homem, adolescente como eles, poderia maldizer tanto assim da masculinidade. Ao longo da discussão, debatemos o quanto o mais provável é que esta pessoa poderia sentir que não se adequa a essa masculinidade hegemônica que viemos descrevendo e que tem sido apontada como natural, e que, como mostramos, um homem que por algum motivo se desvia da masculinidade modelo corre grande risco de sofrer e ter sua hombridade questionada, como se fosse menos homem. Nesse sentido, falamos sobre as diferentes masculinidades, e de como, por exemplo, homens gays não deixam de ser homens por serem gays.

Essa discussão pôde ser mais aprofundada quando abordamos respostas que naturalizam o ser homem a partir da biologia, como “[ser homem é] ter cromossomo X⁴” (*sic*) e “[ser homem é] nascer macho ou gênero masculino”. Para tentar desconstruir essa ideia, buscamos mostrar como toda a discussão realizada anteriormente, que liga determinadas características de comportamento e de relação com o mundo e com os outros ao ser homem, não estão incutidas no DNA, nos hormônios, ou nos órgãos genitais, ou seja, não são simplesmente definidas ao nascer. Qual a relação entre quaisquer uma dessas coisas e a obrigação de ter sucesso profissional, ou de ter que demonstrar determinado desempenho sexual, ou de evitar buscar ajuda médica, ou de não poder demonstrar sentimentos? Existe uma relação biológica natural entre elas, ou são características socialmente e historicamente atribuídas a uma visão determinista sobre determinadas características biológicas? Se se nasce homem, então como é possível que alguns homens sejam considerados menos homens? Fizemos estas perguntas aos participantes, buscando mostrar a eles que a biologia não determina nada disso, sendo inclusive o padrão de comportamento masculino (e também feminino) variável ao longo do tempo e da cultura, sendo aprendido desde cedo na vida em comunidade.

Nesse ponto da discussão foi necessário fazer a distinção entre os diferentes conceitos que acabam entrando em questão quando se discute gênero e diversidade sexual. Explicamos as diferenças entre identidade de gênero (o pertencimento que alguém sente a determinado gênero, ou a nenhum dos dois, ou a ambos), expressão de gênero (as formas como alguém se apresenta socialmente, pelas roupas, comportamento, etc.), expressão afetivo/sexual (por quem essa pessoa sente atração e se relaciona) e sexo biológico (que envolve não apenas órgãos genitais, mas também cromossomos, gônadas e hormônios, e que nem sempre é tão binário assim). Buscamos explicar cada um desses aspectos separadamente, e mostrar como nossa sociedade exige que uma pessoa nascida com determinado sexo biológico siga todas as “recomendações” socialmente estipuladas como sendo próprias daqueles sexo, mas que a realidade nos mostra que existência humana é muito mais complexa e diversa do que isso.

A maior parte do debate, então, consistiu na leitura e discussão sobre as respostas dadas pelos estudantes homens. Entretanto, ao final, buscando mostrar a eles como o exercício da masculinidade hegemônica afeta as meninas e justifica sua busca por igualdade, os participantes passaram a sortear as frases das meninas com respostas à pergunta “o que você já sofreu por ser mulher?”. Uma das primeiras frases sorteadas foi de uma estudante que relatou medo de andar na rua, especialmente por já ter sido seguida por um carro que não conhecia. Perguntamos aos meninos se isso já aconteceu com eles. Um deles relatou que sim, foi seguido por uma mulher, mas que não sentiu medo, achou graça. Questionamos, junto com eles, porque um homem ser seguido por uma mulher é motivo de graça, mas uma mulher ser seguida por um homem causa temor. A medida que líamos essa e outras frases, os participantes foram se mostrando mais e mais empáticos

⁴ Provavelmente o estudante quis se referir a presença do cromossomo Y, e não ao X, sendo o Y que provoca o desenvolvimento do sistema reprodutor masculino.

com as situações descritas por suas colegas.

Um dos depoimentos de uma menina abordando a questão do assédio sexual também causou muita incomodação ao ser lida. Um dos meninos expressou “vergonha por ser homem” ao saber que o comportamento masculino dá vazão atitudes de assédio sexual. Outro menino comentou que uma pessoa assim (que assedia) “não devia ser normal, de que devia ser doente”. Procuramos demonstrar que, na verdade, o comportamento masculino de assédio sexual e objetificação da mulher, mesmo quando expresso de forma sutil, é bastante corriqueiro, ou seja, não é o desvio, mas sim o padrão, é naturalizado. Um dos meninos lembrou que, em sua antiga escola, um estudante assediava várias meninas, passando a mão nelas, entre outras coisas, e que a abordagem da escola para o problema foi pedir que as meninas se cuidassem mais, sem nem sequer buscar repreender o estudante autor dos assédios. Ao trazer o relato, o estudante demonstrou entender o quanto esse tipo de abordagem, que coloca na vítima a responsabilidade pela violência, é problemática e culpabilizadora.

Dialogamos com eles no sentido de mostrar que, sim, atos horríveis podem ser perpetrados e naturalizados em nome de determinadas formas de ser homem, infelizmente, e que para mudar isso é necessário o exercício e o estímulo a outras formas de masculinidade, que não dependam na dominação das mulheres e de outros homens, nem na opressão dos homens sobre si mesmos e seus próprios desejos e necessidades. Procuramos mostrar que a intenção de trazer os relatos das estudantes mulheres não era culpabilizá-los, mas fazê-los entender a estrutura social machista dominante, pois só assim é possível transformá-la, e agir de modo a contrariá-la. Como dizem Medrado e Lyra, “A dominação dos homens sobre as mulheres e sobre o feminino não possui autoria única, mas uma constelação de autores, que inclui, além dos homens, a mídia, a educação, a religião, as mulheres e as próprias políticas públicas” (p. 826), ou seja, é uma dominação institucionalizada.

No final da atividade um dos estudantes nos procurou para fazer um elogio. Disse que estava reticente no início, por se tratar de uma atividade de um coletivo feminista; tinha a expectativa que nós “iríamos reuni-los para fazer críticas à masculinidade, acusar seus comportamentos de machistas e 'vitimizar' as mulheres”. Comentou que ficou surpreso com a atividade, por fazê-lo pensar sobre sua condição masculina, de forma crítica, sem imposições, mas relativizando muitas das concepções que ele e seus colegas traziam. De fato, como lembra bell hooks⁵ (2019), o feminismo é constantemente pintado como anti-homem. Portanto, consideramos o “desarme” do grupo de meninos ao longo da atividade, sua efetiva participação no debate, e os diversos depoimentos que eles ofereceram, como termômetro do sucesso da atividade para o seu objetivo principal: desconstruir percepções naturalizadas da condição de masculinidade e desmistificar preconceitos em relação ao feminismo.

Conclusão: abrindo brechas na masculinidade hegemônica

O que buscamos ao longo da atividade foi fazer os próprios participantes perceberem, por si mesmos, como as relações de gênero estão presentes na sociedade. Buscamos mostrar as “brechas” na masculinidade hegemônica, apontar suas contradições e o que elas causam, não apenas descrevendo os estereótipos, mas tentando romper com eles, considerando que não são imutáveis. Concordamos com Medrado e Lyra quando afirmam que “é preciso romper com modelos explicativos que, via de regra, reafirmam a diferença e que nos permitem somente explicar como ou por que as coisas assim são, mas que não apontam contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas...” (p. 833).

Por meio do debate gradual, questionando o que se encontra por trás das aparências de pequenos gestos e palavras, foi possível realizar um debate que partiu da construção da masculinidade e de seus significados, passando pelas relações estabelecidas por homens com seu entorno, até chegar em como estas relações afetam a experiência de ser homem e limitam as vidas de mulheres. Não é nossa intenção que este relato sirva como uma “receita” que possa ser replicada com sucesso em qualquer contexto. Esperamos, sim, que o caminho que percorremos ajude a apontar direções, oferecendo uma rota possível para aquelas/es que se disponham a criar espaços de diálogo com objetivos semelhantes. Não entendemos que a proposta tenha transformado totalmente a visão dos participantes sobre feminismo e sobre a busca por equidade de gênero, mas esperamos ao menos ter criado alguma aproximação com a temática, abrindo brechas para futuras intervenções. Além disso, esperamos também ter oferecido ferramentas para lidar melhor com a própria vivência enquanto jovens homens, criando uma masculinidade mais saudável e satisfatória.

⁵ bell hooks é o pseudônimo usado pela escritora Gloria Jean Watkins, e faz homenagem a sua mãe e a sua avó. Ela opta pela escrita com todas as letras em minúsculas, como forma de apontar que o importante não é seu nome ou seus títulos, mas suas ideias.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, pp. 241-282, 2013.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, pp. 809-840, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, pp. 71-99, 1995.

WANG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa S. Identidades masculinas: limites e possibilidades. **Psicologia em Revista**, v. 12, n. 19, pp. 54-65, 2006.

UM PANORAMA DOS NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO IFRS CAMPUS OSÓRIO

Luciane Senna Ferreira¹
Aline Dubal Machado²
Ingrid Ertel Stürmer Ingrassia³
Lidiane Barreto Alves Zwick⁴
Estêvão da Fontoura Haeser⁵
Adriana Silvester Quadros⁶

Introdução

O Brasil é signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e o compromisso ali assumido está expresso na Constituição Federal de 1988, que garante à população brasileira, em seu Artigo 3º, inciso IV, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Além disso, nossa Carta Magna garante o acesso à educação, entre outros, como direito social de toda cidadã e cidadão (Capítulo 2, Artigo 6º). Em consonância com o que determina a Constituição, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), compromete-se, em seus documentos de fundação, a proporcionar uma formação “capaz de tornar esse cidadão um agente político, para compreender a realidade e ser capaz de ultrapassar os obstáculos que ela apresenta; de pensar e agir na perspectiva de possibilitar as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais imprescindíveis para a construção de outro mundo possível” (BRASIL, 2008b, p. 33).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que hoje contam com seiscentos e quarenta e quatro *Campi* espalhados por todo território nacional, representam uma revolução na educação brasileira e a realização da visão para a Educação Nacional expressa na Constituição Federal. Enquanto instituição pública de ensino que integra a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, o IFRS põe em prática outras Políticas Públicas para a educação, pois “tem o compromisso de promover a convivência com a diferença/diversidade – e o faz a partir dos Núcleos de Ações Afirmativas” (HAESER, 2019, p. 19), dos quais vamos tratar a seguir, a partir das experiências de ações do *Campus Osório*.

Os Núcleos de Ações Afirmativas: NEPGS, NAPNE, NEABI

Os Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do IFRS, em suas propostas de atuação, a partir de ações articuladas entre ensino, pesquisa e extensão orientadas à temática da diversidade de gênero e sexualidade, guiam-se pelo esforço coletivo e dialógico na garantia de direitos para população LGBTQ+, bem como para sujeitos e/ou grupos sociais que sofram a precarização da vida e estejam expostos a vulnerabilidades em função da não correspondência a normas hegemônicas de expressão de gênero e sexualidade. O NEPGS/*Campus Osório*, desde sua constituição, em 2005, esteve voltado a essas práticas, enfrentando e combatendo as diversas violências a que estes grupos estão submetidos e as violações de seus direitos, assim como promovendo a construção de saberes a partir do campo dos estudos de diversidade de gênero e sexualidade, com vistas ao protagonismo ativo de transformação social capaz de impactar no campo político, econômico e educacional da comunidade interna e externa ao *Campus*. Propõe-se

¹ Professora de Letras Português/Espanhol no IFRS-*Campus Osório*, Coordenadora do NEPGS, luciane.ferreira@osorio.ifrs.edu.br.

² Professora de Libras no IFRS-*Campus Osório*, membra do NAPNE, aline.dubal@osorio.ifrs.edu.br.

³ Professora substituta de Libras no IFRS- *Campus Osório* e professora no Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC), ingrid.ingrassia@osorio.ifrs.edu.br.

⁴ Tradutora/intérprete de Língua de Sinais no IFRS-*Campus Osório*, Coordenadora do NAPNE, lidiane.alves@osorio.ifrs.edu.br.

⁵ Professor de Artes no IFRS-*Campus Osório*, Coordenador do NEABI (gestão 2017-2019), estevao.haeser@osorio.ifrs.edu.br.

⁶ Professora de Geografia no IFRS-*Campus Osório*, Coordenadora do NEABI (gestão 2020-2022), adriana.quadros@osorio.ifrs.edu.br.

a valorizar as experiências e as falas dos sujeitos, promovendo um espaço de acolhimento afetivo de escuta, ao mesmo tempo em que busca ouvir e dialogar com diversos setores do *Campus*, bem como atuar na busca de parcerias com outras instituições, professores/as, pesquisadores/as, grupos sociais organizados e coletivos de luta para ampliar o alcance do debate e promover espaços de construção de saberes e perspectivas diversas, com intuito de desenvolver ações, que articulem teoria e prática, para uma atuação ativa na sociedade. Orientado pelo exercício da construção coletiva, tem o compromisso com a interdisciplinaridade, interprofissionalidade e intersetorialidade, pois compreende que a reunião destes múltiplos olhares, vinculados a distintas formações profissionais, permitem uma visão e compreensão ampliada em torno dos mesmos processos sociais.

Indo ao encontro de tais perspectivas, o núcleo criou, em 2019, o “Programa de Extensão Ações do NEPGS: educação para diversidade de gênero e sexualidade” (PRO-NEPGS), com o objetivo i) de intensificar as ações do NEPGS e fortalecer sua atuação junto à comunidade interna e externa ao *Campus* ii) de construir ações com os NEPGS e Núcleos de Ações Afirmativas (NAAfs) de outros *Campi* do IFRS iii) de articular parcerias com outras instituições e setores para pesquisas e desenvolvimento de ações intra e extramuros da escola e iv) de criar um espaço orgânico-institucional para abarcar, a partir de gestão conjunta, um grupo de projetos e ações que abordem direta ou transversalmente as temáticas do núcleo. O PRO-NEPGS, indo ao encontro dos aspectos supracitados, já desenvolveu um conjunto de ações, bem como tem vinculado a si projetos de extensão e eventos⁷. Para esse relato, tem-se como proposta trazer a experiência do evento de extensão “Gênero, Sexualidade e Educação: interlocuções com Trabalho e Carreira”; uma proposição do NEPGS/Osório, do Programa e do Observatório Internacional de Carreiras (OIC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)⁸.

O evento reuniu, principalmente, integrantes dos núcleos de ações afirmativas e de pesquisa do NEPGS (IFRS), NUGEDS (Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual do IFFAR), NUGED (Núcleo de Gênero e Diversidade do IFSUL), GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero/UFRGS) e OIC (Observatório Internacional de Carreiras/UFRGS), com o principal objetivo de propiciar um momento de encontro e discussão entre pesquisadoras/es das temáticas de gênero e sexualidade, almejando a construção de uma aliança estadual de pesquisas e práticas. Também, de identificar e de debater perspectivas, proximidades, distanciamentos e lacunas de pesquisas entre o que já vem sendo desenvolvido por estes grupos. A necessidade da promoção de um evento que reunisse pesquisadoras/es, estudantes e demais interessadas/os nas temáticas gênero, sexualidade, educação e interlocuções com trabalho e carreira surgiu dos debates ocorridos na disciplina de “Gênero e Sexualidade: as diferenças que fazem diferença nas relações de trabalho”, realizada na Escola de Administração/UFRGS, em que reuniu membras/os do NEPGS/Osório, GEERGE e OIC.

O evento, realizado no dia 07 de novembro de 2019, nessa escola da UFRGS, em Porto Alegre R/S, contou com 60 pessoas, congregando alunas/os de superior, educação básica, docentes e técnicas/os administrativos de diferentes áreas, pesquisadoras/es nas temáticas, representantes dos núcleos de diversos *Campi* dos IFs/RS, discentes e bolsistas de projetos. Pela manhã, ocorreu as palestras da professora Jane Felipe de Souza e do professor Fernando Seffner (GEERGE/UFRGS), respectivamente “Violência de gênero no ambiente de trabalho” e “História da discussão de gênero e sexualidade na educação”. A tarde iniciou com apresentação do grupo coletivo “Poetas Vivos”, que por meio da arte poética de rua atuam na defesa de uma educação de valorização da cultura negra, apresentando forte teor político, combativo e de militância. Na sequência, a oficina, na qual todas/os participantes, em pequenos grupos, interagiram, trocando experiências e aprendizagens, a partir de elementos norteadores i) ações desenvolvidas nos *Campi* e/ou universidade e os impactos no ensino, pesquisa e extensão ii) temas abordados e linhas de pesquisas e iii) dificuldades e limitações encontradas. Os resultados das discussões foram socializados no grande grupo e o evento encerrou com a proposta da construção de uma aliança estadual de pesquisas e práticas nos temas de diversidade de gênero e de sexualidade.

⁷ Trajetória do NEPGS/Osório e ações realizadas, ver em: FERREIRA, Luciane, et al. NEPGS Osório: Memória e Desafios de Indissociabilidade, Transdisciplinaridade e Interseccionalidade na Educação para a Diversidade de Gênero e Sexualidade. In. SONZA, Andréa Poletto et al (Orgs.) **Afirmar**: a inclusão e as diversidades no IFRS, ações e reflexões. Bento Gonçalves: IFRS, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/2Ph2x> Para mais ações, visitar: <https://www.facebook.com/NEPGSOSORIO/>; <https://ifrsnepgs.wixsite.com/nepgs>; <https://bityli.com/hh3s5>.

⁸ O NEPGS/Osório estabeleceu uma parceria, desde 2018, com o Observatório Internacional de Carreiras (OIC) e com Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da UFRGS.

Figura 1: Evento Gênero, Sexualidade e Educação: interlocuções com Trabalho e Carreira

Fonte: NEPGS IFRS – *Campus Osório*

O evento, sustentado em metodologia participativa, colaborativa e problematizadora, vinculado ao processo de formação, de geração de conhecimento e de busca de intervenção no âmbito da realidade educacional, possibilitou trocas de saberes e práticas entre os grupos, tendo como principal resultado o pacto na construção de uma rede de ligações. Trabalhar junto, para Gatti e Zandonade (2017), contribui para construir redes, pactuações entre grupos, em torno de um objetivo comum, e estas ligações são fatores que podem gerar processos positivos em comunidades, pois a participação de diversos atores sociais e a necessidade do trabalhar coletivo promove a formação de redes e vínculos de natureza diversa, favorecendo, assim, a formação de novas redes.

Aponta-se a relevância de eventos como esse de extensão para além daquelas contribuições fundamentais que desempenham na organização de debates, mas, sobretudo, para experiência construída junta a pesquisadoras/es, alunas/os e profissionais voltados para a atenção das temáticas propostas. Destaca-se, também, a afirmação acadêmica de um espaço de debate, construção de conhecimento e de trocas de experiências práticas capazes de contribuir para transformações efetivas no âmbito social. Ainda, pontua-se que o evento alcançou a participação de estudantes em formação, ensino superior e básico, que possuem papel importante na sociedade, tornando-se sujeitos ativos que podem impactar em seus territórios por meio de conhecimentos e ações consistentes. Ressalta-se, no conjunto dos resultados, o pacto de formação da aliança estadual de pesquisas e práticas nas temáticas centrais e transversais de gênero e sexualidade, que permitirá para o próximo evento uma construção ainda mais participativa. Por fim, dinamizou saberes e práticas, o que mostra a importância de fomentar ações em espaços de ensino, uma vez que permite a formação de vínculos entre instituições, tornando possível o fortalecimento de grupos que podem resultar em importantes mudanças nas próprias práticas e saberes.

Em relação ao Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), que se direciona à inclusão, à permanência e ao êxito de discente com necessidades educacionais específicas, tem como um de seus focos de ação o trabalho com a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa língua é a natural da comunidade surda brasileira e a legítima que representa “vez e voz” dos surdos. Ela promove a comunicação, o desenvolvimento e o aprendizado dos surdos, sendo por meio dela que eles se vinculam e se organizam como comunidade, lutam por direitos e interagem em sociedade. Apesar do papel extremamente significativo e determinante da Libras para a comunidade surda, a oficialização ocorreu apenas em 2002 pela Lei 10.436 e sua regulamentação em 2005 pelo Decreto 5.626. Assim, passou a ser obrigatória a disciplina de Libras nos cursos de Licenciaturas e no de Fonoaudiologia, assim, esta língua gestual-visual vem despertando o interesse de muitos estudantes.

No Brasil, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, quantia que representa 5,1% da população do país. A partir deste dado quantitativo, da pouca oferta de espaços de discussões e trocas na área da surdez, além da necessidade da divulgação da Libras e seus processos de ensino-aprendizagem, iniciou-se a construção de uma proposta para implementar ações que viessem a fomentar reflexões e formações, no intuito de suprir essas lacunas, considerando-se as competências do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do IFRS/*Campus Osório*. Assim, o presente texto objetiva apresentar o “Encontro de Libras do Litoral Norte” como um espaço de diálogos e formações, sendo um evento organizado por duas instituições⁹, o IFRS/*Campus Osório* e o Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC).

⁹ O Encontro de Libras do Litoral Norte desde sua primeira edição foi organizado pelas professoras Ingrid Ertel Stürmer Ingrassia, Aline Dubal Machado e Fabiane Taboada Dias (professora no Curso de Pedagogia da UNICNEC). Na última edição, houve a contribuição da professora Viviane Prates (UNICNEC).

O litoral norte possui diferentes instituições de Ensino Superior que atuam com o ensino da Libras, seja na disciplina de graduação ou em cursos e projetos específicos para o ensino e aprendizagem desta língua, ainda existem escolas que atuam com alunos surdos incluídos em turmas regulares ou classes especiais, como também, os presentes no Ensino Técnico. Neste contexto, verificou-se uma grande variedade de pessoas envolvidas e/ou interessadas na Libras, na cultura surda e na educação de surdos, por outro lado, não se identificou eventos/ações direcionados a esta temática. Diante deste cenário, desde 2016 é ofertado o Encontro de Libras do Litoral Norte¹⁰ para estudantes de Libras, comunidade surda, familiares e amigos de surdos, bem como demais interessados. Em cada uma das edições do evento, organizou-se um formato diferente, oportunizando as ações em horários e dias variados para abranger um maior número de participantes, considerando-se as diferentes cidades que compõem o litoral norte.

O I Encontro de Libras do Litoral Norte ocorreu dia 12 de novembro de 2016 (sábado). Focou-se nas experiências realizadas no Litoral Norte por estudantes, profissionais e pesquisadores da área, a fim de valorizar o trabalho e a produção de conhecimento na região, compartilhando o que vem sendo realizado. No turno da manhã, foram desenvolvidas três palestras pelas professoras organizadoras do evento, que trouxeram seus conhecimentos e pesquisas: “Identidade e Cultura surda”, “Políticas educacionais e linguísticas para surdos no Brasil” e “Oficina de Libras: ensino e aprendizagem da Libras à comunidade do Litoral Norte”. Na tarde, o espaço de diálogo ocorreu com as pessoas da comunidade local, as quais trouxeram suas perspectivas e vivências a respeito dos temas: o surdo e a família, o surdo no ambiente escolar e no Ensino Superior, a atuação do Tradutor e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa (TILS) com o surdo e o mercado de trabalho.

A segunda edição do evento aconteceu em 01 de dezembro de 2017, em um único turno. Desta vez, elencou-se como grande tema a “Educação de surdos e o Contexto no Ensino Fundamental”, optou-se por esta temática devido ao interesse da nossa região. Por coincidência, o mesmo tema foi escolhido para a redação do ENEM, mas a temática já estava definida e considerou-se que era emergente para discussões. Assim, tivemos duas palestras intituladas: “Múltiplos saberes e práticas no ensino e aprendizagem da L3 para surdos” e “Implicações da atuação do Tradutor Intérprete de Libras no Ensino Fundamental”

No dia 17 de agosto de 2018, promoveu-se o terceiro Encontro, com duas palestras e, iniciou-se a oferta de oficinas temáticas, sendo oito ao todo. O público pode optar por duas oficinas para participar, sendo no turno da manhã e tarde. Na avaliação, os participantes do evento elogiaram muito a nova iniciativa, consideraram de extrema importância as oficinas, pois oportunizaram uma formação mais direcionada aos temas. No turno da noite, ocorreram as palestras intituladas: “Mãos Aventureiras: uma viagem em língua de sinais” e “A formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais: as exigências surdas sobre a qualidade profissional”. Nesta edição, pela primeira vez, ambas as palestras aconteceram em língua de sinais, o que despertou grande atenção e motivação do público, promovendo-se, assim, o protagonismo legítimo da Libras.

Na última edição do Encontro ocorrida nos dias 23 e 24 de agosto de 2019, agregou-se mais um evento, o I Seminário de Educação Especial Inclusiva do Litoral Norte, com objetivo de oportunizar discussões e reflexões sobre a inclusão, o público da Educação Especial, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e as práticas desenvolvidas na região sobre os temas em questão. Contou-se com duas palestras: “Adaptações curriculares experiências e possibilidades”, “Educação Bilingue para surdos” e 12 oficinas. Assim, promoveu-se diálogos de colaboração entre os diversos profissionais que atuam na área da surdez e educação especial/inclusiva, propiciando um espaço de formação continuada e de trocas de experiências, valorizando a práxis desses profissionais que atuam nos diferentes campos educacionais.

Logo, diante do objetivo de promover espaços de diálogos e formações, o Encontro de Libras do Litoral Norte tem se mostrado como um evento relevante e de referência para essa região, pois cumpre seu papel social, o de oportunizar formação e fomentar discussões sólidas, contando com pessoas da área da surdez e da própria comunidade surda. A avaliação do Encontro pelos participantes apresentou, anualmente, aspectos positivos, quanto à seleção dos temas e convidados para as palestras e oficinas e, constata-se, assim, como sendo um evento exitoso. Outro aspecto avaliado de forma favorável, refere-se à acessibilidade oportunizada nas diferentes edições, pois sempre priorizou-se o papel do TILS em todos os momentos, inclusive, na oferta das oficinas. O Encontro sempre contou com um número significativo de participantes das diferentes cidades da região, com uma média de 400 pessoas e, na terceira edição, de 700 inscritos, destes, cerca de 1/3 assistiu a

¹⁰ O evento sempre contou com o apoio de diferentes segmentos: Direção do *Campus* Osório, integrantes do NAPNE, Direção da UNICNEC, principalmente, do Curso de Pedagogia EAD e do setor de Disponibilização de Materiais da EAD, professores e tutores do Curso de Pedagogia, alunos das disciplinas de Libras de ambas as instituições promotoras e dos projetos de Libras do *Campus* Osório, TILS. Outros através de palestrantes: Instituto de Letras da UFRGS, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), UFRGS Litoral Norte, Escola Estadual Cônego Pedro Jacob, APAE de Osório, Escola Especial para surdos Frei Pacífico. Todos sempre atuaram de forma voluntária nas diferentes edições.

transmissão no YouTube. Nos últimos anos, este tem sido o evento com maior público no litoral norte. Portanto, a oferta do evento promovido, anualmente, pelas instituições parceiras, é uma ação que busca dialogar com a comunidade de nossa região, a fim de potencializar reflexões e formações, num olhar colaborativo e de construção coletiva em prol da educação com mais equidade e acessibilidade a todos.

No que diz respeito ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (NEABI), ele faz parte das políticas afirmativas que “surgem em caráter reparatório no contexto brasileiro como estratégia no enfrentamento das desigualdades raciais históricas da nossa sociedade. Podemos subdividir as ações afirmativas no Brasil em três principais categorias: ações punitivas, ações redistributivas e ações valorativas” (CORREA; HAESER, 2019). No contexto do IFRS, essas políticas visam promover ações de caráter permanente que tenham como “objetivo reverter a representação negativa estigmatizada por fatores históricos e visam a desconstrução de estereótipos enraizados no contexto social brasileiro” (CORREA; HAESER, 2019), com a consequente criação de um ambiente favorável à permanência das/dos estudantes cotistas. Além disso, é direito de toda/todo estudante ter contato com a história e cultura afro brasileira e indígena, pois ela é parte fundamental do que se entende por cultura brasileira. A partir desses pressupostos, passa-se a discorrer sobre o plano de ações do NEABI/Osório, gestão 2018-2019.

Em reunião mensal de outubro de 2017, uma nova coordenação foi eleita. Sucedendo a gestão coordenada pela pedagoga Maria Cristina Schefer, o professor Estevão da Fontoura Haeser assume como coordenador do núcleo. Na primeira reunião de 2018 foi apresentado um plano de ação, no intuito de organizar as atividades do NEABI e, com isso, buscar a adesão das/dos participantes remanescentes do núcleo e possíveis novas/os membras/os. O Plano de Ação 2018-2019 consistia nas seguintes propostas:

1. Feriado do Dia da Consciência Negra – O dia 20 de novembro como “não letivo”, honrando o Feriado do Dia da Consciência Negra, demanda do Movimento Negro, que nacionalmente ainda não se concretizou, e continua tramitando como Projeto de Lei no Congresso Nacional;
2. Agenda Integrada NEABIs – Movimento pela criação de uma agenda compartilhada e integrada para os NEABIs do IFRS, com o objetivo de participação das ações dos núcleos dos outros *Campi* e com isso fortalecer as ações e intercambiar saberes;
3. NEABI na sala de aula – rodas de conversa com turmas do ensino técnico integrado ao médio sobre direitos humanos, políticas afirmativas no IFRS e identidade branca e privilégios decorrentes dela;
4. Revista do NEABI – Artigos e ensaios acerca das relações étnico-raciais no IFRS;
5. AfrolF – Nossa Voz, nossa Vez! - Banda de Afrobeat do *Campus* Osório voltado à criação de espetáculo de música autoral para ser apresentado, a toda comunidade, no final do ano letivo;
6. Sarau Expandido – Música autoral negra do litoral norte, autoria negra na poesia, performance negra;
7. Grupo de Estudos Consciência Ancestral – Leitura e discussão de textos de historiadoras e historiadores, filósofos e filósofas negras/os e escritores indígenas;
8. Outras falas, novas escutas: seminários descolonizadores – Palestras e debates com pesquisadoras/es não brancos acerca do pensamento descolonial contemporâneo;
9. Grupo de Capoeira – História, cultura e saúde a partir da prática da Capoeira;
10. NEABI Cultural – Parceria com a prefeitura para um espetáculo musical ou teatral, semestralmente, no auditório do IFRS/*Campus* Osório, com entrada franca e aberto à comunidade externa;
11. Mostra Anual de Arte Afro Brasileira do Litoral Norte - Exposição de arte.

Figura 2: Marlise Paz, Assessora de Relações Étnico-raciais do IFRS, durante fala na programação do Novembro Negro do Litoral



Fonte: NEABI IFRS – *Campus* Osório

Visualizando assim, na forma de itens, pode parecer que o NEABI estava sendo ambicioso demais, o que não deixa de ser verdade. Porém, das ações previstas no plano de ação, quatro destas propostas foram concretizadas e algumas outras, que não estavam no plano, surgiram (os itens 6 a 10, abaixo) a partir da dinâmica do núcleo e das próprias ações desenvolvidas, da entrada de novos membros e do estabelecimento de relações com instituições parceiras, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* Litoral Norte (UFRGS-CLN) e a Prefeitura Municipal de Osório, acabando por substituir algumas das propostas iniciais. Foram concretizadas as seguintes ações:

1. Feriado da Consciência Negra (20/11-Dia não letivo no calendário acadêmico do *Campus* Osório, 2019 e 2020);
2. NEABI na sala de aula – Conversas sobre racismo nas turmas de segundo ano;
3. Publicação semestral (Informativo Preto no Branco, 2018);
4. AFrolF – Banda de Afrobeat (cujo título mudou para “Autorial Afrobeat”, 2018 e 2019);
5. Seminários Descolonizadores (Aula aberta Descolonização do Pensamento, ao lado da profa. Isabel Santos, durante a programação do Novembro Negro do Litoral);
6. Novembro Negro do Litoral – inicialmente apenas pensada como V Semana da Consciência Negra do IFRS *Campus* Osório;
7. Cineclube Ruth de Souza – Sessão de cinema semanal no auditório do *Campus* (buscando cumprir a Lei nº 9.394/1996, em seu Artigo 26º, parágrafo 8º);
8. Confeção de banner para o projeto Autorial Afrobeat;
9. Confeção de camisetas Autorial Afrobeat/NEABI (2019);
10. Publicação de livro sobre o ensino das relações étnico-raciais – com recurso de emenda parlamentar concedida pelo então deputado federal Pepe Vargas.

É digna de destaque a participação ativa, como representantes da comunidade externa ao *Campus*, da Rainha Ginga do Maçambique de Osório, Francisca Dias, e de seu marido, Professor Dr. Iosvaldyr Bittencourt Júnior. Além das ações listadas acima, desenvolvidas em sua maioria dentro do *Campus* e no município de Osório, destaca-se a participação do coordenador do núcleo, a convite do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DEDS-UFRGS), na criação do material educativo Arte Negra na Escola, com tiragem de mil exemplares, distribuído gratuitamente às escolas estaduais do RS. O material consiste em uma pasta contendo quinze fichas, com obras de arte de três artistas negros do Rio Grande do Sul. Na 12ª edição do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, a publicação Arte Negra na Escola recebeu o prêmio na categoria Indicação do Júri.

Na última reunião de 2019, em dezembro, foi apresentado o relatório da gestão 2018-2019 e o professor Estevão se colocou à disposição para continuar coordenando os trabalhos do núcleo enquanto não houvesse outra/outro servidor/a para assumir a posição. No início de 2020 passa a compor o quadro de docentes do *Campus* a professora Adriana Silvester Quadros, que demonstrou interesse em integrar e coordenar o NEABI. Foi possível realizar nova eleição, consultando as/os integrantes do núcleo acerca de seu nome para a coordenação da gestão 2020-2022. Com aprovação unânime, a chegada de uma mulher negra à posição renovou os ânimos e atraiu novas e novas membras/os para o núcleo.

Um novo plano de ação para a Gestão 2020-2022 está em construção, todavia, com a suspensão das atividades presenciais no IFRS, como parte das ações de enfrentamento à pandemia Covid-19, a escrita encontra-se em andamento, por meio de conversas via ferramenta remota, mas ainda incompleta.

Conclusão

O princípio de uma educação cidadã e acolhedora da diversidade humana mobiliza a atuação dos três núcleos do *Campus* Osório, uma vez que se voltam à inclusão educacional e social plena das/os estudantes, bem como à produção de conhecimentos interdisciplinares nas suas temáticas. A existência dos núcleos no espaço institucional vêm se fortalecendo junto à comunidade acadêmica do *Campus* e a diversos espaços do

¹¹ Aproveitando pregões que estavam válidos quando o Ministério da Educação desbloqueou recursos que estavam previstos e aprovados no orçamento para o IFRS, em novembro de 2019. A produção das camisetas foi prejudicada em função da suspensão das atividades presenciais provocada pela pandemia Covid-19.

¹² É possível encontrar maiores informações e baixar o referido material diretamente na página do DEDS-UFRGS: <https://bityli.com/72Vm6>. Acesso em 08 de jun. de 2020.

Litoral do Norte e, embora as ações tenham sido relatadas individualmente, o trabalho em conjunto vem se afirmando, como em dois eventos de 2019: sessão do Cineclubes Ruth de Souza, que exibiu o filme “Hoje eu quero voltar sozinho”, discutindo sexualidade, homossexualidade, cegueira e adolescência, reunindo os três núcleos e Dia Internacional da Mulher Negra, integrando NEPGS e NEABI, exemplos que denotam tal empenho para ações integradas e voltadas à inclusão plena da diversidade.

Sabe-se que a escola tem sido, historicamente, no Brasil, um ambiente de manutenção de preconceitos e acentuação de desigualdades. Nos anos 2000 houve uma série de mudanças, inclusive com o paradigma da inclusão em oposição ao da integração, anteriormente vigente, e com políticas públicas voltadas às populações socialmente vulneráveis. A própria criação dos Institutos Federais é parte de um projeto que visa mudar esse cenário, promovendo uma educação emancipadora, cidadã e de qualidade, para todas/os. Assim, a existência dos Núcleos de Ações Afirmativas confirma a coerência na proposta de transformação da sociedade brasileira que, juntamente às políticas de reserva de vagas, de permanência e êxito, entre outras, foram implementadas pelos governos populares entre 2003 e 2016. A revolução que representam os Institutos Federais e as políticas que neles se efetivam, das quais NEABI, NEPGS E NAPNE fazem parte, segue em curso, lenta e persistentemente, possibilitando à juventude o acesso aos direitos expressos na constituição, começando pela conquista da própria cidadania.

Referências

BRASIL. Lei n 9.394 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: [s.n.], 1996. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 07 jun. de 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 06 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 06 jun. 2020.

BRASIL. **Lei no 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2008. Disponível em: <https://bityli.com/C3HmE>. Acesso em: 07 jun. de 2020.

CORREA, Lucas J.; HAESER, Estêvão F. Urgência, Consciência e Emergência: Políticas Públicas para a Arte Afro-brasileira. In **O ensino das relações étnico-raciais e os dez anos dos Institutos Federais (2008-2018)** / organização de Estêvão da Fontoura Haeser e Márcio Rogério Olivato Pozzer – Maceió, AL: Café com Sociologia, 2019.

GATTI, Simone; ZANDONADE, Patrícia. **Espaços Públicos: Leitura Urbana e Metodologia de Projeto** [dos pequenos territórios às cidades médias]. Coordenação do Programa Soluções para Cidades. São Paulo, ABCP, 2017. 120 p.

HAESER, Estêvão F. **GEduc: Dispositivo Livre Para Transmissão de Áudio Via Ondas de Rádio FM no Contexto da Educação Inclusiva**. 2019. Dissertação (Mestrado em Informática na Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre, Porto Alegre, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 jun. 2020.

OS NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES E PRÁTICAS INCLUSIVAS NO IFRS - CAMPUS PORTO ALEGRE

Cinara dos Santos Costa¹
Gleide Penha de Oliveira²
Liliane Madruga Prestes³
Caio de Souza Tedesco⁴
Eduarda Bernardo Nunes⁵
Lucinéia Rodrigues⁶
Morgan Lemes Santos⁷
Raul Candido dos Reis⁸

Introdução

A possibilidade de ofertar uma formação técnica e profissional de qualidade alicerçada a uma política de ações de inclusão com respeito às diferenças e à diversidade pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) está comprometida em sua missão por:

Ofertar uma educação profissional, científica e tecnológica, inclusiva, pública, gratuita e de qualidade, promovendo a formação integral de cidadãos para enfrentar e superar desigualdades sociais, econômicas, culturais e ambientais, garantindo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e em consonância com potencialidades e vocações territoriais. (IFRS, 2020)

Neste sentido, a política de Ações Afirmativas se propõe a nortear as ações de inclusão no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, mediante programas específicos, com vistas à construção de uma instituição inclusiva, permeada por valores democráticos e pelo respeito à diferença e à diversidade. Após um longo processo de debates, em 2015, foi publicado o documento “Ações afirmativas do IFRS” com princípios e diretrizes norteadoras à luz da legislação vigente, pertinentes a área da inclusão, pensando nas condições de acesso, permanência e êxito de todos os ingressantes na Instituição.

No *Campus* Porto Alegre, os Núcleos de Ações Afirmativas vem desempenhando um papel fundamental no fortalecimento de uma educação afirmativa e inclusiva. Assim, com base no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) - documento que norteia as ações do IFRS - a inclusão e a diversidade estão contempladas com a implantação dos Núcleos, em consonância com a legislação vigente.

- Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) – visa fomentar e organizar estudos e ações que direcionam para uma educação pluricultural e pluriétnica, incentivando a construção da cidadania por meio da valorização da identidade étnico-racial, principalmente de afro-brasileiros e indígenas.

- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Sexualidade (NEPGS) – visa implementar a política da Diversidade de Gênero, com vistas a promover valores democráticos de respeito à diferença e à diversidade, articulando os setores da Instituição nas diversas atividades relativas à inclusão e diversidade de Gênero e Sexualidade.

Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) – visa fomentar o processo de inclusão e de ações afirmativas, revelando o compromisso do IFRS com a formação integral do ser humano, em especial ao relacionamento que estabelece com o Mundo do Trabalho.

¹ Técnica em Assuntos Educacionais, Coordenadora NEABI, cinara.santos@poa.ifrs.edu.br

² Docente, Coordenadora do Curso Técnico em Secretariado, gleidhe.oliveira@poa.ifrs.edu.br

³ Docente, Coordenadora do NEPGS/IFRS - POA, liliane.prestes@poa.ifrs.edu.br

⁴ *Transhomem*. ; professor de História e organizador do Coletivo pela Educação Popular TransENEM.

⁵ Assistente Social, integrante do NEPGS-IFRS/POA e do Coletivo TransENEM.

⁶ Assistente Social, integrante do NEPGS-IFRS/POA e do coletivo TransENEM.

⁷ Homem negro trans, professor de História no coletivo TransENEM, estudante Técnico em Redes de computadores no IFRS.

⁸ Professor de música e organizador do coletivo TransENEM.

NEABI

O NEABI do *Campus* Porto Alegre é um espaço em formação cujo propósito é estudar e debater as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, buscando fomentar o ensino, a pesquisa e a extensão a partir do desenvolvimento de projetos e ações relacionadas a diferentes áreas do conhecimento. A constituição atual do NEABI, composto por servidores, discentes e membros da comunidade externa, se deu através da Portaria nº 136, de 10 de junho 2019, em consonância com a Resolução nº 021, de 25 de fevereiro de 2014.

Em 2019, diversas ações foram realizadas a fim de promover debates e rodas de conversas acerca das temáticas pertinentes ao núcleo. Dentre as ações realizadas por este núcleo, destaca-se:

“Quanto custa ser indígena no Brasil?”

Evento realizado em abril de 2019, que surgiu da necessidade de dar maior visibilidade às questões culturais indígenas na realidade brasileira, tendo em vista as constantes vulnerabilidades a que estão submetidas muitas dessas comunidades no Brasil, cuja história é muito pouco conhecida. Outra questão abordada no debate foi à valiosa reflexão sobre a alteridade na constituição das identidades e os diálogos possíveis entre os conhecimentos indígenas e não-indígenas visando valorizar diferentes identidades e manifestações culturais da população indígena local, em especial da região metropolitana de Porto Alegre. A programação constou de mesa-redonda, roda de conversa e exibição de filmes curtas-metragens com debates, exposição de artesanatos indígenas e arrecadação de alimentos não perecíveis destinados às comunidades indígenas.

Roda de Conversa com Michele Doebber e Estudantes Indígenas (UFRGS)



Fonte: NEABI/Campus POA

Novembro Negro - Semana da Consciência Negra

Evento realizado nos dias 18, 19 e 20 de novembro, que trouxe grande interação do núcleo com a comunidade acadêmica, através de rodas de conversas, palestras e oficinas com assuntos relacionados a herança cultural afro brasileira. Em tempos de fortalecimento dessas discussões a respeito das ações afirmativas, o evento Novembro Negro promoveu o debate e reflexões acerca da história, da importância dos movimentos sociais e do fortalecimento da consciência negra. Nesse sentido, contamos com a presença de diversos profissionais que atuam em temas intelectuais relativas à presença negra no mundo, no Brasil e nos diversos campos da construção da sociedade brasileira em total acordo com os objetivos do nosso NEABI e das políticas afirmativas do IFRS.

Figura 1: Palestra com os “Poetas Vivos” e Apresentação com “Negra Jacque”



Fonte: NEABI/Campus POA

Figura 2: Oficina com “Daniel Amaro” e Palestra sobre as Cotas Raciais e as Bancas de Heteroidentificação com Gleidson Renato Dias



Fonte: NEABI/Campus POA

As Ações Afirmativas no IFRS: Um debate necessário

O evento de formação de servidores realizado em dezembro sobre as temáticas indígena, afro-brasileira, acessibilidade e gênero trouxe ao debate pesquisadores e estudantes indígenas que apresentaram suas experiências possibilitando ao grupo importantes reflexões acerca da inclusão e diversidade. O evento foi pautado em assuntos como Inclusão e Acessibilidade; Gênero, Violência e seus Recortes; Racismo Estrutural; O olhar do discente Indígena e a Educação; Presença Indígena na Universidade.

Figura 3: Palestra sobre Inclusão e Diversidade e Roda de Conversa com estudantes Indígenas (UFRGS)



Fonte: NEABI/Campus POA

NEPGS

Transgredindo à Educação em tempos de pandemia: um relato de experiência Educação Popular TransENEM em parceria com o NEPGS/IFRS/POA.

O Coletivo pela Educação Popular TransENEM é, conforme o nome indica, um coletivo de Educação Popular, voltado para a população LGBTQIA+⁹, e com foco na população transgênera - mulheres e homens transexuais, mulheres travestis, transmasculinos e trans não-binários. Começou a ser idealizado em meados de 2015, a partir de uma publicação feita por Nanni Rios em uma rede social. A formação de outros cursos populares voltados para pessoas trans* no Brasil, a exemplo do EducaTrans (Sergipe), TransEnem (Belo Horizonte), Transcidadania (São Paulo) e PreparaNEM (Rio de Janeiro) foi a inspiração dessa primeira chamada pública (GUIMARÃES, 2018). O projeto saiu das redes, do papel, do computador e das reuniões de planejamento no início de 2016, quando ocorreram as primeiras convocações de professoras, professores e professorias¹⁰ para compor o coletivo. Dessa maneira, cerca de três formações pedagógicas relacionando Educação Popular, Gênero e Sexualidade foram realizadas a fim de preparar os docentes para a experiência a qual estavam prestes a embarcar.

⁹ A sigla LGBTQIA+ refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, trans*, queer, interssexo e assexuais. Utilizamos o símbolo “+” para incluir diferentes gêneros e sexualidades não contempladas pela sigla, como panssexuais, agêneros, gênero fluido, pangênero, bigênero, andróginos, entre outras identidades que fogem ao padrão cisheteronormativo.

¹⁰ Para a escrita deste artigo, utilizaremos a linguagem não-binária ou neutra, a fim de evitar o binarismo compulsório que a língua portuguesa implica. Sendo assim, utilizaremos a vogal “e” para nos referir a pessoas de todos os gêneros. Por exemplo: “es alunes”. Em situações em que o “e” implica o gênero masculino (por exemplo: “ele”), utilizaremos a vogal “u” (elu). Para saber mais sobre a linguagem não-binária ou neutra, acesse bit.ly/linguanaobinaria. Acesso em 30 jun. 2020.

Nos primeiros meses, o Coletivo ainda não era vinculado a nenhuma instituição, nem tinha acesso a estrutura de salas de aula. Foi então em meados de 2016 que a parceria entre o Coletivo pela Educação Popular TransENEM e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade se deu, tornando, assim, o Programa de Extensão TransENEM um dos eixos do NEPGS do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRS - Campus Porto Alegre, o NEPGS/POA.

O TransENEM é composto por pessoas acadêmicas de cursos de licenciaturas e bacharelado e de pós-graduação, integrantes de movimentos sociais e profissionais das áreas do serviço social, psicologia, pedagogia, administração, entre outras, fortemente engajadas na luta pela inclusão de pessoas LGBTQIA+, sobretudo trans*, nos espaços de educação formal e na plena garantia dos seus direitos fundamentais e sociais. É composto por núcleos, sendo eles: docente, Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Social (NAPPS) e organização, além dos Grupos de Trabalho (GT) temporários para suprir uma demanda específica. Atualmente, há cinquenta e quatro pessoas atuantes no TransENEM, que podem contribuir com diferentes núcleos e/ou GT's, de acordo com disponibilidade e interesse individuais.

Sendo a democracia e a horizontalidade princípios fundamentais do coletivo, nos articulamos em uma autogestão com debates acerca das demandas, necessidades e realidades do coletivo, através de assembleias mensais com votações. Destacamos a divergência da cisheteronormatividade, como um *marcador social da diferença* (BRAH, 2006), enquanto ponto articulador da formação do coletivo, pois grande parte dos membros são pessoas LGBTQIA+. Ademais, consideramos o coletivo parte da militância e ativismo LGBTQIA+, é uma espécie de “nós por nós” pela via da Educação.

O objetivo inicial do Coletivo era de promover um curso preparatório para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) exclusivo para pessoas trans, daí a progênie do nome TransENEM. A partir de outubro de 2017 tornou-se *cis-inclusivo*, incluindo a possibilidade de pessoas cisgêneras divergentes da heteronormatividade tornarem-se alunas do TransENEM também. Além disso, passou a ser ofertado o curso de preparação para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA, tendo em vista que o ENEM deixou de ser uma via de formação do Ensino Médio no final de 2016.

Enquanto Programa de Extensão e parte das Ações Afirmativas do IFRS, vinculado ao NEPGS-IFRS/POA, o TransENEM tem, como ações o compartilhamento de experiências — com a comunidade interna e externa do IFRS, através de rodas de conversas e produção de materiais educativos veiculados em redes sociais. Assim, promovemos a divulgação de políticas de inclusão, o respeito à diversidade de gênero e sexual, educação concernente às relações de gênero e o combate à LGBTfobia, sobretudo à transfobia.

Enquanto coletivo, ao apostarmos em uma Educação **Popular**, consideramos os aspectos materiais e subjetivos que atravessam os processos de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, os eventos mencionados acima também são espaços de sociabilidade que propiciam vínculo e pertencimento; realizamos campanhas para a arrecadação de recursos; encaminhamentos à rede socioassistencial para alunes em situação de vulnerabilidade social. Em termos gerais, buscamos nos articular para necessidades amplas dos alunes.

Dentro de todo este contexto, é essencial destacar que o Coletivo TransENEM é um movimento de resistência contra o preconceito, atuando como espaço de sociabilidade, de acolhimento, de fortalecimento e proteção de uma população que têm seus direitos fundamentais constitucionalmente previstos contestados. No tocante a sua prática pedagógica, o Coletivo afirma sua posição contrária a perpetuação das desigualdades escolares, guiada pelo viés da Educação Popular por encontrar-se fora da esfera convencional das instituições de ensino e contra-hegemônica à estrutura heteronormativa, cisnormativa, racista e lgbtfóbica inerente às escolas brasileiras. Ainda, há o caráter político do Coletivo, pois está socialmente posicionado como antifascista, antilgbtfóbico, antirracista, anticolonialista e anticapacitista.

Deste modo, percebe-se como pressupostos teórico-metodológicos do coletivo uma pedagogia crítica, transfeminista e *queer*. Assim, entre nossas bases estão Paulo Freire, bell hooks e Guacira Lopes Louro. Ressaltamos a relevância destes três intelectuais, considerando a importância de uma *prática pedagógica libertária* (HOOKS, 2013), que tensiona a cisheteronormatividade e compreende que gênero e sexualidade não

¹¹ Atualmente subdivididos em artes – visuais e música –, biologia, filosofia, física, geografia, história, língua estrangeira – inglês e espanhol –, literatura, matemática, português, química, redação e sociologia.

¹² Composto por assistentes sociais, psicólogues e pedagogues, que possuem um momento semanal em sala de aula para acompanhamento das pessoas alunas. O núcleo tem como objetivo desenvolver ações e estratégias para fortalecer a aprendizagem dos alunes e auxiliar em fragilidades/vulnerabilidades mediante demanda espontânea e/ou busca ativa.

¹³ Subdividido em grupos de eventos, comunicação, financeiro, jurídico e acadêmico.

¹⁴ Por exemplo, montagem da aula inaugural ou seleção de novas pessoas para atuar dentro do coletivo.

estão descolados do campo da Educação (LOURO, 2007). Ademais, reiteramos que a Educação é lida de maneira ampla e relacionada à cidadania e ao fomento da autonomia dos sujeitos (FREIRE, 1996).

Em 2019, o TransENEM participou, pela primeira vez, da organização da Parada Livre de Porto Alegre. Isto, somado a uma ampla divulgação, impulsionou a inscrição de aproximadamente 100 pessoas para estudarem no coletivo em 2020 - um número maior que nos anos anteriores, quando em torno de 30 a 40 pessoas se inscreviam. Ainda, com vistas no planejamento deste ano, iniciamos nossas atividades anuais com a seleção, acolhida e formações para novos membros. Não conseguimos, porém, fazer as aulas presenciais, como estávamos preparados no início do semestre, devido à pandemia de COVID-19, forçando, assim, a suspensão das aulas presenciais e remanejamento para aulas a distância. Nesse sentido, houve, ou melhor, há desafios e demandas novas, sobre as quais iremos discorrer nas páginas seguintes.

O TransENEM diante do Covid-19: como dar continuidade à transgressão?

Conforme declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), estamos vivenciando, a nível mundial, uma pandemia devido à COVID-19. Segundo o boletim nº 03/2020 do ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais), o primeiro semestre revela que houve 89 assassinatos de pessoas trans superando o primeiro semestre de 2017 onde houve 83 assassinatos. 94,8% sofreram violência transfóbica, e 70% dos LGBTQIA+ se encontram em isolamento social junto a familiares e destes, 45% tiveram agravamento na sua saúde mental. Já a situação socioeconômica houve um agravamento sério, onde aumentou o número de pessoas trans em situação rua. Estima-se que 60% da população trans não tiveram acesso ao auxílio emergencial do governo. 90% das mulheres trans e travestis têm como fonte de renda a prostituição, sendo que, 80% relataram perda de até 100% dos ganhos. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020a)

É inegável que este cenário que assola o nosso país, também afeta diretamente a vida de toda a população e, o TransENEM - enquanto iniciativa independente, sem fins lucrativos e como coletivo que acredita na potencialidade da educação - não está alheio da concretude histórica. Dada a realidade do necessário isolamento social e do confinamento em casa recomendados pelas autoridades sanitárias, o coletivo precisou se reinventar para permanecer desenvolvendo suas atividades e para garantir a continuidade de um projeto que defende a diversidade e o acesso à educação como direito social.

Ao refletirmos sobre como manter as atividades do coletivo em tempos de pandemia, consideramos a modalidade de educação remota como forma de dar seguimento às aulas e encontros. Inicialmente, foi realizado um levantamento sobre as condições de acesso à internet e tecnologias, a fim de compreendermos o contexto de cada alune, para assim podermos planejar nossas ações.

Como resultado desta pesquisa obtivemos que 98,6%¹⁵ (30) des alunes tinham acesso à internet todos os dias e 3,2% (1) acessava somente de 2 a 4 vezes na semana. Sobre o tempo disponível para acesso à internet, obteve-se que 80,6% (25) acessava mais de 03 horas por dia, 9,7% (3) acessava 03 horas por dia, 6,5% (2) acessava 02 horas por dia e 3,2% (1) acessava 01 hora por dia.

Sobre a principal fonte de internet, 64,5% (20) des alunes alegaram ter wi-fi próprio, 19,3% (6) wi-fi emprestado, 9,6% (3) teriam plano limitado de dados e 6,4% (2) plano ilimitado de dados. A respeito da plataforma de uso para acessar à internet, 58% (18) através de celular ou tablet, 38,7% (12) informaram que era através de computador ou notebook e 3,2% (1) através de todos os equipamentos mencionados.

No que tange às plataformas, objetivamos buscar quais eram as que es alunes já tinham contato e/ou possuíam facilidade para utilizar, resultou que: 87,1% (27) acessavam a rede social *Facebook*, 74,2% (23) o *Google Drive*, 41,9% (13) o *Google Classroom* e 19,4% (06) o *Google for Education*. Sobre o formato das aulas, ou seja, sobre as estratégias de ensino a distância, obtivemos os seguintes dados: 77,4% (24) gostariam de acesso via vídeo-aula, 9,7% (3) por textos, 3,2% (1) via podcast, 3,2% gostariam de atividades práticas mediadas a distância por professorias e 6,4% (2) afirmaram que todas as formas citadas poderiam ser úteis.

Após a análise dos dados coletados, o coletivo se reuniu na assembleia referente ao mês de março, realizada de forma *on-line*, para deliberar acerca do seu funcionamento em tempos de pandemia. As pessoas presentes foram favoráveis à realização das aulas *on-line* e/ou EAD (Ensino a Distância), dessa forma, tomaram-se os encaminhamentos necessários para a execução dessas. Optou-se pela continuidade da divisão de horários criada anteriormente ao isolamento social para organizar as matérias, bem como a utilização de um grupo geral na plataforma *WhatsApp* com todas as pessoas que integram o coletivo (docentes, discentes, e

¹⁵ Porcentagens aproximadas, seguida do número exato de respostas entre parênteses.

integrantes da organização). Foi dada autonomia para que cada núcleo docente decidisse quais plataformas e formatos se utilizaria para realização das suas aulas a distância. Na assembleia do mês de abril, foi feita um relato das reuniões internas, apresentando o planejamento de cada área. Diante disso, 81,2% (13) das disciplinas optaram por um planejamento assíncrono, ou seja, disponibilização algum tipo de material (vídeos, textos, pdf's, imagens, etc.) para acesso em qualquer momento, e disponibilidade para resolução de dúvidas em horário de aula. Desses, 23% (3) disseram que realizariam uma videochamada com os alunos em algum momento do ano letivo. 6,2% (1) dos núcleos decidiram realizar videochamadas todas as semanas. 6,2% (1), além de realizar videochamadas semanalmente, também disponibilizaria material assíncrono. Os 6,2% (1) restantes optaram apenas pela disponibilização de material assíncrono e realização de propostas de trabalhos semanais a serem entregues via e-mail. Todos os núcleos optaram por utilizar o *Google Classroom*, bem como um grupo específico na plataforma *WhatsApp* e, nos casos de videochamada, a plataforma *Jitsi Meet*.

No mês de abril, foi criado o grupo geral e, de maneira informal, cada pessoa fez uma apresentação pessoal. Essa apresentação consistia em nome, pronomes, motivos pelos quais ingressou no TransENEM (no caso de alunos), área de atuação (em caso de professorias, membros do NAPPS e da organização), fotos (para quem se sentisse confortável) e descrição livre (que variou entre *hobbies*, mapa astral, profissão e metas profissionais e acadêmicas). Poucos dias depois, as aulas começaram.

No que tange ao NAPPS, as suas atividades também tiveram que ser reorganizadas. Deste modo, passaram a ocorrer, semanalmente, encontros grupais e atendimento individuais, de maneira virtual com os alunos. Nos momentos de grupo, estimula-se a criação de vínculos, trocas de vivências entre eles e as pautas são construídas coletivamente. Os alunos dão sugestões de temas e conteúdos que gostariam de tratar/abordar e os profissionais, geralmente em duplas, conduzem o encontro. Além do que emerge do próprio grupo, também há uma preocupação em verificar como está sendo o processo de aprendizagem dos alunos, no sentido de ver se estão conseguindo acompanhar as aulas de forma remota, se o conteúdo está acessível, se estão com algum tipo de dificuldade no acesso do material e, também, em relação a aspectos do contexto profissional, pessoal e relacional dos alunos, entendendo que este cenário de pandemia está sendo bastante difícil para todos.

Para os atendimentos individuais, a organização está estabelecida através da metodologia de técnicas de referência, que são pessoas da equipe do NAPPS que ficam com a responsabilidade daquele acompanhamento específico. As referências buscam constantemente criar espaços de diálogo saudáveis e acolhedores que possibilitem a escuta dos alunos e, se necessário, encaminhamento das suas demandas.

Resistência por uma educação transgressora: reflexões sobre o TransENEM e o panorama atual

Nas primeiras semanas, todos os núcleos possuíram uma boa adesão. Grande parte dos alunos participaram das discussões, leram os materiais e realizaram os exercícios propostos. Entretanto, a evasão foi aumentando e, em alguns casos, não sabíamos o motivo exato para tentar contornar a situação. Assim, o coletivo como um todo passou por momentos de questionamentos: O problema seria nossas aulas? Ou seria a forma de apresentar os conteúdos propostos? Ou, talvez, a nossa atuação como professorias no geral? Esse cenário despertou momentos de auto reflexão da nossa prática, o que não vemos, de nenhuma forma, como uma falha, mas como parte do próprio exercício docente. Foram realizadas assembleias extraordinárias para trocarmos experiências, relatos e elaborarmos propostas de continuidade das aulas.

Sabemos que a situação de isolamento social e de pandemia é caótica. Sabemos, também, que ela é mais caótica para algumas pessoas do que para outras. O momento evidenciou e intensificou desigualdades sociais. O discurso de que “estamos todos no mesmo barco” se provou uma falácia para massagear egos de quem acredita, erroneamente, que muito faz. Sabemos que as realidades, dentro do coletivo, são mistas e que, consequentemente, as desigualdades sociais também. Essas, pesam no envolvimento de cada pessoa com as aulas e com as atividades que ocorrem. Por mais que todos os docentes estejam comprometidos com o seu pleno exercício, ainda há muitas situações que não podemos prever, evitar e nem controlar. Parte da função de ser professor é saber nossos limites. Tentamos, ao máximo, realizar acompanhamentos com todos os alunos para entender, amparar e auxiliar dentro das nossas capacidades, mas não possuímos, nos cursos de licenciatura, formação para lidar com diversas situações. A existência e atuação do NAPPS, em articulação com cada núcleo integrante do TransENEM, se mostra imprescindível, sendo ponto central nas construções de laços humanizadores, em tempos de distanciamento social.

Até o momento da escrita deste texto, não possuímos uma única resposta de como lidar com as aulas em tempos de isolamento social. Tentamos, testamos, dialogamos e praticamos, pondo, diariamente, à prova e

na prática nossas formações múltiplas. Seguimos tentando formas de construir conhecimentos com nossos alunos. Atualmente estamos construindo grupos de interesse temáticos, a fim de interligar conteúdos teóricos com múltiplas linguagens, como literatura e cinema. Ainda não há, entretanto, resultados, visto que o planejamento está em andamento.

Como mencionado anteriormente, o coletivo TransENEM é uma resistência, que, conforme o título desse relato afirma, busca **transgredir** as estruturas cisnormativas de uma educação excludente. Segundo relatório de 2019 da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), apenas 0,02% das mulheres trans e travestis brasileiras estão inseridas em universidades, 76% não concluiu o ensino médio e 56%, o ensino fundamental. No caso de homens trans e pessoas transmasculinas, o maior problema no levantamento de dados é a invisibilidade. Estima-se (mas não há dados oficiais) que no mínimo 80% dessa população tenha concluído o ensino médio (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020b). Em tempos de isolamento social, mantemos nossas bases teóricas e valores para enfrentar a crise que, é, além de tudo educacional. Presencialmente ou a distância, seguimos lutando por e através de uma educação antifascista, antilgbtfóbica, antirracista, anticolonialista e anticapacitista.

Referências

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. **BOLETIM Nº 03/2020: assassinatos contra travestis e transexuais em 2020**. ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM 2020. 2020a. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/06/boletim-3-2020-assassinatos-antra.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfm (org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Antra, IBTE, 2020b. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. . **Cadernos Pagu**, Campinas: UNICAMP, n.26, p. 329-376, jan/jun. 2006..

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996./

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Missão, 2020**. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/institucional/missao-visao-e-valores/>. Acesso em: 30 Jun. 2020.

ITAQUI, Cintia. **Possibilidades de acesso à Educação Superior: a experiência do TRANSENUM Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle. Canoas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1118/1/citaqui.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

GUIMARÃES, Gabrielle Gazapina. **TransENEM POA: etnografia sobre um curso pré-vestibular de educação popular voltado à pessoas transexuais, mulheres travestis e LGB inclusivo**. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Cidade. WMF MARTINS FONTES. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 9º ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARTINS, Gleidson Renato Martins et al (Orgs.) . **Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos**. - Canoas: IFRS campus Canoas, 2018.

PRESTES, Liliane Madruga et al. Compartilhando experiências entre NEPGS/IFRS-POA e Coletivo Popular TransENEM. In: SONZA, Andréa Poletto et al (orgs). **Afirmar - a inclusão e as diversidades no IFRS: ações e reflexões**, 2020, p. 342-349.

SONZA, Andréa Poletto et al. **Ações afirmativas do IFRS**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2015.

NAAF REITORIA DO IFRS: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

Maria Águeda Santos da Silva¹
Rosângela Ferreira²

Introdução

Ações afirmativas são iniciativas que buscam superar fatores que causam a exclusão de uma parcela da população, através da eliminação de barreiras e processos que contribuem para desigualdades, sejam eles de ordem física, social, racial, étnica, religiosa ou de gênero (SONZA, 2016).

Alinhado a essa premissa, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) aprovou, em 25 de fevereiro de 2014, sua Política de Ações Afirmativas, com o objetivo maior de promover as ações afirmativas em seus *campi*, mediante programas específicos, destinados à construção de uma instituição inclusiva, permeada por valores democráticos e pelo respeito à diferença e à diversidade (IFRS, 2014). O compromisso do IFRS com as ações afirmativas torna-se evidente também em sua missão institucional, onde se expressa a disposição em ofertar uma educação profissional inclusiva e a promoção de uma formação integral de cidadão, para enfrentar e superar desigualdades sociais, econômicas, culturais e ambientais (IFRS, 2018).

Nesse sentido, a organização administrativa conta com uma Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade, na Reitoria, e núcleos nos *campi*. Cada um dos dezessete *campi* pode instituir núcleos com foco específico a cada grupo de inclusão ou em uma estrutura única e abrangente, a qual se denominou Núcleo de Ações Afirmativas (NAAf).

Sentindo a necessidade de levar as discussões das ações afirmativas para o contexto da Reitoria, um grupo de servidores articulou-se, com o apoio da Pró-reitoria de Extensão, para a implantação do NAAf nessa unidade administrativa. Desde então, o NAAf Reitoria tem procurado se fortalecer como entidade e buscar formas de ampliar o conhecimento sobre as ações afirmativas nos setores da Reitoria. São as atividades realizadas no ano de 2019, o recorte abordado neste trabalho.

O Núcleo de Ações Afirmativas na Reitoria do IFRS

O Núcleo de Ações Afirmativas (NAAf) da Reitoria do IFRS iniciou suas atividades em 6 de outubro de 2016, através da Portaria IFRS Nº 2151. Inicialmente, contou com a participação de oito servidores que, por interesse e afinidade com as temáticas das ações afirmativas, dispuseram-se a fazer parte do grupo e dar o primeiro passo no sentido de levar os debates sobre inclusão e diversidade para um espaço composto de servidores técnicos administrativos.

Desde então, um número maior de servidores mostrou-se interessado em integrar o grupo e atualmente compõem o NAAf Reitoria dezoito servidores, que atuam na Pró-reitoria de Ensino, Pró-reitoria de Extensão, Setor de Gestão de Pessoas, Setor de Tecnologia da Informação, Departamento de Comunicação, Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional e Centro Tecnológico de Acessibilidade.

Assim como os demais núcleos do IFRS, o NAAf Reitoria está vinculado diretamente à Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade do IFRS, com estrutura definida pelo regulamento geral aprovado pela Resolução Consup nº 038, de 20 de junho de 2017.

Debatidas pelos Núcleos de Ações Afirmativas, as temáticas referentes às questões raciais, de gênero e acessibilidade se cruzam em nossa sociedade e precisam ser trabalhadas diariamente a fim de desconstruir preconceitos e buscar igualdade. Para diminuir o distanciamento do público e atentar para temas tão relevantes na atualidade, porém muitas vezes invisibilizados pelo poder público e pela própria população, o NAAf da Reitoria, em parceria com outros setores e servidores, elaborou um cronograma de eventos, desenvolvidos ao longo do ano de 2019, buscando expor situações como violência contra a mulher, racismo e às relações de gênero na educação.

¹ Maria Águeda Santos da Silva, Auxiliar em Administração do IFRS, maria.silva@ifrs.edu.br.

² Rosângela Ferreira, Técnica em Assuntos Educacionais do IFRS, rosangela.ferreira@ifrs.edu.br.

Violência doméstica: agressão não é amor

Em parceria com o Centro de Referência da Mulher que Vivencia Violência de Bento Gonçalves (REVIVI), em 11 de março de 2019 foi realizada a palestra “Violência doméstica: agressão não é amor” integrando a campanha “Voz da mulher” idealizada pelo setor de Comunicação da Reitoria do IFRS. Na oportunidade, foram debatidos temas como a caracterização e os tipos de violência contra a mulher, dados sobre as ocorrências registradas no município e medidas legais e de acolhimento à vítima (PREFEITURA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES, 2019).

No evento, participaram aproximadamente 20 pessoas e, infelizmente, apesar da divulgação, notou-se certa resistência dos colegas do sexo masculino, talvez por questões culturais que precisarão ser trabalhadas com mais profundidade para os próximos eventos.

Ao longo do mês, o setor de comunicação da Reitoria recolheu itens de higiene pessoal feminino, posteriormente doados ao centro.

Figura 1. Palestra Violência doméstica: agressão não é amor



Fonte: NAAf Reitoria

Figura 2. Público presente na palestra Violência doméstica: agressão não é amor



Fonte: NAAf Reitoria

A história do negro e a Educação

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia “estereótipos, preconceitos e discriminações são os principais elementos que compõem o racismo” (2017), sendo obrigatório debatermos o tema com frequência para desconstruirmos questões históricas que inferiorizam o negro e muitas vezes são evidenciadas no ambiente de trabalho.

Para realizar essa discussão, os palestrantes Solana Corrêa e Marcus Flavio Ribeiro, coordenadores do Movimento Negro Raízes de Bento Gonçalves, abordaram temas como saúde da população negra e política de cotas. Também trataram da história do negro no Brasil, “embranquecida” nos livros escolares que subestimam o papel do negro na abolição da sua própria escravatura e ignoram aspectos culturais como religião e idioma.

Os oradores também discutiram a Lei Federal nº 10.639/2003, que torna obrigatório o estudo da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nas escolas brasileiras, e a Lei Federal nº 11.645/2008, que traz a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar.

Esta palestra contou com aproximadamente 35 participantes e pode-se afirmar que este foi o momento com mais participação dos servidores, talvez por contar com palestrantes externos à instituição.

Figura 3. A história do negro e a Educação



Fonte: NAAf Reitoria

Diálogos Afirmativos: o papel das instituições de ensino no combate ao racismo estrutural e institucional

Com o tema do racismo em foco, a Assessora de Relações Étnico-raciais, Marlise Paz dos Santos, nos apresentou com a palestra “Diálogos Afirmativos: O papel das instituições de ensino no combate ao racismo estrutural e institucional”, explanando como o racismo está presente, mesmo de forma velada em nossas instituições de ensino, onde o número de negros ainda é restrito. Realizada em 4 de novembro, no mês da Consciência Negra, foi possível verificar que ainda temos muito que conscientizar a população brasileira, em sua grande maioria preta ou parda, em relação ao preconceito racial.

Figura 4. A história do negro e a Educação

Fonte: NAAf Reitoria

Introdução aos estudos sobre gênero: desafio no contexto educacional atual

Em 19 de novembro de 2019, a palestrante Liliane Madruga Prestes explanou sobre gênero, sexualidade, identidade de gênero, LGBTfobia e orientação sexual. Fornecer informações para que a comunidade conheça esses conceitos objetiva a diminuição o preconceito bárbaro que ainda existe e que vem sido tratado com desprezo pelos governantes, negligenciando a criação de legislações que protejam a comunidade LGBT e evitando a criação de políticas públicas que a beneficie.

No ano de 2019, segundo o relatório do GGB (Grupo Gay da Bahia), 329 pessoas da comunidade LGBTQI morreram de forma violenta, sendo 297 homicídios e 32 suicídios (TALENTO, 2020). Todos os dias pessoas da sigla têm seus direitos violados e, para muitos, o desrespeito devido à sexualidade e/ou ao gênero é considerado natural, culpabilizando-se a vítima pelas agressões sofridas.

Figura 5. Palestra Introdução aos estudos sobre gênero: desafio no contexto educacional atual

Fonte: NAAf Reitoria

Outras iniciativas:

Além dos eventos promovidos pelo NAAf, parte da equipe participou do evento de extensão “Gênero, Sexualidade e Educação: interlocuções com Trabalho e Carreira”, realizado em Porto Alegre/RS, onde os membros participaram de palestras e oficinas, aprimorando os temas estudados e conhecendo as vivências de outros núcleos de diversos locais do país.

Figura 6. Participantes do evento de extensão “Gênero, Sexualidade e Educação: interlocuções com Trabalho e Carreira”



Fonte: Comissão Organizadora do Evento

Entendendo que a união de esforços, através do apoio a outros setores, é importante para a multiplicação de ações e difusão de conhecimento, o NAAf da Reitoria organizou espaço no saguão do prédio para exposição e demonstração de materiais adaptados que são produzidos no Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA) do IFRS. Os servidores da Reitoria puderam conhecer o trabalho do CTA e refletir sobre as barreiras físicas e atitudinais que impedem que as pessoas com deficiência possam se integrar plenamente nos espaços sociais e profissionais.

Ainda em articulação com o CTA, o NAAf Reitoria buscou atender uma demanda da Seção de Atenção à Saúde do Servidor (SATS). Localizado no sétimo andar do prédio da Reitoria do IFRS, o SATS recebe servidores para a realização de exames periódicos ou perícias médicas. Muitos desses servidores, com limitações de mobilidade física, encontravam dificuldades para o acesso ao setor. Nesse sentido, o NAAf Reitoria intermediou a realocação de uma cadeira de rodas para uso nas dependências da Reitoria, contribuindo para minimizar as dificuldades dos usuários dos serviços do SATS.

Considerações Finais

As ações desenvolvidas ao longo do ano de 2019 representaram um primeiro passo do NAAf Reitoria para construção de sua identidade no contexto da unidade administrativa do IFRS. Espera-se que as palestras e debates tenham contribuído para promover a sensibilização dos servidores quanto à necessidade de eliminar processos histórico-culturais que têm perpetuado e alimentado a intolerância, o racismo e o preconceito a determinados segmentos da população, tornando-os agentes de transformação em suas interações sociais e profissionais.

Entende-se que há muito a ser realizado para promover ações e debates que tenham por pauta as ações afirmativas. Nesse sentido, é necessário integrar setores menos participativos e ampliar a participação do público masculino nas atividades do NAAf da Reitoria. Também, estreitar os laços de parceria com entidades e setores municipais para capacitação, intercâmbio de conhecimento e articulação com as demandas da comunidade externa, principalmente do município de Bento Gonçalves, onde a Reitoria se encontra inserida.

O NAAf Reitoria busca ampliar os espaços de debate e luta por garantia direitos plenos e equitativos para servidores do IFRS e demais comunidade. Para isso, entende como fundamental o apoio da gestão, o desenvolvimento de ações conjuntas e a construção coletiva de propostas, pois como escreveu o célebre dramaturgo Miguel de Cervantes: quando se sonha sozinho é apenas um sonho, mas quando se sonha juntos é o começo da realidade.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília/DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília/DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 29 jun. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: referências técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP, 2017. 144 p. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Resolução nº 022, de 25 de fevereiro de 2014**. Aprova a Política de Ações Afirmativas do IFRS. IFRS: Conselho Superior, 2014. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/resolucao-22-14.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Resolução nº 038, de 20 de junho de 2017**. Aprova o Regulamento dos Núcleos de Ações Afirmativas (NAAfs) do IFRS. IFRS: Conselho Superior, 2017. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/documentos/resolucao-no-058-de-15-de-agosto-de-2017-aprovar-politica-de-extensao-do-instituto-federal-do-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Resolução nº 84, de 11 de dezembro de 2018**. Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional 2019-2023 do IFRS. IFRS: Conselho Superior, 2018. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/documentos/resolucao-no-058-de-15-de-agosto-de-2017-aprovar-politica-de-extensao-do-instituto-federal-do-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES (Bento Gonçalves/RS). Assessoria de Comunicação Social. **Coordenadoria da Mulher e Centro REVIVI realizam palestra para funcionários na Reitoria do IFRS**. 2019. Disponível em: <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/noticia/coordenadoria-da-mulher-e-centro-revivi-realizam-palestra-para-funcionarios-na-reitoria-do-ifrs>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SONZA, Andréa Poletto; SALTON, Bruna Poletto; STRAPAZZON, Jair Adriano (org). **Ações Afirmativas**: a trajetória do IFRS como instituição inclusiva. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2016. 112 p.

TALENTO, Aguirre. **Relatório registra homicídios de 297 pessoas LGBTs no Brasil em 2019**. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/relatorio-registra-homicidios-de-297-pessoas-lgbts-no-brasil-em-2019-24389285>. Acesso em: 22 jun. 2020.

AÇÕES AFIRMATIVAS NO CAMPUS RESTINGA: INCLUSÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA NA PERIFERIA DE UMA GRANDE CIDADE

Caren Fulginiti da Silva¹
Daniela Sanfelice²
Débora Gaier Monteiro³
Elizete Cristina dos Santos⁴
Gisele Oliveira Fraga do Nascimento⁵
Helena Patini Lancellotti⁶
Jessie Ortiz Marimon⁷
Luiz Gustavo da Luz Rodrigues⁸
Mariana Luísa Schaeffer Brilhante⁹
Milena Silvester Quadros¹⁰
Pedro Rufatto¹¹
Rafaela Tomé Ferreira¹²
Tatiana Teixeira Silveira¹³
Thais Teixeira da Silva¹⁴
Vitória Clavelin Barbosa¹⁵
Yasmim Rodrigues¹⁶

Esse texto apresenta os núcleos de ações afirmativas, suas ações e projetos desenvolvidos no Campus Restinga do IFRS. O Campus Restinga fica localizado em um bairro periférico de Porto Alegre/RS e tem como uma de suas características a atuação e participação da comunidade em sua constituição.

Esse texto é composto pelos três núcleos de ações afirmativas do Campus. O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) descreve relatos de estudantes sobre as ações e projetos, assim como um pouco do histórico de sua constituição e composição; o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) apresenta um pouco da sua atuação enquanto canal de comunicação com o território do extremo sul da cidade; e o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidade Educacionais Específicas (NAPNE) apresenta um relato de experiência que mostra a inclusão de estudantes surdos no campus, por meio do qual o IFRS se torna mais orgânico na comunidade e ciente de seu papel na luta antirracista, anticapacitista e de combate às desigualdades de gênero, de raça e de classe.

NEPGS Campus Restinga: estudantes como centro das discussões de gênero e sexualidade no processo educativo

O propósito desta seção é descrever o que alguns estudantes que fazem parte do NEPGS têm a dizer sobre o núcleo e suas ações. Esses estudantes são o coração do nosso núcleo. São eles que participam da elaboração, construção e execução das nossas atividades. São eles que recitam poemas, fazem cartazes, elaboram apresentações musicais e artísticas para somar aos nossos eventos. Assim, o relato desta seção é realizado a partir das vozes dos alunos que formam o NEPGS — Campus Restinga. Foram consideradas suas experiências enquanto membros do NEPGS, bolsistas de projetos vinculados ao núcleo, suas percepções sobre as ações realizadas, o uso da sala temática e as expectativas de fazer parte deste coletivo.

¹ Professora de Matemática, integrante do NAPNE, caren.silva@restinga.ifrs.edu.br

² Professora de Biologia, secretária do NEABI, daniela.sanfelice@restinga.ifrs.edu.br

³ Estudante do 2º ano do Curso Técnico em Lazer, integrante do NEPGS, 10140132@restinga.ifrs.edu.br

⁴ Assistente de alunos, integrante do NEABI, elizete.santos@restinga.ifrs.edu.br

⁵ Tradutora Intérprete de Libras, integrante do NAPNE, gisele.nascimento@restinga.ifrs.edu.br

⁶ Professora de Sociologia, coordenadora do NEPGS, helena.lancellotti@restinga.ifrs.edu.br

⁷ Professora de Libras, coordenadora do NAPNE, jessie.marimon@restinga.ifrs.edu.br

⁸ Estudante do 3º ano do curso Técnico em Lazer, integrante do NEABI e do NEPGS, 10140095@restinga.ifrs.edu.br

⁹ Estudante de Letras — Português/Espanhol, integrante do NEPGS, mlsbrilhante@restinga.ifrs.edu.br

¹⁰ Professora de História, integrante do NEABI, milena.quadros@restinga.ifrs.edu.br

¹¹ Estudante do 2º ano do Curso Técnico em Lazer, integrante do NEPGS, 10140109@restinga.ifrs.edu.br

¹² Estudante do 3º ano do Curso Técnico em Informática, integrante do NEPGS, 10160073@restinga.ifrs.edu.br

¹³ Professora de Educação Física, secretária do NEPGS, tatiana.silveira@restinga.ifrs.edu.br

¹⁴ Produtora Cultural, secretária suplente do NEABI, thais.silva@restinga.ifrs.edu.br

¹⁵ Estudante do 3º ano do Curso Técnico em Lazer, integrante do NEPGS, 10140095@restinga.ifrs.edu.br

¹⁶ Estudante do 1º ano do Curso Técnico em Lazer, integrante do NEPGS, 10140160@restinga.ifrs.edu.br

Negritude, experiências acadêmicas e ampliação de mundo

A equipe do NEPGS mantém projetos de ensino, pesquisa e extensão na temática gênero, sexualidade e feminismos desde 2017. Esses projetos, financiados pelos programas do IFRS, já contemplaram 12 bolsistas, além de receber dois auxílios de ações afirmativas. Os resultados desses projetos foram apresentados em inúmeros eventos acadêmicos, inclusive internacionais, mas a maior contribuição dessas intervenções é a aproximação de nossos estudantes com a comunidade acadêmica, interna e externa ao Campus:

O NEPGS, além de me promover um espaço de mais acolhimento dentro da Instituição, também me proporcionou a primeira experiência de bolsa, de trabalho. Desde o meu primeiro ano no IF consegui uma bolsa de ensino, o que me permitiu ajudar minha família e adquirir coisas com meu próprio dinheiro. Vivi um pouco de independência financeira, mas também movimenteí minha vida acadêmica de uma forma que eu não conseguiria sem o impulso do Núcleo. Particpei de *Workshops*, *Mostras Científicas* e *Salões de Exposição* e ampliei minhas leituras e meus conhecimentos acerca do feminismo e da pauta LGBTQI+, e tudo graças ao incentivo e apoio das professoras participantes do NEPGS. O NEPGS é um marco na minha vida, significou mudança em mim (Rafaela Tomé Ferreira).

Os estudos sobre gênero e sexualidade acabam permeando outras discussões que também fazem parte da inclusão social e das ações afirmativas. Prova disso é o relato descrito abaixo, onde a pauta racial e a pauta feminista mostram-se complementares:

A oportunidade de ser bolsista de um projeto de gênero e sexualidade foi de puro reconhecimento. Por ser uma mulher negra que mora em área periférica, creio que a núcleo ajudou a me identificar e lutar pelo lugar onde moro, lutar pelas mulheres em situação de vulnerabilidade. Foi uma experiência de autoconhecimento e autonomia excepcional pra minha vida (Vitória Clavelin Barbosa).

O espaço físico do núcleo: “A sala do NEPGS é um lugar onde podemos nos expressar sem medo”

O núcleo possui uma sala no Campus — compartilhada com o NEABI — espaço este onde realizamos nossas reuniões quinzenais, rodeadas por bandeiras LGBT's, cartazes feministas e demais acessórios que demonstram que ali é um espaço de diversidade. De acordo com a estudante Debora Gaier Monteiro, do 2º ano do curso Técnico em Lazer, “a sala do NEPGS é um lugar onde podemos nos expressar sem medo. Debater sobre nossas ideias, tanto nas reuniões quanto fora delas, organizar ações, produzir intervenções. Traz muito pertencimento tanto na decoração, onde deixamos nossas identidades, quanto nas conversas”, completando que a sala “é a materialização do acolhimento que sentimos no Núcleo”.

Conforme apontado por Debora, a sala do núcleo é muito utilizada pelos estudantes que fazem parte do NEPGS, seja para executar os preparos das nossas atividades, fazer trabalhos escolares no contraturno escolar ou mesmo para momentos de lazer e de acolhida de novos membros. A aluna destaca a “importância de ter um lugar próprio para organização e para colocar em prática as oficinas e atos do núcleo, sendo crucial também para o acolhimento de novos membros, nas oficinas que despertam curiosidade para conhecer mais e participar a fundo do Núcleo”.

As ações do núcleo não se encontram apenas nas paredes que comportam nossa sala, elas atravessam este espaço e, como diz Pedro Rufatto, estudante do 2º ano do Curso Técnico de Lazer, “falar de ações é falar do que movimenta”. Nosso movimento, conforme Pedro, “promove questionamentos, informação e inclusão. São momentos pensados em conjunto, que refletem as vivências, necessidades e vontades percebidas pelos participantes”. A adesão de pessoas é central para a nossa existência, já que “o engajamento do corpo estudantil, docente e de servidores nos motiva e ensina, como grupo, novas abordagens, falhas e acertos a serem estudados, trabalhados e discutidos”, nos diz Rufatto. Ao definir e executar as atividades de forma coletiva, Pedro relembra que “as ações são a cara do núcleo, são resultado e também processo. Valorizam os talentos e afinidades de cada membro, aplicam o que se aprende nos cursos a fim de construir”.

Experiência de uma nova estudante: “O NEPGS me trouxe muita segurança, confiança e liberdade para ser quem eu sou”

Para além de destacar falas de estudantes que estão há mais tempo no núcleo, é importante escutar as vozes de quem recém entrou no Campus e escolheu participar do Núcleo. Como é o caso de Yasmim Rodrigues, estudante do 1º ano do curso Técnico em Lazer, que na primeira semana do ano letivo de 2020 começou a participar dos encontros:

Estava ansiosa para me encaixar em algo na minha nova escola, e sinceramente não podia ter feito uma escolha melhor. Até então eu não me sentia confortável em me assumir bissexual e lutar abertamente pela causa LGBTQIA+, pensava que só quando dominasse o assunto de gênero e sexualidade eu poderia me juntar ao movimento (Yasmim Rodrigues).

De acordo com Yasmim, mesmo com pouco tempo de participação ela vivenciou pontos positivos ao participar do núcleo: “O NEPGS me trouxe muita segurança, confiança e liberdade para ser quem eu sou. Me incentivou a falar, agora sei que tenho voz. Muita coisa mudou desde que conheci o núcleo. Agora, além de amigos, sinto que tenho uma segunda família que, apesar de não a conhecer há muito tempo, me acolheu, respeitou e aceitou como eu sou”.

Escutar nossos estudantes é parte fundamental dos trabalhos e projetos que realizamos no Núcleo, não existe a possibilidade de pensar as ações afirmativas sem o seu público-alvo, assim como pensar a inclusão social e econômica sem pensar um espaço democrático para todos. Sexualidade, gênero, feminismos e tantos outros temas que nos custam caro na atualidade estão presentes nessa escola para dizer que resistiremos a todas as formas de controle de corpos e de vidas.

Figura 1: Parada do orgulho LGBT+ do Campus Restinga, junho de 2018



Fonte: NEPGS IFRS — Campus Restinga (2018).

NEABI Restinga na interlocução com a comunidade

Constituído da necessidade colonial de expandir e demarcar conquistas territoriais, o Rio Grande do Sul se fez sobre a imagem de grandes batalhas militares e dos reconhecidos como heróis que defenderam o estado de inimigos em diferentes episódios. Ao mesmo tempo, conhecido como um dos estados que mais recebeu imigrantes italianos e alemães do século XIX em diante, o Rio Grande do Sul orgulha-se de seu passado ligado ao continente europeu, reforçando valores como o de um povo cristão, branco, trabalhador.

A região sul da cidade de Porto Alegre, onde está situado o IFRS Campus Restinga, no entanto, abriga histórias que contrastam com as imagens desenhadas pela história oficial. Desde sua constituição, no ano de

2011, o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) busca se conectar com aqueles e aquelas que fundaram o bairro da Restinga e parte da Zona Sul e Extremo Sul de Porto Alegre. Com o foco direcionado às comunidades que circundam o Instituto Federal, o NEABI tem se afirmado como o local por onde circulam intensidades outras: povos deslocados que resistem e insistem em (re)construir seus próprios referentes da cultura. Com base nas diretrizes que norteiam os Institutos Federais e na Lei 10.639/2003, o NEABI tem sido um dos principais instrumentos por onde o IF se vincula aos agentes da comunidade Restinga (entidades comunitárias, lideranças, escolas públicas do bairro, associações, setores da economia popular, moradores em geral).

Ao observar a dinâmica de ocupação populacional da Zona Sul de Porto Alegre, a imagem idílica de um estado glorioso entra em contradição com sua própria história. Por ser uma região distante do centro, o que hoje é o bairro Restinga serviu como vala para onde foram despejadas as populações que não se adequavam aos padrões do modelo civilizatório requerido. O intenso deslocamento populacional rumo à região levou ao surgimento de ocupações espontâneas. Os primeiros moradores precisaram agenciar estratégias criativas para lidar com situações limitantes, tais como a inexistência de transporte urbano, a necessidade de reconstruir eles próprios suas moradias e as redes de saneamento básico, elaborarem seus próprios modelos e marcadores geográficos, bem como criarem meios para enfrentar a ausência de outros serviços básicos, como de saúde e educação. A mesma Zona Sul de Porto Alegre também constitui o local de diferentes ocupações por grupos Guaranis e kaingangas, ancestrais à chegada dos colonizadores ao Rio Grande do Sul.

Apesar dos saberes complexos que circulam pelo bairro Restinga e pelas terras indígenas da Zona Sul de Porto Alegre, por abrigar parte significativa do povo negro e indígena, a região é o cenário no qual práticas de racismo, preconceito e exclusão social seguem sendo atualizadas. Assumindo que não é possível um estudo 'sobre' os povos afro-brasileiros e indígenas, mas apenas a possibilidade de um estudo 'com' os povos, o NEABI é constituído não apenas por servidoras e servidores do IFRS e estudantes, mas também por moradoras e moradores do bairro Restinga e entorno da Zona Sul. As ações costumam ser planejadas em conjunto nas reuniões do Núcleo que ocorrem quinzenalmente na sede do IFRS. Para que possamos conduzir a um diálogo simétrico e polifônico, o NEABI tem como suposto que as ações sejam sempre planejadas no coletivo e de modo a reafirmar o protagonismo dos agentes locais.

Desde 2011, ações são promovidas articuladas com agentes comunitários. Assim, em 2011 realizamos o Ciclo de Palestras *Adolescência e Juventude*, trazendo relatos de jovens e adolescentes sobre a escola, jovens negros e indígenas, entre outros. Em 2012, em parceria com a Rede de Atendimento à Criança e ao Adolescente da Restinga, realizamos o seminário *Educação e Diversidade*, com a presença de grêos da comunidade, oficinas de capoeira, percussão e customização de roupas bem como painéis com educadores e pesquisadores sobre a temática da juventude negra e indígena. Ainda nos anos de 2013 a 2015, integramos a organização de demais edições do seminário *Educação e Diversidade*, seguindo a parceria com o Napne do Campus Restinga na promoção de atividades formativas que articulassem as vozes da comunidade e da academia, tornando o conhecimento mútuo acessível. Em novembro de 2014, o NEABI do Campus Restinga realizou ação chamada *As cores da diferença; diálogos com a Restinga*, em que foram abordados relatos de moradores articulados com pesquisadores do bairro e do pensamento negro. Também foi realizado roteiro junto aos Territórios Negros de Porto Alegre. Em maio de 2015, durante o evento intitulado *Samba de gira, conversa de roda - Restinga e o povo negro na luta pela liberdade prometida - Samba. Tambor. Poesia. Conversa*, trouxe uma experiência singular de roda de samba, com sambistas grêos da comunidade, como o Seu Jorge, e a parceria do coletivo Negração, da UFRGS. Ainda foi problematizada a data do 13 de maio como abolição da escravatura. Em novembro de 2015, foi realizada a roda de conversa *Vamos falar sobre a Restinga?*, parceria do setor de extensão, NEABI, UFRGS e Observatório da Comunidade, com moradores do bairro, oficinas artísticas e apresentação institucional de ações relacionadas ao bairro.

No ano de 2016, os protagonistas do evento *Como funciona a democracia: um diálogo com a Restinga* foram as lideranças comunitárias que atuam na mediação das demandas do bairro com o poder público. Na ocasião, as lideranças buscaram afirmar um ponto de vista localizado relacionado com suas experiências sobre os eventos políticos que desembocaram no impedimento da presidente eleita. No I Encontro *Orgulho periférico: Papel da Cultura na Periferia e suas potencialidades*, ocorrido em agosto de 2017, o NEABI atendeu uma demanda das entidades do bairro Restinga. Com objetivo de reunir os atores sociais, produtores, articuladores e consumidores de cultura na periferia, o evento proporcionou uma reflexão sobre as potencialidades práticas de desenvolvimento econômico e social a partir da produção cultural no bairro Restinga. No mesmo ano, o NEABI organizou, em conjunto com lideranças locais, o Ciclo de Palestras *Africanidade na Restinga* que contou integralmente com a participação dos moradores do bairro. Partindo da narrativa dos primeiros moradores,

estes relembrou a violência da política de remoção que deu origem ao bairro e a força comunitária que os permitiu seguir adiante, conduzindo a uma recomposição histórica com base em referentes locais.

Buscando desenvolver técnicas pedagógicas para envolver também os estudantes nas temáticas do NEABI, durante o segundo semestre do ano de 2018 o núcleo problematizou o racismo estrutural instalando frases temáticas em diferentes espaços do *Campus Restinga*. Neste ano, também ocorreram oficinas de danças tradicionais de Guiné facilitadas pela rede de mulheres negras do Paraná (parceria com o *Campus Canoas*), contações de histórias, instalações e apresentações artísticas. Colaborou-se com a organização da IV Feira Afro-Saúde (promovida pela Clínica da Família) e com o 2º Encontro Africanidade (promovido pelo Ponto de Cultura Africanidade) que aconteceram nas dependências do *Campus Restinga*. O NEABI também promoveu a Roda de conversas *Encontro com nossa vivência ancestral* e oficina de história oral durante a Mostra Científica do *Campus* (esta em parceria com o programa Observatório da Comunidade) e, nesse ano, esteve representado no Encontro Nacional de NEABIs E NEAB's que ocorreu na cidade de Salvador, Bahia. Desde a consolidação do NEABI no *Campus*, a equipe realiza atividades diversas no decorrer do Novembro Negro, tais como palestras e oficinas conduzidas por coletivos do bairro ou de outros bairros cuja história dialoga com a Restinga. Parceiros nestas ações são: o Grupo de dança Restinga Crew, Coletivo Meninas Crespas, Ponto de Cultura Africanidades, Coletivo Figueira Negra do Campus Alvorada, Associação Quilombo dos Alpes, Emancipa, Coletivo Quilombelas, entre outros. No ano de 2019, o Núcleo organizou atividades que discutiram a religiosidade afro-gaúcha. Contando com a intervenção de estudantes que seguem religiões de matriz africana, a ação buscou fazer a relação entre o culto ao sagrado e a história do povo negro no Rio Grande do Sul, sobretudo no bairro da Restinga. Encerrando o ano, ocorreu o Festival de *Saberes Comunitários*, outra parceria com o Observatório da Comunidade, em que oficinairos da comunidade da Restinga realizaram oficinas de arte, cultura e saberes comunitários com a participação de estudantes de escolas e projetos do bairro.

O NEABI do *Campus Restinga* historicamente protagoniza a temática étnico-racial propondo ações de formação nas Semanas Pedagógicas e em reuniões pedagógicas, que promovam reflexões sobre as práticas institucionais relacionadas à inserção transversal em todos os âmbitos do campus.

É importante registrar e destacar o protagonismo do *Campus Restinga* na inserção do sistema de cotas nos processos de ingresso discente no IFRS, antes mesmo da Lei Federal 12.711, de 29 de agosto de 2010, que dispõe sobre o ingresso nas instituições federais de ensino superior, técnico e de nível médio. Em 08 de outubro de 2010, em sua primeira resolução, instituiu o Programa de Ações Afirmativas no âmbito do campus, com sistema de reserva de vagas para estudantes de escola pública, negros e indígenas, tendo pautado, no ano posterior, a inserção do mesmo sistema de cotas no âmbito do IFRS em processo de ingresso unificado. Promovendo, por um lado, o respeito à diversidade socioeconômica, cultural, étnico-racial, de gênero e de necessidades específicas, e, propondo, por outro lado, medidas especiais para o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes, em todos os cursos oferecidos pelo Instituto. O NEABI no *Campus Restinga* também possui um importante papel na consolidação da Comissão de heteroidentificação, regulamentada em 2017 através da Instrução Normativa 10/2017 e atuante em todos os processos seletivos de ingresso discente no âmbito do IFRS. A criação de comissões de validação de autodeclaração tem se mostrado medida urgente e necessária para o alcance pleno das políticas públicas de inclusão da população negra nas instituições públicas brasileiras. No bairro Restinga (o bairro com a maior população negra da cidade) as comissões garantem que as cotas raciais sejam acessadas de fato por quem é o sujeito de direito, grande parte moradores do bairro.

A atuação do NEABI na Restinga, portanto, é um importante canal de comunicação com o território, por meio do qual o IFRS se torna mais orgânico na comunidade e ciente de seu papel na luta antirracista e de combate às desigualdades de gênero, de raça e de classe.

NAPNE Restinga: um breve relato da inclusão de estudantes surdos no campus.

O NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas), é o núcleo que articula pessoas e setores com o propósito de quebrar barreiras, sejam elas físicas/arquitetônicas ou atitudinais que estejam excluindo estudantes da participação no processo de ensino-aprendizagem. É constituído por um coletivo de servidores, estudantes e comunidade externa da Restinga que atuam com o objetivo de promover e valorizar a diversidade e a acessibilidade. Promove ações dentro da instituição e auxilia escolas do bairro por meio de projetos de extensão, os quais visam promover a acessibilidade para pessoas com

necessidades educacionais específicas. Na perspectiva de promover a inclusão, destacamos aqui o relato de experiência que narra ações de uma professora, integrante do núcleo, que objetivou incluir estudantes surdos por meio da quebra de barreiras comunicacionais e educacionais. Mas, para além disso, este relato revela em sua simplicidade a pujança e a fertilidade de pequenas ações que rompem a barreira atitudinal, em geral, causa primeira das demais barreiras. A experiência narrada, não apenas quebrou barreiras, mas deu visibilidade e protagonismo aos estudantes surdos. Que sejamos, também, alguém que pelo menos tentou!

Relato de experiência

Primeira semana de 2017/1, curso Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Eu, uma professora de matemática, que em 2009, terminara um curso de Libras na FADERS. Minha primeira aula de Matemática Discreta ocorreria na quinta-feira e na sexta-feira anterior tomei conhecimento que teria dois estudantes surdos na turma. Naquele momento, as conversas francas com meu professor de Libras, que era surdo, voltaram vivas à memória. Tudo que eu não queria era ver reprisado naquela turma, nas minhas aulas, as coisas tristes, solitárias, desrespeitosas e *guetificadas* que ouvira. Eu tinha pouco tempo para pensar em algo que quebrasse o gelo, eu já chegava atrasada na quarta aula da semana. Juízos de valores já estavam sendo formados, tinha que fazer algo muito efetivo.

Eis então o relato do que eu decidi fazer:

Busquei meu material de Libras e montei a introdução da minha aula como qualquer outra. Treinei, treinei e treinei em como dizer tudo em língua de sinais. O clássico... Bom dia, meu nome é... nossa disciplina é tal, meu e-mail... minha sala.... esse é o material da aula de hoje...

Ao chegar na sala, na fatídica quinta-feira, a porta estava fechada e eu discretamente fiz um sinal para que a intérprete (que naquele momento eu ainda não conhecia) viesse ao corredor falar comigo.

Solicitei para que ela trocasse de lugar e ao invés de interpretar-me para os surdos, o fizesse para a turma majoritariamente ouvinte. Com os olhos arregalados, perguntou: “Tens certeza?”. Respondi que sim.

Ela voltou à sala tomou assento de estudante... os surdos olharam estranho, os outros distraídos...

Entrei, calada. E comecei em Libras a pedir atenção e comecei minha treinada apresentação, enquanto a intérprete realizava a interpretação para modalidade oral da língua portuguesa. Quando distribuí o material didático, propositalmente, escondido no verso, estava o alfabeto e os números em Libras.

Ao final da minha apresentação, orientei que todas e todos virassem o material. Disse que seriam separados em quatro grupos e que os dois surdos e as duas intérpretes seriam seus professores, que eles tinham que aprender os sinais. No final da aula a atividade, já valendo nota e presença, era cada um ir à frente da sala dizer seu nome e sua idade utilizando o alfabeto datilológico e os sinais aprendidos.

Foi uma empolgação só. Reclamações de como doíam os dedos... eu passava silente de grupo em grupo ajustando dedos, orientando posições de mãos. Eu podia ver a alegria dos surdos naquele momento, eles tinham algo a oferecer, eram úteis, estavam interagindo com a turma e isso durou todo o semestre.

Na volta do intervalo, fomos para a atividade, todas e todos foram para frente. Tive dó dos tímidos, dos que tiveram que repetir três ou quatro vezes até acertar (não podiam colar). Deu certo.

Quando tudo estava acabado, eu fui para a frente do quadro e sonoramente disse à turma que na próxima aula seguiríamos naquele material (afinal eram três folhas de matemática por vir). As reações foram diversas... a maioria dos ouvintes estavam realmente preocupados em como seria ter Matemática Discreta com uma professora surda. Os surdos, nem de longe eu enganei... minha Libras era muito fraquinha, mas ficaram muito felizes com meu esforço. A atividade em si, provocou curiosidade na turma e deu a primeira ferramenta para iniciar as conversações entre os dois grupos.

Ao longo da disciplina eu mesclava fala com português sinalizado ou silêncio com escrita no quadro e explicação depois. Outras adaptações foram sendo negociadas com a turma, sendo sempre baseadas na diferença linguística e cultural dos colegas de tal sorte que a turma nunca perdesse conteúdo.

Muitos frutos nasceram desta aula de Matemática Discreta perdida. O mais importante é que os surdos eram parte da turma e não duas pessoas amontoadas num cantinho. Minha impressão é que muitos poderiam julgar que não seria papel de uma professora de matemática promover essa inclusão para que os surdos não ficassem guetificados eu preferi ser o alguém que pelo menos tentou.

Muito jovem li um pensamento de autor desconhecido sobre quatro personagens (Alguém, Qualquer Um, Ninguém e Todo Mundo) que tomei por princípio de vida (às vezes me coloca em má situação, mas ainda prefiro pagar o preço)....

Havia um trabalho importante a ser feito e *Todo Mundo* tinha certeza de que *Alguém* o faria. Era um trabalho que *Qualquer Um* podia fazer, mas *Ninguém* o fez. *Todo Mundo* pensou que *Qualquer Um* poderia fazê-lo, mas *Ninguém* imaginou que *Todo Mundo* deixaria de fazer. Ao final, *Todo Mundo* culpou *Alguém* quando *Ninguém* fez o que *Qualquer Um* poderia ter feito (Autoria desconhecida).

Considerações finais: a importância das ações afirmativas no Ensino Técnico e Profissional

Sabe-se que o ensino médio é um momento conturbado para grande parte dos estudantes. Isto está ligado, principalmente, às dificuldades de aceitação, às novas experiências e ao relacionamento social e pessoal. Assim, estes núcleos servem como base de apoio emocional, social e psicológico aos alunos, principalmente aos do ensino médio. A comunidade externa insere-se neste contexto a partir do olhar experiente e das demandas vigentes na periferia, que muitas vezes são distintas daquelas do ensino técnico, mas que devem ser igualmente ouvidas e atendidas. Os Institutos Federais possuem um compromisso com a inclusão social, prova disso foi a criação da Política de Ações Afirmativas do IFRS. Essa política propiciou a descrição nesse texto de ações e de projetos realizados no bairro Restinga. É importante ressaltar que essas ações estão imbricadas com as temáticas de cada núcleo em busca da efetividade da inclusão de estudantes que compõem as minorias e que acessam ao ensino público, gratuito e de qualidade de instituições referenciadas. A efetividade das ações desses núcleos comprova a importância da interseccionalidade e de combate aos preconceitos de toda ordem. Problematicar essas questões nos ajuda a implantar uma educação técnica e profissional que preze por um processo democrático de inclusão social, política e econômica e de permanente acesso ao mundo do trabalho.

TRAJETÓRIA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS E DA DIVERSIDADE NO CAMPUS RIO GRANDE

Carla André¹
Eliza Camargo²
Daniel Santos³

A inclusão perpassa em diferentes espaços e com amplos focos. Não é algo que se efetive rapidamente, exige uma construção cultural, que é gradual. Estas mudanças não se fazem por si, é preciso movimentar os espaços, provocar olhares sobre o assunto, discussões e reflexões sobre o tema.

A inclusão é uma prática social que se aplica no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura, mas, principalmente, na atitude e no perceber das coisas, de si e do outrem. Na área educacional, o trabalho com identidade, diferença e diversidade é central para a construção de metodologias, materiais e processo de comunicação que dêem conta de atender o que é comum e o que é específico entre os estudantes (CAMARGO, 2017, p.01).

Portanto, para que se realize um processo educacional inclusivo se faz necessário que as instituições de ensino desenvolvam no seu cotidiano ações afirmativas com foco na diversidade. Embora esta diversidade seja o que torna os seres humanos únicos, ainda é hostilizada por muitos, passando a sensação de que a humanidade não se observa, e que cada ser humano não se percebe como único. E, enquanto estas condutas permanecem arraigadas na sociedade, será imprescindível que, nos diferentes espaços sociais, se mantenham núcleos que provoquem discussões e reflexões do tema, mediando ações inclusivas para não deixar à margem do direito de certos grupos ter educação).

[...] mudanças estruturais no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada. (BRASIL, 2001, p. 40).

E para tornar o ensino inclusivo, estas mudanças estruturais são efetivadas por meio de ações afirmativas e voltadas à diversidade, ao promoverem igualdade de oportunidades aos educandos, visto que esta premissa compõe os direitos humanos. Estas ações são voltadas à superação das desigualdades sociais diversas, impostas historicamente a populações ou grupos discriminados e almejam qualificar politicamente o aparato jurídico de uma sociedade ou o conjunto normativo de uma dada instituição. É o direito à igualdade caminhando junto com o direito à diferença, calcado no respeito às diferenças fomentado pelo diálogo com a diversidade. É como uma ferramenta reparativa das injustiças sociais refletidas no cerne da instituição escolar, conjugando a diversidade e os direitos humanos (LOUSADA, 2015).

Assim, este artigo tem como o objetivo compartilhar algumas das experiências e desafios para promoção de inclusão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Rio Grande. É um relato de experiência, descrito por quem vivencia e media as ações afirmativas e de diversidade na prática, que são os integrantes do do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) e Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE).

Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

O NEABI - é um espaço em formação que pretende produzir ensino, pesquisa e extensão sobre a temática étnico-racial, especificamente, a história da cultura negra e indígena, assim como trazer visibilidade e valorizar a luta das causas negra e indígena, superando a desigualdade social étnico-racial e combatendo o racismo.

O NEABI do *Campus* Rio Grande atualmente tem 19 integrantes, sendo quatro servidores, três discentes e 12 pessoas da comunidade externa.

¹ Enfermeira, coordenadora do NAPNE (Campus Rio Grande), carla.andre@riogrande.ifrs.edu.br.

² Engenheira química, coordenadora do NEABI (Campus Rio Grande), elisa.camargo@riogrande.ifrs.edu.br.

³ Professor, coordenador do NEPGS (Campus Rio Grande), daniel.santos@riogrande.ifrs.edu.br.

Trabalhando para fortalecer as parcerias com instituições públicas, privadas, ONGs e movimentos sociais, em 2019, estabeleceu uma parceria com a Prefeitura Municipal do Rio Grande pelo combate ao racismo e pela valorização da cultura e da história dos afro-brasileiros e povos indígenas do município.

Com esta parceria, o NEABI passou a ter uma composição mais ampla formada por servidores, estudantes, egressos, e mais: a presidente municipal do Conselho Municipal do Direito das Mulheres (COMDIM) Magnólia Vicente, o coordenador Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Chendler Siqueira, a presidente do Conselho Municipal dos Povos Indígenas Tatiane Freitas, a assessora de questões étnico-raciais da Secretaria do Município de Educação (SMEd) Ingrid Costa, a coordenadora do CRAS - cidade de Águeda (Centro de Referência de Assistência Social) Dianelisa Amaral, representantes da Secretaria do Município de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) e da Secretaria do Município da Saúde (SMS), e servidoras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) entre outros.

Algumas ações desenvolvidas pelo NEABI nos anos de 2019 e 2020:

Para marcar o Abril Indígena, o campus organizou um dia de atividade. No dia 29 de abril tivemos uma mesa redonda, intitulada *Reflexões sobre interculturalidade: um diálogo entre os saberes modernos e tradicionais*, compuseram a mesa cientista social Débora Cadaval, o cacique Gildo da Silva da Tekoá Pará Rokê e como mediadora a colega historiadora Alba Cristina Couto Santos Salatino. Foi uma tarde com discussões envolvendo estudantes, servidores e comunidade. Durante este dia, ocorreu a exposição e venda de artesanatos tradicionais Guarani Mbyá, uma palestra sobre a história e a cultura indígena, contando com a presença de uma historiadora que atua na causa indígena há anos, e um representante de uma das aldeias Guarani do município.

Figura 1: Evento do Abril Indígena



Fonte: Alba Cristina Couto Santos Salatino

Também foram realizadas capacitações para atuação nas Comissões de Heteroidentificação institucional para o processo seletivo, a capacitação ocorreu de forma descentralizada sendo em 10 de junho em Porto Alegre para os demais campi, e em 12 de junho em Rio Grande de 2019. Os palestrantes, convidados pela Assessoria de Relações Étnico-Raciais e Diretoria de Assuntos Estudantis, foram: Mara Beatriz Nunes Gomes (UFPeL); Fábio dos Santos Gonçalves (UFPeL/FURG) e Alba Cristina Couto Santos Salatino (IFRS e integrante do Neabi).

Para a capacitação do processo seletivo do verão, nos organizamos para participar da capacitação que aconteceu em Porto Alegre. Naquela ocasião, o campus alugou um ônibus para levar os membros da comissão do campus Rio Grande e foram convidados os membros da comissão da prefeitura.

Figura 2: Comissões de Heteroidentificação da cidade do Rio Grande



Fonte: Eliza Terres Camargo

Na semana acadêmica, foi realizada à comunidade a palestra sobre Antirracismo na educação, em que o renomado professor da FURG Vilmar Alves Pereira mostrou sua experiência recente na África, e a professora do município, idealizadora do Ponto de Cultura Boneca Africana Rana, Ingrid Pereira, discursou sobre educação antirracista.

No Outubro Rosa, o NEABI participou da organização do Encontro de mulheres indígenas, realizado pelo COMDIM, evento que reuniu as mulheres das 3 aldeias indígenas do município, onde elas puderam expor seus artesanatos e em uma roda de conversa trocaram experiência e expuseram suas vivências.

Em novembro, para marcar a data do *Dia da Consciência Negra*, o NEABI convidou a todos para a Palestra sobre Saúde, Educação e Cidadania da População Negra, em que Danelisa Amaral do CRAS - Cidade de Águeda, Ingrid Costa da SMED e Eliane Costa coordenadora do CONDESCOM, expuseram toda suas experiências na causa.

Em 2020, aconteceu a criação do Conselho Municipal dos Povos Indígenas, em que o IFRS Campus Rio Grande passou a ter representação. Esse espaço tem por objetivo fortalecer os povos originários que residem no Rio Grande.

No contexto da pandemia da COVID 19, O NEABI, em parceria com a refinaria Rio-Grandense e a Secretaria Municipal da Saúde, participou da ação de doações de alimentos para as aldeias do município. auxiliando no transporte das cestas básicas e de produtos de limpeza. Foram distribuídas cestas básicas por três meses consecutivos para as três aldeias de Rio Grande. Esta ação foi muito relevante, visto que estes indígenas sobrevivem da venda de seus artesanatos e a atual situação não permite que estejam nas ruas os expondo para vendê-los.

Um fato importante a ser destacado neste relato, é que, pela primeira vez, há indígenas estudando no campus. São duas mulheres Kaingangs, que ingressaram em 2020 pelo processo seletivo específico para indígenas e cursam o Técnico em Enfermagem: a Caroline Crespo e a Geizelle Leopoldino. No processo seletivo universal, um homem, também Kaingang da mesma comunidade, foi classificado, porém, como também foi aprovado no curso de Administração na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), optou por seguir este curso.

Ter estudantes indígenas no Campus Rio Grande, integrantes ativistas no núcleo, firmar parcerias e representações com outros segmentos municipais, que também atuam com estas questões, fortaleceram o núcleo e deram legitimidade às ações voltadas a este público, inclusive, com o crescente número de pessoas representantes legítimos das questões étnicas e raciais enriquecem nossas discussões com suas vivências cotidianas contribuindo com o trabalho do setor com conhecimento de causa.

Figura 3: Transporte e entrega de alimentos para Aldeias



Fonte: Eliza Terres Camargo

Núcleo Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas

O NAPNE do IFRS Rio Grande é composto atualmente por oito integrantes (cinco servidores e três alunos), mediante portaria e mais seis monitoras de alunos, contratadas como estagiárias, além de seis tradutoras intérpretes de língua brasileira de sinais (Libras) terceirizadas. tende aproximadamente 50 alunos inclusos. Seus princípios estão descritos no regimento geral que norteia os diferentes campi a saber: respeito à diferença; igualdade de oportunidades e de condições de acesso, inclusão e permanência; garantia da educação pública, gratuita e de qualidade para todos; defesa da interculturalidade; integração com a comunidade escolar. O Núcleo vem, ao longo de sua criação, realizando inúmeras atividades com a perspectiva de mediar a inclusão na comunidade escolar em diferentes espaços.

Desde de sua criação, uma de suas ações é fazer o levantamento dos alunos com necessidades educacionais específicas que ingressam a cada período letivo, e com base nestes dados são ofertados aos servidores capacitações. Inicialmente eram presenciais em forma de palestras e rodas de conversas e, desde 2013, evoluíram para cursos de capacitações que ultrapassam os muros institucionais em forma de cursos de extensão, na modalidade educação a distância na plataforma Moodle, voltados a profissionais atuantes na área educacional pública ou privada e a estudantes da área. Já foram ofertados cursos de libras e sobre inclusão educacional no âmbito local, regional e nacional na modalidade de capacitações e de aperfeiçoamento, com elaboração de materiais próprios e direcionados aos cursos, atendendo aproximadamente 400 pessoas, certificados pelo IFRS Campus Rio Grande na perspectiva da inclusão educacional.

Para trocas de experiências já foram realizados encontros inclusivos abertos à comunidade, em que profissionais atuantes na área educacional de pessoas com deficiência, do ensino regular e pessoas com deficiência participaram enriquecendo as experiências. Ocorreram ao longo destes anos encontros com foco nas pessoas com deficiência auditiva, pessoas com deficiência visual, pessoas com transtorno do espectro autista, pessoas com transtorno do déficit de atenção e hiperatividades e pessoas com deficiência física.

Em conjunto com os profissionais tradutores e intérpretes da língua brasileira de sinais, foi elaborado um manual orientando a forma organizacional do trabalho destes profissionais na instituição e um manual orientador para docentes do ensino regular que atuam com pessoas surdas incluídas. Materiais informativos em Libras sobre a COVID 19, um glossário sobre termos da saúde e disciplinas técnicas dos cursos da instituição e de algumas das disciplinas do núcleo comum do ensino integrado. Além destas ações estes profissionais atuam na mediação da comunicação entre os ouvintes da instituição e os alunos surdos nas aulas presenciais e no atual contexto da pandemia nas videochamadas, lives, contatos dos docentes com alunos e vice-versa, nas transmissões da instituição para a comunidade acadêmica, na acessibilização de cursos de capacitações.

As monitoras de alunos, que são acadêmicas da graduação, normalmente das área da educação e/ou saúde, fazem o acompanhamento dos alunos que necessitam, auxiliam na locomoção, alimentação e higiene, na escrita, na leitura, fazem audiodescrição, manejam as situações que possam movimentar estruturas emocionais dos alunos com transtornos do espectro autista, auxiliam os professores com dicas de como lidar com as singularidades destes alunos, em produção de materiais táteis para os alunos cegos, em produção de arquivos compatíveis com os programas de computadores leitores de tela, entre outras atividades. No contexto da pandemia da COVID 19, as monitoras estão acompanhando alguns dos alunos inclusos de forma online em atividades que os professores estejam enviando e com atividades elaboradas pelo NAPNE direcionadas às singularidades destes alunos para que não percam o vínculo, para manterem uma rotina e também para trabalharem algumas de suas vulnerabilidades que possam os auxiliar no retorno das aulas.

Como o campus dispõe de professora de Libras, em seu quadro efetivo, se institucionalizou a disciplina obrigatória de Libras no curso técnico de enfermagem e como optativa em outros cursos que legalmente não são exigidos. Ter profissional desta área presente no campus foi imprescindível para esta conquista.

O núcleo participa ativamente de diferentes espaços decisórios institucionais como a comissão Permanente de Seleção, Direção de Ensino, de Extensão e de Pesquisa, colaborando na perspectiva inclusiva. Desenvolve seu trabalho como o acompanhamento dos alunos inclusos e contribuições com o Plano Educacional Individualizado (PEI) de forma colaborativa com a Coordenação de Assistência Estudantil e Coordenação Pedagógica. Participa do processo de seleção, auxiliando a acessibilidade dos candidatos com alguma necessidade educacional específica na prova de seleção. No ato da matrícula realiza entrevista com alunos (e em alguns casos também com seus responsáveis) que declararam ter alguma necessidade específica, para poder conhecê-los, ter ciência das suas necessidades educacionais e, junto com os demais setores, buscar contemplar as adaptações e recursos necessários para o início das aulas em igualdade com os demais alunos da instituição, bem como instrumentalizar os docentes sobre cada um destes alunos e de suas singularidades. E, a partir dos dados da entrevista somados às percepções desenvolvidas no primeiro mês de aula para diagnóstico de cada situação individualmente, inicia-se a construção dos Planos Educacionais Individualizados.

Com base nas discussões, estudos e ações do núcleo, já foram produzidos dissertação e tese, capítulos de livros, publicações em periódicos, trabalhos apresentados em semanas acadêmicas interna e externa, em eventos regionais, em congressos, entre outros.

O NAPNE é dinâmico, está sempre em processo de construção de seus conhecimentos e ações, buscando suprir suas demandas com o objetivo de mediar a inclusão. Atua permeado pelas questões legais da

educação na perspectiva inclusiva e humanizada, na igualdade de condições de ensino que devem ultrapassar a certificação escolar e/ou profissional, sendo estruturante, com significado para a vida, colaborando com a formação cidadã.

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade

O NEPGS do Campus Rio Grande é composto atualmente por trinta e dois integrantes, entre alunos professores e membros externos. Dentre as inúmeras atividades realizadas pelo grupo, destacam-se a organização de quatro *Semanas Feministas*, eventos nos quais estudantes, professores e convidados de instituições de toda ordem comparecem ao IFRS para discutir questões relacionadas ao tema, geralmente orientados por tópicos essenciais nas reflexões acerca do lugar da mulher na sociedade, como visibilidade, representatividade, revisionismo histórico, desconstrução de estereótipos, entre outras preocupações. A última *Semana Feminista* (2019), por exemplo, tratou de pensar a respeito das posições ocupadas pelo gênero feminino no interior das atividades artísticas, contemplando sistemas estéticos diversos, como as artes plásticas, a literatura, a dança e o teatro. Um dos pontos de maior emoção do evento foi o lançamento do livro de poemas da aluna Andressa Oliveira do Campus Rio Grande, marco de um dos principais objetivos do Núcleo: empoderar, visibilizar e oferecer espaços seguros e empáticos para a expressão de todos.

Além deste evento anual, o núcleo se engaja sazonalmente em atividades que contemplem as inúmeras datas importantes para o pensamento sobre gênero no Brasil e no mundo, a exemplo do Dia de Combate a LGBTfobia, Dia da Visibilidade Lésbica, Dia do Orgulho LGBT e Dia Internacional da Mulher. Nestas ocasiões, os componentes do grupo desenvolvem atividades diferenciadas com o intuito de conscientizar a população a respeito dos assuntos em pauta, assim como recebem convidados de demais instituições, responsáveis por integrar bate-papos, debates, palestras e oficinas relacionadas aos eventos históricos lembrados em cada data. Em uma destas oportunidades, contamos com a presença do Youtuber e ator Vítor de Castro, que, com sua ampla popularidade nacional, lotou o auditório do Campus Rio Grande no dia de combate à LGBTfobia em fala sobre a importância da empatia nos tempos atuais. Além disso, no último 8 de março, recebemos palestrantes da FURG e da UFPEL para discutir as origens, importância histórica e pertinência atual da data. Estes dois eventos ajudam a compreender as preocupações gerais do NEPGS do Campus Rio Grande, concentrado em envolver toda comunidade, não apenas os integrantes do Núcleo, na reflexão acerca das temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade, assim como promover a conexão com membros das instituições vizinhas engajados na mesma missão.

Figura 4: Dia de combate à LGBTfobia (2019)



Fonte: NEPGS IFRS- Campus Rio Grande

Figura 5 - Dia Internacional da Mulher (2020)



Fonte: NEPGS IFRS- *Campus* Rio Grande

No seu ideal de operar com órgãos de outros polos da sociedade, o NEPGS conta com dois componentes membros do COMDIM (Conselho Municipal de Direitos da Mulher), a saber: Magnólia Vicente e Lucilene Canilha Ribeiro. Em parceria com este grupo, o Núcleo já organizou uma série de atividades, como o I Dia da Visibilidade Lésbica (2019), em que pesquisadoras e profissionais ligadas à área da saúde debateram sobre a saúde física e emocional da mulher lésbica.

Figura 6: I Dia da Visibilidade Lésbica (2019)



Fonte: NEPGS IFRS- *Campus* Rio Grande

As discussões e estudos feitos no grupo renderam uma série de trabalhos e apresentações por parte de seus integrantes, incluindo alunos, professores e membros externos em eventos municipais, regionais, nacionais e internacionais. Neste último caso, destaca-se a participação da professora Lucía Alda e da bolsista Maria Eduarda Silveira na Conferência Internacional Women Deliver 2019 em Vancouver, Canadá, a maior conferência do mundo em equidade de gênero, saúde, direitos e bem-estar de meninas e mulheres. A participação nesse evento resultou em voto de louvor, homenagem concedida pela Câmara Municipal de Rio Grande à estudante pelo seu destaque nos estudos da área de gênero e sexualidade.

Figura 7: Conferência Internacional Women Deliver (2019)



Fonte: NEPGS IFRS- Campus Rio Grande

No contexto da Pandemia de COVID-19, o Núcleo teve que adaptar suas formas de atuação. Ainda que a pesquisa por parte dos membros continue operando em ritmo semelhante àquela anterior à quarentena, as demais ações do grupo efetivaram-se em ambiente virtual. Para ficarmos em dois exemplos: no dia de combate à LGBTfobia, foram feitas uma série de publicações nas redes oficiais da equipe a respeito do tema. Além disso, o Núcleo participou da iniciativa conjunta “IFRS em defesa dos direitos LGBTI+”, contribuindo com live apresentada pela professora e pesquisadora Lucilene Canilha Ribeiro, que recebeu a professora e escritora Atena Beauvoir. Neste momento, os integrantes estão engajados na reordenação das atividades futuras e na reformulação dos estudos, tendo em vista as modalidades remotas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> . Acesso em: 06 jun. 2020.

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v23n1/1516-7313-ciedu-23-01-0001.pdf>. Acesso em 08 jun. 2020.

LOUSADA, Vinícius Lima. **A Política de Ações Afirmativas do IFRS: a Caminho da Escola Justa?**. In Organizadores: SONZA, Andréa Poletto; SALTON, Bruna Poletto; STRAPAZZON, Jair Adriano. **Ações afirmativas do IFRS**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2015. 284 p. - ISBN: 978-85-7770-285-5. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FI39ibJhtqMYy7Bgjy6gE7J5iAGs64Mh/view>. Acesso em: 08 jun. 2020.

O NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS NO *CAMPUS* ROLANTE: REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE UMA TRAJETÓRIA

Luciano Nascimento Corsino¹
Taise Tatiana Quadros da Silva²
Cristian Sezer Reinheimer³
Melissa Osterlund Ferreira⁴

Introdução

O Núcleo de Ações Afirmativas (NAAf) do IFRS *Campus* Rolante, criado em 19 de abril de 2016, é constituído por servidores(as), estudantes e membros da comunidade externa do IFRS que se interessam por questões que englobam a defesa das minorias sociais, sobretudo em questões relacionadas aos temas de raça, gênero, sexualidade e pessoas com necessidades educacionais específicas. Este Núcleo tem um importante papel na proposição de ações inclusivas que atentem, entre outros aspectos, à valorização étnico-racial, em especial, da população negra e das comunidades indígenas, no âmbito da Instituição e em suas relações com a comunidade externa. O NAAf também busca promover a inserção das pessoas com necessidades educacionais específicas no IFRS, a sua permanência na Instituição e a preparação para um ingresso exitoso no mundo do trabalho. Ainda, o NAAf também propõe ações de combate à homofobia, a fim de incentivar o respeito à diversidade e de eliminar todos os tipos de barreiras e formas de discriminação, com ênfase nas temáticas corpo, gênero e sexualidade.

A partir desses princípios, destacam-se atividades já realizadas pelo NAAf, como atividades de extensão, ensino e pesquisa. Ainda, consideram-se ações que são contempladas nas atividades curriculares e perpassam a formação interdisciplinar, como discussões sobre direitos humanos, diversidade, relações de gênero e ações afirmativas.

Diante disso tudo, entende-se como compromisso, enquanto educadores(as) de uma instituição de ensino, continuar garantindo ações que contribuam para a efetivação de políticas públicas, em especial, ações que incluam as pessoas com deficiência e promovam o combate ao racismo, ao sexismo e à homofobia na comunidade de Rolante.

As ações do NAAf *Campus* Rolante em uma perspectiva indissociável: experiências de 2016 a 2020

O trabalho pedagógico desenvolvido no NAAf *Campus* Rolante, desde a sua criação, tem buscado uma aproximação com dois eixos principais: a *práxis* e a indissociabilidade. Por um lado, a *práxis* pedagógica é compreendida por meio da relação que Freire (1987; 2009) estabelece entre os sujeitos e o mundo, entre a teoria e a prática e também entre a “consciência ingênua” e a emancipação. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como princípio constitucional e pedagógico (MOITA e ANDRADE, 2009) é um dos horizontes do trabalho desenvolvido nos núcleos que compõem o NAAf.

Portanto, pode-se afirmar que a *práxis* educativa desenvolvida no âmbito do NAAf procura o diálogo entre aquilo que se diz e aquilo que se faz. Trabalhos como Scott (1995); Auad (2006); Butler (1990); Hooks (2003); Collins (1989), Carneiro (2011), Almeida (2019) e outros são fontes de inspiração para as diversas atividades que são construídas em diálogo permanente com as realidades sociais da comunidade rolantense.

¹ Professor de Educação Física do IFRS *Campus* Rolante, coordenador do NEABI do *Campus* Rolante e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Antirracismo, Gênero e Juventude GEPEA, luciano.corsino@rolante.ifrs.edu.br.

² Professora de História do IFRS *Campus* Rolante e coordenadora do NEPGS do *Campus* Rolante, taise.silva@rolante.ifrs.edu.br.

³ Técnico Administrativo do IFRS *Campus* Rolante, coordenador de gestão de pessoas e coordenador suplente do NEPGS *Campus* Rolante, cristian.rheinheimer@rolante.ifrs.edu.br.

⁴ Professora de Português e Espanhol do IFRS *Campus* Rolante e secretária suplente do NEPGS do *Campus* Rolante, melissa.ferreira@rolante.ifrs.edu.br.

⁵ Cumpre mencionar que por compreender que com o crescimento do *Campus* Rolante tanto em número de servidores(as) como em número de discentes, em reuniões e debates coletivos, chegou-se à conclusão que seria oportuno desmembrar o NAAf e transformá-lo em três núcleos: NEABI, NEPGS e NAPNE. A formalização do desmembramento ocorreu em dezembro de 2019 após aprovação de alteração do regimento complementar em reunião do Concamp.

A primeira ação do NAAF foi a construção do “Programa de Ações Afirmativas *Campus Rolante*”. Desenvolvido entre julho de 2017 e julho de 2018, o programa abrangeu diversos projetos com variadas ações, como palestras, caminhadas e rodas de conversa, dentre outras atividades. Esse Programa pôde promover ações de combate ao racismo, ao sexismo e à homofobia no município de Rolante.

O primeiro evento realizado pelo Programa de Ações Afirmativas *Campus Rolante* foi o “I Seminário do Núcleo de Ações Afirmativas – IFRS *Campus Rolante*: Processos de Opressão Racial e Educação Escolar”. O objetivo desse evento foi oferecer uma formação para professores(as) para a implementação do ensino de cultura e história afro-brasileira e africana, sendo, o público-alvo, docentes da rede municipal e estadual do município de Rolante. Para tanto, foram abordados dois temas específicos: a “História da Escravidão no Rio Grande do Sul”, palestra conduzida pelo Prof. Dr. Marcelo Matheus, e o “Contexto da Lei 10.639/03 e currículo escolar”, palestra conduzida pelo Prof. Dr. Luciano Nascimento Corsino, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Imagem de apresentação no seminário



Fonte: Naaf IFRS - *Campus Rolante*

O segundo evento desenvolvido no Programa foi o “II Seminário do Núcleo de Ações Afirmativas: Saúde da População Negra”, que teve como objetivo a formação de profissionais da área da saúde no que se refere à implementação das políticas de saúde relacionadas às questões raciais e de gênero. O Seminário também ofereceu uma formação ampla aos(as) estudantes do curso de Tecnologia em Processos Gerenciais (TPG), tendo como público-alvo profissionais da saúde do município de Rolante e docentes e estudantes do curso de TPG. A palestra foi conduzida pelo Prof. Me. Estêvão Haeser, com o tema “Arte e saúde da população negra: cruzamentos possíveis”, e pela Profa. Me. Carolina Montiel, com o tema “Direitos reprodutivos da população negra”. Esse seminário foi uma iniciativa de enorme relevância para a formação dos(as) profissionais da saúde do município, que tiveram liberação do trabalho para comparecer à atividade e trocar experiências com os(as) palestrantes.

Figura 2: Convidados(as) em palestra no seminário



Fonte: Naaf IFRS - *Campus Rolante*

Leia Mulher

O “Leia Mulher” é um projeto de extensão que tem como objetivo focar em atividades que propõem reflexões acerca da desigualdade de gênero, de modo a produzir soluções para questões específicas da comunidade. As atividades foram realizadas de forma complementar aos períodos de aula regular, por meio de leitura e discussão de textos literários de autoria feminina.

Figura 3: Imagens de ações do projeto Leia Mulheres IFRS



Fonte: Naaf IFRS - *Campus Rolante*

É IFRS que você quer@?

Este projeto de extensão foi realizado no ano de 2018, retomado no ano de 2020 e teve como objetivo divulgar as Políticas de Ações Afirmativas (PAF) do IFRS aos estudantes de 9º ano de escolas públicas da região do Vale do Paranhana e implementar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas e no IFRS *Campus Rolante*. O projeto está fundamentado nos estudos antirracistas e nas leis 10.639/03 e 12.711/12 e foi executado em duas etapas: a) realização de palestras explicativas sobre a Política de Ações Afirmativas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, com foco nas cotas raciais em escolas públicas municipais e estaduais, no Vale do Paranhana; b) aulas expositivas-dialogadas sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas da região e para as turmas de ensino técnico integrado ao Ensino Médio, PROEJA e ensino superior do IFRS *Campus Rolante*.

Programação do Mês da Mulher 2019

No ano de 2019, a Semana da Mulher contou com as servidoras e discentes Alice Dionizio, Claudia Zettermann, Gabriela Barroso; Taíse Tatiana da Silva, Vanessa Limana Berni e com o Grêmio estudantil. Primeiramente, foi organizada uma enquete chamada “Dia da Mulher”, que foi enviada aos(as) estudantes e servidores(as) por meio de redes sociais. A partir das frases enviadas, foi construído um grande mural que ficou exposto no espaço do *Campus* durante o mês de março.

Para promover uma ação solidária, também foi realizada a Campanha “Pegue se precisar, deixe quando puder”, que colocou material de higiene feminina nos banheiros, visando a promoção da solidariedade entre as mulheres. Outro evento da Semana foi a apresentação do documentário “Absorvendo o Tabu” (Direção: Rayka Zehtabchi, 2018), sobre o qual foi realizado um debate com as professoras Alice Dionizio e Taíse da Silva.

Como ação de extensão, foi realizado o “1º Círculo Libertário”, referente ao projeto 'Líbera: Círculos, Ciclos e Feminilidades', com facilitação da servidora assistente de alunos Caroline de Castro Mello.

Roda de conversa “Mulheres na ciência”

A Profa Dra. Márcia Barbosa (Professora da UFRGS, Diretora da Academia Brasileira de Ciências e Doutora em Ciências), a Profa. Ms. Maiara Alves (Professora da rede pública estadual, Mestra e Doutoranda em Educação em Ciências pela UFRGS) e a discente Maria Helena Ferreira (Técnica em Química pela Escola Liberato/Novo Hamburgo) protagonizaram um debate sobre os desafios das mulheres no mundo da ciência. Para o NAAf, ações como essa representam muito, pois constroem a perspectiva de uma educação integrada, em que o diálogo entre diversas áreas do saber se articula com a compreensão sobre os aspectos sociais que atravessam as práticas da ciência.

Figura 4: Imagem do evento Mulheres na ciência



Fonte: Naaf IFRS - Campus Rolante

Antirracismo no IFRS Rolante é todo dia, mas não deixamos o 13 de Maio sem uma reflexão

No NAAf Rolante, a construção de ações para além das datas pontuais é muito importante. Sempre problematizamos essa questão e, historicamente, o 13 de Maio, dia em que se “comemora” a Abolição da Escravatura, é uma data marcada por um embate político sobre memória e projetos políticos. Por isso, construímos a ação “*Liberdade: Gênero, Raça e Classe: 13 de maio em perspectiva*”. O objetivo era colocarmos em questão como, enquanto sociedade, lembramos e construímos políticas que permitam que superemos o racismo estrutural, legado de nossa colonização e de séculos de escravidão. Realizamos, então, na manhã de segunda-feira (13) de maio de 2019, uma atividade emblemática que culminou na inauguração de nossa placa alusiva à memória de Marielle Franco.

A ideia foi a de que a fixação de nossa placa em homenagem à Marielle Franco marcasse a inauguração de nossa Galeria de Homens e Mulheres Ilustres. Consideramos também que, embora no Brasil da atualidade a palavra liberdade esteja sempre flagrantemente presente no vocabulário político, ela quase sempre diz respeito ao liberalismo econômico, mas não faz menção à construção e à luta por liberdade que marcaram os anos de escravidão no Brasil, décadas e séculos de resistência e ação de negras e negros, que construíram suas liberdades, enfrentando os valores da sociedade escravagista. Como mote, indagamos: “na atualidade, vivemos o processo integral de superação das mazelas do Brasil escravocrata? Nos constituímos como uma sociedade em que os direitos são centrais para a construção da igualdade social e política?” Convidamos, para uma aula sobre direito de negros e negras no Brasil, Patrícia da Silva Pereira, afroretizadora e assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, bem como os/as estudantes do *Campus Viamão* e a assessora de relações étnico-raciais Marlise Paz dos Santos, que refletiram sobre serem mulheres, negras, estudantes e trabalhadoras no Brasil contemporâneo.

Logo após o encontro, houve então a inauguração da placa em homenagem à socióloga e política Marielle Franco, mulher negra de origem periférica que lutava pelos Direitos Humanos. Ela foi assassinada em 14 de março de 2018.

Figura 5: Imagem do evento de inauguração da placa Marielle Franco



Fonte: Naaf IFRS - Campus Rolante

Na Figura 5, a convidada Patrícia Pereira, a assessora de relações étnico-raciais do IFRS Marlise dos Santos e alunas do *Campus Alvorada* inauguram a Galeria de Pessoas Ilustres com a fixação da placa de Marielle Franco. A ação marca a construção de práticas antirracistas no nosso *campus* e expressa o compromisso com o debate acerca dos Direitos Humanos em Rolante.

Diálogo sobre o tema da LGBTfobia presente no nosso mês de Maio

Como ação para o combate à LGBTfobia, convidamos todas e todos para o evento “*Roda de Conversa LGBTQ+*”, promovido pelo NAAf em parceria com discentes e demais colegas. A atividade foi uma ação que integrou a Política Nacional de Combate à LGBTfobia e teve como objetivo informar e construir um espaço de reflexão e abertura à diversidade em nossa comunidade. Palestraram no nosso evento a Psicóloga Vanessa Limana Berni, abordando o ponto de vista da Psicologia, e também, para esclarecer sobre o olhar institucional sobre o tema, um convidado externo, o jornalista e comunicador Cris Vargas. Este, natural de Parobé e atuando em Novo Hamburgo, veio à nossa instituição para falar de sua trajetória de vida, dos desafios da pessoa LGBTQ+ no mundo profissional e do significado do empoderamento para essas pessoas. Também realizamos uma exposição de cartazes “Fato ou Fake da LGBTfobia”, feitos por nossos(as) alunos e alunas, como atividade da disciplina de História. O objetivo dessa exposição foi romper a barreira da desinformação.

Figura 6: Imagem do evento Combate à LGBTfobia



Fonte: NAAf IFRS - *Campus Rolante*

Mês dos povos indígenas: o desafio de construir encontros inter-étnicos

Em 2019, a aproximação e o compromisso do IFRS com uma educação antirracista, comprometida com a formação para as relações étnico-raciais, nas quais o diálogo com as comunidades indígenas próximas de nosso *campus* se faça presente, marcou o encontro com famílias do povo Guarany da Aldeia Tekoa Ka'aguy Porã (mata sagrada).

Figura 7: [inserir legenda]



Fonte: NAAf IFRS - *Campus Rolante*

Comissão de heteroidentificação

O NAAf é responsável por indicar os(as) membros(as) da Comissão de Heteroidentificação, que é responsável pela verificação das autodeclarações realizadas todos os anos como parte do processo seletivo de ingresso aos cursos do *Campus Rolante*. Os processos seletivos são realizados nos meses de janeiro e julho, para ingresso de estudantes nos cursos de Ensino Médio integrado, técnico subsequente/concomitante, PROEJA e Ensino Superior. Essa fase do processo seletivo tem como objetivo garantir o ingresso dos sujeitos de direito da Política de Ações Afirmativas, com foco nas cotas raciais, conforme a lei 12.711/2012.

A Semana da Mulher como promotora da transversalidade e da transdisciplinaridade

Última de nossas atividades presenciais no ano de 2020 antes da pandemia, na nossa comemoração do Dia 8 de Março – Dia da Mulher, o NAAf – Núcleo de Ações Afirmativas do *Campus* Rolante do IFRS – convidou toda a sua comunidade de discentes, servidoras e servidores técnicos-administrativos e docentes para prestigiar e participar de uma série de palestras e oficinas.

O evento foi parte da política de promoção da igualdade e de atenção à diversidade, que marcou nosso espaço educacional, destacando a pluralidade de saberes e lugares de atuação das mulheres, constituindo-se também em uma celebração das habilidades de nossas discentes, servidoras, pesquisadoras e docentes. A programação foi bastante vasta e também buscou integrar as áreas de formação oferecidas pelo *Campus*, trazendo profissionais mulheres das áreas da Agropecuária e da Administração. Abrimos o evento no dia 10/03/2020, terça feira, com a palestra “Mulheres na Ciência e na Administração”, conduzida por Cláudia Zettermann, Diretora-geral do *Campus* Rolante, e prosseguimos com “Diálogo Mulheres: Os desafios e alegrias do mundo rural”, com as palestrantes Oliva Lazarini, agricultora e guardiã de sementes, e Adriana Machado, nutricionista do IFRS, para destacar nossas ações de promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional sustentável. Ainda considerando a promoção da saúde da mulher, tivemos a participação da fisioterapeuta Ana Cláudia Caldato, com a palestra Visão Osteopática na Saúde da Mulher. Na mesma noite, o “Diálogo Mulheres: Os desafios e alegrias do mundo rural” contou com a palestrante Márcia Blay, agricultora, e com Maria Rosane Renck, engenheira agrônoma - Emater/Rolante. Contamos também com o Círculo de Conversa – Arte e Saúde nas Trajetórias Femininas, com Ananda Paz Azevedo, professora, bailarina, coreógrafa e pesquisadora do Movimento Holístico.

Além disso, ocorreu o “Círculo de Conversa – Menstruação e Cuidados Íntimos”, com a servidora Caroline Mello, Técnica em Assuntos Educacionais da CAEP/*Campus* Rolante.

O “Palco livre” foi uma atividade que possibilitou ações poéticas de diversas estudantes, que, ao microfone, leram textos de sua autoria e interpretaram textos e canções.

A “Demonstração de Taekwondo” teve participação de discentes do nosso *campus*. Na atividade “Mulheres nas Artes Marciais – Demonstração de Taekwondo” tivemos a participação das discentes Aline Vitória Fleisch e Maria Carolin Gossler, além das convidadas Jéssica Letícia Gossler e Isnara Wilhelms (faixa preta).

Contemplando o debate sobre protagonismo feminino na área organizacional, contamos com a palestrante Clarissa Silveira, artista visual, educadora social e *agroflorestora*⁶, que nos falou sobre o desenvolvimento da rede de agricultores orgânicos que ela orquestrou na cidade de Rolante e relatou sobre os meios de organização da produção sustentável no Sítio Libélula.

A professora do *Campus* Rolante Ana Cecato ofereceu a oficina “Escrita Criativa”. Ela promoveu a leitura e a discussão de textos literários escritos por mulheres, com o objetivo de “estimular a criatividade como uma forma de afirmação de nossa existência, entre dores, alegrias e muitas lutas”. Ao final, as presentes fariam um sarau com a leitura dos textos produzidos na oficina.

Figura 8: Imagem Semana da Mulher



Fonte: Naaf IFRS - *Campus* Rolante

Diálogo Mulheres: Os desafios e alegrias do mundo rural”, com as palestrantes Oliva Lazarini, agricultora e guardiã de sementes, Adriana Machado, nutricionista do IFRS, as professoras Adriana Corrent e Taíse da Silva e o professor Luciano Corsino.

⁶ O termo “agroflorestora” foi informado pela própria palestrante.

Ações remotas marcam engajamento docente e discente no tratamento de temas relativos à diversidade e à igualdade de gênero e racial

Mobilizando contra a LGBTfobia por meio da atividade remota GINCASA

Figura 9: Imagem do evento da GINCASA



Fonte: NAAf IFRS - Campus Rolante

Devido à suspensão das atividades presenciais, em meio à pandemia causada pelo COVID-19, houve uma movimentação por parte dos servidores do *Campus Rolante* para realizar uma gincana virtual junto aos alunos, nomeada como GINCASA. Em alusão ao mês de combate à LGBTfobia, uma das tarefas solicitou aos discentes que elaborassem perguntas/curiosidades referentes à comunidade LGBTQI+. Após o recebimento da tarefa, houve a seleção e o envio das perguntas a pessoas da comunidade LGBTQI+ para que, em forma de vídeo, elas respondessem às questões e dúvidas elaboradas pelos discentes. As respostas foram publicadas nas redes sociais do *Campus*, com o intuito de sanar dúvidas e disseminar o conhecimento. Muito mais do que aguçar a curiosidade dos discentes pelo assunto, foi uma atividade capaz de propiciar à comunidade um pouco mais de conhecimento sobre o Movimento LGBTQI+. Ainda neste ano, foram publicizadas indicações de livros nas redes sociais, disponíveis na biblioteca virtual, com temática LGBTQI+.

102

Figura 10: Imagem da atividade do GINCASA



Fonte: NAAf IFRS - Campus Rolante

Transformações do crescimento: do NAAf aos Núcleos Neabi, Neps e Napne

O aumento do número de servidores(as) docentes e de discentes significou também o aumento de demandas em relação às ações do Núcleo de Ações Afirmativas. A organização por temas se tornou necessária, a fim da construção de agendas de trabalho mais objetivas, por meio de estudos e atividades de ensino e extensão de modo indissociável, nas quais os grupos pudessem abordar questões raciais, de gênero e sexualidade e de atenção às pessoas com necessidades educacionais específicas de forma mais pontual. Assim, por meio de encontros remotos, foram feitas as eleições para a escolha das coordenações e secretarias dos Núcleos do *Campus Rolante*, divisão de núcleos já aprovada pelo Conselho de *Campus* no ano de 2019. Apesar da pandemia, os servidores e servidoras seguiram engajados na construção e preservação das políticas de promoção de igualdade e mantiveram a construção de agendas e o fomento de ações, vencendo o desafio do distanciamento social. Distantes, sim. Imobilizados, não.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero a escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and subversion of identity. Londres: Routledge, 1990.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Toward a new vision**: race, class and gender as categories of analysis and connection. Center of Research on Woman, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, maio/ago. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

(REL)ATOS: EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS PELOS NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO IFRS - CAMPUS SERTÃO

Carla Verônica Vasconcellos Diefenbach¹
Marta Marques²
Naiara Migon³
Vanessa Carla Neckel⁴
Ana Maria da Rosa Prates⁵
Marcos Antonio de Oliveira⁶
Deise CaldartRoscioli⁷
Roberto Sander⁸
Gabriele Albuquerque Silva⁹
Ana Laura Tomasi¹⁰
Rafael Sapiência Torreão¹¹
Eduarda SegattiTres¹²

Introdução

O Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Sertão, desenvolve trabalhos em núcleos de ações afirmativas, com atividades no Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS). Os principais objetivos dos núcleos são o acompanhamento dos alunos de diversos cursos do Campus Sertão, visando o acolhimento e acompanhamento dos processos de ensino-aprendizagem, além de oportunizar espaços de diálogos e reflexões, dando voz aos diferentes grupos sociais que são público-alvo das ações afirmativas, promovendo o processo de inclusão na instituição. Neste artigo, objetivamos relatar algumas das experiências recentes desenvolvidas pelos núcleos de ações afirmativas do IFRS Campus Sertão, além de compartilhar alguns relatos de estudantes contemplados por tais ações.

NAPNE: Trajetórias de ações inclusivas

O Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do Campus Sertão desenvolve ações de acompanhamento de estudantes com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem. Medidas ligadas à acessibilidade no campus, ao acolhimento destes estudantes e suas famílias, orientação aos docentes e técnicos-administrativos, desenvolvimento de PEIs (Planos Educacionais Individualizados) e acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem são algumas das principais formas de atuação do NAPNE.

¹ Professora Titular do IFRS Campus Sertão, membro do NAPNE, carla.diefenbach@sertao.ifrs.edu.br.

² Professora Substituta- Atendimento Educacional Especializado (AEE) do IFRS Campus Sertão, membro do NAPNE e NEABI, marta.pr@gmail.com.

³ Técnica Administrativa do IFRS Campus Sertão, membro do NEPGS naiara.migon@sertao.ifrs.edu.br.

⁴ Assistente Social e coordenadora do NEPGS, Campus Sertão, vanessa.neckel@sertao.ifrs.edu.br.

⁵ Professora de História da E.E.E.F. Engenheiro Luiz Englert Sertão, membro do NEABI, mayprates@bol.com.br.

⁶ Professor IFRS -Campus Sertão, membro do NAPNE marcos.oliveira@sertao.ifrs.edu.br.

⁷ Professora IFRS - Campus Sertão, membro NEPGS deise.rosoli@sertao.ifrs.edu.br.

⁸ Professor Substituto do IFRS Campus Sertão, membro do do NEABI, História, roberto.sander@sertao.ifrs.edu.br.

⁹ Psicóloga e coordenadora do NAPNE do IFRS Campus Sertão, gabriele.silva@sertao.ifrs.edu.br.

¹⁰ Estudante do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS Campus Sertão, membro do NEPGS, Campus Sertão, anatomasilaura@gmail.com.

¹¹ Professor e coordenador do NEABI Campus Sertão, rafael.sapiencia@sertao.ifrs.edu.br.

¹² Estudante do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS Campus Sertão, membro do NEPGS, Campus Sertão, duda.sgtt@gmail.com.

O IFRS Campus Sertão tem uma trajetória institucional de 63 anos, tendo diferentes nomenclaturas antes de ser integrado à rede dos Institutos Federais em 2008. No ano de 2003, enquanto ainda era Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAFS), foi formado um importante convênio com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Sertão, um movimento embrionário para ações referentes às pessoas com necessidades educacionais específicas. No ano de 2007, foi constituído o NAPNE, ampliando o desenvolvimento das políticas de inclusão voltadas a este público.

Além das atividades supracitadas, o núcleo participa de diversas discussões, palestras e reuniões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem e a realização de momentos de capacitação das equipes de técnicos e docentes. O núcleo também procura desenvolver ações de promoção à inclusão na comunidade através de ações de extensão. Por exemplo, o projeto de extensão *Ações Educativas sobre Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Social no Município de Sertão*, vinculado ao NAPNE, iniciou em 2014 e desenvolve ações e atividades sobre educação especial no âmbito da inclusão social nas escolas de educação básica do município, incluindo o campus. Dentre as ações, encontram-se a difusão de informações, ideias, conceitos, história, entre outras, de forma construtiva e dialógica com alunos e professores, para que possamos contribuir com a cultura de respeito à diversidade em nosso sistema educacional.

Foto 01 - Prática de Equoterapia do IFRS Campus Sertão



Foto: Roberto Sander (2019)

Como registro de um caso de significativo êxito no que se refere à esfera do ensino, seguem abaixo alguns relatos referentes ao processo de inclusão do discente Leonardo, hoje formado como técnico em agropecuária. Leonardo recebeu Atendimento Educacional Especializado (AEE) e participou do projeto de ensino *Vivências em rotinas agropecuárias e equoterapia*. A professora de AEE relata:

“Acompanhar o Leonardo (Léo) nos seus horários de AEE é desafiador, me faz todos os dias me desconstruir como docente, me faz repensar e refletir sobre o meu papel dentro e fora de sala de aula. Ele é um jovem com muitas limitações cognitivas que influenciam no seu processo de aprendizagem, mas o seu potencial é imensurável, basta que haja as possibilidades certas para ele, basta que ele seja percebido e compreendido pelos seus docentes como um aluno capaz de alcançar objetivos pensados e elaborados para ele os quais, possam respeitar suas especificidades”. (Relato da docente Marta Marques)

O projeto de ensino *Vivências em rotinas agropecuárias e equoterapia*, teve o discente Leonardo como bolsista antes de seu estágio profissionalizante, em 2019. O estudante tem como característica uma significativa dificuldade de aprendizagem associada a déficit de atenção e hiperatividade. Ao mesmo tempo, sempre apresentou um grande interesse no desenvolvimento de atividades práticas ligadas à área animal. Na escola fazenda, mais especificamente no setor de Zootecnia III, envolvendo bovinocultura leiteira e Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo do IFRS Campus Sertão, foi proposta a realização de práticas vivenciadas diariamente nos setores de produção. O direcionamento das atividades foi organizado a partir das adaptações realizadas no PEI do estudante, que permitiram maior flexibilidade da carga horária de Leonardo, possibilitando

a realização de diversas atividades práticas, oscilando desde a prática da ordenha, manejo de terneiras, novilhas, vacas secas e vacas em lactação, além das práticas rotineiras no Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo, com foco específico no bem-estar animal, oferecendo a possibilidade de envolvimento com a Equoterapia, e demais práticas constantes que fossem possíveis de desenvolvimento, com observações particulares no crescimento dos conhecimentos técnicos e pedagógicos do discente participante.

Durante o semestre foi possível observar a evolução do aluno quanto ao trabalho em grupo e desempenho das atividades. No início apresentava-se mais agitado e desenvolvia as atividades de forma que não prestava muita atenção quanto a possíveis riscos à sua integridade física, trabalho este desenvolvido com cuidado e orientação auxiliando na etapa que seguiu que foi a realização do estágio curricular do curso técnico em agropecuária subsequente concluindo um estágio com êxito desenvolvendo as atividades na área de suinocultura, adquirindo assim o título de técnico em agropecuária. As atividades realizadas no setor de bovinocultura leiteira despertaram sobre as rotinas a serem seguidas nesta criação, auxiliando na escolha do posterior estágio.

As atividades desenvolvidas pelo discente bolsista foram pensadas e planejadas visando fortalecer os laços afetivos e principalmente desenvolvimento biopsicossocial conforme preconiza a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE/Brasil). A equoterapia auxilia na aquisição de padrões essenciais do desenvolvimento biopsicossocial, preparando o praticante para uma atividade motora subsequente mais complexa, ampliando sua socialização e dando condições para que possa desenvolver simultaneamente outras habilidades que estão internamente relacionadas com o desenvolvimento da capacidade global do praticante.

Leonardo apresentava um grande interesse pelos animais e em especial pelos cavalos, sendo este um ponto essencial para a vinculação emocional com o projeto. Devido às suas necessidades educacionais específicas, o discente possuía dificuldade para realizar as tarefas apenas com a primeira orientação. As ações eram explicadas por várias vezes, focando naquilo que deveria ser executado, mas, sempre de um modo pautado na paciência e na repetição da instrução. A equipe de execução do projeto costumava desta forma acompanhar as atividades e também alocar junto a ele algum colega bolsista de outros projetos de extensão relacionados, para que dessa forma, através de atividades interativas junto aos demais colegas também se promoviam as habilidades sociais de Leonardo. Aliado a isso, podemos destacar o envolvimento do praticante, com momentos de ludicidade e motivação, os quais criaram por si mesmo uma grande melhoria na sua qualidade de vida.

Enfim, a oportunidade de vivenciar essa atividade de inclusão social, para um discente com especificidades neuropsicológicas, porém, com muitas potencialidades, nos proporcionou a observância da melhoria das suas necessidades primordiais como a alegria, a determinação, o envolvimento e principalmente a sua aceitação, no grupo de colegas, mudando consideravelmente a diretriz da sua vida. Além disso, o projeto também teve um importante papel na preparação do estudante para o mundo do trabalho e para o seu estágio final, realizado em uma empresa da região.

“Gostei de conhecer tudo do IF, os bichos, os setores... Bovino, olericultura, fruticultura, mecânica, ovinos, suinocultura, avicultura, equoterapia... Eu penso em continuar estudando. O instituto mudou 100% no meu... No meu comportamento... Em ajudar mais os outros, fazer as coisas. Eu gostei de lidar com os bichos, sempre gostei dos bichos. Cavalos, ovelhas, aves, porcos... Eu ajudava as pessoas... Hoje eu me sinto feliz. Os professores são bons... Eu quero dizer que os cursos do IF são bons, que continue vindo mais gente aqui.” (Relato do estudante Leonardo)

“Eu só tenho a agradecer a equipe de vocês, a escola, porque ajudou bastante. Ele está mais calmo, mais sociável, e aprendeu isso aqui. Eu fico feliz porque sei que se ele não tivesse vindo para cá, ele não teria essa preparação. Ele aprendeu muito e melhorou bastante, e eu só tenho a agradecer que o instituto faz parte disso.” (Sr. Albino, pai do estudante Leonardo)

A jornada de Leonardo no curso técnico em agropecuária foi também um momento de aprendizagem do próprio NAPNE. No processo seletivo de 2020/1, o estudante foi aprovado para ingressar no curso superior em Zootecnia, dando sequência aos seus estudos, mas ao mesmo tempo dando início a um novo ciclo em sua vida e na sua trajetória na instituição.

NEABI: tecendo diálogos a partir das vivências indígenas e quilombolas

Desde sua implantação no ano de 2009, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABI se insere nesse contexto de inclusão, se constituindo enquanto setor propositivo e consultivo que estimula e promove ações de Ensino, Pesquisa e Extensão orientadas à temática das identidades e relações etnicorraciais, especialmente quanto às populações afrodescendentes e indígenas, no âmbito da instituição e em suas relações com a comunidade externa. Trata-se, portanto, de um engajamento em desenvolver ações que não só possam envolver o tripé ensino, pesquisa e extensão, mas que também possam promover a visibilidade e o empoderamento desses grupos dentro da instituição e de suas próprias comunidades.

Nesse sentido, duas das comunidades atendidas pelas ações do NEABI serão aqui referidas, pois é delas que partem os relatos das discentes Silvana S. Joaquim, do Acampamento Kaingang Fág “E”, e Fernanda Souza de Oliveira, da Comunidade do Quilombo da Mormaça.

Foto 02 - Acampamento Fae “E”



Foto: Roberto Sander (2019)

Ambas as comunidades estão vinculadas administrativamente ao município de Sertão, região norte do Rio Grande de Sul, e se configuram na luta e resistência pela manutenção dos espaços que atualmente ocupam. A garantia do direito à educação, o transporte escolar, moradia, energia elétrica e outras questões básicas para vida digna e manutenção da cidadania, foram adquiridas com muito esforço e persistência. É neste cenário que o NEABI atua, apoiando e colaborando pedagogicamente na manutenção do acesso dos povos indígenas e quilombolas dessa região aos seus direitos e ao fortalecimento de suas respectivas identidades culturais. Abaixo, seguem os relatos das discentes que participam efetivamente do espaço e das ações propostas pelo NEABI, sendo essas, Silvana S. Joaquim e Fernanda Souza de Oliveira,

Aaluna Silvana S. Joaquim relata, primeiramente, sobre o espaço do NEABI dentro do campus Sertão:

Foto 03 - Estudante Indígena Kanigang atendida pelo NEABI - IFRS Campus Sertão, junto com sua filha



Foto: Roberto Sander (2019)

“Ele representa uma grande conquista, uma conquista alcançada junto a liderança, a direção, os professores e seus funcionários. É fundamental o aprendizado e a formação de nossos indígenas na construção de conhecimento e reconhecimento, e também, da importância e da valorização. Além de fortalecer a autoestima dos nossos estudantes. Representa uma educação continuada, porque pode ser que o aluno não consiga acompanhar os professores na sala de aula, mas, é lá, é neste espaço que tiram suas dúvidas. Nós indígenas, sabemos que, boa educação é moeda de ouro em toda a parte ele tem valor, e é a base de tudo na nossa sociedade. A educação, nunca foi despesa, mas sempre foi investimento e com retorno garantido. E é isso que esse espaço representa para nós, uma boa educação. Nós que frequentamos esse espaço. Foi muito difícil pra mim, no começo do meu curso, porque quando eu entrei no Campus, não tinha conhecimento, da existência do NEABI. Mas fui pedindo informações para a Vanessa, da Assistência Estudantil. Eu sei que naquele momento, ela percebeu que eu precisava de ajuda. Não só eu, mas como também os outros estudantes. Então ela, junto da direção e os professores, conseguiu abrir esta sala. Foi lá que eu vi, que através do diálogo, elaboração, projetos e execução de atividades, tem nos desafiado a trabalhar a diversidade em diversas maneiras. Apesar de algumas dificuldades, pude observar que conviver com as diferenças oportuniza em favor da diversidade cultural. Este espaço foi fundamental para mim. É lá, que eu tiro minhas dúvidas e acrescentar meus conhecimentos através de pesquisas e orientação da nossa querida professora Marta Marques. E agradeço muito a todos pelo reconhecimento, de abrir esse espaço, porque eu sei que isso é apenas o começo de muitos, e que mais percalços poderão vir e se apresentar ao longo do processo. Muito obrigada. Acredito que o aluno indígena precisa, e ainda vai continuar precisando de acompanhamento diferenciado para melhorar seus conhecimentos, mas nunca esquecendo de suas raízes, porque às vezes os professores acham que o indígena tem o mesmo entendimento que os outros alunos brancos, mas não é bem assim. Os estudantes indígenas têm suas dificuldades. Então isso poderia ser bem pensado, pela liderança, pela direção e pelos professores para melhor atendimento aos estudantes indígenas. No meu ponto de vista, os estudantes indígenas vão sempre precisar de apoio. Seja aonde for.” (Transcrição realizada pelo Professor Me. Roberto Sander, 2020/01).

Na sequência, colocações da aluna da Comunidade do Quilombo da Mormaça sobre sua participação nas ações vinculadas com o NEABI.

“Sou Fernanda Souza de Oliveira¹³ estudante do Curso de Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Básica e Profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Sertão. A minha participação na comissão de heteroidentificação para o processo seletivo 2020/01 realizado no IFRS- Campus Sertão foi muito válido e importante para meu crescimento pessoal pela minha representatividade como mulher negra e pertencente ao quilombo da Mormaça da região do RS e também acadêmico, juntamente com banca formado pelos membros colegas também negros tornando-se um compromisso sério de identificação dos candidatos estudantes”.

Foto 04 - Estudante atendida pelo NEABI IFRS Campus Sertão



Foto: Roberto Sander (2019)

¹³ Foto: Vanda Fávero fotografia mostra a aluna quilombola Fernanda Souza de Oliveira em uma área verde (praça), usando calça jeans e uma camiseta branca com o dizer “Ensine, pesquise e lute com uma garota”. Com os braços abertos segura nas mãos uma CAPULANA com símbolos da cultura africana.

“A minha experiência como estudante e pesquisadora foi evoluindo-se com a jornada de aprendizado a partir das atividades práticas e teóricas, realizadas, sendo protagonista da minha própria história e até mesmo da ancestralidade pertencente a comunidade quilombola da Mormaça, no projeto de pesquisa Narrativas Orais nas Comunidades Quilombolas da Região Norte do Rio Grande do Sul-uma proposta de trabalho na escola do IFRS- Campus Sertão, que teve como equipe os professores Felipe Batistella Alvares e Luciana da Costa de Oliveira, a Técnica em Assuntos Educacionais Vanda Aparecida Fávero Pino e nós como bolsistas de pesquisa eu do quilombo Mormaça e Rita Tatiane da Silva Miranda do quilombo da Arvinha que também somos pertencentes às nossas comunidades. O projeto foi muito importante para meu aprendizado”.

Outra ação que destacamos foi a proporcionada pelo NEABI que ocorreu em novembro do ano 2019, nesse sentido Fernanda relata ainda que:

“a participação com uma excelente oficina direcionadas para os alunos do ensino técnico em agropecuária. A minha participação foi como bolsista pesquisadora juntamente com minha colega Rita Tatiane da Silva Miranda e a colaboradora Vanda Aparecida Fávero Pino do projeto das narrativas orais. A abordou *Entre causos e memórias: sobre histórias que nunca ouvimos na escola*. Teve a ilustre presença da Senhora *Doralina Rocha da Rosa*, de 99 anos, grão quilombola pertencente ao quilombo da Mormaça, relatou através da mediação e orientação da equipe do projeto das narrativas orais, para os presentes discentes na oficina: Seus saberes culturais, o aprendizado com ajuda em partos, também em relação a culinária e saberes com as ervas medicinais aprendidos aos longo dos anos com seus ancestrais.”(Fernanda Souza de Oliveira - Quilombola da Comunidade da Mormaça, 2020/01).

Assim, os depoimentos reiteram e registram o caminho percorrido, para isso continuamos dialogando e tecendo saberes. A seguir, os relatos das ações realizadas no decorrer do ano de 2019 pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS).

NEPGS: de participantes a protagonistas

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do IFRS Campus Sertão se constitui como um importante espaço institucional plural, de acolhimento, de socialização, de reflexões referentes às questões de gênero e sexualidade. Pautar essas temáticas no contexto acadêmico é fundamental para formação e conscientização da comunidade acadêmica, auxiliando no processo de desconstrução de atitudes e ações cercadas de preconceitos, discriminação e violências.

Os primeiros passos do NEPGS do Campus Sertão, iniciam-se em maio de 2015, tendo sua regulamentação institucional em 2016, conforme os relatos de duas servidoras que mobilizaram este processo de institucionalização do núcleo no campus.

“O que significa protagonizar a criação de um núcleo que fale de gênero e sexualidade em uma instituição de origem agrícola do interior do RS? Esse foi o desafio que nos lançamos a realizar! Em 2012 eu estava na coordenação geral da seção sindical do *campus*. [...] Isso me mobilizou muito e no IFRS já havia uns dois *campi* que incluíam em sua estrutura o NEPGS. Essa era motivação, fundar o NEPGS no *campus* Sertão buscando apoios do SINASEFE (Sindicato Nacional dos Servidores Federais de Educação Básica, Profissional e Tecnológica) e dos NEPGS do IFRS. O *Campus* Sertão, por ser uma tradicional instituição agrícola, apresentava um *modus operandi* bastante conservador e machista, não só entre os/as servidores/as, mas também entre os/as estudantes e comunidade externa. Em 2008, quando a EAFS passa a ser IFRS Campus Sertão, essa configuração começa a sofrer um tensionamento para uma mudança. Foi um importante processo de sensibilização de colegas do *campus* para apoiar a iniciativa de criar o Nepgs local. Buscar pessoas adeptas à causa, e que pudessem também chamar mais participantes. Marcamos uma reunião aberta, chamando todos/as os/as servidores/as, e o tema foi colocado em pauta. [...] Na referida reunião deliberamos como o marco de fundação do NEPGS, sendo eu a coordenadora provisória do núcleo, e que seria encaminhada um memorando ao Diretor Geral para comunicar o fato e encaminhar a solicitação de portaria para escolha da coordenação oficial e a regulamentação institucional do Núcleo. O que de fato aconteceu, em 28 de maio de 2015, conforme os registros que temos nos documentos do NEPGS [...] A razão de ser dos Institutos Federais é de uma instituição, pública, gratuita, de qualidade, plural e inclusiva. É para todas e todos e nela não cabe qualquer tipo de preconceito ou opressão!” (Relato da Professora Leila de Almeida Castillo)

“O NEPGS surgiu a partir do impulso de alguns servidores em discutir o tema e logo depois na ânsia de institucionalizar o núcleo, a fim de estreitar os laços com a Reitoria e com os outros grupos que discutiam as temáticas no âmbito do IFRS. Esse movimento aconteceu no início da gestão do Prof. Odair, quando a Portaria do NEPGS foi emitida e também encaminhada à Pró-Reitoria de Extensão. Surge o NEPGS Sertão que atualmente se caracteriza com uma ação afirmativa engajada com a comunidade acadêmica e com as temáticas atuais.” (Relato da técnica administrativa Daiane Correa)

Atualmente o NEPGS é regulamentado pela Portaria nº 230, de 21 de julho de 2019, sendo composto por servidores técnicos administrativos, docentes e principalmente por estudantes. As atividades do núcleo são no intuito de orientar, conscientizar e ter um espaço de troca sobre assuntos ligados à diversidade sexual e de gênero. Buscamos relatar a experiência de duas atividades realizadas em alusão ao Dia Internacional da Mulher (8 de março) em 2019 e 2020, a partir da participação e protagonismo das estudantes, servidores e membros do NEPGS.

Foto 05 - Auditório do IFRS Campus Sertão, onde há uma roda com diversas estudantes sentadas no chão, com alguns papéis no centro da roda



Foto: Roberto Sander (2019)

Em 2019, a primeira atividade realizada pelo NEPGS, foi o “Cine-Bate-Papo Dia Internacional da Mulher”, uma atividade aberta para comunidade acadêmica, que discutiu sobre o dia da mulher, feminismo e violência contra a mulher, reunindo estudantes e professores dos cursos técnicos integrados ao ensino médio e dos cursos superiores. Um dos principais resultados observados, a partir dessa atividade, foi a divulgação do NEPGS para os/as estudantes ingressantes naquele ano, assim fortalecendo o Núcleo com a participação de novos membros. As estudantes do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática integrado ao Ensino Médio, Ana Laura Tomasi e Eduarda SegattiTres relatam sobre o desenvolvimento da atividade e sua importância para engajamento ao NEPGS.

Foto 06 - Retrata o saguão do IFRS Campus Sertão, onde ao centro está uma manequim. Ao lado, um banner do NEPGS. Em uma das paredes, cartazes com o título “Mulheres revolucionárias”.



Foto: Roberto Sander (2019)

“Ao ingressarmos no IFRS-Sertão ao final de fevereiro de 2019, pudemos participar do Cine-Bate-Papo Dia Internacional da Mulher” no mês de março, o qual nos despertou a vontade de aprender e compartilhar experiências nas áreas de estudo e pesquisa em gênero e sexualidade. Ao notarmos a importância de serem realizados mais debates, rapidamente decidimos ingressar no NEPGS do Campus. Com o passar dos encontros, debates e reuniões, além de aprendermos e crescermos com as pessoas que compunham o grupo no ano de 2019, a vontade de fazer a diferença em âmbito escolar aumentou.” (Relato de Ana Laura Tomasi e Eduarda SegattiTres)

Em 2020, a atividade do Dia Internacional da Mulher foi impulsionada pelas estudantes que participaram da atividade no ano anterior e agora se tornam protagonistas do NEPGS, como registra o relato das estudantes:

“Logo ao início de 2020, já pensamos sobre qual seria a nossa próxima intervenção escolar, nos lembrando carinhosamente da data 8 de março, a qual nos fez ingressar no núcleo e também poderia servir para mostrarmos qual a realidade da mulher no Brasil e também no Mundo. Usando um espaço coletivo e também onde circula a maioria do público diário escolar, o refeitório junto da entrada ao prédio central, utilizamos os vidros que o rodeiam para escrevermos frases e dados que demonstram a triste realidade feminina e também a história de mulheres revolucionárias, incentivando, assim, um maior conhecimento verdadeiro sobre o tema e também mostrando a importância do Núcleo junto de suas ações para com o âmbito escolar, incentivando o ingresso de novos participantes ao NEPGS e lembrando da importância da representação estudantil em toda a esfera educacional.” (Relato das estudantes Ana Laura Tomasi e Eduarda SegattiTres)

O objetivo da atividade foi a reflexão sobre a forma como as mulheres são tratadas na sociedade e a promoção da empatia. Tratou-se de uma intervenção interativa, que convidava as mulheres a registrarem palavras que já escutaram e marcaram sua vivência, relacionadas à sua condição de gênero, a partir do questionamento “O que você já escutou por ser mulher?”. Cada palavra colada na manequim, portanto, continha um registro pessoal de uma menina/mulher que se sentiu à vontade para compartilhar sua experiência com outras pessoas - muitas vezes por tais experiências terem sido dolorosas e traumáticas.

A exposição contou com imagens disponíveis na internet do livro “Mulheres, retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade” da ilustradora Carol Rossetti, que continham pequenas histórias sobre mulheres, abordando temas, como corpo, estilo, identidade, relacionamentos e superação. Também, foi realizada uma exposição com fotos e informações, com a valorização de mulheres reais, inspiradoras e revolucionárias, sejam elas históricas ou contemporâneas. Refletir sobre o empoderamento feminino na escola é essencial para combater a desigualdade de gênero, promover o respeito à diversidade e a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Considerações Finais

Os relatos realizados neste momento, refletem o caráter político-pedagógico, histórico, social e cultural, pois instigam e inspiram os leitores a criarem novos mundos, onde as diferenças, a diversidade étnico-racial e a diversidade de gênero e suas distintas traduções podem ser vistas como complementares e compreendidas como elementos de riqueza da espécie humana. Assim sendo, esperamos que, pelos mais diversos motivos a leitura destes relatos e das ações seja(m) percebida(os) e inspiradora(es), não somente aos autores e participantes dos núcleos, mas a todos (as) os envolvidos (as) no processo de formação técnica e profissionalizante de cidadãos críticos, ativos e conscientes de suas responsabilidades sociais para construção de uma sociedade aberta, diversa e plural.

Referências

ANDE BRASIL. **Fundamentos básicos sobre equoterapia** – Associação Nacional de Equoterapia, Brasília, 1998. CEZARIM, S. Etologia. In: ANDE-BRASIL. Curso de Equitação para Equoterapia. Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão – COEPE, Brasília, DF. 2007.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (ANDE) - Brasil 2014. Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br/site/equoterapia.php> Acesso em: 10 set. 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Portaria nº 230, de 31 de julho de 2019**. Comissão do NEPGS - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade - NEPGS, do IFRS - Campus Sertão. Boletim de Serviço, Sertão, RS, julho de 2019, p.20. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/sertao/wp-content/uploads/sites/7/2019/08/Julho.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ESTRATÉGIA DO NAAF VACARIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jorge Luiz dos Santos de Souza¹
Marziléia Aparecida Selle da Rosa²
Clarissa Deggeroni³
Felipe Akauan da Silva⁴
Douglas Almir Tolfo Rossa⁵

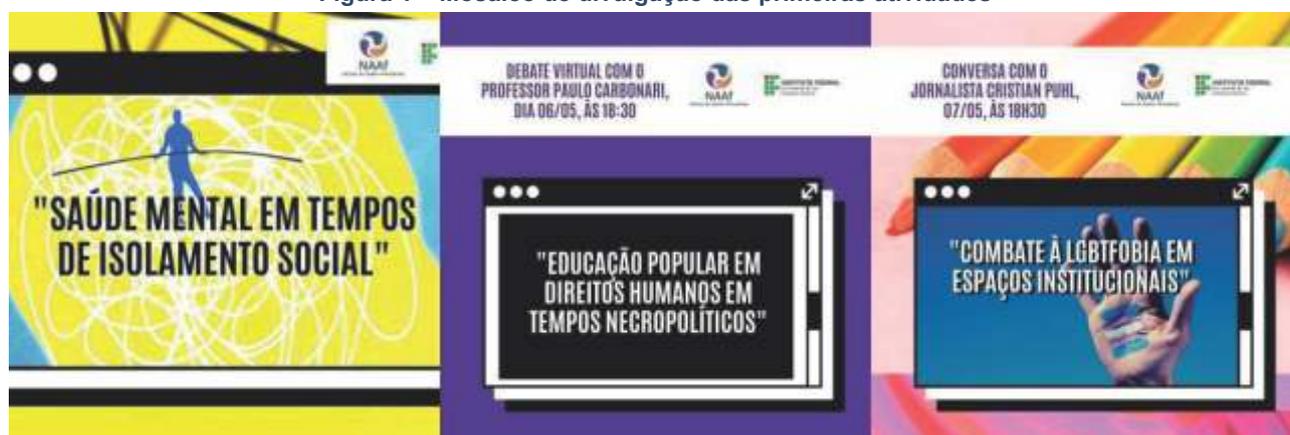
O Núcleo de Ações Afirmativas do IFRS *Campus Vacaria* (NAAF) agrega o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NEPGS).

Para o ano de 2020 foram reservadas datas específicas no calendário acadêmico para atividades relacionadas aos núcleos do NAAF, como o dia internacional da mulher, do combate a LGBTfobia e da Consciência negra. Este trabalho pretende mostrar como foi a atuação do NAAF, do início do ano e frente a pandemia de COVID-19.

Iniciamos pelo “Varal Feminista”, em março, com mulheres brasileiras de destaque, a exemplo de Dandara dos Palmares, Márcia Tiburi (esta nascida em Vacaria), a artilheira da seleção Brasileira Marta Vieira da Silva, Maria Quitéria (a Joana D’Arc Brasileira), Leila Diniz, Roberta Close, Lota de Soares, Maria da Penha, Zuzu Angel, Chiquinha Gonzaga, Elza Soares, Nísia Floresta, entre outras. Também foi feita a “Feira da Bijú” na qual as interessadas poderiam doar ou pegar uma bijuteria e, por fim, a palestra “Violência contra a Mulher” com a promotora Bianca Acioly, da 2ª Vara Criminal de Vacaria, que apresentou um panorama da temática e dados sobre a realidade de Vacaria. Tais atividades envolveram discentes desde o ensino médio integrado até a pós-graduação.

Com o início da pandemia, e conseqüente cancelamento do calendário acadêmico e das atividades presenciais, tudo que estava planejado ficou suspenso; todavia, em reunião do NAAF Vacaria via Google Meet®, surgiu a ideia de realizar a atividade sobre LGBTfobia virtualmente, já que estávamos utilizando este meio nas atividades institucionais do trabalho remoto. Igualmente surgiu a preocupação com duas questões emergentes: a saúde mental da comunidade acadêmica e a discussão sobre os direitos humanos frente a diversos fatos da conjuntura brasileira. Ambas questões passaram a fazer parte da agenda de *lives* realizadas até o mês de junho, às quais apresentamos brevemente a seguir.

Figura 1 – Mosaico de divulgação das primeiras atividades



Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

¹ Técnico em Assuntos Educacionais, Coordenador do NAAF Vacaria, jorge.souza@vacaria.ifrs.edu.br

² Auxiliar em Administração, membro do NAAF Vacaria, marzileia.rosa@vacaria.ifrs.edu.br

³ Jornalista, membro do NAAF, clarissa.deggeroni@vacaria.ifrs.edu.br

⁴ Professor, membro do NAAF Vacaria, douglas.rossa@vacaria.ifrs.edu.br

⁵ Professor, membro do NAAF Vacaria, felipe.akauan@vacaria.ifrs.edu.br

A primeira atividade foi *Saúde mental em tempos de isolamento social* com a psicóloga Tainá Fiabani. Foi combinado que a palestrante teria até uma hora explanando o conteúdo e após teríamos o tempo de mais ou menos meia hora para as dúvidas e colocação dos inscritos.

O número de participantes é apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	9	10	40	5	64

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

Nesta atividade foi tratado sobre os desafios de manter a saúde e o equilíbrio mental neste período em que devemos nos manter afastados da nossa rotina escolar e de trabalho, assim como das pessoas que tínhamos convivência.

A atividade de estreia foi satisfatória e com ela conseguimos refletir sobre a importância e necessidade da atuação do NAAF no período de isolamento social, enfatizando discussões relevantes das temáticas que o compõe.

A segunda atividade foi *Educação Popular em Direitos Humanos em Tempos Necropolíticos*, com o professor Dr. Paulo César Carbonari. Nesta ele trouxe a problematização da globalização e direitos humanos segundo Enrique Dussel (2000); a questão da necropolítica discutida por Achille Mbembe (2016) e o conceito xxx de Paulo Freire (1975). Esta atividade foi a primeira a exigir mais tempo para interações o que levou o NAAF a estender o tempo em mais meia hora nesta e nas seguintes.

Na Tabela 2 vemos o número de participantes desta atividade.

Tabela 2 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	6	14	40	8	68

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

O terceiro evento resgatou a temática que mobilizou a realização dos eventos virtuais do NAAF pelo fato de que estava agendada no calendário acadêmico para o período posterior ao início do isolamento social. Esta teve como título *Combate à LGBTfobia em espaços institucionais* com o jornalista e ativista Cristian Phul, que tratou sobre a conjuntura brasileira atual e a população LGBTQIA+, as diferenças entre sexo, gênero e sexualidades, os avanços e desafios relacionados aos direitos da população LGBTQIA+ no Brasil e no mundo, dentre outras questões relevantes que foram respondidas nas perguntas/colocações dos/as participantes, dentre as quais surgiu a proposta de criação de um coletivo LGBTQIA+ no município de Vacaria, devido à realidade machista e lgbtfóbica, identificada e destacada por eles/as.

Sobre os participantes segue a Tabela 3:

Tabela 3 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	5	12	29	9	55

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

Após estas atividades o NAAF Vacaria realizou uma reunião de avaliação e foi verificado a boa adesão da comunidade acadêmica. Percebemos que as atividades on-line nos dão oportunidades de termos pessoas que seriam muito difíceis de estarem conosco presencialmente e, ainda, devido ao prolongamento das atividades remotas no IFRS foi definida a realização de encontros virtuais semanais relacionados aos temas de cada núcleo integrante do NAAF. É evidente que os membros do núcleo conhecem os limites destas atividades em tempos de trabalho remoto e aprendizagem flexibilizada e não defendem seu uso indiscriminado em

substituição ao ensino dos cursos presenciais do *campus*, pois muitos estudantes não têm acesso à internet ou seu acesso é limitado devido às suas condições socioeconômicas. Mas, como nos diz Kuenzer (2016), não devemos eliminar totalmente uma coisa sem considerar suas partes úteis, ou seja, embora nem todos possam participar dos eventos on-line e a profundidade dos debates na aprendizagem flexibilizada seja alvo de controvérsias não é por isto que eliminaremos os recursos que a microeletrônica nos proporciona.

Figura 2 – Mosaico das atividades subsequentes



Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

O evento subsequente foi *Emoções e incertezas em diante do isolamento social* tema este escolhido novamente pois estávamos frente a primeira prorrogação de volta presencial das atividades e isto estava ocasionando muitas preocupações na comunidade acadêmica, principalmente relacionada aos discentes do último ano situação esta verificada pelo projeto “Escuta 2020” que faz parte das ações do NAAF Vacaria. Quem conduziu o evento foi a Psicóloga e psicanalista Luciana Oltramari Cezar e teve participantes conforme detalhamento apresentado na Tabela 4:

Tabela 4 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	7	13	20	7	47

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

É interessante verificar que somando os grupos discentes e docentes temos a maioria dos participantes, o que vai ao encontro do que foi verificado pelo projeto “Escuta 2020”.

Outra atividade relacionada ao isolamento social e os riscos implicados deste teve como temática *Nem tão doce lar: a violência doméstica em tempos de pandemia*. Para tratar do assunto contamos novamente com a promotora, Bianca Acioly, que além de tratar dos mecanismos e do fluxo das violências domésticas e de gênero, apresentou a rede de apoio e sua articulação no município, contribuindo para a prevenção ao problema.

Sobre a participação temos:

Tabela 5 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	8	12	25	9	54

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

Cabe destacar que além da dimensão informativa e educativa da fala, percebemos relevante participação da comunidade com relatos de experiências e busca de aconselhamentos e informações específicas com a promotora. Nesse sentido temos buscado construir parceria em atividades junto à promotoria para compor a rede de apoio e melhor atender a comunidade do campus na temática.

O evento seguinte denominou-se *Pesquisa, ensino e relações étnico-raciais*, sendo conduzido pela professora e doutoranda Daniele Machado Vieira. A realização da palestra e do debate posterior demonstrou possibilidades enriquecedoras para a experiência do núcleo: ela permitiu articular as atividades remotas aos projetos de extensão do núcleo, que estão com calendário suspenso em função do contexto da pandemia de Covid 19.

A atividade esteve articulada ao projeto Clube União da Glória: Vivências das territorialidades negras em Vacaria e por meio dela, além de termos uma conversa prévia com a Professora Daniele Machado Vieira, que é uma das principais referências de nosso projeto, possibilitamos o contato direto de representantes do Clube União da Glória com os resultados de sua pesquisa e com suas referências e contribuições sobre a temática dos territórios negros. Nesse contexto, reafirmamos a reflexão sobre a abordagem do clube como um território negro. Os territórios negros são caracterizados pela pesquisadora como “espaços que eram característicos da população negra, seja pela concentração de negros residentes, pelo uso frequente para o trabalho ou para a realização de práticas culturais.” (VIEIRA, 2017, p.)

Em função da distância (considerando que Daniele Vieira leciona, estuda e reside em Porto Alegre), dificilmente essa integração poderia ser promovida em outro contexto. Essa integração, por fim, se refletiu no aumento de participantes membros da comunidade externa, como podemos observar:

Tabela 6 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	3	11	22	10	46

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

Continuando as atividades tivemos, *A Voz das Mulheres*, com a jornalista Ingra Costa e Silva, onde acompanhamos novamente a discussão das temáticas de gênero, o que se mostrou complementar ao que havíamos discutido sobre violência contra a mulher. A jornalista contribuiu enriquecendo a apreciação da temática com sua experiência de produção e militância no assunto, discutindo e apresentando teorias e o histórico do movimento feminista.

Tabela 7 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	5	11	28	0	44

Fonte: Naaf IFRS – Campus Vacaria

No início de junho, concomitante à onda de manifestações contra o racismo que se espalharam dos EUA para o mundo, realizamos a conversa *Atualidade do protesto negro* com Karen Santos que é professora, participante da Frente Quilombola/RS e do Coletivo Alicerce e está vereadora em Porto Alegre.

Em sua apresentação ela destacou, dentre outras questões, a dívida histórica pela inexistência de políticas afirmativas à população negra no período pós-abolição (e inclusive a criminalização de suas práticas culturais) e a presença ainda forte do mito da democracia racial, que busca esconder as desigualdades raciais, a exemplo da construção da ideia de brasilidade, que faz a apropriação de vários elementos culturais negros e os desvincula de seus sujeitos produtores.

Na atualidade, ela defende que as lutas sociais busquem resgatar a história de lutas negras no contexto brasileiro, suas origens e sua cosmovisão, a fim de, não apenas a sua integração no contexto da sociedade capitalista, mas a superação desta, ao parafrasear o ativista norte-americano, Malcolm X: “não existe capitalismo sem racismo”. Em sua exposição ela destacou alguns livros importantes para a discussão da temática racial como: *Genocídio do Negro Brasileiro* de Abdias do Nascimento, *Dialética Radical do Brasil Negro*

e Rebeliões da Senzala de Clóvis Moura, A Democracia da Abolição de Angela Davis, A Nova Segregação: Racismo e encarceramento em massa de Michelle Alexander, Necropolítica de Achille Mbembe e também Reforma ou Revolução de Rosa Luxemburgo.

Tabela 8 – Quantitativo de participantes

Participantes	Técnicos Administrativos	Docentes	Discentes	Comunidade externa	Total
Total	8	13	37	9	67

Por fim lembramos que o NAAF Vacaria precisa trabalhar a temática indígena e a questão das necessidades educativas especiais, porém cremos que estamos no caminho ao tratarmos as diferenças e buscarmos o reconhecimento das populações afetadas aos núcleos que compõem o NAAF; neste aspecto vamos ao encontro de Fraser (2007) que trata em suas obras da questão do reconhecimento e da diferença visando a busca pela justiça social e, ainda estamos certos que ao tratarmos de temas relacionados aos historicamente excluídos e aos “diferentes”, segundo Candau (2011) e Silva (2007), estamos tentando desconstruir a ideia de que diferença é algo ruim, para que todos sejam verdadeiramente incluídos na nossa instituição. O papel do NAAF vai além das questões institucionais, por esse motivo estamos conscientes da nossa responsabilidade na busca pela equidade, justiça social e pelos direitos humanos. Temos esta experiência como positiva mesmo sabendo de suas limitações e iremos dar continuidade durante o ano, porém com intervalos maiores entre os encontros.

Referências

CANAU, V.M.F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 11, n.2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão**. Tradução: Jaime A. Clasen *et al.* Petrópolis: Vozes, 2000.

FRASER, N. **Reconhecimento sem ética**. Lua Nova, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

KUENZER, Acacia Zeneida. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. Reunião Científica Regional da ANPED, 11., 2016., Curitiba/PR. [Anais] ANPED, 2016. p. 1 – 22. Disponível em:

<http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-21-Educacao-e-Trabalho.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaio**, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

SILVA, P.B.G. Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, vol. 63, p.489-506, set./dez. 2007.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>. Acesso em: 09 jun. 2020.

NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO CAMPUS VERANÓPOLIS DO IFRS: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

Alcione Moraes Jacques¹
Diana Lusa²
Michele Doris de Castro³
João Carlos Cavalheiro⁴
Renata Romanzini Ciello⁵
Samanta Trivilin Comiotto⁶

Em 1948, por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, consolida-se a perspectiva de direitos que abrangeriam todos os seres humanos. Elaborada no contexto pós-segunda guerra mundial, a Declaração é escrita com o intuito de que a barbárie desse momento histórico contra pessoas e grupos, não volte a ocorrer. Muitos movimentos ocorreram no mundo para a consolidação dos direitos fundamentais de todas as pessoas, entre eles, a expansão da educação e o incentivo para que todas as crianças e adolescentes tenham seu acesso e sua permanência garantidos na escola.

Em 2008, os Institutos Federais foram criados no Brasil, com finalidade de descentralizar o ensino dos grandes centros, fortalecer os arranjos produtivos locais, formar integralmente cidadãos, visando a atuação profissional nas mais diversas áreas da economia e com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional. No IFRS, em 2012, mesmo ano em que foi aprovada a Lei 2.711 – também chamada Lei das Cotas – foi instituída a “Assessoria de Ações Afirmativas”, como se chamava na época. Em 2018 passa a denominar-se “Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade. A Assessoria tem como finalidade promover a cultura da educação para a convivência, a defesa dos direitos humanos, o respeito às diferenças, a inclusão, buscando a remoção de todos os tipos de barreiras e formas de discriminação. Após a instituição da Assessoria de Ações Afirmativas, os campi do IFRS passaram a ter Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Os Núcleos de Estudos e Pesquisa de Gênero e Sexualidade (NEPEGS) começaram a se instituir no IFRS no ano de 2015.

Em 2014, foi inaugurado o mais jovem campus do IFRS: o Campus Veranópolis. Conforme dados do IBGE (2016), Veranópolis localiza-se na Serra Gaúcha, na microrregião de Caxias do Sul, a 170 quilômetros de Porto Alegre. Com uma população em torno de 25 mil habitantes. A região de atuação do Campus Avançado Veranópolis concentra uma população de aproximadamente 175 mil pessoas, composta por vinte municípios. Inicialmente ofertou cursos de curta duração e, em 2016, dá início aos primeiros cursos técnicos subsequentes. Nesse mesmo ano, o Campus forma o Núcleo de Ações Afirmativas (NAAF) instituído através da Portaria 02 de 17 de maio de 2016.

Esse Núcleo tem um papel essencial na proposição de ações que promovam a valorização das minorias, o respeito às diferenças, à inclusão, à promoção da vida como um todo e do combate à discriminação de toda natureza. Com uma equipe formada voluntariamente por servidores de diferentes áreas e estudantes, o NAAF vem realizando diferentes ações em prol de uma educação humanizada e em conformidade com valores éticos, respeito aos direitos humanos e combate às desigualdades. As ações do Núcleo visam conscientizar toda a comunidade acadêmica, exigindo o combate às desigualdades de toda ordem: - gênero, sexual, racial,

¹ Professora de Letras, integrante do NAAF do Campus Veranópolis do IFRS, alcione.jacques@veranopolis.ifrs.edu.br.

² Pedagoga, integrante do NAAF do Campus Veranópolis do IFRS, diana.lusa@veranopolis.ifrs.edu.br.

³ Professora de Sociologia, integrante do NAAF do Campus Veranópolis do IFRS, michele.castro@veranopolis.ifrs.edu.br.

⁴ Professor de Filosofia, coordenador do NAAF do Campus Veranópolis do IFRS, joao.cavalheiro@veranopolis.ifrs.edu.br.

⁵ Assistente em Administração, integrante do NAAF do Campus Veranópolis do IFRS, renata.ciello@veranopolis.ifrs.edu.br.

⁶ Assistente de Alunos, integrante do NAAF do Campus Veranópolis do IFRS, samanta.comiotto@veranopolis.ifrs.edu.br.

⁷ Os cinco campi da última fase de expansão do IFRS, entre eles Veranópolis, devido ao número reduzido de servidores para formar três diferentes Núcleos: NEABI, NAPNE e NEPEGS, compuseram os NAAFs. O Núcleo de Ações Afirmativas, em cada um desses Campi, surge com a proposta de trabalhar todas as temáticas abrangidas pelos três núcleos anteriormente citados: gênero, sexualidade, étnicas, necessidades específicas.

econômica, étnica, entre outras. Partindo de ações efetivas que visem, além de conscientizar, alargar o espaço de debates e a escuta de vozes múltiplas, assegurando e garantindo, assim, a proteção e a eficácia dos direitos constitucionais expressos no artigo 5º da Carta Magna: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRASIL, 1988).

Em 2018 iniciam no Campus Veranópolis os primeiros cursos superiores. O NAAf já atuava com algumas atividades referentes à mulher, à cultura afro e às pessoas com deficiência. No entanto, a partir de 2018, com a vinda de novos professores, inclusive dos que atuariam também no Ensino Médio Integrado, e com mais alunos no Campus, o Núcleo começa um trabalho mais sistematizado, com mais integrantes e proposições de datas a serem estabelecidas no calendário acadêmico 2019, para suas atividades mais pontuais.

Os membros do NAAf são servidores e alunos que se identificam de alguma forma com os objetivos e a causa do Núcleo. Mas, para desenvolver um bom trabalho de inclusão e permanência do público alvo das ações do grupo, é preciso o engajamento de toda a comunidade acadêmica. Nesse sentido, foram pensadas e praticadas ações de conscientização e conhecimento dos assuntos, leis, orientações disponíveis em diferentes esferas, com os alunos e colegas servidores. Na sequência, apresentaremos atividades desenvolvidas pelo NAAf – Campus Veranópolis nesses seus quatro anos de criação, refletindo sobre as temáticas trabalhadas. A primeira temática trabalhada no Campus Veranópolis foi a das mulheres. Já em 2014, o Campus iniciou um trabalho com o programa Mulheres Mil, na época ligado Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), ofertando cursos de formação continuada a cinco turmas de quatro municípios da região. O Mulheres Mil tem como proposta, além de oferecer uma formação de curta duração técnica (cabeleireira, cuidadora infantil, cuidadora de idosos, informática), refletir sobre questões de gênero e vida das mulheres. Perguntas como: “Por que a mamãe ganha uma máquina de lavar nova ou um jogo de panelas em datas comemorativas e o papai ganha a sua merecida poltrona, para relaxar?”, “Por que as meninas brincam com bonecas e os meninos com carrinho?”, “Por que tudo o que é relacionado ao ser mulher e ao feminino é visto como menos importante e com demérito (basta percebermos o que é feito para desvalorizar ou desmerecer a imagem de algum político, por exemplo: quando é motivo de vergonha ou quando deseja-se colocá-lo em situação inferior, é logo feita uma montagem, transformando-o em mulher)?” Perguntas e reflexões nesse sentido, também foram feitas no dia 08 de maio de 2016, quando as primeiras duas turmas dos cursos subsequentes do Campus foram convidadas a ouvir e participar de um debate sobre o dia da mulher. Nesse dia, as estudantes e os estudantes também puderam conhecer um pouco das personagens femininas e suas representações na literatura.

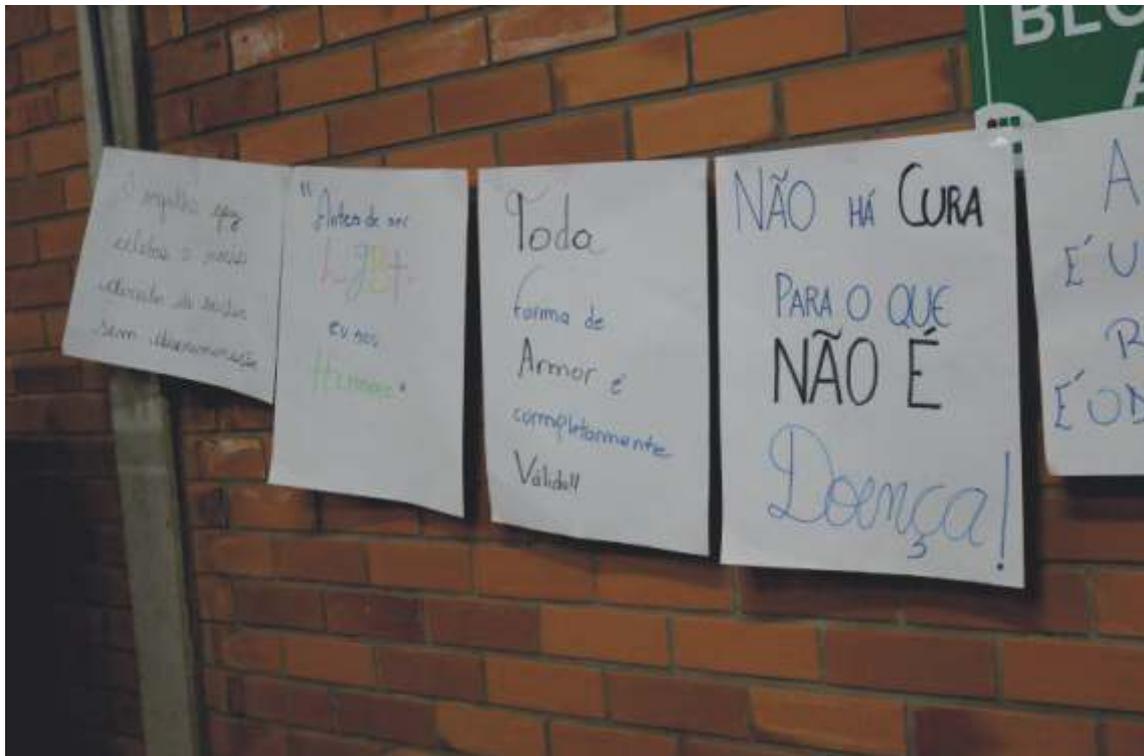
De acordo com Arilda Ribeiro, há dois séculos a mulher era considerada intelectualmente inferior ao homem; fazia parte do imbecilitus sexus, ou sexo imbecil, o qual incluía mulheres, crianças e doentes mentais (RIBEIRO, 2000). A mulher era serva do homem e seu espaço era o doméstico. É preciso conhecer e entender a história das mulheres para que o presente possa ser compreendido e modificado. Para tanto, as discussões de gênero são indispensáveis. As primeiras a usarem o conceito gênero foram as feministas anglo-saxãs, visando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” (LOURO, 1997, p. 21). Com isso, não se pretende negar a biologia ou negar que o gênero se constitui sobre corpos sexuados. O que se quer, é enfatizar a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas, que muitas vezes, privilegia, com acesso a direitos, um sexo e um gênero.

Em 2018, o dia da mulher foi lembrado e trabalhado com as/os estudantes dos cursos superiores. Foram apresentados vídeos e matérias de revistas sobre expressões e ditados machistas e preconceituosos, que reproduzimos, ou ouvimos das pessoas à nossa volta, e aceitamos sem nenhum constrangimento. Ao contrário, muitas vezes, é até motivo de piada e de graça entre os amigos e familiares. A atividade teve como objetivo levar as/os estudantes a refletirem sobre o que realmente se diz nessas frases, e se são merecedoras de serem reproduzidas sem nenhum critério crítico. Também objetivou fazer entender o quanto elas podem ferir e menosprezar ainda mais a mulher, agravando, por outro lado, uma cobrança de masculinidade, muitas vezes, cruel e desumana. Essas reproduções acontecem como se os gêneros estivessem em dois extremos – o que é masculino e o que é feminino, desconsiderando e desprezando a pluralidade de formas de ser e de agir. A síntese dos resultados do debate deste trabalho foi reproduzida em cartazes e expostos durante todo o mês de março no Campus e em alguns pontos estratégicos da cidade, como paradas de ônibus, postos de saúde, pontos comerciais.

Em 2019, ano de início da primeira turma de ensino médio técnico no Campus Veranópolis, foi realizada, no mês de maio a “Semana da Diversidade – Homofobia: arte e inteligência contra o preconceito”. O evento ocorreu na semana do dia 17 de maio – Dia Internacional contra a homofobia – durante os intervalos das aulas,

com a divulgação da arte de celebridades como músicos, artistas e pintores. Os estudantes das turmas regulares e dos cursos de extensão do campus puderam conhecer e apreciar um pouco mais da arte e da beleza, da criatividade e da superioridade de talento de artistas como: Ney Matogrosso, Cássia Eller, Freddie Mercury, Frida Kahlo, Liniker e outros. A ideia desse evento foi mostrar a todos que não existe relação entre o que cada um decide fazer com sua vida íntima e suas profissões, seus talentos, suas capacidades.

Figura 1: Frases da Semana da Diversidade 2019 – Homofobia: arte e inteligência contra o preconceito



Fonte: NAAf Campus Veranópolis – IFRS

A reflexão acerca das relações de gênero é de extrema importância para idealizarmos um mundo mais justo e construí-lo. Segundo TOMASINI (2008), divisões e bipartições entre homens e mulheres, masculino e feminino: servem a grande variedade de funções políticas, econômicas, sociais, não são sempre claramente explicitadas, mas são transmitidas de maneira implícita através da linguagem e outros símbolos. As diferenciações não são naturais ou essenciais, mas uma vez constituídas, reforçam e essencialidade de gênero. Guacira Lopes Louro afirma ser necessário desconstruir a oposição binária mulher versus homem. “Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros [...] significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um” (LOURO, 1997, p. 31-32). Buscando desconstruir essa oposição, também deverá ser desconstruída a ideia de identidade, uniforme e única, como se existisse um “gênero feminino” e um “gênero masculino”, um jeito de “ser/estar homem” e um jeito de “ser/estar mulher”. Isso significa também desconstruir outras oposições, que muitas vezes são assumidas como naturais, o que possibilita compreender valores, funções, espaços, não em razão de seu sexo, mas decorrentes de construções sociais.

Outra temática de extrema importância estudada e desenvolvida com a comunidade acadêmica pelo NAAf é a afro-brasileira e indígena. O NAAf do Campus Veranópolis, buscou aprofundar, em diferentes oportunidades a história e a cultura afro. No dia 20 de novembro de 2017, como forma de refletir sobre o dia da consciência negra, o Campus recebeu a professora Janice da Rocha, que realiza um importante trabalho como diretora da Associação Beneficente Educacional de Nova Prata (Aben) no município de Nova Prata/RS. Na ocasião, a palestrante fez um apanhado geral da história da África, escravidão no Brasil e a importância de realizar uma reflexão no 20 de novembro, lembrando da história, para não repeti-la. Além da fala e reflexão, houve uma exposição de estatuetas feitas pelos estudantes da Aben.

Figura 2: Estatuetas: exposição de 20 de novembro de 2017

Fonte: NAAf Campus Veranópolis – IFRS

Em 2018, no dia 20 de novembro, durante a recepção dos alunos para a I Semana Acadêmica Integrada dos Cursos Superiores, ocorreu uma apresentação cultural com o grupo Abada Capoeira, composto por alunos de escolas dos municípios de Nova Prata, Vila Flores e Veranópolis, sob a regência do professor Willian Rodigheri Longhi (Graduado Guepardo). Willian é líder da Abada Capoeira, campeão sul brasileiro 2018 e bicampeão gaúcho. Atualmente, possui 23 títulos conquistados em competições desde 2015, e dá aulas em diferentes espaços. Durante a apresentação e os ensinamentos sobre capoeira, o professor explicou a origem e os significados dessa manifestação cultural, salientando que a capoeira é uma luta, criada pelos pretos escravizados no Brasil, como forma de se rebelarem contra a escravidão. Foi disfarçada de dança para que sua prática fosse aceita pelos senhores de engenho. É importante que todo brasileiro pesquise e conheça a capoeira, pois ela é um esporte legitimamente brasileiro. Mistura luta, dança, acrobacias, musicalidade, artesanato e outras artes, o que a torna uma rica manifestação cultural, sendo hoje instrumento de transformação social e difusão da cultura brasileira pelo mundo todo.

Apresentar à comunidade acadêmica um pouco da cultura afro-brasileira é o primeiro passo para refletir sobre as desigualdades e injustiças que os negros sofreram e sofrem em nosso país. A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira é recente no Brasil, tendo tais conteúdos sido incluídos no currículo oficial da Rede de Ensino somente em 2003. As políticas públicas de educação têm papel fundamental na diminuição das desigualdades. Como lembra Djamilia Ribeiro, “embora as desigualdades nas oportunidades para negros e brancos ainda sejam enormes, políticas públicas mostram que têm potencial transformador na área” (RIBEIRO, 2019).

Em 2012, foi aprovada a Lei 12.711, em 29 de agosto, que criou uma política de reserva de vagas para alunos de escola pública, pretos e pardos e indígenas em todo o sistema de educação superior e ensino médio federal. Nesse sentido, a cada ano, integrantes do NAAf realizam capacitações para fazer parte da comissão de heteroidentificação local, pelas quais passam candidatos inscritos no processo seletivo autodeclarados negros (pretos/pardos). Em 2018, participaram da capacitação três integrantes do Núcleo e, em 2019, quatro integrantes, sendo uma, estudante de curso superior do Campus, que atuou na comissão como membra externa

Figura 3: Capoeira: apresentação e aula em 20 de novembro de 2018

Fonte: NAAf Campus Veranópolis – IFRS

Em 2019, a consciência negra foi trabalhada ao longo do ano com estudantes do ensino médio e refletida com toda a comunidade acadêmica no dia 20 de novembro. Foi criado um projeto de extensão intitulado “Reproduzir conhecimentos, jamais preconceitos!”. O NAAf teve como parceiro nesse projeto o Movimento Negro Raízes, de Bento Gonçalves, que realizou três palestras para os/as estudantes do ensino médio em datas diferentes, sobre os seguintes temas: 27/08 - Mapa da Violência; 24/09 - Racismo e Intolerância Religiosa; 22/10 - Ações na educação para o combate ao preconceito. Inspiradas/os nas palestras, as/os estudantes do ensino médio integrado desenvolveram trabalhos (teatro e outras modalidades de apresentações), que foram apresentados para as/os estudantes dos cursos superiores do Campus, servidores e famílias de estudantes, no dia 20 de novembro.

Na quarta-feira, 20 de novembro de 2019, Dia Nacional da Consciência Negra, data que tem por objetivo ressaltar as dificuldades que os negros passaram, e vêm enfrentando há séculos, o Campus Veranópolis celebrou a data com apresentações de três grupos de estudantes do ensino médio, sobre os temas trabalhados durante o ano com o Movimento Negro Raízes. As apresentações sensibilizaram as/os presentes e, ao final, a comunidade acadêmica foi convidada a participar e debater sobre o assunto.

O Dia da Consciência Negra é comemorado em todo território nacional, em 20 de novembro, data escolhida por ter sido o dia da morte do líder negro Zumbi, o último líder do Quilombo dos Palmares, que lutou contra a escravidão no nordeste. A celebração relembra a importância de refletir sobre a posição dos negros na sociedade, onde as gerações de afro-brasileiros que sucederam a época de escravidão sofreram (e ainda sofrem) diversos níveis de preconceito.

Outra frente na qual o NAAf atua é a do atendimento educacional individualizado, e o acompanhamento de estudantes com necessidades específicas. Dois integrantes do NAAf possuem curso de especialização em psicopedagogia e, outras três integrantes possuem curso de Atendimento Educacional Especializado (AEE) – Formação em Procedimentos Básicos para o Atendimento Educacional Especializado. Segundo Rosane Bom Hüsken, os princípios gerais da educação especial têm como base valores democráticos que orientam a ação educativa e visam a cidadania. Esses princípios dizem respeito à dignidade da pessoa, ao direito à igualdade de oportunidades, à liberdade de aprender e ser diferente e ao direito à felicidade. Promover condições de acessibilidade, bem estar e segurança, livre de preconceitos, que possibilitem às/aos estudantes desfrutarem de um espaço educacional onde possam construir seu aprendizado e desenvolver todo o seu potencial, é a grande missão do NAAf.

Nesse sentido, no segundo semestre de 2018, o Núcleo planejou e ministrou quatro palestras para formação/capacitação dos servidores do Campus, com o objetivo de apresentar leis e orientações sobre ações afirmativas, inclusivas e de diversidade, sensibilizar e instrumentalizar os colegas para demandas diárias de toda comunidade acadêmica.

O curso, “Formação para Ações Afirmativas de Inclusão e Diversidade” convidou os servidores a pensarem sobre suas práticas, concepções e conhecimentos a respeito dos temas tratados. Foram 20 horas,

ofertadas a 35 vagas. Obtiveram certificação os 17 servidores inscritos na formação, que cumpriram o número mínimo de presença e atividades previstas no curso. Primeiramente, houve a apresentação da formação, sensibilização e detalhamento da formação; no encontro seguinte, foram tratados temas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS); no próximo, o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) apresentou sua temática; por último, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), a exemplo dos demais núcleos, trouxe questões históricas e delicadas, utilizando vídeos, charges, arte, leis, orientações da nossa própria instituição e debates para que todos refletissem e se sensibilizassem com tanto preconceito social e ignorância, muitas vezes, pouco combatidos.

Além de debates e estudos de leis e regulamentação sobre os temas do NAAf, os encontros previam momentos em que os servidores compartilharam experiências relacionadas a preconceitos vivenciados, mas também potencialidades e possibilidades trazidas por seus alunos, em especial aqueles que fazem parte do público alvo dos assuntos tratados.

Acreditamos que a sensibilização e conscientização é a base para o desenvolvimento do trabalho educacional junto à comunidade acadêmica. Sabemos que não são apenas alunos que sofrem preconceitos, pode ser qualquer um do meio acadêmico que não se encaixe no perfil social aceito por um determinado grupo.

Sabemos que não é fácil sair de um sistema educacional seletivo e meritocrático para a inclusão de estudantes que precisam de um plano diferenciado, de um tratamento específico, ou, simplesmente de alguém que saia em suas defesas e dê voz a eles. O conhecimento expandido através das ações do NAAf tem a missão de quebrar barreiras de preconceitos e oportunizar espaço a todos/as estudantes.

Por último, observamos que o envolvimento pessoal e profissional com a questão da inclusão de todos na educação, e o contínuo trabalho para erradicar preconceitos, é tão grande que não tem como não deixar para trás a impessoalidade e passar a conjugar os verbos na terceira pessoa do plural: nós. Concluimos que nada se faz sozinho. É preciso conhecer juntos, integrar a família, prestar atenção, debater, apresentar propostas, rever ações, refazer, tentar novamente, sempre juntos.

Essa é um pouco da história do NAAf do Campus Veranópolis. O Núcleo mostra-se cada vez mais necessário para a reflexão dos direitos humanos, para lembrar que as pessoas são iguais em direitos e, estando em pontos de partidas diferentes, merecem ter a oportunidade de fazer parte da sociedade sem discriminação, de ingressar em um curso de ensino médio ou de graduação, tendo consideradas as suas individualidades. A cada ano, o Campus recebe mais estudantes cotistas, de escola pública, baixa renda, pretos e pardos, com necessidades específicas. O compromisso deste Núcleo de Ações Afirmativas é garantir que, tendo ingressado na instituição, nela permaneçam até a conclusão de seus cursos, sendo valorizados e incluídos no processo educacional. Também é compromisso do Núcleo a autoformação, e a formação constante da comunidade acadêmica nas temáticas referentes às ações afirmativas.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino de educação básica e superior. Disponível em: <https://bityli.com/SZlwY>. Acesso em: 18 jun. 2020.

_____. Constituição (1988.). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 jun. 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: população residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>. Acesso em: 30 jun. 2020.

DAFLIN, V.T.; FERES JÚNIOR, J.; CAMPOS, L.A. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. Cadernos de Pesquisa vol.43 nº. 148 São Paulo Jan./Apr. 2013. Disponível em: <https://bityli.com/LDzNq>. Acesso em: 18 jul. 2020.

FERREIRA, Letícia Schneider . Educação e Direitos Humanos: inclusão, diversidade e democracia . Bento Gonçalves: Zolli, 2020. E-book Disponível em: <https://bityli.com/4pKks>. Acesso em: 19 de jun. 2020.

HÜSKEN, Rosane Bom. Políticas Inclusivas: desafios à prática e à identidade docente. Dissertação (Mestrado em Educação) -Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2012. Disponível em:<https://bityli.com/SI3yx>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUSA, Diana. Anos iniciais da escolarização e relações de gênero: representações de docentes sobre gênero. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2010. Disponível em: <https://bityli.com/TRSaj>. Acesso em: 20 jun. 2020.

RIBEIRO, Arilda Inês M. Mulheres Educadas na Colônia. In VEIGA, Cynthia G.; LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M. (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

RIBEIRO, Djamilia. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TOMASINI, Marina. Categorización sexual y socialización escolar en el nivel inicial. In: MORGADE, Graciela e ALONSO, Graciela (compiladoras). Cuerpos y sexualidades en la escuela: de la normalidad a la disidencia. Buenos Aires: Paidós, 2008. p.93-112.

NÚCLEO DE AÇÕES AFIRMATIVAS DO IFRS-CAMPUS VIAMÃO: INTERCULTURALIDADE E O ESTABELECIMENTO DE EXPERIÊNCIAS DE INCLUSÃO E COMBATE À DISCRIMINAÇÃO

Gabriel Santos Berute¹
Luci Fortunata Motter Braun²
Alexsander Lemos Ferreira³
Karla dos Santos Guterres Alves⁴
Neilo Márcio da Silva Vaz⁵

Introdução

O Núcleo de Ações Afirmativas (NAAf) do *Campus* Viamão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS - *Campus* Viamão) teve início no dia 29 de agosto de 2015. Conforme a Lei 12.288/2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, as ações afirmativas são “os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades” (BRASIL, 2010, p. 1). O NAAf, enquanto um núcleo propositivo e consultivo visa a pesquisa, implementação, acompanhamento e avaliação das ações afirmativas direcionadas à comunidade acadêmica do *Campus* Viamão, voltando-se para questões relacionadas a afro-brasileiros e indígenas, gênero e sexualidade e direitos humanos. Em sua atividade inaugural, contou com a participação da Associação Alvo Cultural, instituição que atua com jovens da periferia e é voltada ao desenvolvimento humano e resgate social através da cultura. Inicialmente, as atividades do NAAf eram concentradas nos sábados letivos. A partir de sua atividade inaugural, o Núcleo de Ações Afirmativas do *Campus* Viamão começou a ganhar espaço e novos integrantes. O sábado letivo passou a ser considerado como dia de atividade do NAAf. Apesar da conquista deste espaço dentro do calendário acadêmico, os membros do núcleo na época consideraram que realizar suas atividades em um dia em que o número de alunos historicamente era reduzido, demonstrava um certo descaso com a política de ações afirmativas do IFRS, bem como indiferença com os temas abordados neste espaço. Após muitas reuniões dos membros do núcleo com a gestão do *campus*, em 2016, o *Campus* Viamão institucionalizou a previsão de dias letivos específicos para as atividades NAAf. Visando possibilitar momentos de reflexão crítica da comunidade acadêmica a respeito das políticas institucionais de inclusão social, combate à discriminação e educação antirracista, foram definidas no Calendário Acadêmico as seguintes datas para as ações do NAAf: a) Dia Internacional da Mulher (08/03); b) Dia da Cultura Indígena (19/04); c) Dia Internacional contra a Homofobia (LGBTIfobia) (17/05); d) Dia da Consciência Negra (20/11); e) Dia Internacional dos Direitos Humanos (10/12). Os dias letivos reservados ao NAAf podem ocorrer exatamente nestas datas ou em datas próximas a elas, conforme acordado entre o núcleo e a Direção de Ensino. Nestas datas, estudantes, docentes e técnicos administrativos participam de atividades como palestras, oficinas, debates, depoimentos, visitas e atividades artísticas. Cabe ressaltar que tais eventos estão abertos para toda a comunidade interna e externa e, em todas as ações, existe a participação ativa dos estudantes do *Campus* Viamão nas diversas etapas, desde a organização até a realização das atividades.

A seguir serão destacadas algumas das várias ações implementadas pelo NAAf no *Campus* Viamão que julgamos terem sido as mais marcantes junto à comunidade interna e externa.

Iniciativas de inclusão das comunidades indígenas de Viamão

O *Campus* Viamão, por meio do NAAf e de projetos de extensão, desenvolve uma série de ações vinculadas às comunidades indígenas de Viamão (Tekoá Jata'ity', Tekoá Hundy e Tekoá Pindó Mirim), em

¹ Professor EBTT/História, gabriel.berute@viamao.ifrs.edu.br.

² Professora EBTT/Física, luci.braun@viamao.ifrs.edu.br.

³ Assistente Administrativo/Diretor de Administração e Planejamento, alexsander.ferreira@viamao.ifrs.edu.br.

⁴ Professora EBTT/Pedagogia, karla.alves@viamao.ifrs.edu.br.

⁵ Professor EBTT/Sociologia, neilo.vaz@viamao.ifrs.edu.br.

especial com a comunidade da Terra Indígena do Cantagalo (Tekoá Jata'ity). Em diversas ocasiões o então cacique Vherá Guyrá e outros membros da comunidade fizeram parte de eventos realizados no *campus*. No que diz respeito às ações promovidas pelo NAAf, destaca-se a Roda de Conversa realizada em 2018 com Vherá Mirim (Claudio Silva)⁶ e Tiago Dinarte⁷ - estudantes, respectivamente dos cursos Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e do Ensino Médio Integrado (EMI) em Meio Ambiente do *Campus* Viamão. Naquele período, estavam iniciando as duas primeiras turmas do Ensino Médio Integrado e o objetivo da atividade foi preparar os estudantes para a vivência do Mbyá Reko (modo de ser Guarani Mbyá), realizada na Tekoá Jata'ity, em abril de **2018**, como parte das atividades organizadas pelo NAAf para a **Semana dos Povos Indígenas** (“Abril de luta dos povos indígenas”) daquele ano. A atividade, que durou os turnos da manhã e tarde, teve como finalidade aprofundar os conhecimentos sobre a cultura Mbyá guaraní, por meio de diálogos e experiências junto ao contexto cultural indígena local, de maneira que fosse estabelecido uma interculturalidade positiva, diferente daquilo que é comum entre os indígenas inseridos no contexto urbano atual, marcado pela invisibilidade social destas culturas.

No período noturno foi exibido o documentário *Nhemonguetá*, que se constitui em uma excelente peça documental sobre a cultura Mbyá Guarani. Após a exibição, o professor de sociologia do *Campus* Viamão, Neilo Márcio da Silva Vaz, coordenou o debate com a participação do cacique Vherá Guyrá, Eugênio Barboza e Pascal Berten, respectivamente diretor e produtor do documentário. Estiveram presentes estudantes dos cursos Superiores de Tecnologia em Gestão Ambiental e em Processos Gerenciais, professores e técnicos administrativos do *campus* e membros da comunidade Mbyá Guarani.

A vivência do Mbyá Reko (modo de ser Guarani Mbyá) na Tekoá Jata'ity também foi realizada em 2019. Esta experiência foi um momento culturalmente muito rico em que os estudantes e os servidores do *Campus* Viamão mantiveram um estreito contato com elementos da cultura Guarani como a cosmologia, alimentação, jogos, canto, dança, artesanato, pintura corporal e a realização de trilha, uma vez que todas as atividades são planejadas e realizadas pelos Mbyá.

Em ambas as oportunidades, estudantes e servidores fizeram uma avaliação excelente da vivência na aldeia. Os estudantes foram convidados a escreverem textos relatando e avaliando a vivência. Muitos deles demonstraram que foi uma experiência positiva e marcante, sendo comuns afirmações de encantamento com a comunidade, destacando o cuidado com as crianças, a relação com a natureza e a disposição de compreender elementos culturais e sociais que lhes causaram estranhamento nos primeiros momentos, mas que afirma uma diferença positiva entre indígenas e não-indígenas. Da mesma forma, os Guaranis avaliaram estas atividades como positivas, pois eles valorizam muito os momentos em que recebem *juruaás* (os não indígenas na língua guarani). Atividades como estas estabelecem um espaço de contraposição ao senso comum, que reafirma a subalternidade das culturas indígenas na estruturação social, uma vez que as comunidades indígenas têm a oportunidade de apresentar os principais elementos que constituem seu modo de vida, sua visão de mundo, comercializam seu artesanato, praticam e mostram suas modalidades esportivas, demonstrando que uma relação interétnica baseada no respeito à autonomia dos povos tradicionais, como dispositivo para a prática dos Direitos Humanos é possível. No caso do IFRS, trata-se de uma experiência que reafirma seu papel como agente ativo na edificação de um modelo de desenvolvimento baseado na sustentabilidade em suas dimensões econômica, sociocultural e ambiental.

Além da vivência do modo de ser Guarani, a programação da *Semana dos Povos Indígenas de 2019* também contou com um painel que teve a participação do cacique Vherá Guyrá e seu filho Vherá Mirim e o professor do departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), José Otávio Catafesto de Souza. Nesta ocasião, destacou-se o balanço que Vherá Mirim fez da sua experiência como estudante do *Campus* Viamão, analisando as dificuldades iniciais, os aspectos positivos e o que precisa melhorar na relação do IFRS com as comunidades indígenas. A participação do professor Catafesto - antropólogo com reconhecida trajetória acadêmica e atuação junto às comunidades indígenas do Rio Grande do Sul - foi de grande contribuição para a qualificação da atuação do NAAf e do *Campus* Viamão nos projetos que envolvem as comunidades indígenas, pois apresentou elementos da cultura Guarani que os não indígenas devem ficar atentos para melhor compreendê-la. A programação desse ano foi concluída com a projeção,

⁶ Vherá Mirim é filho do cacique Vherá Guyrá e o atual cacique da Tekoá Jata'ity.

⁷ Tiago Dinarte pertence à comunidade indígena de Itapuã (Tekoá Pindó Mirim).

⁸ A programação de 2019 relacionada à cultura indígena foi concluída com a projeção, do filme “A Missão” (direção Roland Joffé, 1986) para as turmas do EMI, seguido de uma roda de conversa, e contou com a participação do cacique Vherá Guyrá e outros membros da Tekoá Jata'ity. Alba.

seguido de uma Roda de Conversa, do filme “A Missão” (direção Roland Joffé, 1986) para as turmas do EMI e contou com a participação do cacique Vherá Guyrá e outros membros da Tekoá Jata'ity⁹.

A valorização da história e da cultura afro-brasileira e a luta antirracista

As ações do NAAf Viamão pela valorização da história e da cultura afro-brasileira e o combate ao racismo estiveram presentes em diferentes momentos, mas têm como destaque as iniciativas relacionadas ao Dia da Consciência Negra, realizadas no dia 20 de novembro. **Em 2018**, as atividades alusivas à **Semana da Consciência Negra** tiveram como foco a religiosidade afro-brasileira. No turno da tarde, foram realizadas duas atividades: as estudantes Gabriela Gomes Mullet e Helena Francisco de Oliveira Lima, do EMI em Administração, apresentaram a palestra “Desconstruindo estereótipos sobre as Religiões de Matriz Africana”; e uma roda de conversa com a participação de Karen Santos e Douglas Lopes, ativistas do movimento negro Alicerce de Porto Alegre, que abordaram questões relativas à representatividade política da população negra brasileira⁹. Na programação do período da noite, a palestra “Religiões de matriz africana: mitologia e sincretismo” foi apresentada pelos estudantes do curso Subsequente em Administração Lucas Freitas (Ômó Bòkún Elefã) e Stéfany Leitte, com a mediação da estudante Cintia Nascimento (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental). Como desdobramento desta ação do NAAf, as estudantes Gabriela Gomes Mullet e Helena Francisco de Oliveira Lima apresentaram o trabalho intitulado *Diálogos e Ações Afirmativas – 20 de Novembro de 2018* (2019) no IV Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul, realizado no *Campus Jaguarão* da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). As estudantes também fizeram parte da mesa que, junto com a afrobetizadora Patrícia Pereira e a assessora de Relações Étnico-Raciais do IFRS Marlise Santos, refletiram sobre ser mulher, negra, estudante e trabalhadora no Brasil da atualidade no evento *Liberdade: Gênero, Raça e Classe: 13 de maio em perspectiva*, promovido pelo NAAf do *Campus Rolante* em 13 de maio de 2019.

A Semana da Consciência Negra de 2018 contou ainda com um *Sarau Cultural*, um projeto de extensão coordenado pela professora Daisy da Silva César, que visa integrar a comunidade interna e externa em atividades diferenciadas através de manifestações de conteúdo literário, musical e teatral entre outras. Outra ação cultural desenvolvida foi uma sessão do *CineDiversidade* com o filme “Pantera Negra” (direção Ryan Coogler, 2018). O *CineDiversidade* é um projeto de extensão que propõe a ampliação de espaços-tempo de escuta e diálogo acerca das temáticas da inclusão através do uso do cinema como instrumento pedagógico e de entretenimento. Com este objetivo, os filmes exibidos são selecionados com a finalidade de estimular a educação para a diversidade cultural, superação de preconceitos e de exclusões de todos os tipos. Em 2018, o projeto foi coordenado por Daniela Nicoletti Fávero, integrante do NAAf-Viamão na época e, atualmente, docente no *Campus Rolante*. Além disso, foi realizada uma oficina de samba, coordenada pela Karyne L. Mative da Silva, porta-bandeira na Escola de Samba Unidos de Vila Isabel de Viamão e estudante do EMI em Administração. A oficina visou a valorização do samba e a sua identificação como um dos símbolos da cultura afro-brasileira e foi concluída com a demonstração de alguns passos e movimentos básicos para iniciantes.

Na **Semana da Consciência Negra de 2019**, procuramos abordar três temas principais: 1) *História do Movimento Negro e Resistência*; 2) *Racismo institucional e Perspectivas de Superação do Racismo*; 3) *Lei 10.639 (BRASIL, 2003)*. Os debates realizados em torno do primeiro tema contaram com a participação de pesquisadores e ativistas atuantes em diferentes setores do movimento negro. A professora do *Campus Viamão* Karla dos Santos Guterres Alves e Coordenadora de Projetos do clube social negro Associação Satélite Prontidão (ASP) e Dilmair Monte dos Santos, aluno do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e membro da diretoria da União de Negras e Negros Pela Igualdade (UNEGRO), coordenaram a primeira mesa redonda que contou com a pesquisadora Eva Esperança Guterres Alves (Associação Beneficente, Cultural e Recreativa União Filhos do Trabalho - ABU Filhos do Trabalho de Uruguaiana), com Mário Terra (diretor da Companhia de Danças Brazil Estrangeiro - Centro de Cultura Negra) e com o historiador e servidor do IBGE, Matheus Gomes (Coletivo AFRONTE). A partir da atuação dos clubes negros como espaços de resistência negra e dos coletivos políticos como meios de busca de cidadania e espaços de poder, procurou-se resgatar a história do movimento negro em busca de garantia de direitos e de combate contra a discriminação e o racismo.

A discussão a respeito da lei que tornou obrigatória o ensino de História da África e da Cultura Afro-

⁹ A programação do turno da tarde foi acompanhada pela representante da Assessoria de Relações Étnico-raciais do IFRS e professora do *Campus Alvorada* (IFRS), Caroline de Castro Pires.

brasileira apontou as barreiras enfrentadas para a sua efetiva aplicação e os debatedores mostraram como esse tema é uma das expressões do racismo estrutural e institucional presentes no Brasil. Além disso, foi abordado também a violência contra a população afro-brasileira, a desigualdade no acesso ao mundo do trabalho e a salários justos, a exclusão de postos de chefia e o exercício aos demais direitos. Participaram dessa mesa de debates Cristiane Gomes (Clube Seis de Maio/Gravataí), Bruna Rodrigues (UNEGRO), Babá Phil (Movimento Vamos à Luta/ Rede Batuque RS – Viamão) e Ivan Braz (Secretário de Segurança e Trânsito de Sapucaia do Sul; GTAngola Janga).

Por fim, Maria Cristina Santos da Rede Brasil Afroempreendedor (REAFRO/RS), Gilciane Neves (Movimento das Mulheres Negras/Empreendimento Diversas) e Ubirajara Carvalho Toledo, representando o Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombo (IACOREQ) e o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (CODENE) apresentaram e discutiram experiências e iniciativas individuais e de grupos sobre cooperativismo e empreendedorismo negro e debateram as perspectivas de superação do racismo por meio dos movimentos sociais organizados. Outras atividades culturais foram realizadas ao longo do dia, como uma oficina de bonecas Abayomi com a artesã Ivone Domingues (UNEGRO) e um *Sarau Cultural*. O *Sarau Cultural* homenageou o professor, escritor e poeta afrogaúcho Oliveira Silveira, intelectual com destacada atuação no movimento negro, fundador do Grupo Palmares e um dos principais proponentes do dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra, data símbolo da luta da população negra brasileira.

Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos

Desde 2016 o NAAf do *Campus Viamão* realiza ações com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de ações que valorizem e respeitem a diversidade sexual e de gênero e os direitos humanos, sendo contrário a todo e qualquer tipo de discriminação.

Iniciativas de enfrentamento à LGBTIfobia

Um dos eventos anuais de destaque proposto pelo NAAf marca o Dia Internacional Contra a Homofobia, celebrado no dia 17 de maio. Durante o evento são realizadas diversas atividades envolvendo a temática da luta pelos direitos das lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. Há realização de palestras, cine debates, dinâmicas, entre outras atrações que compõem a programação da Semana de Combate à LGBTIfobia.

Segundo o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil (BRASIL, 2016), publicado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, “em 2013 foram registradas pelo Disque Direitos Humanos (Disque 100) 1.695 denúncias de 3.398 violações relacionadas à população LGBTI+, envolvendo 1.906 vítimas e 2.461 suspeitos”. Apesar de o número de denúncias ser inferior em relação a pesquisas de anos anteriores, os dados apontam para um grave problema de violência LGBTIfóbica no Brasil. Se considerarmos, ainda, a pesquisa da ONG Transgender Europe (TGEU, 2018), rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Conforme apontado pelas pesquisas, ser LGBTI+ no Brasil ainda configura uma situação de risco, apesar das conquistas de direitos e do amplo debate existente sobre as questões de identidade e gênero.

No ano de **2018**, a programação do NAAf referente ao ***Dia Internacional contra a Homofobia*** teve como foco o direito à diversidade sexual. Ao longo da semana, a programação contou com o minicurso “Introdução aos estudos Queer”, sob a coordenação da professora Mariana Chaves Petersen do *Campus Viamão*, uma palestra com o tema diversidade sexual e de gênero proferida por mulheres transgênero e com a mediação de Artur de Quadros (estudante do *Campus Viamão*). Houve performance de *Drag Queen*, um *Sarau Cultural* e um Ciclo de Cinema.

Somando-se à luta internacional de combate à LGBTIfobia, em 17 de maio de **2019**, o NAAf realizou uma programação voltada à reflexão e à celebração da diversidade e contra todos os tipos de preconceitos. A programação foi definida como **(R)Existência LGBTI+** e contou com a intensa participação dos servidores e dos estudantes. Para as turmas do EMI foi organizada uma roda de conversa com Natasha Ferreira, ativista de Direitos Humanos LGBTI+ e das Mulheres e com os estudantes do IFRS *Campus Viamão* Alejandro Guerrero, Artur de Quadros e Cíntia Nascimento. O debate teve como destaque as discussões a respeito identidade de gênero, homofobia e transfobia. Neste dia, o professor do *Campus Viamão* Denírio Lopes Marques também participou das atividades, contribuindo com relato e análise crítica a respeito da temática da LGBTIfobia.

Para os discentes dos cursos subsequentes e superiores (turno da noite) foi organizado o Painel Políticas de Inclusão LGBTI+ e contou com a participação de Caio de Souza Tedesco (professor de história e organizador do Coletivo pela Educação Popular TransENEM POA) e a escritora, poetisa e editora Atena Beauvoir. Os painelistas trataram da temática da transexualidade e o direito de existir. Ademais, ao longo de todo o mês de maio de 2019 ocorreram atividades de produção de material visual tais como cartazes, desenhos, frases e outras intervenções artísticas com o acompanhamento do professor de artes Marcelo da Silva Calheiros (*Campus Viamão*). O *Sarau Cultural* também trouxe como temática nesse mês o enfrentamento à LGBTIfobia, oportunizando o compartilhamento de experiências culturais e o convívio social. Entre as intervenções culturais, destacaram-se os esquetes teatrais apresentadas pelos extensionistas da oficina de técnicas cênicas coordenada pelo professor Leandro Lemes do Prado do *Campus Viamão*, com apoio da bolsista Isabella Silveira Cios (EMI em Meio Ambiente).

Feminismos e Dia Internacional das Mulheres

O tema dos Direitos Humanos perpassou todas as atividades realizadas pelo NAAf do *Campus Viamão*. Sempre que possível procuramos destacar a indissociabilidade entre a defesa e promoção dos direitos humanos e a atuação do núcleo. Em 2018, as atividades referentes ao *Dia Internacional das Mulheres* foram marcadas pelo evento “Volta às aulas sem machismo” e contou com a participação de Erika Takimoto, escritora e professora da Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e com a apresentação do grupo teatral *Sem nome, só teatro*.

Na **IV Semana dos Direitos Humanos de 2019**, realizada no dia 27 de agosto de 2019, nos turnos da manhã e tarde, Vanessa Castro¹⁰ e Cibele Cheron¹¹, apresentaram o painel “Direitos Humanos: Educação e Cidadania”, com foco nas questões de gênero e sexualidade. As painelistas discutiram como o acolhimento e o debate das questões de gênero e sexualidade são determinantes no acesso à educação e ao exercício da cidadania. Cibele Cheron analisou a desigualdade de gênero como construção social que afeta diferentes dimensões da vida das mulheres - socioeconômicas, raciais, territoriais e geracionais - e, portanto, inviabiliza o exercício pleno da cidadania. Vanessa Castro, por sua vez, apresentou algumas das conclusões de sua dissertação de mestrado em psicologia (CASTRO, 2019)¹². A partir da análise do coletivo feminista “Ovelhas Negras” que reúne alunas do EMI do *Campus Ibirubá*, ela demonstrou como o acolhimento das questões de gênero e sexualidade são fundamentais para o êxito e a permanência destas jovens mulheres e das pessoas que se identificam entre as LGBTI+ na rede de ensino, destacadamente na nossa instituição. Para as turmas dos cursos noturnos, sob coordenação do professor do *campus* Ramais Castro (ex-Secretário Executivo de Direitos Humanos da Presidência da República, 2011-12), representantes dos movimentos sociais locais foram convidados para debater a respeito da amplitude dos Direitos Humanos. Entre os painelistas, estavam Dilmair Monte dos Santos (aluno do curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e membro da UNEGRO), o cacique Vherá Guyrá da Terra Indígena do Cantagalo (Tekoá Jata'ity) e o cacique Arnildo Vherá Moreira, da Comunidade Mbyá Tekoá Pindó Mirim, localizada em Itapuã/RS.

No **Dia Internacional das Mulheres de 2019**, foram organizadas atividades que contaram com a participação das estudantes e das servidoras do *Campus Viamão* como protagonistas no painel *Ser Mulher hoje: relatos de experiências*, com dois momentos: 1) Tribuna das Mulheres; 2) Performance Artística. Nos turnos da manhã e da tarde, as atividades tiveram a coordenação e o protagonismo das estudantes dos cursos do EMI dos primeiros e segundos anos: Franciele B. da Silva do Nascimento, Izadora Leal Domingues, Gabriele Nunes Motta, Jaiane Chaves Bueno, Thamisa Rodrigues Ramir, Clara Cavalcante de Paula, Helena F. de Oliveira Lima, Natasha Rathe Ruedell, Nicole Klein Pereira, Pâmela Ávila Baldez, Elis dos Santos Vaz, Laura Dreher Pereira, Caliope Lange Peroni e Júlia K. Lindemayer Evangelista. No turno da noite, discentes e servidores acompanharam as intervenções das professoras Cibele Cheron e Karla dos Santos Guterres Alves e das

¹⁰ Vanessa Soares de Castro é psicóloga no IFRS Campus Ibirubá.

¹¹ Cibele Cheron foi professora substituta no IFRS Campus Viamão entre 2017 e 2019 e desde 2018 é aluna de pós-doutorado na PUCRS.

¹² A psicóloga Vanessa S. Castro também foi a convidada do primeiro episódio do podcast “IFRS História no Ar!”, projeto de ensino do professor Gabriel Santos Berute e que está disponível em: <https://open.spotify.com/show/4FsRCtyvRINmRKL0JfREMe?si=RMJKvs3iRIGz0WDT5O8rpw>. As alunas do EMI Laura Dreher Pereira (bolsista do projeto) e Pâmela Ávila Baldez também participaram deste episódio. Laura e Pâmela, juntamente com Elis dos Santos Vaz e Caliope Lange Peroni, deram continuidade ao debate sobre o tema “Feminismos” no segundo episódio do podcast (<https://open.spotify.com/episode/0b4SLVRhH233by8XGAbgHQ>).

estudantes Cíntia Nascimento e Suzana Freitas dos cursos de Gestão Ambiental e Processo Gerenciais, respectivamente. Esses momentos se constituíram em espaços de fala nos quais as estudantes sentiram-se seguras e à vontade para relatarem e refletirem crítica e coletivamente a respeito de suas experiências a respeito de igualdade de gênero, misoginia, preconceito e violência contra mulher. No painel *Ser Mulher Hoje: relatos de experiências*, Cibele Cheron nos apresentou às mulheres invisíveis da história. A palestra se baseou no livro *Qual o problema das mulheres?* da cartunista britânica feminista Jacky Fleming (2018), abordando com humor e ironia como as mulheres, para os “gênios” da história, eram incapazes de se adaptarem bem fora da “esfera doméstica”, além do esquecimento de mulheres cientistas, esportistas, artistas, entre outras, ao longo da história. A professora Karla dos Santos Guterres Alves, por sua vez, apresentou o tema “O lugar da mulher é na...”, tratando da presença da mulher negra nos espaços de poder e nos espaços acadêmicos. Nos três turnos, as atividades foram concluídas com a performance artística da Gabriele Nunes Motta, atriz e estudante do EMI em Meio Ambiente no *Campus Viamão*, a respeito da violência contra a mulher.

Para as atividades referentes ao **8 de março de 2020 (Dia das Mulheres)**, o protagonismo das estudantes do *campus*, especialmente as do EMI foi o diferencial, tanto na organização quanto na condução das atividades. Nesta data, ocorreram as seguintes palestras: *Feminismo e Movimentos Sociais* por Iliete Aparecida Citadin (representante do Fórum de Mulheres Feministas de Viamão) e *Violência contra mulher: Misoginia e Femicídio* com a convidada Eduarda Peres (Gestora da Coordenadoria Municipal de Viamão). Grupos de Trabalho, Oficina de Cartazes e Rodas de Conversa foram conduzidos pelas estudantes do EMI sobre os seguintes temas: *Protagonismo das mulheres no Movimento Estudantil, Gênero e Sexualidade, Gravidez na Adolescência e Feminismos*. Também houve duas Mesas Redondas seguidas de debates coordenados por estudantes dos cursos subsequentes e superiores, docentes e convidadas de instituições ligadas à defesa dos direitos das mulheres: *Direitos da Mulher e Empoderamento feminino* com Liliane Linhares (Ciclo Reverso) e *Violência contra mulher: Misoginia e Femicídio* com as panelistas Bruna Rodrigues (UNEGRO e União Brasileira de Mulheres - UBM) e Marcia Soares (Themis – Gênero, Justiça e Direitos Humanos). Este debate foi iniciado com a apresentação sobre Lugar de Fala pela professora Karla dos Santos Guterres Alves (*Campus Viamão - IFRS*), baseado na obra de Djamilia Ribeiro (2017). A professora destacou que falar não se restringe a emissão de palavras, mas de localizar-se coletivamente a partir das experiências sociais vividas e das relações de poder estabelecidas. Disse ainda que todos podem falar, porém, o lugar social de cada sujeito será diferente. Lugar de fala é postura ética na busca da superação das desigualdades, do patriarcado, do sexismo, do racismo e da visão eurocentrada e individualizada do capitalismo. Encerrando cada turno da programação, a esquete teatral *Retalhos de Mulheres* foi encenada por Gabriele Nunes Motta, aluna do EMI e que já havia participado das atividades alusivas ao Dia das Mulheres de 2019. Outro destaque foi a exposição de quadros com a temática *A magia e a força da mulher*, da artista plástica Iliria Inês Aquino Gomes, que encantou os presentes.

Considerações finais

As ações realizadas pelo NAAf do *Campus Viamão*, desde a sua implementação em 2015, não se esgotam nas ações já desenvolvidas e brevemente apresentadas nesse relato de experiência. Descrevemos as atividades que julgamos terem sido as que mais se destacaram, dentre várias que foram desenvolvidas no espectro de atuação do núcleo.

A institucionalização das ações do NAAf, com a previsão das atividades no Calendário Acadêmico, foi um grande avanço alcançado pelo núcleo no *Campus Viamão*. Apesar disso, consideramos que ainda é necessário aprofundar a compreensão a respeito destas atividades como parte da formação integral dos estudantes e que a efetivação das políticas de ações afirmativas não são responsabilidade somente dos membros do núcleo, mas sim de toda a comunidade acadêmica.

As parcerias com entidades da sociedade civil e com os movimentos sociais têm sido um elemento importante para a efetivação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a superação do distanciamento entre os espaços acadêmicos e a comunidade local.

Além disso, a equipe do NAAf *Campus Viamão* espera aprofundar a atuação em conjunto com o NAPNE. Embora não faça parte das datas do calendário letivo, no ano de 2017 foi realizada uma atividade relacionada ao Dia Internacional das Pessoas com Deficiência (03/12). A programação contou com a exibição de filmes de curta e longa metragem a respeito do tema e com um debate a respeito da deficiência auditiva, com a participação da professora Josiane Krebs, da auxiliar de biblioteca Carmem Meinerz Marques e com a aluna Vera da Silva, todas do *Campus Viamão*. Na ocasião, elas compartilharam suas experiências e trajetórias de

vida como pessoas com deficiência auditiva ou de convivência com deficientes auditivos.

Outro aspecto importante é a reflexão a respeito das ações do núcleo, que poderá, futuramente, ir além das datas e eventos pré-estabelecidas, sendo capaz de promover atividades como grupos de estudo, atuação em comunidades, acompanhamento de estudantes cotistas, atuação em ações de permanência e êxito de estudantes, pesquisas e outros. Em meio a um período de obscurantismo, com negação e extinção das conquistas de grupos historicamente excluídos, torna-se essencial que o NAAf-Viamão seja a voz desses grupos no *Campus Viamão*, evitando a implementação de retrocessos.

No que diz respeito ao IFRS, faz-se necessário avançar nos processos de ingresso dos estudantes em todas as modalidades de ensino, ampliar as ações de êxito e permanência, ampliar a capacitação dos servidores para que sejam agentes ativos na execução das políticas de ações afirmativas (SILVA, 2014).

Mesmo com muitos desafios e inúmeras limitações a serem superados institucionalmente, é possível afirmar que o NAAf foi agente de importantes ações no *Campus Viamão* do IFRS.

Referências

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Governo Federal, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil**: ano de 2013. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. 2016.

CASTRO, Vanessa Gomes de. **Movimentos feministas, minorias ativas**: percurso de um coletivo de estudantes brasileiras do Ensino Médio. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17097/DIS_PPGPSICOLOGIA_2019_CASTRO_VANESSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 ago. 2019.

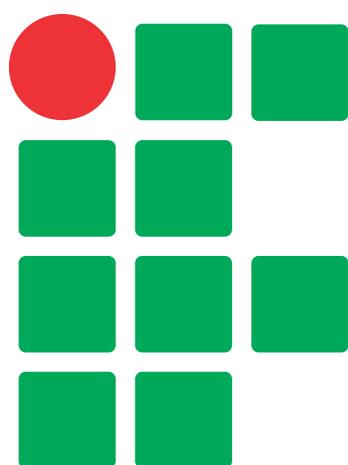
FLEMING, Jacky. **Qual o problema das mulheres?** 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018. 144p.

LIMA, Helena Francisco de Oliveira; MULLET, Gabriela Gomes. Diálogos e Ações Afirmativas – 20 de Novembro de 2018. In: CONGRESSO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS DA REGIÃO SUL, 4., 2019, Jaguarão. **[Anais]**. Uberlândia: Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN, 2019. Disponível em: <https://www.copenesul2019.abpn.org.br/site/anais?csposter>. Acesso em: 12 jun. 2020.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?**. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017, 112p (Feminismos Plurais).

SILVA, Luana Rocha da. **A implementação da lei das cotas e a discussão da política de ações afirmativas no IFRS**. 2014. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9257. Acesso em: 24 jun. 2020.

TRANSGENDER EUROPE (TGEU). **Trans murder monitoring, 2018**. Berlin: Transgender Europe, 2018. Disponível em: <http://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/tmm-resources/>. Acesso em: 02 maio 2020.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande do Sul